



1.0  
FETAF

# FESTIVAL DE TEATRO AMADOR DE FRANCA

Rua Major Claudiano, 1692 - Sala 1 - Tel. 4666 - FRANCA - Est. de São Paulo

SENHOR DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - BRASÍLIA = DF;

José Paulo Viegas Macedo, brasileiro, maior, solteiro, residente à rua Padre Conrado, nesta cidade de Franca, em nome do Grupo de Teatro Amador "PALAJ THEATER", sediado em Franca, vem respeitosamente, solicitar a expedição de CERTIFICADO LIBERATÓRIO DE CENSURA para o texto indicado no final, juntando os documentos exigidos por Lei.

Nestes termos  
P.Deferimento

M. J. D. P. F.  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Protocolo N.º 8141

Em 22, 07, 1970

\_\_\_\_\_  
Protocolista

Franca, 15 de julho de 1970.

*José Paulo Viegas Macedo*

Nome do texto: A GUERRA DO CANSÁ CAVALO".

Nome do autor: Osman Lins.

Autorização do SBAT:

RECEBI O PROGRAMA ANEXO

Em \_\_\_ de \_\_\_ de 19\_\_\_

# SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura) — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

## AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP Nº 12599

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: Guerra do Cavalo

Original de Orsmam fins

Música de \_\_\_\_\_

Tradução de \_\_\_\_\_

No Teatro Faculdade Direita Cidade Guaracema - São Paulo

Empresa Palay Heater Pela Cia. \_\_\_\_\_

nos dias Para a censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de \_\_\_\_\_%

..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ .....

por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Reparições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

S. Paulo de

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.



## Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

### Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

### Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

### Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

### Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarês, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

### Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

### Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

### Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 83 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

### Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

" GUERRA DO GANSA CAVALO "

Osman Lins.

3 atos.

17 personagens.

GRUPO " PALAJ THEATER "

FRANCA - SP.

PERSONAGENS

- GERTUDES DE ALBUQUERQUE LINS - Mãe de Pedro Ivo -  
 PEDRO IVO DE ALBUQUERQUE LINS - Filho do senhor do  
 engenho "Canga Cavalo"  
 MARISAURA PEREIRA - Prima de Pedro Ivo,  
 orfã  
 FIDENCIO CAVALCANTI LINS - Senhor do "Canga  
 Cavalo"  
 SETE-RANCHOS - "Cabra" de Fiden-  
 cio Lins  
 ANTONIO CABRAL VILELA - Mascate  
 RUI VILELA - Seu ajudante  
 FANHOSO - "Cabra" do Engenho  
 "Canga Cavalo"  
 SEVERINO DOS SANTOS - Emissário de Drahomiro  
 Marinho  
 JOAO-JOAO - Chefe do grupo enviado  
 pelo Engenho "Bombarda"  
 DRAHOMIRO MARINHO - Senhor do Engenho "Timorante"  
 ROSARIO - Jovem capanga seu  
 tipo cigano  
 JOAO PINTO - Outro capanga seu  
 SEIRINHA - idem idem  
 CORIOLANO DE BARROS WANDERLEY - Pai de Heloisa  
 Senhor do Engenho  
 "Bom Mirar"  
 HELOISA - Noiva de Drahomiro  
 e filha de Coriolano

PRIMEIRO ATOCenário:

Casa Grande de engenho no Nordeste. Sala de visitas. Móveis de vinhático ou jacarandá. Cômoda, com um oratório. Algumas porcelanas.

Passagem para o interior da casa à esquerda e escada levando ao primeiro andar. No fundo, duas janelas e uma porta abrindo para o alpendre; à direita, outra porta para fora. Talvez uma janela. Além das janelas do fundo, quando abertas, vê-se o azul do céu, pois a casa fica numa elevação; ver-se-á talvez parte do alpendre. Céu claro: é setembro às duas da tarde mais ou menos. São indicadas no texto, as entradas e saídas relativas ao interior da casa e à escada. As demais entradas e saídas - se pela porta do fundo, se pela portada da direita - ficam a cargo do encenador.

---

● Ao iniciar-se a peça, num domingo, em 29-9-1940, dia de São Miguel, Gertrudes, de negro, está fazendo renda e cantando. Ouve-se o bater dos bilros. Marisaura, de sapato baixo, grosseiros, num vestido claro, simples e não muito feminino, olha concentradamente através da janela.

Nas falas iniciais, e até à chegada de Fidêncio, a ação, como que à procura de um caminho, não se define.

O encenador não deve disfarçar por quaisquer meios, essa indecisão, e sim acentua-la, através dos três personagens envolvidas na primeira cena, à margem da corrente que ainda não os alcançou e que em breve os envolverá, precipitando-se no desespero ou na morte.

O autor ficaria grato se a Direção desta peça, não dispende de elementos nordestinos para interpretá-la, afastasse qualquer preocupação de imitar a pronúncia do Nordeste. Não se trata, aqui, de retratar um mundo, e sim recriá-lo.

●

GERTRUDES (canta)

Tive uma filha e três filhos  
na minha vida tão triste.  
Dos quatro morreram três  
chorar é o bom que me assiste.  
A menina nasceu morta,  
ai, chorei mais que pude.  
Um filho morreu pequeno,  
afogado no açude.  
Outro morreu na tocaia.  
Não tenho quem me conforte,  
pois o filho que me resta  
vive andando atrás da morte

PEDRO IVO

(Entrando. Calças de linho claro, camisa de seda palha, sem gravata, os punhos abotoados. Relógio de algibeira. Sapatos comuns, sola de borracha. Dá uma impressão de violência: porém não de firmeza)

● (Com ar de censura.) (cantando isso outra vez?)

GERTRUDES

Pois é quem canta, seus males espante.

PEDRO IVO

Acho que a senhora faz sempre o contrário: chama,  
E pra cima de mim

GERTRUDES

(Impassível. Tem sempre uma expressão de cansaço. Magoa concentrada, estagnada, podre)  
Você vai morrer cedo Pedro Ivo. De tanto andar atrás de quem não deve.

PEDRO IVO

Tenho quase trinta anos. Já não é tão cedo (Olha o relógio.)

MARISAURA

● Que calor! (Aproxima-se de Pedro Ivo, olha-o firme, fala destacando as sílabas silaba)  
Não era num dia assim, que eu queria casar.

PEDRO IVO

(Como se não notando a sua intenção.) Você não vai casar, Marisaura. Nem tempo de sol,  
nem tempo de chuva.

MARISAURA

Não são somente as Heloíças que casam. As Marisauras também, mesmo sem cabedal. (Ela  
e Pedro Ivo trocam um rápido olhar de desafio)

GERTRUDES

(Indiferente aos propósitos ocultos no diálogo anterior.) Quando eu e Fidêncio nos ca-  
samos, chovia! Passei a noite toda sózinha, ouvindo a chuva.

PEDRO IVO

(Grosseiro por cima dos ombros) Nem todas as noites foram iguais a essa...

GERTRUDES

(Lenta) Nenhuma foi igual àquela.

MARISAURA

(Olhando para fora) Capaz de a procissão não vir até aqui. Com todas essas ladeiras  
para subir!

La pras cinco ou cinco e meia, êles chegam. Já vieram uma vez, a treze anos. Você verá. Isso aqui vai ficar cheio de moças e rapazes. Principalmente de moças, nada qual mais bonita do que a outra. Podia olhar, Pedro Ivo, ver se tem alguma que sirva pra você. Já é tempo de escolher esposa. Acabar com essa história de andar cercando mulheres perigosas, arriscando a levar um tiro nas costelas.

MARISAUARA

Ele não se arrisca tanto quanto a senhora pensa.

Sabe dan para trás nas horas certas.

PEDRO IVO

Por que diz isso? (Gertudes para o trabalho)

MARISAUARA

(Evasiva) Que calor!

PEDRO IVO

(Aproximando-se.) Estou perguntando por que você diz isso.

MARISAUARA

(Cortante) Porque sei. (Pedro Ivo afasta-se) (Breve pausa)

GERTRUDES

● (Recomeça o trabalho) Acho que a bandeira de São Miguel nunca foi tão mal recebida como vai ser hoje.

Nem foguetes, nem comes e bebes. Em 27, foi bem diferente. Fidêncio, depois de velho, está dando pra sovina.

PEDRO IVO

A senhora não acha que chegam as despesas que êle vai ter para o ano, como juiz da festa? Não podemos mais andar gastando dinheiro com bobagem.

GERTRUDES

Ê esses homens no rifle, que não fazem nada?

PEDRO IVO

Como é que não fazem? Se não fossem êles, Drahomiro Marinho tinha comido bem metade do engenho. (Gertudes para o trabalho, ao nome de Drahomiro.)

● Com os nossos homens no rifle, não tem mês que não avance um pouco nos babados! Imagine sem armas. (Gertudes retoma os bilros)

MARISAUARA

(A Pedro Ivo, com uma espécie de secreto prazer)

Ouvi dizer que no engenho dêle há us quartos grandes, de telhado alto. Ê verdade primo?

PEDRO IVO

Não sei. Nunca entrei nos quartos do Timorante, no tempo em que ia lá.

MARISAUARA

(Sempre com malévola intenção) Pensei que conhecia a casa toda...

PEDRO IVO

Você tem sempre alguma coisa de atravessado pra dizer, quando fala no Timorante.

MARISAUARA

Você ia tanto lá, antes que... a mulher de Drahomiro Marinho aparecesse morta!

PEDRO IVO

Não ia tanto, Drahomiro e eu nunca nos demos muito bem.

GERTRUDES

(Detendo-se outra vez) Drahomiro Marinho veio do nada. O pai dêle, dizem que roubava cavalos.

Mas vai passar as unhas em toda a terra boa que houver na redondeza. Não há rifles que impeçam. Ele vai engolir, um a um, todos os engenhos de famílias velhas.

PEDRO IVO

Parece que têm prazer nisso. É o sangue de seu pai, aquele vagabundo, que se revela em você.

GERTRUDES

Não insulte os mortos, Pedro Ivo.

PEDRO IVO

É não era vagabundo mesmo? (Gertrudes recomeça o seu trabalho) Um sujeito que passou a vida toda vendendo bois - e até bodes - para o matadouro! Isso é negócio de homem? Ainda se comprasse e vendesse boiadas! Mas não. Na semana que vendia três bois, achava que tinha ganho um mês.

MARISAURA

Era homem de bem

PEDRO IVO

Depois de morto, todo mundo é santo.

GERTRUDES

Não tinha nome. Era um Peneira qualquer. Mas não se pode dizer que fosse mau.

MARISAURA

A senhora quer dizer o quê, com isso de "não tinha nome?". Nome não vale nada.

GERTRUDES

Vale Marisaura. Veja-se você. Se seu pai houvesse pôsto o Lins no seu nome, como Fidêncio queria, a coisa era outra. Você não vivia comendo o nosso pão e revoltada, em casa, contra essa gente. Feito uma inimiga.

MARISAURA

Vocês estão vendo, e fingem não ver, se essa história de nome vale alguma coisa. Da-homino Marinho está aí. Tem nome? Tem cabeça e coragem. E ambição. Com isso, está comendo a terra de vocês. E a estas horas pode dizer que é dono também do Bom-Minar. Casou com Heloisa, ela deixou de ser Barros Wanderley, agora é Heloisa Marinho. Perdeu o nome antigo; e Da-homino ganhou o Bom-Minar.

GERTRUDES

Porque Pedro Ivo não escutou os meus conselhos. Se tivesse ouvido, as famílias Cavalcanti Lins e Barros Wanderley estavam unidas. O velho Wanderley não ia deixar de dar a filha a um nome como o dele, pra dar a de um Marinho, que olha pra trás e não vê princípios. Mas agora é tarde. Como diz o ditado: Inês é morta.

PEDRO IVO

E se eu selasse meu cavalo, descesse para o Engenho Timorante, roubasse a noiva?

GERTRUDES

Começa alimentando essas idéias e um dia faz coisa parecida. É aí que você morre.

PEDRO IVO

Capaz de ainda estar vestida de noiva. Botava na garupa, sã por aí.

MARISAURA

Você não fazia isso, nem rodeado de ferro.

PEDRO IVO

E por que não?

MARISAURA

Porque não tem coragem

PEDRO IVO

PEDRO IVO

*Como é que não tenho?*MARISA *Drahomiro Marinho, nunca teve.*

PEDRO IVO

*Drahomiro não me faz sobrosso.*

MARISA

*Faz. Não é a mim que você diz o contrário. (Sobe a escada e ouve-se o bater de uma porta)*

PEDRO IVO

*Meu pai é que tem razão. Ela devia viver fora daqui de casa, feito um morador qual-quer*

GERTRUDES

*Em parte, compreendo a situação da pobre. É duro não ter pai, nem mãe, nem bens, e viver às expensas de parentes. E ainda mais de parente como você e Fidêncio.*

FIDÊNCIO

*(De baixa estatura. Grande mobilidade. Roupa clara. Chapéu branco, sempre na cabeça. Entra vindo de fora. Gertrudes não levanta a cabeça). Como é? Sete-Ranchos ainda não chegou?*

PEDRO IVO

*Não*

FIDÊNCIO

*Já era tempo. Só quero ver o que aquele padre vai dizer. Qual é a história que vai contar.*

GERTRUDES

*Vai dizer o que é, não vai contar história. A mulher é casada não pode mais casar.*

FIDÊNCIO

*Por que não? Não vive mais com o marido, vive é com Sete-Ranchos. Que é que tem, casar de novo com ele? Oficializar a coisa. Não gosto de homem amigado aqui no meu engenho.*

PEDRO IVO

*Isso é mania.*

FIDÊNCIO

PEDRO IVO

*Tanta coisa em que pensar e o senhor ocupando-se do casamento dum cara que não vale nada. E que tanto faz estar casado como não!*

FIDÊNCIO

*É isso mesmo. Às vezes a gente cuida mais de um calo do que de uma urticária. É humano.*

PEDRO IVO

*Por que não teve esse empenho quando lhe pedi para falar com o velho Wanderley sobre Heloisa?*

FIDÊNCIO

*Não adianta insistir. Wanderley tinha dado a mão da filha a Drahomiro. Isso pra ele é mesmo que pedra e cal. Aliás, para mim também; os Cavalcanti Lins são homens de palavra.*

PEDRO IVO

*O senhor tinha cinquenta motivos para convencê-lo a desfazer o trato.*



FIDÊNCIO

8

Eu, também

GERTRUDES

É

FIDÊNCIO

Por que você diz "é"?

GERTRUDES

Porque é... Na noite do nosso casamento, me deixou sósinha dizendo que eu era um gêlo e foi metre-se na cama suja das negras. Fiquei chorando, nos meus lençóis de linho.

PEDRO IVO

Pare com isso! A senhora é uma velha.

GERTRUDES

Mágoas não envelhecem. As minhas vão todas para a covil comigo: novas como no dia em que nasceram.

PEDRO IVO

(Da janela) (Com ironia) Está chegando seu constituinte.

FIDÊNCIO

● Será que vem bêbado? (Vai abrir a porta)

PEDRO IVO

Não parece

FIDÊNCIO

(Abrindo a porta) Então? Como é que foi?

SETE RANCHOS

(Roupa de brim escuro, alpercatas, camisa também escura, sem colarinho, cbotonada até o pescoço. Na mão um chapéu negro, barato, de abas estreitas.)

(Aos outros) Tarde.

FIDÊNCIO

Então?

SETE-RANCHOS

Disse que não

● FIDÊNCIO

Como? Você deu a êle minha carta?

SETE RANCHOS

Dei a carta e ainda conversei

FIDÊNCIO

Você explicou que era do "Cansa Cavallo"? Homem do Coronel Fidêncio Cavalcanti Lins?

Que é pra cá que, êle, o padre, vem trazer hoje a bandeira do santo?

SETE RANCHOS

Disse tudo. Êle parecia que tinha barro dentro dos ouvidos. Tive vontade de passar-lho a faca.

FIDÊNCIO

Êna bem feito. Que cabra bêtta! Deixar de casar um homem, ~~então~~ só porque a mulher ~~já~~ é casada! Antigamente não havia disso. Quer casar de nôvo? Casa. Que é que têm uma coisa com a outra?

GERTRUDES

Casamento é sacramento

FIDÊNCIO

Extrema-unção também é sacramento. Se eu estiver pra morrer, e receber extrema-unção e escapar, e depois ficar pra morrer de novo, não recebo outra vez extrema-unção? - Pois casamento é feito extrema-unção. Precisou de novo, dá de novo. Que padre idiota. Mas a desfeita não vai ficar por isso mesmo não. Vou reunir meus homens. Vou dissolver a procissão à bala.

GERTRUDES

(Suspendendo o trabalho) Você não vai fazer isso, Fidêncio Lins.

FIDÊNCIO

Ôna não vou!

GERTRUDES

Receber São Miguel é um privilégio. Vamos hospedar um ano a sua imagem. Isso é esta com ele.

FIDÊNCIO

São Miguel entra. Pelo sim pelo não, quem é bêsta fechar a sua porta a um santo? O padre também; e o pessoal do andor. Só. O resto não me pisa aqui.

(A Sete-Ranchos) Vamos logo empiquetar a estrada, para assustar aquelas papa-hósita.  
(Retiram-se Fidêncio e Sete-Ranchos)

GERTRUDES

Leva-se uma vida, aqui, sem ver coisas bonitas. No dia em que se tem pra ver sorrisos e vestidos novos, acontece isso. (Canta voltando à realidade). La-ri-la-ri-ra-ri... Na minha vida tão triste...

PEDRO IVO

Pare com essa cantiga.

GERTRUDES

Quando me lembro de meus tempos de moça! Tocava bandolim e inventava, eu mesma, uma modinha. Um dia depois de casada, ele quebrou meu bandolim com os pés.

MARISAUARA

(Descendo) Vêm aí dois homens

PEDRO IVO

Que homens?

MARISAUARA

Talves sejam mascates

PEDRO IVO

Num domingo? Debaixo desse sol! (Tocam o sino, fora)

RUI

(De fora) Dá licença?

PEDRO IVO

(Abrindo a porta) Entrem. (Entram Antônio e Rui. Gertrudes põe de lado a almofada. Antônio, bêm mais alto que Rui, traz nos ombros uma bolsa de couro. Rui vêm com outra bolsa e uma sanfona. Os dois vestem roupa cáqui de tons diferentes, a de Rui mais velha. Alpercatas. Chapés de massa, o de Rui de abas largas. Nenhum usa gravata. Rui traz um lenço vermelho no bolso superior superior do paletó)

RUI

Boa tarde. Posso arriar a carga? (Antônio cumprimenta apenas com a cabeça)

PEDRO IVO

Botem seus trens aí

RUI

(Assovia) (Ele e Antônio se desfazem da carga)

Nunca vi casa grande num lugar assim, tão sombranço. Parece um promontório. Um Adamastor. Mesmo pra quem vem montado, a subida até aqui é dura.

PEDRO IVO

Por isso se chama "Cansa Cavalos". É subida pra homem

RUI

Pois eu acho que é subida pra bode

GERTRUDES

Nesse baús, vocês têm coisa que preste?

RUI

Tudo de primeira! Rendas, brincos, anéis, véus, trancelins... (Ri) O Coronel perguntou se a gente não vendia bala. Pra atinar nos santos. (Ri outra vez. Pedro Ivo, com a referência à decisão do pai, vai saindo para o alpendre.)

ANTÔNIO

Môço! (Pedro Ivo detém-se) Posso falar um momento com o senhor? (Rapidamente, segreda qualque coisa a Pedro Ivo)

PEDRO IVO

É aqui de lado. Pode vir comigo

ANTÔNIO

(Mal olhando para as mulheres e com voz ligeiramente embargada.) Com licença (sia com Pedro Ivo)

RUI

(Como se se orgulhasse disto) Foi verter água!

GERTRUDES

Gosto dele

RUI

Um homem e tanto. Se chama Antonio Cabral Vilela. É conhecido, por esse meio de mundo

GERTRUDES

É o senhor? Qual é a sua graça?

RUI

Eu? Rui Vilela

GERTRUDES

O mesmo nome

RUI

Não somos parentes. Mas me considero como se fosse irmão aí do meu parceiro (Evocativo e como deslumbrado) Desde um certo dia.

GERTRUDES

São sócios?

RUI

Não. Trabalhamos juntos. Mas ele não faz só mascatear. Um tempo, a gente sai pelo mundo, comprando e vendendo coisas; outro ele fica num lugar pintando.

GERTRUDES

Ah! Também é caiador

RUI

Não; pinton. Faz figuras. Pinta igrejas. A Fortaleza, a Luxúria, a Primavera, os santos. A Virgem Maria, as potestades celestes. O ano passado, em Nazaré da Mata, fez no altar-mon da Igreja um Dilúvio Universal que é uma beleza. Vem gente de longe, pra ver a

Arca de Noé, com a bandeira brasileira no mastro.

Sabe o que ele fez para desenhá-las as águas do Dilúvio?

Viu o mar!

GERTRUDES

(Indicando Marisaura) Essa menina também.

RUI

(Fazendo-se de ingênuo) Que menina?

GERTRUDES

Minha sobrinha

RUI

Ah!...

MARISAURA

Vi do cais.

GERTRUDES

Marisaura diz que é o mesmo que um açude.

RUI

É feito as estradas. Só que as estradas são desenvolvidas no mundo, como peças de corda; e o mar não se acaba nunca. Meu amigo é quem diz: já viajou de navio. Viagem curta, entre o Recife e Fernando Noronha, que é onde fizeram um presídio.

GERTRUDES

Viajou como prêso, ou como solto?

RUI

Como solto dona. E aquilo é homem de ser prêso? (Antonio volta)

GERTRUDES

Se aproxime, seu Antonio Vilela. Soube que o senhor já viajou por mar!

ANTÔNIO

(Aproximando-se) É verdade

GERTRUDES

(Admirada) Está com os olhos vermelho. Parece que chorou!

ANTÔNIO

(Evasivo, levando as mãos aos olhos) Deve ser esse sol. Mostre as nossas coisas, Rui. Dona Gertrudes quer ver.

GERTRUDES

Sabe meu nome?

ANTÔNIO

Tôdo mundo sabe, nessas redondezas. Seu nome e qualidades. Tinha ouvido dizer que ninguém faz rendas como as da senhora. Agora vejo que é mesmo.

MARISAURA

(Com alguma desconfiança) Quem lhe disse isso?

ANTÔNIO

Muita gente

MARISAURA

(Ainda sem acreditar) E de mim, que disseram?

ANTÔNIO

(Abre a boca, contém-se) Nada

RUI

(Mostrando algumas mercadorias) Olhem aí. Não paga pra ver. As coisas mais lindas do orbe. Nem em Jerusalém existe disso.

GERTRUDES

*São coisas bonitas*

RUI

*Pois é*

MARISAUARA

*O senhor só traz coisas para mulheres muito delicadas.*

RUI

*Ele diz que se gostasse de vender coisas grossieras, ia botar uma loja de cangalhas.*

ANTÔNJO

*Não precisa responder assim, Rui*

MARISAUARA

*Tudo pra mulher que passa a vida na frente dos espelhos*

ANTÔNJO

*(Tirando de um baú uma pequena caixa de madeira, que olha, para em seguida guardá-la outra vez) São coisas leves.*

GERTRUDES

*O senhor, quando tomou o navio, não viu a guerra?*

ANTÔNJO

*Que guerra, dona?*

GERTRUDES

*Essa que anda por aí. A guerra da Alemanha com a França.*

ANTÔNJO

*A França não está mais na guerra. Foi vencida. Mas tudo isso é de outro lado do mundo.*

GERTRUDES

*Pedro Ivo diz que se o Brasil entrasse na guerra, ele sentava praça, só porque marinheiro e soldado têm quantas mulheres querem.*

ANTÔNJO

*Isso não serve de nada.*

MARISAUARA

*Não gosta de mulher?*

RUI

*(Saltando da cadeira) E quem está doido, pra não gostar de mulher? Se não fossem as mulheres, a gente não tinha nem pra quem vender essas coisas...**(Apontando Antônio) Só que ele é feito os cavaleiros de antes: diz que nasceu pra uma*

GERTRUDES

*É casado?*

ANTÔNJO

*Ainda não. (Com uma expressão velada) E agora é possível que nem case.*

PEDRO IVO

*(Entretanto rápido) Vocês dois, vêm de Bom-Mirar?*

ANTÔNJO

*Vemos*

PEDRO IVO

*Viram Heloísa?*

ANTÔNJO

*(Com emoção) Vimos*

RUI

RUI

13

Ela se casa hoje.

MARISAURA

Nós sabemos.

PEDRO IVO

Estava alegre ou triste?

RUI

Amanheceu doente

ANTÔNJO

Não se levantou, de manhã

PEDRO IVO

Doente de quê?

RUI

Deus me perdôe. Mas pra mim, a doença não passava de conversa.

ANTÔNJO

Não cheguei a ver o tal noivo. Não fomos no Timorante. Rui não quiz que a gente fosse lá.

RUI

Ele não gosta nem de ver mascate.

PEDRO IVO

Nunca ouvi falar nisso

GERTRUDES

Mas o senhor fez bem não ir no engenho dele. É um homem ruim. Matou a primeira mulher, pra herdar o que ela possuía.

MARISAURA

Falatórios

GERTRUDES

Diz que a pobre enlouqueceu de repente e se enforcou.

Mas foi ele mesmo, todo mundo sabe.

MARISAURA

Todo mundo diz. Mas ninguém sabe. Ninguém estava lá.

GERTRUDES

Seja como for, Drahomiro mudou, depois que Maria Ursula morreu. Acho que a finada continha o despostismo dele. Era boa mulher.

MARISAURA

Talvez nem tanto.

PEDRO IVO

Por que não era?

MARISAURA

Eu disse talvez.

GERTRUDES

Mas Heloísa também é uma criatura mansa. Quem sabe se o desgraçado, agora, não deixa a gente em paz?

Tudo é possível.

ANTÔNJO

(Surdamente) Dona Heloísa é um ente delicado.

GERTRUDES

Mulher de docuras

ANTÔNJO

*Dê muito sumo*

MARJASURA

*Fragil demais. Drahomiro não casava com ela se não fôsse as terras. Ele precisa de mulher com nervo e de vontade. O senhor viu o que são as terras do Bom-Mirar?*

ANTÔNJO

*Não entendo de terras. Sei que é bonito, o engenho. Merce o nome.*

PEDRO IVO

*Heloísa não lhe disse nada? Falou em mim?*

ANTÔNJO

*Não*

PEDRO IVO

*Mas conversaram*

ANTÔNJO

*Muito pouco. Dei a ela um presente: um sêlo do Japão e um da China.*

PEDRO IVO

*Isso não é presente*

ANTÔNJO

*São coisas de tão longe! De tudo o que possuo, era o que eu prezava mais. O do Japão é verde, com um vulcão e uma árvore. E o sêlo da China, olhando contra a luz, a gente vê assim como duas formas, uma voltada para baixo, outra para cima, e as duas se completam. Representam o homem e a mulher, formando ou Ó. Um todo.*

GERTRUDES

*Isso é bonito. Mas qual é o casal que faz um Ó?*

RUIJ

*A senhora tem razão. A maioria por muito favor, faz um X. Burda com Burda.*

ANTÔNJO

*Que expressões são essas?*

PEDRO IVO

*É isso mesmo o que eles vão fazer, Drahomiro Marinho e Heloísa.*

GERTRUDES

*Devia estar linda vestida de noiva.*

ANTÔNJO

*Deve ficar*

PEDRO IVO

*Deve ficar, como? O senhor não veio de lá agora?*

ANTÔNJO

*Vim. Mas só vi o vestido em cima da cama.*

PEDRO IVO

*Ela não se casou sem véu e ~~quixote~~ sem capela*

ANTÔNJO

*Ainda não casou*

PEDRO IVO

*Mas o casamento era de manhã.*

ANTÔNJO

*Vai ser de tarde. Dissa que ela estava doente.*

PEDRO IVO

*Então não casaram! Ela ainda não foi para o Timorante*

PEDRO IVO

Então ainda não casaram! Ela ainda não foi para o Timorante...

ANTÔNJO

Não

PEDRO IVO

Seja como for já é tarde demais.

ANTÔNJO

Tarde pra quê?

PEDRO IVO

Para roubá-la

GERTRUDES

Isso Pedro Ivo nem em sonhos

ANTÔNJO

(Começando a maquinar um projeto) Não é assim tão tarde. Meu pai roubou minha mãe, na véspera do casamento.

PEDRO IVO

E ela ia se casar com quem?

ANTÔNJO

Com meu pai é que não era.

PEDRO IVO

Ela gostava dele?

ANTÔNJO

Não podia vê-lo. Alta noite, ele arrombou a porta com gazua, e roubou a minha mãe como quem rouba dinheiro. Trancou-se num quarto com ela e tórrou a chave. Dias e noites. Dez. Levaram banho, comida, tudo levaram ao quarto. E meu pai lá dentro, convencendo a criatura. Até que ela resolveu.

PEDRO IVO

Isso não deu certo

ANTÔNJO

Pra mim, deu. Eu nasci!

PEDRO IVES

E pra eles! Deu certo pra eles?

ANTÔNJO

(Como se evocasse isso pela 1ª vez) Nunca vi nenhum dos dos se queixar.

PEDRO IVO

(Pensativo) Mãe, faça um café para esses moços. ( Sai rápido)

GERTRUDES

(Levantando-se) Os senhores tomam forte ou fraco?

ANTÔNJO

Não precisa, dona.

RUI

Bem que é bom, meu mano.

ANTÔNJO

Como a senhora quiser

GERTRUDES

Tenho para mim que o senhor, sem querer, vai causar coisas ruins. ( Sai)

ANTÔNJO

(Disfarçando) Não sei o que ela quis dizer

MARISAUARA

Ela pensa que o senhor joga palavras no ar. Mas eu, não. Não acredito nessa história de seu pai.

ANTÔNJO

Como é que não?

RUI

É verdade, dona. Ele já me contou

MARISAUARA

Essa história veio muito a propósito. Digo que o senhor perdeu o seu latim. Pedro Ivo não vai roubar aquela moça.

ANTÔNJO

Não entendo a senhora. Que é que eu tenho com isso?

MARISAUARA

É o que pergunto a mim. O senhor quer que ele vá.

ANTÔNJO

Não

MARISAUARA

Quer sim. Mas por quê?

ANTÔNJO

A senhora está nadando em ódio. Desconfiança e ódio.

MARISAUARA

Nado bem nessas águas.

ANTÔNJO

Onde estão seus pais?

MARISAUARA

Mortos e esquecidos. Quisera ser como eles: um nome numa cruz.

ANTÔNJO

A senhora tem posses. Tem o que comer e o de vestir. Não precisa ir feito nós, no meio do mundo, para ter seu pão.

MARISAUARA

E o senhor pensa que isso é ruim? Ir pelo mundo?

ANTÔNJO

Pra mim e Rui Vilela é bom. Gostamos de estradas. Mas quantas vezes, na chuva, a gente queria estar debaixo de um telhado? Temos comido da banda pôdre.

MARISAUARA

Este é o lado que eu como, desde que nasci. Quisera ser homem. É pra homem, que eu devia ter nascido.

RUI

Ninguém nasce errado, dona. Onde já se viu disso? A gente é que erra.

ANTÔNJO

Não existe essa história de mulher que veio para ser homem, nem de homem que veio pra ser anjo. Se a vida que leva, desagrada, faça outra. Foi o que fez Rui Vilela.

RUI

Pois é

MARISAUARA

Não posso fazer outra

MARISAUARA

Não posso fazer outra vida

ANTÔNIO

Vida mais tonta era a de Rui. E ele não consentou?

RUI

Consentei, dona. Para o resto da vida. Sabe o que é que eu era?

ANTÔNIO

Pistoleiro

MARISAUARA

Logo vi que vocês não eram boa coisa.

RUI

Não sou mais o que fui

FIDÉNCIO

(Entrando) Gertrudes! ó Gertrudes!

MARISAUARA

O senhor mandou esses homens para cá?

FIDÉNCIO

Claro que mandei. O que é que têm?

MARISAUARA

(Apontando Rui) Esse aí vive de matar gente

FIDÉNCIO

Então me serve!

RUI

Hoje sou de paz. Não já disse?

FIDÉNCIO

Mas que bobagem! É por isso que se procura um cabra bom no rifle e não se acha. Tudo desertando. Medo da polícia?

RUI

Nunca fui homem de medo, coronel. Nem de soldado, nem de gente. Lanquei a profissão por causa desse aí.

FIDÉNCIO

Como é que esse mascate ia fazer você largar a profissão? Ele é milagreiro?

RUI

Se é milagreiro não sei, Sei que me deram um serviço: acabar com a vida dele.

FIDÉNCIO

É quem mandou você fazer esse serviço?

RUI

Nunca tinha eu visto o mandante. E nunca mais tonneia a me encontrar com ele. Pagou-me adiantado.

FIDÉNCIO

É você não executou a encomenda? Então é desonesto.

RUI

É o que?

FIDÉNCIO

Desonesto. Se recebe a paga de um serviço e não faz, o que é que é?

RUI

(Admiradíssimo) Mesmo! Nunca havia pensado nisso. Mas não interessa, é que eu saí do nastro desse homem e encontrei ele num nouso. Tinha bem vinte cristãos no lugar.

ANTÔNJO

Não precisa contar tudo.

RUI

Comecei: agora termino. Tinha bem trinta cristãos no lugar. Pois de repente êle veio, ficou na minha frente e perguntou se era êle que eu vinha matar.

FIDÊNÇJO

Ê adiminhão. Sabe tudo.

ANTÔNJO

Não sei mais do que os outros homens. Mas às vêzes qualquer um pode ter dessas c<sup>o</sup>rezas.

RUI

Então me levou para fora e conversou comigo a noite toda. Quando amanheceu o dia, jurei dali por diante só usar meus ferros para defendê-lo.

ANTÔNJO

Ê por isso tomei o nome d'êle

RUI

No meu fraco entender, fomos paridos os dois naquela noite.

FIDÊNÇJO

Grande besteira! Aposentar-se por causa de uma coisa tão sem importância.

RUI

Não estou assim tão aposentado. No 1º ano, com diferença de meses, vieram mais 2 homens, um pra acabar comigo e outro aí com êsse meu amigo. A essas horas, estão tocando rabeca para o canhoto.

FIDÊNÇJO

Ê que tempo faz isso?

RUI

Vai para uns três anos.

FIDÊNÇJO

Então seus ferros já estão mais do que enferrujados. Rui do Pajeú, que era o melhor pistoleiro dessas bandas, também fez essa besteira. Deu baixa da ativa.

RUI

(Com secreto orgulho) O senhor acha que Pajeú era o melhor?

FIDÊNÇJO

Tôdo mundo diz. Até os folhetos de feira falam nisso. Vejam êsses cabras que eu tenho aí no rifle. Não têm um com a fôlha de serviço d'êle. Só servem mesmo para espantar passarinhos, padre e papa-hóstia. Ah, ah, ah! Gentrudes! Ô Gentrudes! (sai pela esquerda).

MARISAUARA

Posso muito bem imaginar por que mandaram matá-lo

ANTÔNJO

Nem eu sei

MARISAUARA

Por boa coisa não foi.

ANTÔNJO

Que me lembre, não fiz nada de mal.

MARISAUARA

Juro que foi coisa de mulher.

ANTÔNIO

Não bota com nenhuma  
MARISAUARA

Gosta de passar por santo  
RUI

Que mulher peçonhenta!

ANTÔNIO

A senhora se parece com um bicho morto de fome, que engolisse a língua. Como é que a gente pode ganhar os outros da vida, se é o coração que é feito para isso, e a senhora não o coração?

MARISAUARA

O senhor, às vezes, é tal e qual o Almanaque do Pensamento.

ANTÔNIO

(Com ímpeto maior) Foi no almanaque do Pensamento que eu li uma vez: "As estradas da vida estão abertas".

(Entra Gertrudes. Traz uma bandeija, com café e beijos. Fidêncio segue-a)

FIDÊNCIO

Pois é. Queiram ou não queiram, a estrada está fechada. Enchi de acólitos, cada um com uma vela calibre 44 na mão. O padre vai ficar mordido dos cachorros.

GERTRUDES

(Enquanto serve o café) Você não teme castigo.

FIDÊNCIO

Que castigo que nada! Vou dar uma lição àquele padreguinho metido a bosta. Faça face a mim!

GERTRUDES

Obrigações dele

FIDÊNCIO

Esses padres de hoje são cheios de nós pelas costas, Gertrudes. No meu tempo, eu sei de ver padre que nem usava batina. Era um fraque, botas de cano alto, lustrando que pareciam um dia, e coragem para mamar em onça. Tive um tio que era assim. De padre só tinha o chapéu. Fez filhos em não sei quantas mulheres.

GERTRUDES

A essa hora deve estar pensando no inferno

FIDÊNCIO

Vai atrás disso? Essa história de inferno e céu é e, bromação. Uma coisa eu digo. "Religião é feita política; só serve para engordar quem está de cima". Veja Agame nom Magalhães. Veja Mussoline. Tudo gondo que faz gosto.

GERTRUDES

Um dia Fidêncio, Deus lhe roga uma praga. Se é que já não roçou.

FIDÊNCIO

Era só o que faltava! Está aí a sua religião: Deus rogando pragas.

GERTRUDES

Você deve tirar aqueles homens da estrada.

FIDÊNCIO

Não tiro. Nem que me matem. E como você está falando muito, mudei de opinião: agora não passa nem São Miguel. Vou reforçar o piquete. (Sai)

GERTRUDES

Fidêncio Lira! Os senhores me dêem licença. Vou ver se impeço este sacrilégio  
(Segue o esposo)

ANTÔNJO

Você ouviu o que eu ouvi?

RUI

Penso que sim. Éle que enfrentar São Miguel.

ANTÔNJO

Que é que você acha?

RUI

Acho que enfrentar o padre, está certo. Mas São Miguel, não.

MARISAUARA

(Repreensiva) Que é que vocês querem fazer?

ANTÔNJO

Dona! A Senhora já ouviu falar na Cavalaria Andante?

MARISAUARA

A propósito de que o senhor vem com essa?

ANTÔNJO

Não sou cavaleiro. Precisava, para isso, umas cerimoniais que não existem mais. Acabou-se a Cavalaria Andante. Mas eu queria ser uma espécie de homem feito eles. O Cavaleiro Andante defendia os fracos

RUI

Era fiel à sua namorada

ANTÔNJO

À sua noiva. E tinha regalias. Trago sempre comigo um estribo de ouro.

MARISAUARA

De ouro?!

ANTÔNJO

Não é bem de ouro, mas é folhado. O cavaleiro andante tinha direito a isso.

RUI

Coisa fina

MARISAUARA

(Fazendo menção de sair) O senhor usa isso nos arreios de sua montaria?

ANTÔNJO

Não. Mas trago sempre comigo

MARISAUARA

Quero ver

ANTÔNJO

Não gosto de mostrar

MARISAUARA

Foi roubado?

RUI

Isso é ofensa

ANTÔNJO

(Com recolhimento) Pertenceu a alguém que eu vi uma só vez na vida e de quem nunca mais tive notícias.

MARISAUARA

ANTÔNJO

Sim. Às vezes penso se não foi uma aparição de Oriana, a noiva de Amadis de Gaul.

MARISAURA

(Com mordacidade) O senhor deu-lhe um selo e recebeu um estribo folheado a ouro.

ANTÔNJO

Não foi como a senhora está pensando. Um dia, há de voltar a Cavalairia Andante. Quero estar preparado para ser sagrado cavaleiro. Para isso, na minha casa, armei na cumieira um cata-vento, coisa que no tempo de antes só os cavaleiros tinham direito de fazer. E os patronos da Cavalaria são dois: um é São Jorge, outro São Miguel. Não podemos deixar nosso patrono ser hostilizado.

MARISAURA

Querem se revoltar, os dois contra meu tio?

ANTÔNJO

De braços cruzados, é que não ficamos

PEDRO IVO

(Entrando) Quero avisar uma coisa a vocês dois.

Se gostam de baderna, fiquem. Mas se não gostam, peguem seus trems e vão-se. Isto hoje vai pegar fogo. (Antônio afasta-se, pois compreende logo a intenção de

Pedro Ivo)

RUI

O senhor é contra o santo ou a favor?

PEDRO IVO

Quero saber de santo?!

MARISAURA

(Violenta) Que é que você vai fazer?

PEDRO IVO

Não é da sua conta. (Aos homens) Vocês vão ou ficam?

RUI

Isso, depende.

PEDRO IVO

(A Antônio) O senhor me trouxe sangue novo! (Marisaura sai para o alpendre, damente) Vou com os meus homens buscar Heloísa.

ANTÔNJO

E depois?

PEDRO IVO

Será o que Deus quiser (Sai Pedro Ivo pela Esquerda)

RUI

Agora não entendo mais nada!

ANTÔNJO

PRECISO REFLETIR

RUI

Acho que o negócio é ir embora daqui

ANTÔNJO

E São Miguel?

RUI

Quando o velho souber disso, não vai querer mais nada com o santo nem com pe

O tal Drahomiro não é homem de engolir desfeita. Vamos embora, mano.  
ANTÔNJO

Espera  
RUI

Não tem o que esperar  
ANTÔNJO

Rui Vilela! Acho que você está certo. Não vai ser preciso a gente defender o to. Mas acho que o jeito é ficar aqui.

RUI

Po amor de quem?  
ANTÔNJO

Joguei uma semente perigosa, Rui. Falei demais. Por que, de vez em quando, de governo a língua? Por que soltei meu demônio?

RUI

Vamos deixar de perguntas! O negócio agora é pinicar os burros. Vamos embora  
pressa.

ANTÔNJO

Preciso pensar  
RUI

Deixe pra pensar quando estiver longe.  
ANTÔNJO

Será que devemos voltar ao Bom-Mirar? Avisar a noiva?  
RUI

Isso pensamos depois. (Apanhando um baú) Pega a outra bruiaca.  
ANTÔNJO

Você nem parece homem. Que frouxura é essa?  
RUI

Minha mão já dizia: "é melhor ser frouxo, do que ser cadáver".  
ANTÔNJO

Você não julgava assim  
RUI

Mas agora julgo. Quem espera por tempo ruim, é sertanejo. Vamos. (Entra Maria  
ra)

MARISAUARA

Estão de saída?  
ANTÔNJO

Pois é. Voltamos outra vez, pra tomar o café. Um dia, se precisar de mim, po  
escrever. Olhe aqui meu cartão. (Entrega-lhe um cartão com um palmo de largura  
dobrando a ponta)

MARISAUARA

Nunca vi cartão desse tamanho  
ANTÔNJO

do  
Querida que ele tivesse um retrato maior cavaleiro que já houve: enfrentou at  
moinhos de vento. Na Holanda.

Adeus

MARISAUARA

Adeus (Rui apenas se volta para Marisauara. Saem os homens. Ela fecha a porta. Entra Pedro Ivo, agora de paletó marrom e gravata amarela) Falei com um dos seus homens. Acha mesmo que vai roubar Heloisa? Quem é que você pensa ser?

PEDRO IVO

Sou quem sou

MARISAUARA

(Alta) Vai mandar seus capangas na frente e matar Drahomiro. Quando ele estiver morto, então você aparece.

PEDRO IVO

Sou eu mesmo quem vou. E vou na cabeça da tropa.

MARISAUARA

Vai mandar mata-lo pelas costas. Pela frente, não é capaz de tirar, de Drahomiro Marinho, nem um vintém furado.

PEDRO IVO

Isso é o que você acha

MARISAUARA

Isso é o que eu sei. Você tem medo de muitas coisas, mas o senhor do, Engenho Ti morante, pra você, é o mesmo que alma do outro mundo.

PEDRO IVO

Não acredito em alma do outro mundo

MARISAUARA

Pode ser que, de noite, a finada mulher dele às vezes se apareça

PEDRO IVO

Por que diabo está dizendo isso?

MARISAUARA

Tenho minhas razões. Sei que você não vai acabar essa empreitada.

PEDRO IVO

Vou

MARISAUARA

Vai como acabou uma outra

PEDRO IVO

Que outra?

MARISAUARA

Sabe melhor do que eu

PEDRO IVO

Não sei de nada

MARISAUARA

(Iônica) Não...

PEDRO IVO

Você agora, fala. Vamos! Chega de meias palavras.

MARISAUARA

Olhe bem para mim. Uma noite, há três anos atrás, você deitou-se vestido. A uma hora, levantou-se e passou quase até às quatro da manhã, na estrebaria, junto dos cavalos, sem coragem de meter-lhe os arreios.

PEDRO IVO

Quando o velho souber disso, não vai querer mais

O que suceda a você não me interessa.

ANTÔNJO

Sim. Às vezes penso se não foi uma aparição de Oriana, a noiva de Amadis de Gaur.

MARISAURA

(Com mordacidade) O senhor deu-lhe um selo e recebeu um estribo folheado a ouro.

ANTÔNJO

Não foi como a senhora está pensando. Um dia, há de voltar a Navalaira Andante. Quero estar preparado para ser sagrado cavaleiro. Para isso, na minha casa, armei na cumieira um cata-vento, coisa que no tempo de antes só os cavaleiros tinham direito de fazer. E os patronos da Cavalaria são dois: um é São Jorge, outro São Miguel. Não podemos deixar nosso patrono ser hostilizado.

MARISAURA

Quem se revoltar, os dois contra meu tio?

ANTÔNJO

De braços cruzados, é que não ficamos

PEDRO IVO

(Entrando) Quero avisar uma coisa a vocês dois.

Se gostam de baderna, fiquem. Mas se não gostam, peguem seus trens e vão-se. Isto hoje vai pegar fogo. (Antônio afasta-se, pois compreende logo a intenção de Pedro Ivo)

RUI

O senhor é contra o santo ou a favor?

PEDRO IVO

Quero saber de santo?!

MARISAURA

(Violenta) Que é que você vai fazer?

PEDRO IVO

Não é da sua conta. (Aos homens) Vocês vão ou ficam?

RUI

Isso, depende.

PEDRO IVO

(A Antônio) O senhor me trouxe sangue novo! (Marisaura sai para o alpendre, naturalmente) Vou com os meus homens buscar Heloísa.

ANTÔNJO

E depois?

PEDRO IVO

Será o que Deus quizer. (Sia Pedro Ivo pela Esquerda)

RUI

Agora não entendo mais nada!

ANTÔNJO

PRECIOSO REFLETOR

RUI

Acho que o negócio é ir embora daqui.

ANTÔNJO

E São Miguel?

RUI

Quando o velho souber disso, não vai querer mais nada com o santo nem com padre.

MARISAUARA

Nessa mesma noite, Maria Ursula fugiu do Timorante e foi pegada. Dois dias de pois, amanheceu com o belo pescoço apertado numa volta que não era de ouro.

PEDRO IVO

Invenções

MARISAUARA

Nada de invenções. Ela está morta.

PEDRO IVO

Foi Drahomiro que fez isso

MARISAUARA

Digo que foi ela. Matou-se por desgosto

PEDRO IVO

Isso tudo é coisa imaginada

MARISAUARA

Você ia fugir com ela, mas não teve coragem. Maria Ursula teve - e foi sozinha

PEDRO IVO

Como pode saber que ela fugiu?

MARISAUARA

Mato têm olhos; paredes têm ouvidos.

PEDRO IVO

Se fugiu de verdade, não foi por minha causa. Eu não ia com ela

MARISAUARA

Vejo, desde esse tempo, como você muda, quando se toca no nome de Maria Ursula. E agora quer levar a termo o que só fez começar. Mas também isso você não vai acabar. Mesmo que mande assassinar Drahomiro.

PEDRO IVO

Por que não vou?

MARISAUARA

Porque não têm força para coisa inteiras. Só para meias coisas.

PEDRO IVO

É o que vamos vêr

MARISAUARA

(Dirigindo-se para a saída) Então ande depressa. Senão vai chegar tarde.

PEDRO IVO

~~Exceção~~ Que quer dizer com isso?

MARISAUARA

(Vou no Bom-Mirar

PEDRO IVO

Por que você não confessa de uma vez que toda essa coisa por Drahomiro é dos dentes pra fora? É po mim que você não quer que eu vá.

MARISAUARA

Não faltava mais nada!

PEDRO IVO

Pode ficar tranqüila. Não vai suceder coisa alguma com seu querido primo.

MARISAUARA

O que sucede a você não me interessa.

PEDRO IVO

Quem foi que veio uma noite, de pés descalços, e se deitou na minha cama?

MARISAUARA

(Agitada) não sei

PEDRO IVO

(Forte) Quem foi?

MARISAUARA

Nunca fiz isso.

PEDRO IVO

Fingi que estava dormindo, prendendo o riso, até que você foi embora.

MARISAUARA

Você sonhou

PEDRO IVO

Vaca! (Rumor de vozes. Pedro Ivo escala rápido a escada)

MARISAUARA

(Voz rouca de ódio) Pedro Ivo! (Ele para no meio da escada) No fim de tudo, se o homem escapar, você vai ficar de calças na mão. Pedindo misericórdia. Porque ele é homem; e você, não.

PEDRO IVO

O que lhe dói é que eu seja capaz de me arriscar e morrer por Heloísa. (sobe)

FIDÉNCIO

(Entrando com Antônio e Rui Vilela, que não trazem mais seus baús. Rui vem com a sanfona) Essa é que não. Dejeito nenhum

MARISAUARA

Por que o senhor deixou sua mulher pra trás?

FIDÉNCIO

Ela sabe onde mora. Ou não sabe? (Marisaura vai saindo) Olhe aqui. Diga aí fora pra desarrear os animais desses moços e soltar no pasto. (Marisaura sai) Pronto. Ninguém chega na minha casa, pra ir embora nos mesmos pés. Não admito.

RUI

O senhor sabe, coronel. Dia de domingo, a gente gosta de andar.

FIDÉNCIO

Pois anda aqui dentro de casa mesmo. É mais sossegado.

RUI

O Senhor acha?...

FIDÉNCIO

Que é que você quer dizer com "o senhor acha"?

RUI

Porque eu acho até muito animado.

FIDÉNCIO

Que nada! Este engenho está parecendo é um cemitério. Vamos ver, pistoleiro, aí uma coisinha, pra animar os defuntos. Você toca mesmo, ou traz isso como enfeite?

RUI

Eu não sou homem de andar com enfeite, coronel.

FIDÉNCIO

Pois se toca de verdade, vai me fazer um serviço. Quando o padre chegar com o

ANTÔNJO

Acho que não vai ser preciso, coronel. O que vai acontecer aqui hoje, é um pouco diferente do que o senhor está esperando. (Com um pouco de receio) Mesmo assim... quero dizer ao senhor que... pra outro santo qualquer, Rui Vilela tocava o que quisesse. (Já com ímpeto, a coragem assumida) Pra São Miguel, não. É o nosso padroeiro. Ele e São Jorge.

FIDÊNCIO

Padroeiros! Que negócio é esse? Vocês são aldeias? São cidades?

ANTÔNJO

Posso explicar, coronel. Temos os retratos deles nas buvacas. Na Cavalaria Andante... (Desce Pedro Ivo) atando aos quadris o cinto de balas com o revólver)

FIDÊNCIO

Olhe aqui Pedro Ivo. Esses dois sujeitos têm santos padroeiros. Pedi pra tocar quando o andor chegasse...

PEDRO IVO

Essa história toda não me interessa. Pra que esse aparato? Pelo casamento de um cabra que não vale nada?

FIDÊNCIO

Ele é meu homem

PEDRO IVO

Mas nem o senhor tem coragem de dar as costas a ele. Um cabra que só mata a tração.

FIDÊNCIO

(Sublinhando o eufemismo) Ele é prudente

PEDRO IVO

Muito melhor era se deixasse isso de lado e me cedesse umas homens. (Tropel)

FIDÊNCIO

Pra quê? E sua tropa também está em pé de guerra?

GERTRUDES

(Entrando com Marisaura) Fidêncio! Seu castigo já veio. Pedro Ivo quer ir em busca da morte.

RUI

(Com ímpeto) Por isso que nós vamos embora. Quer roubar a moça que casa hoje de tarde. Não deixe, coronel

FIDÊNCIO

Isso é verdade?

PEDRO IVO

(Olhando rápido para Marisaura) Há quem ache que não. Mas vou buscar Heloísa e trazê-la, nem que o casamento já esteja dentro da igreja.

FIDÊNCIO

(Entusiasmado) Pai d'égua! Você agora mostrou ser filho meu. Olhe aqui, Gertrudes. Se duvidava, não duvido mais: esse aí é meu sangue. (Gritos lá fora)

PEDRO IVO

Até já

GERTRUDES

Não leva a minha bênção

FIDENCIO

Não precisa. Leva as repetições e o sangue da minha raça. (Sai Pedro Ivo, seguido do pai. Marisaura está de costas, ao fundo. Gertrudes senta-se, rígida. Tinos, gritos, tropel que se afasta.) Olhe aqui Pedro Ivo, a alma do ataque é a surpresa. Se lembre de Felipe (amarão. De Henrique Dias! De meu tataravô, Belchior Bragança. Mas não morra.

GERTRUDES

Este é o dia da sua morte. Mais cedo do que eu pensava.

RUI

A senhora desculpe, mas nós vamos embora. Vou buscar nossos burros no pasto.

ANTÔNJO

Se quiser, pegue o seu, Rui. Eu não vou

RUI

Por que não vai?

ANTÔNJO

Resolvi não ir. Quero vê-la noiva ainda mais uma vez. E depois se não fosse eu, isto não aconteceria. Não me fica bem fugir.

RUI

Isto não é fugir. É escapar

ANTÔNJO

Não vou. Tenho de enfrentar o mal que liberei. (Rumores da tropa que se distancia festivamente)

SEGUNDO ATO

(Antônio está só. Embora a almofada continue em cena, Gertrudes não voltará a usá-la. Entra, Rui, mal se abre a cortina.)

RUI

Ainda é tempo, meu mano. Vamos embora.

ANTÔNIO

(Calmo) Já disse que não vou.

RUI

Onde é que está com a cabeça? Não têm nada que fazer aqui

ANTÔNIO

Eu é que sei

RUI

Olhe. Você sabe que nesse negócio de monte, sou doutor. Sinto o cheiro dela.

ANTÔNIO

Que é que têm isso?

RUI

Estou sentindo agora. Hoje, aqui, os cachorros vão beber sangue de gente. Vamos pegar nossas coisa e desaparecer.

ANTÔNIO

(Meio irritado) Já disse que não.

RUI

Falo como amigo e homem experiente, meu mano Antônio Vilela. Vamos montar nos bichinhos e seguir para o Egito. Ou quer morrer inocente?

ANTÔNIO

Nunca lhe vi assim, tão cheio de medo.

RUI

(Encolerizando-se) Sabe que não sou homem de correr de assombro. Se estou falando é pra lhe proteger.

ANTÔNIO

(Altera a voz) Dispensó a proteção, Rui Vilela. Se quer ir, que se dane. Eu fico aqui.

RUI

Só pra ver uma môça?! Estou lhe desconhecendo.

ANTÔNIO

(Caíndo de tom) Você não me conhece, Rui. Pensa que sou grande, um santo. Mas sou cheio de falhas e pecados. Um homem. (Forte) Meia essa verdade na cabeça.

RUI

(Desanimado) Então não têm nada que lhe faça arredar pé daqui.

ANTÔNIO

Não

RUI

Já ouvi, muitas vezes, falar no destino. Mas nunca eu tinha visto ele de frente. Agora, vejo. É o destino que está lhe prendendo.

ANTÔNIO

Sou eu que quero ficar

RUI

ANTÔNJO

Isso é o que há de certo na vida.

RUI

Vamos morrer hoje. Veja o que estou lhe dizendo. Amanhã nenhum de nós vai ver a luz do dia.

ANTÔNJO

Nunca se sabe, Rui Vilela. Você teve minha vida em suas mãos - e não morri. Como quer decretar a nossa morte?

RUI

(Misterioso) Podem haver coisas que você não sabe

FIDÊNCIO

(Vindo de fora) Ah! Hoje tem. Hoje se quebra a castanha de Drahomiro Marinho. (A) Você hoje vai voltar à ativa. Queira ou não queira. Vamos ver se é bom mesmo no ti ou se tudo é conversa.

RUI

(Dando as costas para Fidêncio) Não vou pegar em armas.

FIDÊNCIO

Mãe esperem. Estão pensando que a bala vai chover e vocês dois aqui dentro, fei: visita de cerimônia?

RUI

Não vamos tomar parte na baderna

FIDÊNCIO

Essa é muito boa. Onde já se viu disso? Não tem essa conversa de ficar de fora não. Vocês vão é brigar.

RUI

(Firme) Já dissemos que não, Coronel.

FIDÊNCIO

Então, vocês são covardes.

RUI

(Enfrentando-o) Não repita isso

ANTÔNJO

Rui Vilela

FIDÊNCIO

Repito quantas vezes quiser. Vocês dois são mais do que covardes. Não gostam do nome, mas são.

RUI

O senhor mesmo falou que não existe, por aqui, homem que nem Rui do Pajeú, Coro Pois Rui do Pajeú sou eu

FIDÊNCIO

Não me faça morrer de ris. Se você é Rui do Pajeú, eu sou Virgolino Lampião.

ANTÔNJO

Ele está dizendo a verdade, Coronel.

FIDÊNCIO

Pensam que sou bêsta? Que estou caducando?

GERTRUIDES

RUI

É aqui seu marido batendo na porta errada. Mas ele está enganado com a côr da porta.

FIDÉNCIO

(À mulher) Veja você. Um tocador de sanfona desfrutável que na certa não tem coragem nem de dormir no escuro, querendo passar por Rui do Pajeú. Vão ou não vão luz do meu lado?

RUI

Nem do lado de Deus, Coronel

ANTÔNIO

Isso também é exagero.

RUI

E não é verdade? De lado nenhum.

FIDÉNCIO

Nem por dinheiro?

RUI

Nem que o senhor - com licença da palavra - me ofereça as onze mil virgens.

FIDÉNCIO

Quer dizer que não se vendem. São orgulhosos, ainda por cima. Pois vou mandar selar seus animais. Podem pegar suas coisas aí fora. Bons ventos os levem. (Sai colérico)

GERTRUDES

(A Antônio) É melhor assim. Vá embora, môço. Esse seu amigo não me faz cuidado. pior que ele morra, está pagando.

RUI

Muito obrigado. Pimenta no nabo dos outros, é pó de arroz.

ANTÔNIO

Olhe essas expressões

GERTRUDES

Mas o senhor não merece morte ruim. Adeus

ANTÔNIO

Está bem, dona. Eu vou. Mas vou ~~contrafeito~~

RUI

É melhor contrafeito do que morto.

FIDÉNCIO

(Abrindo com violência a porta e explodindo de entusiasmo) O pessoal vem chegando e vem com a noiva! (Sai correndo. Tropel que se aproxima. Tiros. Gritos. Marisa desce a escada, corre para a janela.)

GERTRUDES

(Enquendo-se) Sei bem quem é a noiva. Meu filho Pedro Ivo vem com a morte nos braços. (Começam a bater o sino, alegremente)

RUI

O que é que está esperando? A hora é essa.

ANTÔNIO

Um momento! (Entra Pedro Ivo com Heluísia nos braços. Seque-o Fidêncio)

FIDÊNCIO

Como é que foi, Pedro Ivo? Conte como foi. (Enquanto Pedro Ivo põe a noiva no ch e contempla-a, ligeiramente afastado, ouvem-se ainda alguns tiros ao longe e Fiden se dirige a Gertrudes.) Isso, é que é homem Gertrudes. Você pariu um homem! (As pancadas do sino vão cessando. A impaciência do velho é evidente.) Então? E Drahomiro Marinho? (Marisaura dirige-se para a cômoda, sobre a qual fica o oratório. Abrirá uma gaveta, de onde tirará um fuzil)

PEDRO IVO

Ficou parado junto do Padre. Branco feito um papel.

FIDÊNCIO

Não reagiu? Está aí em que deu a valentia.

HELOÍSA

Ele e meu pai não tardam a chegar.

PEDRO IVO

Ele pelo menos chega mas não volta

RUI

Quer dizer que esse tal de Drahomiro continua vivo! Então, estamos fritos.

PEDRO IVO

(Ligeiramente assustado, vendo a arma na mão de Marisaura) Pra que isso?

MARISAURA

Pra o que for preciso. Sempre vali tanto quanto qualquer homem. (Olhando com de dem para Heloisa) Não sou feita de seda...

PEDRO IVO

E pra esses dois homens, não têm armas?

FIDÊNCIO

Esses dois, já mandei embora.

PEDRO IVO

Fizeram o quê?

FIDÊNCIO

Dizem que não lutam.

PEDRO IVO

Mesmo assim ficam.

FIDÊNCIO

Não vão servir de nada.

PEDRO IVO

Andam pelo mundo. Quero que contem, pelo resto da vida, o que vão ver.

RUI

Contar, se escapar dessa

PEDRO IVO

(Fonte) Não de escapar. Vamos. (Sai rápido, seguido de Fidêncio)

FIDÊNCIO

(Seguindo-o) E o roubo, Pedro Ivo? Houve muita bala? (Fora) Estamos em guerra ge Vamos tomar posição! (Marisaura também sai, lançando antes um olhar frio para He sa.

GERTRUDES

Pedro Ivo não teria feito o que fez. Peco desculpa por ele. Se quiser



HELOISA

Também é muito bonito, o sêlo do Japão. A montanha branca. Aquêla árvore. Queria estar lá.

ANTÔNIO

Em toda parte a maldade. Aquêle monte branco é um vulcão

HELOISA

Não digo que quisesse estar em outras terras. Queria estar no sêlo; debaixo daquela árvore.

ANTÔNIO

Não queira estar num sêlo, dona Heloisa. (Mais concentrado) A senhora queria estar num sêlo ontem?

HELOISA

(Com vivacidade) Não. (Gertudes parece adivinhar que alguma coisa existe entre Antonio e Heloisa.)

ANTÔNIO

Pois eu, ontem ou hoje, quero estar na vida. Qualquer vida, mesmo sujeito à morte. (Entram Fidêncio, Pedro Ivo e Fanhoso) (Este descalço, sem chapéu, calça azul de mescla, camisa de saco de trigo, sem gola, por fora das calças. Armado)

FIDÊNCIO

Ah, ah, ah! Vamos derretê-los na bala. Não vai ter nem graça. Aqui, serramos de cima. É ou não é, Fanhoso?

FANHOSO

É

FIDÊNCIO

Vai ser o mesmo que os pernambucanos, no Monte das Tabocas, com os holandeses. Eram os galegos querendo subir e os pernambucanos passando chumbo neles. Morria holandês feito passarinho.

FANHOSO

E eu, Coronel?

FIDÊNCIO

Você continua vivo

FANHOSO

Não! Onde é que eu fico?

FIDÊNCIO

Já vou lhe mostrar. Fica de sentinela. Viu uma tropa se aproximando, grita logo de. Entendeu?

FANHOSO

Entendi

FIDÊNCIO

Não se esqueça. Nós representamos a pátria. Os cabras do Timonante, representam os herejes!

FANHOSO

Nossa Senhora! (Fidêncio e Fanhoso sobem a escada.)

FIDÊNCIO

A caveira de Belchior Bragança (Avalcanti, se ainda existe, hoje vai dar risada. (A voz de Fidêncio desaparece no alto.)

PEDRO IVO

HELOISA

Quero ir embora

PEDRO IVO

Não estou girando, pra levá-la de volta.

HELOISA

Não adianta eu ficar. Não caso com o senhor, nem que me mate.

PEDRO IVO

Quer casar com aquele mouro? Vai morrer enforcada, feito a outra.

HELOISA

Isso é comigo

PEDRO IVO

Pra que foi então que me arrisquei? Que estou me arriscando? Você tem de me aceitar que queira, quer não queira.

HELOISA

Não sou bicho.

FIDÊNCIO

(Descendo, traz um fuzil) Pronto. Tudo providenciado. Agora, é esperar os holandeses. Quero ver se ainda tenho pontaria.

PEDRO IVO

(Impaciente) Não vai adiantar nada, se ela continuar desse jeito.

FIDÊNCIO

Desse jeito como?

PEDRO IVO

Não quer compreender que, se me arrisquei a tudo indo buscá-la... (Sentir-se á, Pedro Ivo, o progredir de seu medo, não apenas através das palavras)

HELOISA

O senhor está preocupado demais com êsses riscos.

PEDRO IVO

Não acabei de falar

FIDÊNCIO

É uma besteira dessa tem o que falar? Você foi buscá-la de arma em punho. Que é ela quer mais? Devia estar agradecida.

HELOISA

Quero ir para a casa de meu pai

FIDÊNCIO

Não vai embora nada. Daqui a pouco, chega o outro padre com a procissãozinha de... Aproveita a embalagem e casa logo vocês.

GERTRUDES

Você sabe que ninguém casa assim, Fidêncio. Precisa antes correr os banhos.

FIDÊNCIO

Isso é modernismo. Tive um parente que se casou em artigo de morte. Não precisou banho nem de lava-pés.

HELOISA

Ninguém está para morrer.

FIDÊNCIO

Não está, mas pode ficar, Que é que sabe, na hora de uma guerra?

RUI

(Sentencioso) É isso mesmo. Aqui está todo mundo com um pé na cova. O Senhor está dizendo uma verdade.

FJDENCJO

Quem foi que disse isso? Aqui não tem ninguém com pé na cova. Você pode entender de matar gente a retalho; mas não por atacado. Na posição que estamos, vai ser uma carnificina. Mesmo que no Monte das Tabocas.

ANTÔNJO

(Medindo o terreno, pois tem algo em mente) Que é que o senhor sabe dessa batalha?

FJDENCJO

Não foi quando os brasileiros deram nos holandeses, em mil seiscentos e tanto? Um parente nosso morreu nessa batalha.

ANTÔNJO

Sabe quantos homens tinham os holandeses e quantos os brasileiros?

FJDENCJO

Não sou menino de escola. Nem sei nem quero saber. Sei é que essa batalha foi mais importante que a dos Guararapes. Meu avô sempre dizia isso. Nos Guararapes, os brasileiros já surraram uns apanhados. Enquanto que no Monte das Tabocas, os holandeses não tinham perdido para ninguém. Fazia bem uns quinze anos que mandavam chover em dia de sol quente, neste Pernambuco velho.

ANTÔNJO

O Monte das Tabocas fica em Vitória de Santo Antão. É minha terra natal.

FJDENCJO

Que é que tem isso?

ANTÔNJO

Sei de algumas coisas que talvez vocês não saibam

PEDRO JOV

Ninguém quer saber ~~dizem~~ de nada disso agora

ANTÔNJO

O que vou dizer é importante. Interessa a todos. Sabem que os holandeses eram protestantes. Pois bem. Trouxeram com eles, para o Brasil, uma imagem de... Ana Bolena.

FJDENCJO

É quem é essa?

ANTÔNJO

Uma santa. Padroeira dos ingleses

FJDENCJO

(Com admiração) Dos ingleses?

ANTÔNJO

Sim dos protestantes.

FJDENCJO

É protestante também tem santos?

ANTÔNJO

Naquele tempo, sim. E os holandeses acreditavam que, enquanto Santa Ana Bolena estivesse com eles, tudo iria bem. Mas os brasileiros roubaram aquela imagem e levaram para o Monte das Tabocas. E aquela batalha era por isso: para retomar a santa.

FJDENCJO

ANTÔNJO

Não conseguiram nada. Sairam na carreira, como o senhor sabe. Mas, mesmo que houvesse sem vencido a batalha, não teriam pôsta a mão na santa. Sabem por quê? Porque não estava lá. Os brasileiros tinham mandado quatro homens pra longe, com ela.

FIDÊNCIO

(Contendo a indignação) Pedro Ivo... Você compreendeu aonde esse sujeito quer chegar?

PEDRO IVO

Não está pensando em sair daqui com Heloísa?

ANTÔNJO

É isso

FIDÊNCIO

Mas é muito afaito!

ANTÔNJO

Não. Nós não vamos lutar e o senhor quer ver as nossas costas. Assim, eu e Rui podemos dar um auxílio, sem pegar em armas.

RUI

Eu? Por que diabo está se metendo nessa história?

ANTÔNJO

Se você não quer ir, também não precisa. Acho até melhor. Você fica, ela se veste numa roupa sua e vai comigo.

RUI

Você está ficando, mas é doido. Vai terminar sacudindo pedra em santo.

FIDÊNCIO

É qual era a vantagem de você sair daqui com a moça? (Fidêncio e Pedro Ivo devem apontar-se, nesta cena, como se, embora recusando a proposta de Antônio, se sentissem atraídos por ela.)

ANTÔNJO

Até uma criança de peito adivinha que esse Drahomiro vem buscá-la

PEDRO IVO

Vem, mas não leva.

ANTÔNJO

Ele não pensa assim. Vai subir essas encostas, feito uma boiada quando desce.

HELOÍSA

Eu preferiria ir

FIDÊNCIO

Você aqui não tem voz, menina.

ANTÔNJO

O senhor me desculpe, Coronel. Mas acho que ela deve ter

FIDÊNCIO

Não estou perguntando o que é que o senhor acha

PEDRO IVO

Quem garante que você não ia levá-la de volta para o Bom-Mirar?

FIDÊNCIO

Où para o Timorante?

ANTÔNJO

... Embora eu preferisse ir só, porque chamava

RUI

Se é mesmo pra eu ir, eu também vou. De longe, mas vou. Desgraça pouca é bobagem.

PEDRO JVO

Não foi pra largá-la, que eu fiz ~~isso~~ o que fiz.

ANTÔNIO

Vocês estão conversando mais do que devem e perdendo um tempo que não têm. Cada vez que dizem uma palavra, Drahomiro Marinho avança um passo.

VOZ DE FANHOSO

Vem um homem aí, com um lenço num pau!

FIDÉNCIO

Que é que está dizendo esse danado?

GERTRUDES

Que vem gente.

FIDÉNCIO

(Correndo para a janela) Um emissário! O homem já está descendo do cavalo, e agora que Fanhoso vem falar. Vigia filho da mãe. Estávamos bem arranjados, se fosse Drahomiro e os homens dele. (Abre a porta)

SEVERINO

(Chapéu na mão. Chinelos grosseiros. Calça azul merinho, já velha; paletó creme de bordinário, as mangas bastante curtas; camisa cinza de mangas muito compridas, enfiada por dentro da cueca, cujo cós aparece acima do cinto grosso. A cintura das calças quase às virilhas. É homem empertigado e seco. Desarmado. Traz um lenço na ponta de uma vara) Posso entrar?

FIDÉNCIO

Quem é você cabra?

SEVERINO

Sou de paz

FIDÉNCIO

Vem a quê?

SEVERINO

A mando de meu chefe

FIDÉNCIO

Não sei quem é.

SEVERINO

Capitão Drahomiro Marinho

FIDÉNCIO

Capitão? E você é o quê? Ordenança?

SEVERINO

Sou Severino dos Santos

FIDÉNCIO

Que diabo veio fazer nas minhas terras?

SEVERINO

Vim trazer um oferecimento

FIDÉNCIO

(Sentando-se e deixando o recém vindo em pé) Pode falar. Tem ordem.

SEVERINO

HELOÍSA

Estou bem.

SEVERINO

Eles querem que a senhora esteja de volta ainda hoje. Antes das oito.

FIDÉNCIO

Sê foi pra isso que veio, acabou a conversa. Ela não vai.

SEVERINO

Não vim só pra isso

PEDRO JVO

E pra que foi? Pra que não diz logo?

SEVERINO

Meu chefe, o Capitão Drahomiro, sempre estendeu a mão pra quem está por baixo

FIDÉNCIO

(Levantando-se) E quem está por baixo, cabra?

SEVERINO

Nunca deu um castigo, sem oferecer uma saída.

FIDÉNCIO

Que é que êle está pensando?

SEVERINO

Não vim pra dizer o que o Capitão está pensando. Vim pra fazer um negócio.

PEDRO JVO

Não temos negócio a fazer

SEVERINO

Vosmecê preza a sua vida, môço. Comprar a vida é negócio vantajoso.

FIDÉNCIO

Que quer dizer com isso de comprar a vida? A vida de quem?

SEVERINO

O Capitão Marinho está no Timonante, com o pessoal do cartório, sêlo e os livros de assentamentos. Se vosmecê descer com a dona Heloísa e passar em nome dêle a várzea do

Cansa-Cavalo, êle promete não matar seu filho. Promete e jura.

FIDÉNCIO

Você está vendo, Gentrudes? Hein? Já ouviu? Êle só pensa em terras. Ê um faminto.

PEDRO JVO

Quanto tempo nós temos, pra pensar nisso?

FIDÉNCIO

Pensar em quê? Está querendo dar pra trás?

PEDRO JVO

(Insistindo) Até que horas?

SEVERINO

Até à boca da noite.

FIDÉNCIO

Pra mim, já escureceu. Vá e diga a seu chefe, que nem a moça vai, nem eu. Ê que a terra que êle há de ganhar nessa história, não têm muito mais que sete palmos.

SEVERINO

Quer dizer que a resposta é essa.

FIDÉNCIO

Ê, sim. Ê desapareça.

PEDRO JVO

FIDÊNCIO

É por que não?

PEDRO IVO

Ele viu tudo aqui.

FIDÊNCIO

É bom que tenha visto mesmo. Assim vai contar que não estamos dormindo

PEDRO IVO

É o mesmo que abrir as portas! Por que não manda logo eu ir com ele?

GERTRUDES

Por mim, Fidêncio Lins, você não despachava o homem com esse estouvamento. Considerava antes a proposta.

FIDÊNCIO

Já considere

GERTRUDES

Vocês estão com os pés fora da terra. Todos. Drahomiro Marinho não é homem de brincadeira. E se Heloísa recusa Pedro Ivo, pra que a teimosia? Qual é o fim de tudo, se ela não casa com ele?

FIDÊNCIO

Nós não vamos passar por baixo desse jeito. Levar a noiva de volta e, ainda por cima, desfalcocar nossas terras.

GERTRUDES

Melhor do que morrer

FIDÊNCIO

Essa parada está perdida pra ele. Se mandou esse sujeito aqui, com panos molhados, é porque sabe disso.

GERTRUDES

Não esteja tão certo. Ele tem mais cabeça do que todos vocês juntos.

FIDÊNCIO

Você está com quem, Gertrudes? De que lado?

GERTRUDES

Do nosso.

FIDÊNCIO

Então não fale mais

GERTRUDES

Tenho de falar. Se nunca me ouviu na sua vida, ouça pelo menos desta vez. Está aceitando a loucura de seu filho e lutando por nada. Caia em si, pelo amor de Deus. Ofereça a mata, em vez da chá. Quem sabe Drahomiro aceita?

FIDÊNCIO

E a moça?

GERTRUDES

Mande-a de volta. (Rumores, fora. Batem forte à porta.)

FIDÊNCIO

Que é isso lá? Querem botar abaixo?

SETE-RANCIOS

(Abrindo a porta) Coronel! (Vozes fora)

SETE-RANCHOS

Carece ir logo... (Vendo Severino) Coronel Fidêncio!

FIDÊNCIO

Que é que têm você? Viu alma do outro mundo?

SETE-RANCHOS

É esse o homem!

FIDÊNCIO

Que homem, senhor?

SETE-RANCHOS

O marido. É por causa dele que o padre não me casa.

FIDÊNCIO

Ah! É esse?

PEDRO IVO

O senhor não vai perder tempo com essa história. Temos coisas mais sérias pra resolver agora.

MARISAUARA

(Entrando) Está subindo uma fumaça grossa. Parece que é fogo nas canas. (Gertrudes, ela vai olhar através da janela.)

FIDÊNCIO

Incêndio?

MARISAUARA

Acho que sim.

FIDÊNCIO

É o peste desse vigia, será que não vê nada? Fanhoso!

FANHOSO

Senhor!

FIDÊNCIO

Deixe já esse pôsto, que você não merece.

VOZ DE FANHOSO

Por que, Coronel?

FIDÊNCIO

Não me faça pergunta, e desça. Não já disse?

MARISAUARA

Precisamos dar um jeito de apagar o fogo

SETE-RANCHOS

Era isso que eu vinha dizer, Coronel. Mas quando vi esse judas...

FIDÊNCIO

É um judas mesmo. Está vendo, Gertrudes? Já ouviu Pedro Ivo? Aqui com essas conve de fazer acôndo, sabendo que na mesma hora estavam pondo fogo em meus canaviais. E dois indo na história.

SEVERINO

O Capitão Marinho não ia fazer isso. Não ia tocar fogo nas canas, eu aqui.

FIDÊNCIO

Então, fui eu. Fui eu que toquei fogo nos meus bens.

FJDENCJO

Seu Capitão Marinho é um cabra ordinário. Sete-Ranchos! Tranque esse cachorro no que to de trás. E fique lá, não deixe ele fugir. Ele viu nossas posições.

SETE-RANCHOS

E o fogo?

FJDENCJO

Deixe comigo

SETE-RANCHOS

(A Severino) Vamos (Saem Severino e Sete-Ranchos)

FJDENCJO

Um desclassificado igual aquele Drahomiro Marinho, eu estava pra ver. Manda um sujeito pra conversar e outro pra incendiar.

PEDRO JVO

Pode não ter sido gente dele

FANHOSO

(Descendo) Pronto, Coronel

FJDENCJO

Como é que tocam fogo nas cinzas e você não diz nada? É cego?

FANHOSO

Vosmecê disse que eu avisasse, se visse uma tropa. Não vi tropa nenhuma.

FJDENCJO

Você merecia um conselho de guerra. E a fumaça?

FANHOSO

Eu não vi tropa, não disse nada. Ia lá dizer que vi uma fumacinha?

FJDENCJO

Mais burro do que você, só mandando fazer. Com homens dessa qualidade, é difícil ganhar uma guerra. Não precisa mais vigiar coisa nenhuma. Vamos ver esse incêndio. Pegue cachaça e bolachas, chame Belisário, Calixto, Nicolau, João de Francisco, e toca pra

FANHOSO

Pra lá, onde?

FJDENCJO

Para o incêndio, quantau. Depressa. (Sai fanhoso, A Rui e Antônio) E vocês vão ficar aqui palitando os dentes?

RUI

Vamos, meu irmão?

FJDENCJO

(Saindo) Fanhoso, espanta esse cavalo que está aí na frente.

PEDRO JVO

Queria falar com o senhor.

ANTÔNIO

Comigo?

PEDRO JVO

Sim

MARGAURA

Você não vai?

PEDRO IVO

Não foi ele que mandou chegar fogo nas canas. (Sente-se que o medo de Pedro Ivo tomou um novo impulso. Gerttrude s se volta para ele.)

ANTÔNJO

Acho que foi

PEDRO IVO

Pra que ia fazer isso, com o homem aqui?

ANTÔNJO

Pra isso mesmo: pra não parecer que não era.

PEDRO IVO

O senhor acha então que toda essa conversa era tapeação?

ANTÔNJO

Acho que sim. Mas o homem veio de boa fé. Ele não sabia de nada.

PEDRO IVO

Então por que tudo isso? Pra que a encenação?

ANTÔNJO

Ele vai atacar já; esse fogo é pra distrair vocês.

PEDRO IVO

Acha então que meu pai caiu no laço, levando homens pra lá. E que Drahomiro, de uma hora pra outra, vai estourar por aqui.

ANTÔNJO

Tenho certeza. (Gerttrudes aproxima-se)

PEDRO IVO

Continua achando que ainda vale a pena... Levá-la pra longe? (Heloísa levanta-se, dá alguns passos. Embora de costas para eles, acompanhava a conversa com interesse.)

ANTÔNJO

Falando com franqueza, já acho um pouco tarde.

PEDRO IVO

Não era possível marcar um lugar? O senhor ia com ela, a gente se encontrava lá. (Gerttrudes fixa-o com desprezo)

ANTÔNJO

Noutro lugar, dona Heloísa tem tempo pra pensar. Podia decidir o seu futuro. Com calma.

HELOÍSA

Que lugar?...

PEDRO IVO

No engenho Bombarda.

ANTÔNJO

Sei ir

PEDRO IVO

É gente minha amiga. Drahomiro Marinho, mesmo sabendo que Heloísa está por lá, não tem peito nem fôlega de ir buscá-la. O Bombarda é o engenho mais bem armado de Pernambuco.

ANTÔNJO

É chegamos assim, sem mais nem menos?

ANTÔNJO

O senhor do engenho su saber de tudo. Quando sair com os meus homens, mandei um porta-dor no Bombarda, buscar reforço, e dizendo pra que era. Já deviam ter chegado.

ANTÔNJO

Pois se é mesmo pra ir, já estou com um pé no caminho.

HELOÍSA

Aqui não posso pensar.

PEDRO IVO

Então está decidido. Você vai com ele. Encontro com vocês no cruzamento da estrada pra Glória do Goitá. De lá seguimos os três para o Bombarda.

ANTÔNJO

Ela não pode ir vestida de noiva. Vai como se fosse Rui Vilela.

PEDRO IVO

Não com a roupa dele. Mãe, arranje aí uma roupa de homem pra Heloísa. (Vai à porta e grita para fora.) Peguem depressa os burros dos mascates e metam-lhes os arreios. Sei também meu rudado. (Fecha a porta)

GERTRUDES

E seu amigo, moço?

ANTÔNJO

Ele se arranja

PEDRO IVO

Por que a senhora ainda está aí?

GERTRUDES

(Com implacável e contida indignação) Você está fugindo, Pedro Ivo

PEDRO IVO

Não se trata disso

GERTRUDES

Está fugindo para lugar seguro e deixando seu pai na fogueira

PEDRO IVO

A senhora está enganada. No Bombarda, falo com Salustiano. Venho com reforços, ataco Drahomiro por trás.

GERTRUDES

Vou conseguir umas roupás para essa moça. Quero ajudá-la no que for possível. Mas sei que você está fugindo. (Vai para o interior da casa)

PEDRO IVO

Helóisa quero que saiba: isso não é verdade, o que ela disse. Fico e não arreio pe daqui, se você promettesse me aceitar. Mesmo sabendo que morro.

HELOÍSA

Não posso prometer assim. Longe daqui é que vou refletir. (Com calma)

PEDRO IVO

Pense que casar comigo é o seu destino. Foi o destino, heloísa, que me trouxe aqui esse mascate. Se não fosse uma palavra dele, a esta hora você estava casada e eu sem perabça.

HELOÍSA

O senhor acredita no destino

PEDRO IVO

Como não? (Corpe para lançar um olhar inquieto através da janela.)

HELOISA

É o senhor, se Antonio Vilela?

ANTÔNJO

Também dona Heloisa. Mas é certo que, do destino, a gente só tem o barro. Ninguém encosta contra parede levantada.

PEDRO JVO

É isso!

ANTÔNJO

A gente precisa fazer os tijolos, levantar as paredes.

HELOISA

O senhor, então, não acha que, o que tem de ser, será? Não espera que as coisas lhe sucedem?

ANTÔNJO

Bão. Sei que as coisas da vida são soltas. Feito passarinhos voando. Quem quer um passarinho na gaiola, quem quer ouvir seu canto todo dia, tem de prendê-lo, seja como for. As coisas são ariscas, não caem em nossa mão.

PEDRO JVO

É foi isso que eu fiz, Heloisa. Eu fui buscá-la

HELOISA ~~Exxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~

Às vezes, seu Antonio Vilela, o passarinho que devia cair na rede, morre antes.

ANTÔNJO

É pode ser também que, um dia, a gente ponha a rede - e morra. E o passarinho caia nas mãos de outro dono. Não faz mal, dona Heloisa. O importante é fazer por onde.

GERTRUDES

(Entrando) Pode vir, minha filha. Acho que arranjei roupa que sirva.

ANTÔNJO

É uma pena, a senhora tirar esse vestido. Tão bonito!

HELOISA

Pra mim, isto não é vestido. É montanha. (Saem Heloisa e Gertrudes. Alarido. Entram Fidêncio, Rui Vilela, Fanhos, Marisaura e, atrás de todos, João-João. Todos ligeiramente embriagados, menos Marisaura. (Atenção: estão apenas ligeiramente embriagados) (João-João está armado e é preto, sendo o unico na peça a usar chapéu de couro. Calças pardas, camisa azul turquesa, de mangas compridas, sem paletó, longo punhal na cintura. Cartucho na atravessada no ombro.)

FIDÊNCIO

Tocaram fogo nas caras mas contra o vento. E num partido já quase todo contado. Serviu de gente sem experiência.

RUI

(Pegando a sanfona) Sabem o que mais? Eu até que estou começando a gostar dessa festa.

PEDRO JVO

(Assustado vendo João-João) Quem é esse homem?

FIDÊNCIO

Esse se chama João-João. Foi mandado por Salustiano, com mais seis. Como é que não dá a se que mandou portador para o Bombarda? Achou que nós, sózinhos, não iam dar conta do recado.

PEDRO JVO

Salustiano é meu amigo. Era capaz de ficar aborrecido, se ue não mandasse pedir auxi



FIDÊNCIO

(Com afetada solenidade) Então, como bons cristãos, vamos encomendar a lama dele. (Voltando ao natural) Vê lá, sanfoneiro. Já que você não serve pra outra coisa, fala ai querrença. Toca o Chen-en-en. Só é a reza que serve praquêle defunto acolá.

RUI

Quer o chen-en-en?

FANHOSO

Sim

RUI

Então lá vai tempo. (Tocando e cantando)

Chen-en-en, chen-en-en, chen-en-en

Chen-en-en, chen-en-en, chen-en-en

Sã Mariquinha,

quantas filhas você têm?

Tenho cinco filhas mógicas

pra dançar o chen-en-en

FIDÊNCIO, FANHOSO E JOAO-JOAO

(Repetem a quadra acima com Rui e começam a dançar)

RUI

Chen-en-en etc.

Sã Mariquinha

Lá do Alto das Peruas,

traga suas filhas nuas

pra dançar o chen-en-en.

RUI E OS OUTROS TRÊS

(Repetem a quadra acima, dançando.)

RUI

Enquanto os outros cantam, olha da janela. Até a cambada lá fora está começando a dançar. A festinha está ficando é boa. (Contrado) Chen-en-en, chen-en-en. (Espouca a fuzilaria. Uma bala estilhaça o vidro. Rui Vilela gira, ferido. Gritos. Todos tomam posição de combate.)

FIDÊNCIO

Tomem posição, minha gente. Os desgraçados atacaram antes da hora. (Aparece Heloísa sem véu, mas ainda vestida de noiva.

ANTÔNIO

Cuidado! (Corre para Rui Vilela. Aparece Gentrudes)

RUI

Meu irmão... Eu sabia que a morte ia pegar-me hoje. Mas não era por medo que eu que ir embora. Era por sua causa.

ANTÔNIO

Eu sei

RUI

Nunca fui homem de medos

FIDÊNCIO

Miseráveis! Cegaram a gente com a história do incêndio e avançaram.

RUI

Esse tal de Drahomiro vai estourar por aqui. Me enterre depressa, não deixe êle ver minha cara.

ANTÔNJO

Por quê?

RUI

Fôê êle que me mandou matá-lo.

ANTÔNJO

Rui Vilela! Meu irmão! (Rui morre)

FIDÉNCIO

Vejam como atiram! Não vão matar nossos homens

JOÃO-JOÃO

Careço de sair, doutor. Vou manobrar os meus.

FIDÉNCIO

Não deixe a porta aberta (Sai João-João, agachado, fechando a porta. Gertrudes, abrindo uma gaveta da cômoda, estende uma toalha no rosto de Rui) Fogo no paiol, minha gente (Diminue o tiroteio)

VOZ DE FORA

A procissão está chegando! (Antônio ergue o rosto)

FIDÉNCIO

~~Exclamam~~ O quê! Esse padre é muito homem. Vir no meio dum fogo dêsse! Mas é compreensível. Êle ainda chega a ser meu parente distante.

SETE-RANCIOS

Coronel! Deixe eu dar um tiro naquele padre da peste.

FIDÉNCIO

Você está doído? Matar padre é o mesmo que matar um gato. Sete anos de atrazo. (Grito para fora) Ninguém saia de suas posições! Ôlho vivo! (Quase no mesmo tom) Fanhoso vá tocar o sino como na igreja. (Sai Fanhoso. O sino começa a tocar: uma pancada, duas; uma pancada, duas etc.) Vou pedir ao padre para encomendar êsse corpo.

GERTRUDES

Talves êle consiga fazer com que acabe êste horror

FIDÉNCIO

Não espere por essa. Isto é só uma pausa. Depois, a bala canta outra vez. Mas tenho de confessar que êsse padre não é o que eu pensava. Que cabra danado! (Abre-se a porta entra Drahomiro Marinho, vestido de padre, à frente do andor, com a custódia erguida diante do rosto. Seguem no vestido de opa e capuz, trazendo o andor com a bandeira de São Miguel, Rosário, êste descalço, João Pito e Serra, homens de Drahomiro. Pousam o andor no chão.)

DRAHOMIRO

(Fala sêco, enérgico, e num tom mais ou menos imutavel.) Como lhe tratam, Heloísa?

HELOÍSA

Drahomiro

FIDÉNCIO

O quê?

DRAHONJRO

(Baixando a custódia. Os cabras já estão de armas apontada. Menos Rosário, que só usa faca.) Pois é. Todos no mesmo lugar. Estremeceu, morreu. (Pondo a custódia numa mesa benze-se.) Deus me perdoe. Mas era preciso.

FIDÊNÇO

Isto é uma...

DRAHONJRO

(Cale-se, velho. Armas no chão. Todos... (Obedecem.) Mande seus homens, lá fora faz o mesmo.)

FIDÊNÇO

A que título?

DRAHONJRO

Diga que é ordem de São Miguel Arcanjo! (Antônio benze-se, fitando o andor. Rosário com movimentos rápidos e silentes, apanha as armas.

VOZ DE HOMENS, FORA VOZES

Viva São Miguel!

Viva!

FIDÊNÇO

(Da janela, com um gesto de desalento) Entreguem as armas. É uma ordem.

DRAHONJRO

Nossos homens estão aparecendo?

JOAO PINTO

Estão, Capitão. (Cessam as batidas do sino)

DRAHONJRO

Bem. Rosário e Serrinha, passem revista na casa, fechem portas e janelas que encontrem abertas. (A Antônio e Sete-Ranchos) Vocês dois fora. (Rosário e Serrinha obedecem. Sete Ranchos e Antônio vão saindo) Um momento. Por que é que esse homem não tem arma?

ANTÔNJO

Sou de boa paz.

DRAHONJRO

É espírita?

ANTÔNJO

Não senhor

DRAHONJRO

É covarde

ANTÔNJO

Também não. E se não fosse demais, queria pedir um favor.

DRAHONJRO

Qual?

ANTÔNJO

Enterrar meu amigo

DRAHONJRO

Consentido. Querendo, pode abrir mai uma cova. Agora, gente, vamos ajustar nossas contas.

(Neste ato, Onofrino está vestido à secular e seus crangas sem opa nem capuz. O crangão de Rui Villela foi retirado. Estão em cena Fidêncio, Gertrudes, Pedro Ivo, Marião, Onofrino, Serrinha e Rosário, os dois primeiros sentados, os demais de pé.)

Roupas: Onofrino de jaqueta preta, de listras, ombros acalchovados; sapato branco e preto; brilhantes na gravata preta e no mínimo da mão esquerda; Serrinha de botinas de elastico, calças brancas, conisa xadrez, presa na cintura, lenço rubro no pescoço, uma fita vermelha amarrada no tornozelo direito.)

JOAO PINTO

(Entrando) Pronto, Capitão. (Tipo forte, Cartuchinhas cruzadas, óculos com um dos vidros esfumaçados. Quer parecer-se com Lampião, usando roupas que se assemelham às do famoso cangaceiro, mas é calvo. Por isso só tira o chapéu para falar com o patrão, cobrindo-o logo)

DRA. QUINZINHO

Tudo feito? Armas arrancadas? Todos os vencidos no curral?

JOAO PINTO

Todos

DRA. QUINZINHO

Quantos homens no rifle tomando conta deles?

JOAO PINTO

Seis. Com ordem de atirar pra matar, em quem fugir.

DRA. QUINZINHO

Deram as batidas?

JOAO PINTO

Demos

DRA. QUINZINHO

Ninguém escondido?

JOAO PINTO

É difícil

DRA. QUINZINHO

E Severino dos Santos, ninguém dá notícia dele?

JOAO PINTO

Quem podia dar era o cavalo. Mas esse não tuge nem mugiu.

DRA. QUINZINHO

(Sentando-se a frente de Fidêncio) Onde está meu homem, Coronel?

FIDÊNCIO

(Depernas cruzadas, no tom de quem conversa normalmente e que procura manter nas falas seguintes. Uma ou duas vezes, até balança um pouco a perna cruzada) (Como é que posso saber? Vai ver que fugiu.)

DRA. QUINZINHO

O senhor, pra fugir, descia do cavalo?

FIDÊNCIO

Nunca fugi, fique o senhor sabendo.

DRA. QUINZINHO

Não fuja mas mente. Heloísa me disse que o senhor prendeu o homem.

FIDÊNCIO

Isso foi um insulto. E tive razão. Enquanto ele estava no meu telhado, o senhor man

DRAHOMIRO

*(Levanta-se)* Eu não era idiota, pra fazer isso.

FIDENCIO

Severino dos Santos também pensava assim

DRAHOMIRO

Pensava?

FIDENCIO

*(Confuso)* Mandei êle de volta, solto, com a resposta devida.

DRAHOMIRO

*(Sentat-se outra vez)* Qual?

FIDENCIO

*(Relazendo-se. Sempre de pernas cruzadas e parecendo apenas conversas)* Que não havia acôndo algum pra fazer.

DRAHOMIRO

Êle virou alcanfor, com o seu recado.

FIDENCIO

Não tenho nada com isso. Vai ver que vocês mesmo passaram fogo nêle.

DRAHOMIRO

Não somos cegos. *(Ergue-se)* Rosário, você que é ligeiro e tem olho vivo, dá um bon por ai, atrás de Severino. *(Sai Rosário, esvoaçando)* Serrinha, chame dona Heloísa. Serrinha para o interior da casa. Quero que ela ouça a conversa que nós vamos ter fique sabendo, por testemunho, quanto vocês valem.

FIDENCIO

Ela há de ver que valemos mais do que você, que não tem raça.

DRAHOMIRO

O sujeito que pediu pra enterrar o companheiro está fazendo mesmo duas covas?

JOAO PINTO

Parece, Capitão. Está cavando feito um desenganado.

GERTRUDES

Por que o senhor não pega sua noiva e vai embora? Peço perdão por meu filho.

PEDRO JOVO

Ninguém está querendo isso

FIDENCIO

*(Descruzando as pernas e abandonando o tom coloquial!)* Cale-se Gertrudes.

GERTRUDES

Peço perdão também por você

FIDENCIO

Ainda não morri. *(Entram Heloísa e Serrinha. Heloísa senta-se)*

DRAHOMIRO

Bem. O senhor disse que não havia acôndo. Mas agora a política vinou, estou com v na minha mão. Qual é a nova resposta?

FIDENCIO

A mesma

DRAHOMIRO

Não sei donde lhe vem a teimosia. O senhor é gente ou mulo?

FIDENCIO

Gente para gente e mulo para os mulos

DRAHOMIRO

Fui ofendido e venci a contenda. Tenho todos os direitos coronel. Os direitos de quem foi prejudicado e os direitos de quem está de cima. Mas nunca, na vida, abusei dos poderes: dou sempre uma oportunidade.

PEDRO IVO

(Ansioso) Mantém a proposta?

DRAHOMIRO

É isso que estou dizendo. Truco você por um pedaço de terra.

FIDÉNCIO

(Engue-se) Nunca!

PEDRO IVO

Nunca por que? (Subitamente continua avançando se medo)

FIDÉNCIO

(Abatido) Um Cavalcanti Lins não engale essa humilhação. (Senta-se pesadamente)

DRAHOMIRO

Está pensando que falo por brincado? Ou prefer mesmo ver o filho morto a perder hectares de massapé?

PEDRO IVO

O senhor ia fazer uma proposta mau pai. Por que não faz agora? (Heloísa erguese com vivacidade)

HELOÍSA

Quero voltar para o quarto.

DRAHOMIRO

Prefiro que fique.

HELOÍSA

(Falando sobre o ombro) Diziam que você queria se casar comigo, mas por causa das ras de meu pai. Estou vendo agora que essa era a verdade.

DRAHOMIRO

Preciso de você.

HELOÍSA

Se precisasse mesmo, não devia ter deixado me trazerem.

DRAHOMIRO

Estava sem arma e sem cobertura.

HELOÍSA

(Encarando-o) Mesmo assim

DRAHOMIRO

Agi com prudência e agora estou aqui. Não adiantava ter me atracado com você e morto ali mesmo.

HELOÍSA

(Afastando-se) Sei de gente que talvez houvesse feito isso.

DRAHOMIRO

Quem?

MARISALVA

Todo mundo sabe que o senhor se morde, desde muito, pelos cabedais que ela tem.

DRAHOMIRO

Isso também faz parte da pessoa. Não se pode querer alguém como a senhora, um pobre velho que não faz sombra no chão. (Marisaura volta-lhe as costas, num gesto tenso e po-

LEMINIANO

HELOISA

Por mim voce pode ficar com todas as minhas sombras. Não comigo.

DRAHOMIRO

Isso sou eu quem decido

HELOISA

Eu estava entregue a vontades alheias- Não estou mais.

MARISAUARA

(Ainda de costas, lentamente) Por que não pergunta outra vez Drahomiro Marinho, pra saber se ela merece fe, por Severino dos Santos?

HELOISA

(Desesperando-se) Já disse o que sabia. Vi que ele foi preso.

MARISAUARA

(Ainda lenta, porém voltando-se) Por que não lhe pergunta se ela e todas as sombras que faz ouviram um tiro?

FIDÊNCIO

Que conversa é essa?

DRAHOMIRO

Ouviu?

HELOISA

Ouvi

DRAHOMIRO

E como não falou?

HELOISA

Ouvi um tiro, depois música, todos cantarem e em seguida outros tiros. Quando cheguei na sala, havia um morto. Não era Severino.

MARISAUARA

Ela não tinha dito isso. Nem que Severino dos Santos está morto. (Fidencio levanta-se Pedro Ivo e Gertrudes voltam-se para ela)

ROSÁRIO

(Entrando) Nem sombra do homem

DRAHOMIRO

(À Marisaura) Onde está? (Breve pausa)

MARISAUARA

(Olhando de face os parentes) Perto do chiqueiro dos porcos. (Com uma bala nas costas.

FIDÊNCIO

Mentira! Que pretende com isso?

DRAHOMIRO

Vamos comigo, Serrinha. Se isto for verdade, velho, vocês vão mesmo ter de fazer acôr-do algum. (Sai com Serrinha. Rosário, de cócoras no assento de uma cadeira, olha com enternecimento para Heloisa. No decorrer das proximas falas, proferidas aliás num ritmo intenso, engue-se em dado momento e, tirando de dentro da camisa uma flor, oferece-a a Hloisa)

PEDRO IVO

E agora?

FIDÊNCIO

Essa minha sobrinha não passa mesmo de uma cachorra.

MARISAURA

Eu falei a verdade.

FIDÊNCIO

É pra mim que há mais de seis anos eu lhe dou de comer. Mas que é que se pode esperar da filha de um homem chamado Luiz Pereira e que quando registra a criatura no cartório não lhe pôs nenhum nome de mulher? E minha irmã, quando deixou de se casar com gente, pra querer um vendedor de bode chamado Luiz Pereira, também já estava degenerada.

MARISAURA

Não fale assim dos mortos

GERTRUDES

Por que você fez isso Marisaura? Sempre lhe tratei tão bem!

MARISAURA

Não sei porque fiz. Mas fazia agora novamente. Trinta, quarenta vezes. (Fidêncio esto-  
feteia-a)

GERTRUDES

Fidêncio!

MARISAURA

Pode bater-me o quanto quiser. Mas a verdade está dita, vocês estão perdidos.

FIDÊNCIO

Sua vagabunda. Fim de raça.

MARISAURA

Todos, vocês são todos fim de raça. Vocês estão morrendo.

FIDÊNCIO

Putá!

JOÃO PINTO

Não bata mais na moça Coronel.

FIDÊNCIO

Quem é você pra me dar ordem aqui? (Marisaura precipita-se debruços nos primeiros degraus da escada.)

JOÃO PINTO

Eu, não sei. Mas esse aqui é um rifle. Estou falando por ele. (Pausa. Movimentos silenciosos, respirações agitadas. É nesse momento que Rosário oferece a flor voltando a agachar-se na cadeira. Heloisa guarda a flor no seio.)

DRAHOMIRO

(Entrando com violência, seguido de Serrinha. Expectativa) Nossas conversas acabaram. (A Pedro Ivo) Você, saia. E você velho, só não lhe mate também, por respeito à velhice. Não por respeito a você. É à velhice.

FIDÊNCIO

(Patético) Não mate meu filho.

DRAHOMIRO

Acabou-se a conversa!

FIDÊNCIO

(Em tom baixo) Mate-me no lugar dele.

DRAHOMIRO

Não queira me abalar, coronel. Conheço esses truques. Seu filho vai morrer.

FIDÊNCIO

(Acusador)

FIDÊNCIO

*(Acusador.) É covarde matar um homem assim, sem armas.*

DRAHOMIRO

*Todos vocês estavam com armas quando cheguei. (A João Pinto e Serrinha) Levem esse cabra.)*

FIDÊNCIO

*(Cociliador) Esperem! É a última palavra?*

DRAHOMIRO

*Não tenho tempo a perder com suas manhas!*

FIDÊNCIO

*(Com esforço) Se você deixar meu filho vivo, ofereço um terço do Cansa-Cavalo. (Energico) Veja que o homem que morreu era um ninguém, um cabra de terceiro, sem nome nem valia. Dou-lhe um terço do Engenho.*

HELOISA

*(Falando para si mesma e não podendo controlar um súbito tremor) Queria estar debaixo da árvore, preciso ficar sob a árvore, à sombra daquela árvore, (Do fundo da alma) Tudo isso, pra mim cheira a coisas podres!*

DRAHOMIRO

*(Segurando-a) Dinheiro e terras não cheiram a podridão. O que cheira a podre é o medo e a miséria. (Solta-a. Ela parece inerte)*

FIDÊNCIO

*(A Drahomiro) Diga se concorda (Breve pausa)*

DRAHOMIRO

*Concordo; mas não com um terço (Fixando o velho) Metade. Linha reta, pegando a casa grande. A metade ligada ao Timonante, fica pertencendo ao Timonante*

FIDÊNCIO

*(Indignado) Não estou de acordo*

PEDRO JOVO

*Não recuse meu pai*

DRAHOMIRO

*Metade ou nada.*

FIDÊNCIO

*(Com desânimo) Nada então.*

PEDRO JOVO

*(Cujos medos estão chegando ao auge) O senhor não pode recusar desse modo. Não vê que está decidindo a minha morte?*

FIDÊNCIO

*(Forte) Não faço um negócio desse.*

GERTRUDES

*(Monocórdica) Vamos chorar o resto da velhice, Fidêncio Lins.*

FIDÊNCIO

*(Abatido) Pode levar meu filho.*

PEDRO JOVO

*(Desesperado) É pena que o senhor quando morrer, seja um cadáver do tamanho dos outros.*

FIDÊNCIO

*Quando eu morrer, todos vão dizer: "Morreu um homem". Ninguém pode afirmar o mesmo de você.*

(Quase soluçando) Heloisa... (Heloisa nem sequer o olha. Dir-se-ia ausente.)

DRAHOMIRO

Levem esse sujeito daqui! Rápido. Atenção de pés e mãos, aguardem minhas ordens. (Serrinha e João Pinto arrastam Pedro Ivo)

FIDÊNCIO

Não podia ser de outro modo Gertrudes.

GERTRUDES

(Impassível) Eu sei, Fidêncio. A sessenta e seis anos que você está certo. Você é infalível.

FIDÊNCIO

Era demais. Como podia estar certo de que assinava os papéis e depois esse homem matava meu filho na tocaia?

GERTRUDES

(Sempre com aparência impassível. Uma espécie de frieza constante.) Você tem razão, Fidêncio. Mas nunca mais me dirija a palavra.

FIDÊNCIO

Com quem eu de falar? (Rumor de campainhas)

DRAHOMIRO

O cabriolé de seu pai está chegando, Heloisa. Ponha o véu e vamos.

HELOISA

(Sempre ausente) Quero deitar-me a sombra daquela árvore.

DRAHOMIRO

Peste de árvore é essa? Está ficando louca? (Rosário salta Lépido, da cadeira)

HELOISA

(Mais senhora de si, porém sem olhar Drahomiro) Meu pai vai me levar pra casa, tem de levar-me pra casa. Nunca mais na minha vida quero ouvir sua fala, nem olhar seu rosto. Você pensa que todo mundo é bicho, coisas que se vendem.

DRAHOMIRO

(Categórico) Você é minha noiva

HELOISA

(Engue-se e encara-o) Era! (Entra Coriolano de Barros Wanderley. Idoso, claro, branco fala um tanto pausadamente. Todo de branco inclusive aghavata e o colete. Sapatos castanhos.)

CORJOLANO

Dão licença?

FIDÊNCIO

(Brando. Sem estender a mão) Pode entrar, Coriolano. Você não se esqueceu que a casa minha: pede licença para entrar. Vê-se que é um Wanderley.

CORJOLANO

Obrigado, Fidêncio. Meus respeitos Gertrudes. Como vai, minha filha?

HELOISA

(NO mesmo tom ausente de antes) Quero que o senhor me leve pra casa.

CORJOLANO

Ja cuidamos disso. Deixe-me falar primeiro de Pedro Ivo. Fez o que não devia, mas mesmo assim me causa compaixão. Quero pedir por ele Drahomiro Marinho.

DRAHOMIRO

A afronta que êle fez a nós todos não pode ficar sem castigo, Coronel.

CORIOLANO

Não tem de ser, forçosamente, a morte. Se você aceitar o terço que Fidêncio Cavalcanti oferece e perdoar o rapaz, êle se compromete a deixar para o resto de sua vida, o estado de Pernambuco. Foi o que me disse agora. Pediu pra falar com você. Acho que a minha posição e a minha idade dão-me autoridade para isso. E depois, Drahomiro, o pedaço de terra que Fidêncio Cavalcanti, lhe oferece, não é para se desprezar. Equivale quase, ao Bom-Minar inteiro. Pense com frieza.

DRAHOMIRO

Nunca volto atrás em minhas decisões, Coronel. O senhor sabe disso. Mas talvez, em consideração ao senhor, eu abra uma exceção. Rosário, diga a João Pinto e Serrinha que tragam aquele cachorro. (Sai Rosário)

FIDÊNCIO

(Ansioso) Você vai aceitar? Não vai matar meu filho?

DRAHOMIRO

(Sempre sêco) Veremos

FIDÊNCIO

Não vai servir de muito para mim, Coriolano, ter um filho longe. Estou velho, precisava dêle para confiar as minhas terras. Mas enfim sempre é melhor saber que êle está vivo embora fugido. (Entram Serrinha e João Pinto, precedidos de Rosário, trazendo Pedro Ivo com as mãos amarradas)

PEDRO IVO

(Com um riso deplorável) Não vou morrer? É verdade que não vou morrer? Que vamos entrar num acôrdo? (Cenca-o um silêncio constrangedor.) Então?...

DRAHOMIRO

Quero saber se você é capaz de me pedir perdão, de joelhos, na frente dos seus homens

FIDÊNCIO

(Atravessando-se) Isso nunca! Nunca!

PEDRO IVO

Guarde o seu orgulho para o senhor mesmo. Não quero morrer.

CORIOLANO

Por que essa exigência Drahomiro? Por que de joelhos, diante dos outros?

DRAHOMIRO

Só assim posso ficar certo de que êle vai mesmo embora e nunca mais bota os pés aqui.

FIDÊNCIO

(Lento e inexorável) Se você, Pedro Ivo, vai submeter-se a essa humilhação, é melhor mesmo que eu nunca mais lhe ponha os olhos em cima.

PEDRO IVO

(No mesmo tom.) Se eu tivesse, como senhor, poucos anos de vida pela frente, teria o mesmo orgulho.

FIDÊNCIO

(Explode) Não estou à morte, fique você sabendo. E meu orgulho é tão velho quanto eu. Suma-se! Vá cravar-se no curral, com a boca no extrume.

PEDRO IVO

(Como que implora) Mãe, a senhora quer que eu morra?

GERTRUDES

Ninguém pode arcar com a sua vergonha ou a sua morte, meu filho. Só você mesmo. (Entra Antônio Vilela. Heloisa logo se recompõe do torpor e fica tensa)

PEDRO IVO

Seu Antônio Vilela! Devo morrer pra alimentar o orgulho de meu pai? Responda. (Antônio caminha para o centro da sal) O senhor precisa responder.

ANTÔNIO

(Com dificuldade, pois o que tensiona fazer é árdua) Meu amigo está morto e enterrado.

PEDRO IVO

Quem tem nada com isso?

ANTÔNIO

Enquanto abria o chão, pensei nos antigos cavaleiros andantes e decidi enfrentar a minha sorte. Se tenho de morrer, já fiz a cova. (Marisaura ainda sobre os degraus ergue a cabeça)

PEDRO IVO

Que conversa é essa?

DRAHOMIRO

Não foi pra você, que mandei fazer outra.

ANTÔNIO

Acho que sim. Meu amigo era Rui do Pajeú.

DRAHOMIRO

(Atingido) Não conheço

ANTÔNIO

Eu sou o homem que o senhor mandou assassinar por ele

HELOSSA

Por que?

DRAHOMIRO

Ele está variando

ANTÔNIO

Rui mesmo me contou, na hora de morrer.

HELOSSA

(Com animo) Por que mandou matar esse homem?

ANTÔNIO

Isso eu nunca soube. Agora, que estou nas suas mãos, gostava que dissesse. Antes de matar-me.

DRAHOMIRO

Não vou mata-lo. Não sei quem é o senhor.

ANTÔNIO

(Mais seguro) Deixe de conversas. Rui não ia mentir.

CORSOLANO

Ele e o amigo dominaram em nossa casa ontem, Drahomiro. É um bom homem. Que tem você contra ele?

DRAHOMIRO

Se ele tem memória e consciência, não é preciso que eu diga.

ANTÔNIO

Nunca fiz nada que merecesse má fé.

CORJOLANO

Que falta ele cometeu, Drahomiro? Vocês nem se conheciam!

DRAHOMIRO

Não quero saber disso. Minhas preocupações hoje são outras. (A Antônio) Suma-se daqui

ANTÔNIO

Antes que o senhor mande um seu capanga atrás de mim, quero saber por que crime respondo

HELOISA

Que foi que ele fez?

CORJOLANO

Vamos, que foi?

DRAHOMIRO

Fugiu com a mulher de um homem. Agora, que Rui do Pajeú não pode mais protegê-lo, vou acertar sua tampa. (Marisaura ergue-se rápida, atraída pela conversa.)

ANTÔNIO

Isso é mentira. Nunca fugi com mulher

DRAHOMIRO

Fugiu com Maria Ursula

PEDRO IVO

Não pode ter sido

MARISAURA

(Intencional) (Ainda apoiada no corrimão) Por que não, Pedro Ivo?

HELOISA

(Indignação contida) Isso é verdade seu Antonio Vieira?

ANTÔNIO

A primeira vez que ouvi esse nome foi aqui

HELOISA

E se estiver mentido

ANTÔNIO

Todos os outros podem acreditar, dona Heloisa. Mas a senhora não quero que acredite.

DRAHOMIRO

Não admito que fale com ela

ANTÔNIO

Tenho de me defender

CORJOLANO

Que provas você tem, Drahomiro, do crime desse rapaz?

DRAHOMIRO

Encontrei papéis com o nome dele, em poder da finada. Os papéis estavam na sela do cavalo. Esse cabra escondeu-se, quando pressentiu que meus homens e eu íamos chegando.

ANTÔNIO

(Cada vez mais seguro) Não me chame de cabra.

DRAHOMIRO

Chamo do que quizer

ANTÔNIO

Me trate como gente

CORJOLANO

MELOISA

Não

FRANCISCO

Estou por baixo, mas isso aqui ainda é minha casa. Não deixo que batam no homem. Ele é meu hospede

ANTÔNIO

(Contando a história com dificuldade. Recordar isto o aflige.) Sua mulher ia fugindo. Mas não comigo Ia fugindo sózinha. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Pra onde, não sei; e por que, não me disse. Eu também ia só no meu cavalo, aproveitando a fresca da manhã. De repente, encontrei um cavalo no caminho, com a perna quebrada (Pedro Ivo tenta ocultar o seu atordoamento. Marisaura revela um interesse feroz e tenso.)

FRANCISCO

Tudo é mentira

ANTÔNIO

O animal era um cartão-pedras, de preço, com sela de mulher.

FRANCISCO

Só isso é verdade.

ANTÔNIO

Vê que a montaria devia vir de longe e no galope. Apesar de ser madrugada, ele estava coberto de suor. Me lembro de tudo. Desci do meu cavalo e fui olhá-lo de perto, Foi quando vi a mulher correndo para mim. Não sei, porque, pensei que era uma assombração e me benzi.

FRANCISCO

Não continue. Não quero ouvir essa história

ANTÔNIO

Pedi, pelo amor de Deus, que lhe vendesse meu cavalo. Ofereceu vinte dobrões de prata e um estribo dobrado. (Pedro Ivo tem um movimento de involuntário. Marisaura olha-o surpresa.)

FRANCISCO

Ela não tinha estribo dobrado.

ANTÔNIO

O senhor deve ter visto, nos arreios do cartão-pedras, a falta desse estribo. Tirei do meu surrao, botei nas minhas costas e nunca mais vi aquela mulher, Soube que foi enforcada.

FRANCISCO

(Em voz baixa) Enforcou-se, ela mesma.

CORSOIANO

Ela disse que ia fugindo

ANTÔNIO

Evasivo) Não me lembro.

FRANCISCO

Disse ou não disse?

ANTÔNIO

Não tenho direito

FRANCISCO

ANTÔNIO

Isso não devo contar. É segredo.

DRAHOMIRO

Desembucha ou não?

ANTÔNIO

(Deslocando-se detem-se vivamente e fala) Ia fugir com outro homem.

DRAHOMIRO

Que homem era esse

ANTÔNIO

Não sei

DRAHOMIRO

E onde estava ele

ANTÔNIO

Ele faltou, mas ela ia embora assim mesmo. Aquê estribo tinha sido um presente

DRAHOMIRO

De quem, de quem?

ANTÔNIO

Do homem que não foi. Tinha dito a ela que a viagem merecia um estribo de ouro.

DRAHOMIRO

E que fez você do estribo?

ANTÔNIO

Levo comigo a toda parte

DRAHOMIRO

Estribo de mulher

ANTÔNIO

Não trago nos arreios. Trago guardado comigo.

DRAHOMIRO

Quero ver

ANTÔNIO

Pra que;

MARSALINA

(Colera surda. Uma alegria malévola) Não é preciso. Posso descrevê-lo

PEDRO IVO

(Quebrando com precipitação o seu silêncio) Tudo isso são coisas do passado. Vamos resolver nossa questão.

DRAHOMIRO

Quero ver o estribo.

MARSALINA

Não precisa. Tem um M gravado.

ANTÔNIO

Como é que a senhora sabe?

MARSALINA

Esse estribo era meu, foi dado por meu pai. Pedro Ivo roubou da minha mala.

PEDRO IVO

Mentira

MARSALINA

FJIDENCIO

Cachorra! É a segunda vez que ela nos morde

DRAHOMIRO

Voce tem certeza do que esta dizendo?

MARISAURA

Mande ver o estribo

DRAHOMIRO

Onde é que está?

ANTONIO

Está nas minhas buacas ai fora

DRAHOMIRO

Rosário, vá buscar (Sai Rosário)

PEDRO IVO

Isso não prova nada. Ela mesmo pode ter dado o estribo.

MARISAURA

● Foi voce. Foi voce.

FJIDENCIO

Voce devia ter nascido morta. Porque voce não se deitou com ela, Pedro Ivo. Tinha evitado tudo.

DRAHOMIRO

(A Pedro Ivo) Quero saber se é verdade, Com voce ou com outro, a diferença é pouca.

PEDRO IVO

Nunca tive nada com Maria Uns. la.

MARISAURA

Não adianta negar

PEDRO IVO

Nunca tive nada

DRAHOMIRO

● João Pinto... Serrinha... (Os tres aproximam-se de Pedro Ivo... Drahomiro Marinho insiste te com Pedro Ivo) Vamso!

FJIDENCIO

(A Marisaura) Vá arrumar seus panos. Aconteça o que acontecer, você hoje não dorme nesta casa. Vá para o inferno! E você Pedro Ivo? Esta falando a verdade? (Sobe Marisaura)

DRAHOMIRO

Vamos de uma vez. Não quero cometer o mesmo erro de mandar matar o homem errado. (Confessa ou não?)

PEDRO IVO

Não vou confessar o que não fiz.

FJIDENCIO

Está forçando o rapaz.

DRAHOMIRO

Não se meta

FJIDENCIO

Ele está inocente

DRAHOMIRO

O senhor, quer que eu lhe jogue a boca a bala? (Entra Rosário, com o estribo, Drahomiro

(Sai) Ah quando vai ficar no fundo?

PEDRO IVO

(Com expressão vingativa e, ao mesmo tempo desesperada) Quer mesmo saber? Então ouça. Ouça... Eu ia embora com Maria Ursula.

FIDENCIO

Meu filho

PEDRO IVO

Estava tudo certo. (Aproxima-se e afasta-se de Drahomiro, como cão feroz que late com medo) Mas eu não sentia coisa alguma por ela. Não sentia nada, nada, nada. Aquelas mãos suadas, aqueles braços frios. Queria tira-la de voce e depois larga-la po ai. Era isto. Mas depois achei ~~melhor~~ que não valia a pena. Bastava eu saber que ela lhe detestava. Que aceitou ir comigo, bastava isso. Por que não fala? Fale, continue gritando.

DRAHOMIRO

Continue

PEDRO IVO

Disse uma vez a sua mulher que achava melhor se não houvesse noites. E que voce não era muito homem.

DRAHOMIRO

Não podiam dalar sobre tantos assuntos, Nunca estavam a sós e voce ia pouco a minha casa.

PEDRO IVO

Enquanto voce ia dar uma ordem ou abrir uma janela. E depois, pra que muita conversa? Ela estava querendo um outro homem, um homem de verdade, e esse fui eu. Tomei sua mulher e não quis, dei-lhe com os pés. Ela se enforcou por minha causa.

DRAHOMIRO

Esse concolavace não tem. Fui eu que meti-lhe o pescoço na corda. (Movimento de honra de Heloisa que leva a mão a garganta)

PEDRO IVO

Isso é o que voce diz

DRAHOMIRO

Fui eu. E agora chegou a sua vez. Disse que é mais homem do que eu. Pois vai morrer menos homem do que qualquer outro. Nem é um homem que voce vai morrer, É uma banda. Um bagaço de homem (Pedro Ivo está arquejante)

FIDENCIO

Não faça malvadeza com êle

DRAHOMIRO

João Pinto... Serra... Podem leva-lo.

DRAHOMIRO

Atenda voce também Gentrudes. Talvez lhe atenda.

DRAHOMIRO

Amanhem esse ponco e joguem ele no chão, com a boca na terra. Cara pra baixo, no pó. E tres ou quatro homens de rifle em cima dele. Depois voltem. Já dou minhas ordens (Se João Pinto e Serrinha com Pedro Ivo) (Este levado com brutalidade abre a boca parece querer falar não emite um som.

FIDENCIO

(Querendo segui-lo) Meu filho!

DRAHONIRO

O senhor fica. (A Antonio Vilela, lento e cortante nesta e nas falas subsequentes)  
E o senhor... pode ir. Leve seu estribo e nunca mais apareça por aqui. Estrada sem dono.

ANTÔNJO

(Firme) Posso não entrar no seu engenho. Mas que não apareça por aqui, isso não promete.  
Estrada não tem dono.

DRAHONIRO

Eu estou lhe dizendo que não venha.

HELOISA

(Emocionada, com certa doçura) Quero que o senhor, um dia, me faça uma visita na casa  
meu pai.

DRAHONIRO

Se, for va escondido

CORJOLANO

Por que isso? É um bom homem. Não teve culpa do que sucedeu.

DRAHONIRO

Pode ir, Antonio Vilela. E lembre-se: eu avisei.

ANTÔNJO

(A Heloisa) Quero deixar este estribo com a senhora. Não deu sorte uma vez. Mas da  
outra quem sabe?

HELOISA

(Com esperança) Que outra vez é essa?

DRAHONIRO

Já o mandei embora.

ANTÔNJO

Pode ser que um dia a senhora resolva fazer uma viagem grande e mudar sua vida. Quer  
que fosse com um estribo assim: Os cavaleiros andantes usavam estribos de ouro.

DRAHONIRO

Não receba Heloisa.

HELOISA

(Segura de si) Por que?

DRAHONIRO

Por que não quero.

HELOISA

Não sou mais sua noiva.

DRAHONIRO

Desde quando?

CORJOLANO

Voce acabou de confessar que assassinou Maria Ursula

DRAHONIRO

Ela me traiu

CORJOLANO

Mesmo assim. Pensei mais em meus próprios interesses que nos interesses dela; Mas a  
gora penso de outro modo.

DRAHONIRO

Então está tudo desfeito?

CORJOLANO

Tudo

DRAHOMIRO

Bem (Uma cólera surda) Agora é vocês que vão conhecer, vocês e seu orgulho, apodrecido, o peso de Drahomiro Marinho

CORJOLANO

Não esteja tão certo.

DRAHOMIRO

(Sua cólera via crescendo) Não via ser possível ao senhor, nem a esse velho mentiroso, suportarem viver na minha vizinhança (A Antônio) E o senhor, pensando melhor, bem que merece um castigo.

HELOISA

(Interpondo-se entre Drahomiro e Antônio) Ele vai embora

DRAHOMIRO

Não conhecia a mulher. Mas sabia que era casada e mesmo assim deu-lhe ajuda pra fugir.

ANTÔNIO

Não sou juiz do mundo.

HELOISA

(Desafiadora mas com nobreza de tom) Deixe o homem em paz.

CORJOLANO

Não peça. Quanto mais voce pedir mais ele enraivece.

HELOISA

Tenho de pedir. Não vou ouvir calada essa ameaça.

ANTÔNIO

O senhor reduziu a uma coisa triste o filho desse velho. Quero dizer-lhe uma coisa: não vai conseguir fazer o mesmo comigo.

DRAHOMIRO

Todo mundo sabe falar grosso, enquanto não enxerga a morte pela frente.

GERTUDES

Não pedi por meu filho Mas peço por esse estranho: deixe ele ir embora. (Entram João Pinto e Serrinha.)

JOÃO PINTO

Pronto capitão. O homem está amarrado e já gado no chão.

DRAHOMIRO

Quanto no rifle?

SERRINHA

Quatro

DRAHOMIRO

Bem. Agora arranjen um chicote. Vamos dar uma surra nesse cabra. Pra nunca mais ajudar mulher de ninguém a fugir.

CORJOLANO

Não faça isso.

GERTUDES

Também peço por ele

HELOISA

(Abraçando-se a Antônio) Ele não vai

DRAHOMIRO

Como não?

ANTONSO

(Desprendendo bradamente de Heloisa) O que lhe sustenta em pé é a sua prepotencia. Tendo isso, não lhe fica mais nada. Mas o senhor, pa mim está vazio. Sua prepotencia não pode comigo.

DRAHOMIRO

Um home que levou uma pisa não é homem.

ANTONSO

Continuo homem e com brio., ainda que o senhor me arranque o lombo. Só deixo de ser homem. quando digo sim a umilhação. O senhor pode me arrancar meu nome de homem. Somente eu podia fazer isso. Mas nunca fiz nem nunca faço

CORSOLANO

Seu Antonio Vilela. O senhor está errando. Nunca se exaspera um adversário

DRAHOMIRO

Espere. Pra voce, tenho coisa melhor do que uma surra.

HELOSSA

Meu pai use o seu poder. Não deixe o mogo no desvalimento.

DRAHOMIRO

Quem de voces quer comprar esse mascate? É meu prêmio. Dou por cem mil reis.

ANTONSO

O Senhor não pode me vender. Não sou bicho

DRAHOMIRO

Mas é minha posse

ANTONSO

Precisava meu consentimento

CORSOLANO

Deixe-me falar com o Capitão, seu Antonio Vilela.

ANTONIO

Não

HELOSSA

Pelo amor de Deus, deixe meu pai falar pelo senhor

DRAHOMIRO

Quem compra?

ANTONSO

Nem eu mesmo

DRAHOMIRO

Não tem saída. Mascate, Se não lhecompram morre no chicote. Lhe ofereço a vida.

ANTONSO

Pra mim o que vale é viver como homem. Um homem não se vende.

DRAHOMIRO

Não vou lhe dar mais uma vez a escolha. Esta é a ultima.

ANTONSO

Tanto faz minha resposta é não

DRAHOMIRO

Então não se queixe. Foi você quem escolheu. João Pinto e Serval! Matem esse cabra no

HELOISA

(Sem umildade) Não faça isso. Peço por tudo

DR. ANTONIO  
 Já dei a sentença  
 HELOISA

Então, me mande com ele  
 CORJOLANO

Minha filha  
 DR. ANTONIO

Por que isso? Que quer dizer isso?  
 HELOISA

(Lentamente) Essa noite eu me deitei com ele  
 ANTONIO

Dona Heloisa  
 HELOISA

Na casa do bagaço. Ontem depois da ceia, ele conversou comigo e com meu pai. Pela primeira vez na minha vida, conheci o que se chama doçura. De noite, fui no quarto dele peguei pela mão e sai.

ANTONIO

Não fale mais  
 HELOISA

Ele me respeitou. Respeitou porque quis. Mas eu tirei a camisa e me ofereci. Ele beijou meu corpo e chorou com o rosto nos meus peitos. Diga a eles seu Antonio Vilele, eu também chorei, e que naquela hora mesmo eu queria ir embora com o senhor.

ANTONIO

Não devia ter falado. Eu estava perdido mas a senhora possui a sua vida. E agora dois estamos sem futuro.

HELOISA

Não me importa. Eu tive orgulho de me deitar com o senhor e nunca ei de esquecer-lo seu Antonio Vilele. Eu o amo.

DR. ANTONIO

Você deitou nua...  
 CORJOLANO

Em que é que voce está pensando? Eu estou vivo.  
 DR. ANTONIO

Mas não pode comigo. Ninguém pode comigo. Eu faço um gesto e minha ordem se cumpre. Veja! (Abre violentamente a janela e faz um gesto seco para fora. Grito de Pedro Ivo uma descarga de muitos tiros).

CORJOLANO

Você é um louco  
 FIDENCIO

Meu filho... (Gentruedes se benze)  
 DR. ANTONIO

Vou amarrar os dois nus. e chicoteá-los no meio do curral, para quem quiser ver, até morrerem

CORJOLANO

*(Sacando de um revolver) Sou velho, Drahomiro mas ninguem vai fazer isso.*

DRAHOMIRO

*Agrrem esse velho (João Pinto subjuga Conioloano e tira-lhe a arma. Rosário solert mo-  
viemtta-se-)*

CORJOLANO

*Miseravel! Miseravel! (Serrinha mantem Heloisa e Atrônio sob pontaria)*

DRAHOMIRO

*Tranque esse decrepito num quarto. (João Pinto vai saindo com Conioloano. Drahomiro est  
feteia Heloisa) Cadela! (Antonio abraça-a)*

SERRINH

*(Vendo Rosário de faca em punho) Cuidado Capitão! João Pinto! Larga essa faca, Rosário.  
Larga essa faca! Rosário salta e crava a faca em Drahomiro. João Pinto chega correndo e  
vai atinar em Rosário. Conioloano atrapalha o tiro. Drahomiro, caído puxa o revolver e  
acerta nos peitos de Rosário que, por assim dizer voa com a violencia do tiro e via  
cair quase no regaço de Gertrudes. Esta começa a balançar de leve o tronco, mais ou me  
nos no ritmo da canção inicial.)*

CORJOLANO

*A contenda acabou. (A Serrinha e João Pinto) Voce agora, não tem mais patrão. Não ha  
mais por que lutar. Podem ir, chamem os outros homens, soltem o presos, Já houve mont  
demais. (Gertrudes, abrindo a camisa de Rosário, tira de seu peito algumas flores qua-  
se murchas)*

HELOISA

*E, eu meu pai?*

CORJOLANO

*(Com secreta amargura) Voce tem seu destino nas mãos. Faça o que quiser de sua vida.  
Dou-lhe a minha benção.*

HELOISA

*Se seu Antonio Vilela por acaso quisesse me levar, eu ia agora.*

CORJOLANO

*Se ele quiser, vamos os três no meu cabriolé. Você muda de roupa pega suas coisas.  
Depois vai.*

ANTONIO

*Se é pra ir, preferia que a senhora fosse como está. Eu ia num burro, com os meus pe  
çengas; a senhora no outro vestida de noiva. Com o tempo iam dizer que eu passei por  
com duas cargas nos burros: a noite presa e o dia começa. Não quer ser esse dia amanhe  
cendo?*

HELOISA

*(Apos breve hesitação) Vou como estou pai.*

CORJOLANO

*(Sem olha-la) Seja feliz (Heloisa devolve a flor a Rosário. Atrônio deposita sobre ela  
o estribo)*

ANTONIO

*Acho que espalhei muitos males. Talvez por minha culpa.*

FIDÊNÇO

*Isso é de quem está vivo. Semeia acontecimentos. É humano. A gente fala, deixa de fa-  
zer um aceno, e as coisas acontecem. Vão com Deus.*

GENTRUDES

Va com Deus Heloisa. Mesmo que voce morresse do que fez, tinha valida a pena. Eu morren de velha e nunca soube o que foi um instante de doçura. (Saem Heloisa e Antoni Vilela, Coriolano faz um gesto de abençoar. Entra Sete-Ranchos)

CORIOLANO

Pois, é Fidêncio. Toda a nossa naça está no fim. O poder, o nome, a prata nos estribos, nas fivelas do freio e no rabicho da sela, as grandes terras e até o nosso orgulho. Tudo está no fim.

FIDÊNCIO

É isso mesmo, Coriolano. É isso mesmo. São as voltas do mundo. Adeus. (Coriolano retira-se) É meu filho?

SETE-RANCHOS

Nem parece um homem, coronel. Enchem o pobre de bala.

FIDÊNCIO

Vamos continuar... Vá novamente falar com o padre. Diga a ele que venha; buscar as isas sagradas. É que você já pode casar com quem queria. Que não existe mais impedimento. O marido morreu em combate. Vá depressa, antes que fique noite. (Sai Sete-Ranchos. Ouvise as campainhas do cabriolé de Coriolano que se afasta.) Vou ver meu filho Gentrudes. (Gentrudes começa a solfejar em surdina a sua canção. Sai Fidêncio. Desce Marisaura, la na mão. Ajoelha-se junto a Onahorino e olha-o fixamente)

(Concluída a peça surge a critério do Diretor, Rui Vilela, todo de branco, que assim se dirige ao público:

RUI VILELA (Com ênfase)

Eis-me aqui. Desencarnado posso falar mais formoso, metrificado e ritmado num estilo generoso.

A história dou por finda.

Mas terminou a história?

Ou agonia é que começa, a verdade, a de glória?

PBôssaiem amigo ai vai  
Com Heloisa a seu lado  
despertando a voz dos galos  
antes que o sol seja nado

Ide também, todos vós,  
não mais pobres do que antes,  
ponem mais ricos levando  
de nossa lama de errantes,

esta sede, nossa fome,  
algum ouro, alguma lama,  
alguma fonte algum pão,  
nossa força, nossa flama.



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: A GUERRA DO CANSÁ CAVALO
- b) Título original: \_\_\_\_\_
- c) Autor: OSMAN LINS
- d) Tradutor: \_\_\_\_\_
- e) Diretor: \_\_\_\_\_
- f) Produtor: \_\_\_\_\_
- g) Companhia: \_\_\_\_\_
- h) Classificação da Censura: 18 anos

II) Análise

- a) Gênero: Drama
- b) Argumento: Apresenta-nos a sociedade nordestina dos engenhos de açúcar, dos "coronéis" donos da terra e da justiça, acostumados a tomarem para si tudo o que desejavam sem que nada se opusesse a eles. Assim, temos o casamento que visava apenas o aumento das terras, o domínio sobre os outros; a guerra entre senhores de engenhos em que uma vida é trocada por um pedaço de terra; a covardia de um acobertada por capangas; a morte estúpida; a opressão e o desrespeito.
- c) 1 - Mensagem: Positiva, apesar de tudo, o mau é derrotado.
- 2 - Impressão final: Razoável, apresenta-nos alguns personagens mais sensíveis que conseguem atenuar um pouco a rudeza de todos os outros.
- d) Diálogos: Algumas vezes fortes, ríspidos, embora não cheguem a chocar.
- e) Cenas: Ensãio Geral.

f) Personagens: Bem característicos, enquadrados na peça.

g) Valor educativo: Bom, por representar situações ainda hoje existentes em nosso país.

III) Conclusão: Por apresentar algumas cenas violentas que podem impressionar o público ainda não amadurecido, sugiro que seja liberada para maiores de 18 anos.

*Libere-se  
responder  
19/8/70*

Brasília, 18 de agosto de 1970

*Leônidas de Azevedo Sousa*  
Técnico de Censura - Cart. nº \_\_\_\_\_

SR CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA,  
COM OS PARECERES DOS TÉCNICOS DE CENSURA  
HELLE PRUDENTE CARVALHEDO E LENIR DE AZEVEDO SOUSA,  
QUE A EXAMINARAM.

TÍTULO - A GUERRA DO CANSÁ CAVALO

AUTOR - OSMAN LINS

RESTR. \* 18 ANOS \* LENIR

18 ANOS \* HELLE

OBS. ESTA PEÇA JÁ FOI LIBERADA ANTERIORMENTE COM A MESMA IMPROPRIEDADE

*De acordo  
18-8-70  
f*

EM 18 DE AGOSTO DE 1970

*Manoel Miranda Ferreira*  
MANOEL MIRANDA FERREIRA  
CHEFE DA TCTC

NEM. Nº 534/70-TCFC

DO: CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARA: SR. CHEFE DA TCDP /DR/SP

ASS.: PROVIDÊNCIAS (solicita)

Sr. Chefe,

Solicito suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue toda a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por este Serviço esteja de acordo com o observado no ensaio geral, - devendo, posteriormente, ser remetido o respectivo relatório.

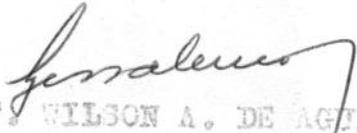
PEÇA: A GUERRA DO CANSA CAVALO

AUTOR: OSMAN LINS

INTER: JOSÉ PAULO VIEGAS MACEDO

END. : R. PADRE CONRADO - FRANCA/SP

Atenciosamente,

  
/ PROF. WILSON A. DE AGUIAR  
Chefe do SCDP.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

imentação

título em Português: "A guerra do Cansa Cavallo"

título original:

autor: Osman Spins

tradutor:

diretor:

produtor:

companhia: Grupo Teatro Amador "Palaz Theater"

classificação da censura: 18 anos

lise

gênero: Drama

argumento: Enredo focalizando usos e costumes do sertão nordestino, início da década de 40, envolvendo senhores de engenho cultores de velhas e antigas tradições, que lutam entre si, cada um movido por interesses variados, e vão do absolutismo do poder à noção de ofensa à honra própria da época. A passagem por afirmação de machismo e apropriação de novas terras, a eclosão de todas essas paixões, acontece com o rapto da filha de um desses senhores, pelo filho de outro dessas personagens. Dentro de toda a trama, sobressai figura encarnada por um mascate, personagem importante no desenrolar e desfecho.

- Mensagem:

Positiva - Nenhum prêmio aos máus

- Impressão final: Ragoável

diálogos: Expressivos - fortes, às vezes, utilizando palavras de uso calão sem que, com isso, procurem agredir a plateia mas, o somente fortalecer os diálogos, dando-lhes cor local.

temas:

f) Personagens: Reais, dentro de sua época.

g) Valor educativo: Apenas o retrato de uma época.

III) Conclusão Em vista do tema apresentar cenas de violência e, seu texto, conter certas liberalidades de expressões, sugiro sua liberação apenas para maiores de 18 anos.

*Desi fu. Cens.  
centro Dep. 6/8/70  
[Signature]*

Brasília, 29 de Julho de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº \_\_\_\_\_

Hellé Prudente Cavalcanti

Sr. chefe da Seç. Censura:

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Téc. Censura Hellé, que a examinou.

TÍTULO: A Guerra do Cansa Cavallo

Autor: Osman Lins

CLASF. 18 (DEZOIT) ANOS

OBS: já liberada ant. mesma impropriedade.

SCDP, 04 de agosto de 1970

[Signature]  
MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da TCTC

*Se acordado com o parecer.  
Lorraine  
5.8.70*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 2852/70

PEÇA == " A GUERRA DO CANSA CAVALO " ==

ORIGINAL DE OSMAN LINS

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 19 de AGOSTO de 19 75

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 19 de AGOSTO de 19 70

**PROIBIDO**  
PARA MENORES DE  
18 ANOS

*Wilson A. de Aguiar*  
\_\_\_\_\_  
Chefe do S. C. D. P. / PROF. WILSON A. DE AGUIAR

M. J. - D. P. F.

**CERTIFICADO DO S.C.D.P.**

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 90, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " A GUERRA DO CANSÁ CAVALO "

Original de OSMAN LINS

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de JOSÉ PAULO VIEGAS MACEDO - R. PADRE CONRADO = FRANCA/SP.

Tendo sido censurada em 18 de AGOSTO de 19 70 e recebido

a seguinte classificação: IMPROPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS

- (CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL ).

**OBS; O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.**

Brasília, 19 de AGOSTO de 19 70

MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384/P.82



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PROC.- 724  
LIV.- 02  
FAG.- 12  
REG.- 3557

A GUERRA DO CANSA CAVALO

DISTRIBUIÇÃO S

ENTRADA

11 / 3 / 71

DISTR.- / /

1a CEN.- / /

2a CEN.- / /

CERT.- / /

SAIDA - / /

TEMPO TRAM  
DIAS.

PROC.- 724  
LIV.- 01  
FAG.- 22  
REG.- 694

OSMAN LINS

Ho Itaquero, em 28.06.71  
Fluency

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

## Grupo Teatro da Cidade

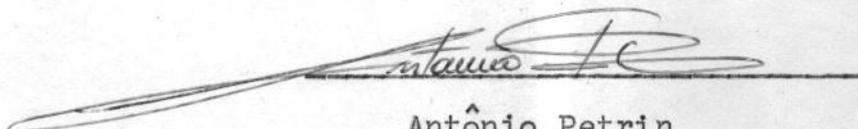
Ao Serviço de Censura do  
Departamento de Polícia Federal

O Grupo Teatro da Cidade - Sociedade Civil e Cultural, com sede a rua Tabaiaras, nº 36, na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, através de seu presidente Antônio Petrin, abaixo assinado, vem a presença de Vs. Sas., a fim de solicitar seja emitido o certificado de censura da peça "GUERRA DO CANSÁ CAVALO", de autoria de Osman Lins, a ser apresentada no Teatro Municipal de Santo André a partir do dia 15 de abril do corrente ano.

Deste Termos,

P. Deferimento.

Santo André, 11 de fevereiro de 1971.



Antônio Petrin

Presidente

Grupo Teatro da Cidade

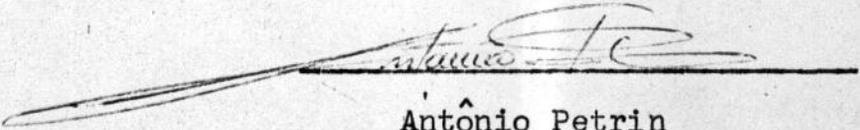
Ao Serviço de Censura do  
Departamento de Polícia Federal

O Grupo Teatro da Cidade - Sociedade Civil e Cultural, com sede a rua Tabalares, nº 36, na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, através de seu presidente Antônio Petrin, abaixo assinado, vem a presença de Vs. Sas., a fim de solicitar seja emitido o certificado de censura da peça "GUERRA DO CANSÁ CAVALO", de autoria de Osman Lins, a ser apresentada no Teatro Municipal de Santo André a partir do dia 15 de abril do corrente ano.

Deste Termos,

P. Deferimento.

Santo André, 11 de fevereiro de 1971.



Antônio Petrin

Presidente

## Grupo Teatro da Cidade

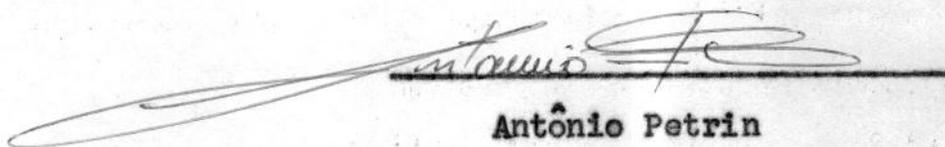
Ao Serviço de Censura do  
Departamento de Polícia Federal

O Grupo Teatro da Cidade - Sociedade Civil e Cultural, com sede a rua Tabaiaras, nº 36, na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, através de seu presidente Antônio Petrin, abaixo assinado, vem a presença de Vs. Sas., a fim de solicitar seja emitido o certificado de censura da peça "GUERRA DO CANSÁ CAVALO", de autoria de Osman Lins, a ser apresentada no Teatro Municipal de Santo André a partir do dia 15 de abril do corrente ano.

Deste Termos,

P. Deferimento.

Santo André, 11 de fevereiro de 1971.



Antônio Petrin

Presidente

# SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

## AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP Nº 15816

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral:

A Guerra do Cansa Cavallo

Original de Osman LINS

Música de

Tradução de

No Teatro Municipal. São ANDRÉ Cidade São Paulo

Empresa Grupo T. da Cidade Pela Cia.

nos dias Para Censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de %

da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$

por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

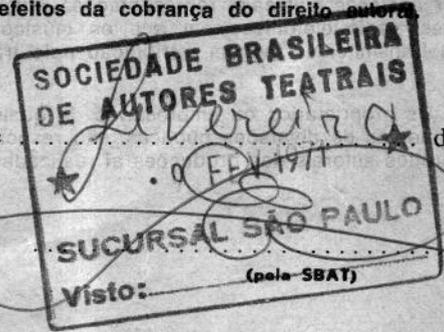
Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

S. Paulo 9

de de 19 41

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.



## Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

### Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

### Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

### Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

### Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

### Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

### Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

### Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

### Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 88

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0384,p.89

OSMAN LINS

Guerra do "Cansa-Cavalo"

um mero  
de quem  
da gravi-  
de comu-

o Houaiss

e cerrado  
ência, em  
linha do  
cede à  
lece ou

ad Moisés

critor Os-  
o Priso-  
ma obra-  
naturgia".

ra Seljan

completam  
Fiel e a  
nte se fe-  
ncípios es-  
exterior e  
gem e o  
e a psi-  
do regio-  
de do in-  
ôrça telú-  
rdestino e  
ritual das  
ções do

i Moreira

teve um  
livro de  
osso mun-  
errogações,  
experimen-  
co criador  
. Não um  
enas in-  
se lúc  
Nove, No-

do Ramo

limitada

rópolis RJ

Horizonte  
re

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

COLEÇÃO  
DIÁLOGO DA RIBALTA  
XXIII

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384<sub>12</sub>-90

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384<sub>1p.</sub> 9L

OSMAN LINS

# Guerra do "Cansa-Cavalo"

*Peça em três atos*



AUTORIZAÇÃO S. D. A. T. Nº 5816

editôra VOZES limitada  
PETRÓPOLIS  
1967

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384<sub>1p.</sub> 9L

BR DFANBSB NS.CPR.TFA PTE.0384, p.92

NOTA: Esta peça, numa primeira redação, foi publicada pelo Conselho Estadual de Cultura — Comissão Estadual de Teatro — do Estado de São Paulo, depois de haver o Autor, com o texto de então, vencido um concurso e obtido o Prêmio Anchieta. Posteriormente o Autor refundiu a peça, sobretudo o III ato. Esta edição reescrita é a única que o Autor considera definitiva para leitura e representação.



Esta peça não poderá ser representada sem licença da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

BR DFANBSB NS.CPR.TFA PTE.0384, p.92

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 93

“Surdos, cegos instando, o monstro infausto  
ah! no augusto recinto o colocamos”.

*Virgílio, Eneida, Livro II*

*Personagens*

GERTRUDES DE ALBUQUERQUE  
LINS — Mãe de Pedro Ivo  
PEDRO IVO DE ALBUQUERQUE  
LINS — Filho do senhor do Engenho  
«Cansa-Cavalo»  
MARISAURA PEREIRA — Prima de  
Pedro Ivo, órfã  
FIDÊNCIO CAVALCANTI LINS — Se-  
nhor do «Cansa-Cavalo»  
SETE-RANCHOS — «Cabra» de Fidên-  
cio Lins  
ANTÔNIO CABRAL VILELA — Mas-  
cate  
RUI VILELA — Seu ajudante  
FANHOSO — «Cabra» do Engenho  
«Cansa-Cavalo»  
SEVERINO DOS SANTOS — Emissá-  
rio de Drahomiro Marinho  
JOÃO-JOÃO — Chefe do grupo enviado  
pelo Engenho «Bombarda»  
DRAHOMIRO MARINHO — Senhor do  
Engenho «Timorante»  
ROSÁRIO — Jovem capanga seu. Tipo  
de cigano  
JOÃO PINTO — Outro capanga de  
Drahomiro Marinho  
SERRINHA — Idem  
CORIOLANO DE BARROS WANDER-  
LEY — Pai de Heloísa. Senhor do  
Engenho «Bom-Mirar»  
HELOÍSA — Noiva de Drahomiro e fi-  
lha de Coriolano

## PRIMEIRO ATO

## CENÁRIO

*Casa-grande de engenho, no Nordeste. Sala de visitas. Móveis de vinhático ou jacarandá. Cômoda, com um oratório. Algumas porcelanas.*

*Passagem para o interior da casa à esquerda e escada levando ao primeiro andar. No fundo, duas janelas e uma porta abrindo para o alpendre; à direita, outra para fora. Talvez uma janela. Além das janelas do fundo, quando abertas, vê-se o azul do céu, pois a casa fica numa elevação; ver-se-á talvez parte do alpendre. Céu claro: é setembro, às duas da tarde mais ou menos. São indicadas, no texto, as entradas e saídas relativas ao interior da casa e à escada. As demais entradas e saídas — se pela porta do fundo, se pela porta da direita — ficam a cargo do encenador.*

*Ao iniciar-se a peça, num domingo, em 29-9-1940, dia de São Miguel, Gertrudes, de negro, está fazendo renda e cantando. Ouve-se o bater dos bilros. Marisaura, de sapato baixo, grosseiro, num vestido claro, simples e não muito feminino, olha concentradamente através da janela.*

*Nas falas iniciais, e até à chegada de Fidêncio, a ação, como que à procura de*

*um caminho, não se define. O encenador não deve disfarçar, por quaisquer meios, essa indecisão, e sim acentuá-la, através dos três personagens envolvidos na primeira cena, à margem da corrente que ainda não os alcançou e que em breve os envolverá, precipitando-se no desespero ou na morte.*

*O autor ficaria grato se a Direção desta peça, não dispondo de elementos nordestinos para interpretá-la, afastasse qualquer preocupação de imitar a pronúncia do Nordeste. Pois não se trata, aqui, de retratar um mundo, e sim de recriá-lo.*

#### **GERTRUDES**

*(canta)*

Tive uma filha e três filhos  
na minha vida tão triste.  
Dos quatro morreram três,  
chorar é o bem que me assiste.  
A menina nasceu morta,  
ai, chorei mais do que pude.  
Um filho morreu pequeno,  
afogado no açude.  
Outro morreu na tocaia.  
Não tenho quem me conforte,  
pois o filho que me resta  
vive andando atrás da morte.

#### **PEDRO IVO**

*(entrando. Calças de linho claro, camisa de sêda-palha, sem gravata, os punhos abotoados. Relógio de algibeira. Sapatos comuns, sola de borracha. Dá uma impressão de violência, porém não de firmeza. Com ar de censura)*

Cantando isso outra vez?

**GERTRUDES**

Pois é. Quem canta seus males espanta.

**PEDRO IVO**

Acho que a senhora faz sempre o contrário: chama.  
E pra cima de mim.

**GERTRUDES**

*(impassível. Tem sempre uma expressão de cansaço. Mágoa concentrada, estagnada, podre)*

Você vai morrer cedo, Pedro Ivo. De tanto andar atrás de quem não deve.

**PEDRO IVO**

Tenho quase trinta. Já não é tão cedo.

*(Olha o relógio)*

**MARISAURA**

Que calor!

*(Aproxima-se de Pedro Ivo, olha-o firme, fala destacando as sílabas)*

Não era num dia assim, que eu queria casar.

**PEDRO IVO**

*(como se não percebesse a sua intenção)*

Você não vai casar, Marisaura. Nem tempo de sol, nem tempo de chuva.

**MARISAURA**

Não são somente as Heloíças que casam. As Marisauras também, mesmo sem cabedal.

*(Ela e PEDRO IVO trocam um rápido olhar de desafio)*

**GERTRUDES**

*(indiferente aos propósitos ocultos no diálogo anterior)*

Quando eu e Fidêncio nos casamos, chovia! Passei a noite quase tôda sòzinha, ouvindo a chuva.

**PEDRO IVO**

*(grosseiro, por cima do ombro)*

Nem tôdas as noites foram iguais a essa...

**GERTRUDES**

*(lenta)*

Nenhuma foi igual àquela.

**MARISAURA**

*(olhando para fora)*

Capaz de a procissão não vir até aqui. Com tôdas essas ladeiras pra subir!

**GERTRUDES**

Lá pra as cinco ou cinco e meia, êles chegam. Já vieram uma vez, há treze anos. Você verá. Isso aqui vai ficar cheio de môças. Podia olhar, Pedro Ivo, ver se tem alguma que sirva pra você. Já é tempo de acabar com essa história de andar cercando mulheres perigosas, arriscado a levar um tiro nas costelas.

**MARISAURA**

Êle não se arrisca tanto quanto a senhora pensa. Sabe dar para trás nas horas certas.

**PEDRO IVO**

Por que diz isso?

*(GERTRUDES pára o trabalho)*

**MARISAURA**

*(evasiva)*

Que calor!

**PEDRO IVO**

*(aproximando-se)*

Estou perguntando por que você diz isso.

**MARISAURA**

*(cortante)*

Porque sei.

*(PEDRO IVO afasta-se. Breve pausa)*

**GERTRUDES**

*(recomeça o trabalho)*

Acho que a bandeira de São Miguel nunca foi tão mal recebida como vai ser hoje. Nem foguetes, nem comes e bebes. Em 27, foi bem diferente. Fidêncio, depois de velho, está dando pra sovina.

**PEDRO IVO**

Não podemos mais andar gastando dinheiro com bobagem.

**GERTRUDES**

E êsses homens no rifle, que não fazem nada?

**PEDRO IVO**

Como é que não fazem? Se não fôsem êles, Drahomiro Marinho tinha comido bem metade do engenho.

*(GERTRUDES pára o trabalho, ao nome de DRAHOMIRO)*

Com os nossos homens no rifle, não tem mês que não avance um pouco nos babados! Imagine sem armas.

*(GERTRUDES retoma os bilros)*

**MARISAURA**

*(a PEDRO IVO, com uma espécie de secreto prazer)*

Ouvi dizer que no Engenho dêle há uns quartos grandes, de telhado alto. E' verdade, primo?

**PEDRO IVO**

Não sei. Nunca entrei nos quartos do Timorante, no tempo em que ia lá.

**MARISAURA**

*(sempre com malévola intenção)*

Pensei que conhecia a casa tôda...

**PEDRO IVO**

Você tem sempre alguma coisa de atravessado pra dizer, quando fala no Timorante.

**MARISAURA**

Você ia tanto lá, antes que... a mulher de Drahomiro Marinho *aparecesse morta!*

**GERTRUDES**

(*detendo-se outra vez*)

Drahomiro Marinho veio do nada. O pai dêle, dizem que roubava cavalos.

**MARISAURA**

Mas vai passar as unhas em tôda terra boa que houver na redondeza. Não há rifles que impeçam.

**PEDRO IVO**

Parece que tem prazer nisso. E' o sangue do seu pai, aquêle vagabundo, que se revolta em você.

**GERTRUDES**

Não insulte os mortos, Pedro Ivo.

**PEDRO IVO**

E não era vagabundo mesmo?

(*GERTRUDES recomeça o trabalho*)

Um sujeito que passou a vida tôda vendendo bois — e até bodes — para o matadouro!

**MARISAURA**

Era homem de bem.

**PEDRO IVO**

Depois de morto, todo mundo é santo.

**GERTRUDES**

Não tinha nome. Era um Pereira qualquer. Mas não se pode dizer que fôsse mau.

**MARISAURA**

A senhora quer dizer o quê, com isso de «não tinha nome»? Nome não vale nada.

**GERTRUDES**

Vale, Marisaura. Veja você. Se seu pai houvesse pôsto o Lins no seu nome, como Fidêncio queria, a coisa era

outra. Você não vivia comendo o nosso pão e revoltada, em casa, contra a gente. Feito uma inimiga.

**MARISAURA**

Vocês estão vendo, e fingem não ver, se essa história de nome vale alguma coisa. Drahomiro Marinho está aí. Tem nome? Tem cabeça e coragem. E ambição. Com isso, está comendo a terra de vocês. E a estas horas pode dizer que é dono também do Bom-Mirar. Casou com Heloísa, ela deixou de ser Barros Wanderley, agora é Heloísa Marinho. Perdeu o nome antigo; e Drahomiro ganhou o Bom-Mirar.

**GERTRUDES**

Porque Pedro Ivo não escutou meus conselhos. Se tivesse ouvido, as famílias Cavalcanti Lins e Barros Wanderley estavam unidas. O velho Wanderley não ia deixar de dar a filha a um nome como o dele, pra dar a um Marinho, que olha pra trás e não vê princípios. Mas agora é tarde. Como diz o ditado: Inês é morta.

**PEDRO IVO**

E se eu selasse meu cavalo, descesse para o Eengenho Timorante, roubasse a noiva?

**GERTRUDES**

Começa alimentando essas idéias e um dia faz coisa parecida. E' aí que você morre.

**PEDRO IVO**

Capaz de ainda estar vestida de noiva. Botava na garupa, saía por aí.

**MARISAURA**

Você não fazia isso, nem rodeado de ferro.

**PEDRO IVO**

E por que não?

**MARISAURA**

Porque não tem coragem.

**PEDRO IVO**

Como é que não tenho?

**MARISAURA**

Pra Drahomiro Marinho, nunca teve.

**PEDRO IVO**

Drahomiro não me faz sobrosso.

**MARISAURA**

Faz. Não é a mim que você diz o contrário.

*(Sobe a escada, ouve-se o bater de uma porta)*

**PEDRO IVO**

Meu pai é que tem razão. Ela devia viver fora daqui de casa, feito um morador qualquer.

**GERTRUDES**

Em parte, compreendo a situação da pobre. E' duro não ter pai, nem mãe, nem bens, e viver às expensas de parentes. E ainda mais de parente como você e Fidêncio.

**FIDÊNCIO**

*(de baixa estatura. Grande mobilidade. Roupa clara. Chapéu branco, sempre na cabeça. Entra, vindo de fora. GERTRUDES não levanta a cabeça)*

Como é? Sete-Ranchos não chegou ainda?

**PEDRO IVO**

Não.

**FIDÊNCIO**

Já era tempo. Só quero ver o que aquêle padre vai dizer. Qual é a história que vai contar.

**GERTRUDES**

Vai dizer o que é, não vai contar história. A mulher é casada, não pode mais casar.

**FIDÊNCIO**

Por que não? Não vive mais com o marido, vive é com Sete-Ranchos. Que é que tem, casar de nôvo com êle? Oficializar a coisa. Não gosto de homem amigado aqui no meu engenho.

**PEDRO IVO**

Isso é mania.

**FIDÊNCIO**

Mania ou mané-mania, não quero. Acabou-se.

**PEDRO IVO**

Tanta coisa em que pensar e o senhor ocupando-se do casamento dum cara que não vale nada.

**FIDÊNCIO**

E' isso mesmo. Às vêzes, a gente cuida mais dum calo do que duma urticária. E' humano.

**PEDRO IVO**

Por que não teve êsse empenho todo, quando lhe pedi para falar com o velho Wanderley sôbre Heloísa?

**FIDÊNCIO**

Não adiantava insistir. Wanderley tinha dado a mão da filha a Drahomiro, isso pra êle é mesmo que pedra e cal. Aliás, pra mim, também; os Cavalcanti Lins são homens de palavra.

**PEDRO IVO**

O senhor tinha cinqüenta motivos, pra convencê-lo a desfazer o trato. Dizia que Heloísa não queria mais o casamento, e pronto.

**FIDÊNCIO**

E por que você não pensou nisso antes? Por que diabo só se interessou pela môça depois que ela noivou?

**GERTRUDES**

Você sabe por que, Fidêncio Lins. Mulher sentadinha num canto, oferecida, nunca serviu pra êle. Só se interessa por mulheres guardadas por leões. Isso vai custar-lhe a vida.

**PEDRO IVO**

Cale essa bôca de praga!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

**FIDÊNCIO**

Sempre quis que você casasse com Heloísa. Era uma grande aliança. O nosso «Cansa-Cavalo» e o «Bom-Mirar» unidos. Drahomiro ia ter que recuar. Eu e o velho Coriolano de Barros Wanderley somos da antiga cêpa. Nos compreendemos.

**PEDRO IVO**

Compreendem-se... Se isso fôsse verdade, não era Drahomiro quem estava casado com a mulher e a terra.

**FIDÊNCIO**

Em parte, você tem razão. Coriolano traiu a nossa origem. Aliás, nossa origem é mais velha que a dêle. No tempo dos holandeses, minha família já possuía terras. Meu tataravô Belchior Bragança Cavalcanti morreu de trabuco na mão, no Monte das Tabocas, defendendo seus canaviais contra a invasão dos gringos. Estão aí os livros, que não me deixam mentir. Por isso, mesmo sem eu pedir a mão de Heloísa pra você, Coriolano devia ter-lhe oferecido a filha. Tudo, menos entregá-la àquele maçom. E o pior é que ouvi dizer que o desgraçado do Drahomiro impôs condições: só casava com Heloísa se o velho se aliasse a êle contra mim. Se já avançava nas minhas terras feito as águas de uma enchente, agora vai ser um dilúvio. Ah! Ah! Ah!

**GERTRUDES**

Você ainda leva na graça. A enchente subindo, e você na risada.

**FIDÊNCIO**

E que é que vou fazer? Vou chorar? Deixem as águas rolarem. O dilúvio, que foi o dilúvio, acabou! Quanto mais Drahomiro Marinho.

**GERTRUDES**

Quando êle acabar, nem você nem eu estaremos mais aqui.

**FIDÊNCIO**

Isso é... Mas a verdade, Gertrudes, é que não posso mesmo fazer nada. Estou envelhecendo, já não sou o mesmo que era antes. E meu filho...

**PEDRO IVO**

(irado)

Que é que tem seu filho?

**FIDÊNCIO**

Nem parece meu. Pois é. Nem parece neto do velho Jerônimo, que uma vez tocou fogo num arruado, só porque negaram asilo a um cabra da confiança dêle. Você é um mulherengo. Isso aumenta a população, mas não traz progresso, rapaz. Meu pai, não. Aparecia a mulher, êle papava — que ruim é o cachorro que não pega o osso. Mas nunca saiu correndo atrás de saias.

**GERTRUDES**

E você, Fidêncio?

**FIDÊNCIO**

Eu, também.

**GERTRUDES**

E'.

**FIDÊNCIO**

Por que você diz «é»?

**GERTRUDES**

Porque é... Na noite do nosso casamento, me deixou sòzinha, dizendo que eu era um gêlo, e foi meter-se na cama suja das negras. Fiquei chorando, nos meus lençóis de linho.

**PEDRO IVO**

Pare com isso! A senhora é uma velha.

**GERTRUDES**

Mágoas não envelhecem. As minhas vão tôdas para a cova comigo: novas como no dia em que nasceram.

**PEDRO IVO**

(da janela. Com ironia)

Está chegando seu *constituínte*.

**FIDÊNCIO**

Será que vem bêbado?

(Vai abrir a porta)

**PEDRO IVO**

Não parece.

**FIDÊNCIO**

*(abrindo a porta)*

Então? Como é que foi?

**SETE-RANCHOS**

*(roupa de brim escuro, alpercatas, camisa também escura, sem colarinho, abotoada até ao pescoço. Na mão um chapéu negro, barato, de abas estreitas. Dirige-se aos outros)*

Tarde.

**FIDÊNCIO**

Então?

**SETE-RANCHOS**

Disse que não.

**FIDÊNCIO**

Como? Deu a êle minha carta?

**SETE-RANCHOS**

Dei a carta e ainda conversei.

**FIDÊNCIO**

Você explicou que era do «Cansa-Cavalo»? Homem do Coronel Fidêncio Cavalcanti Lins? Que é pra cá que êle, o padre, vem trazer hoje a bandeira do santo?

**SETE-RANCHOS**

Disse tudo. Êle parecia que tinha barro dentro dos ouvidos. Tive vontade de passar-lhe a faca.

**FIDÊNCIO**

Era bem feito. Que cabra bêsta! Deixar de casar uma mulher com um homem, só porque a mulher já é casada! Antigamente não havia disso. Quer casar de nôvo? Casa. Que é que tem uma coisa com a outra?

**GERTRUDES**

Casamento é sacramento.

**FIDÊNCIO**

Extrema-Unção também é sacramento. E se eu estiver pra morrer, e receber Extrema-Unção, e escapar, e depois ficar pra morrer de nôvo, não recebo outra vez Extrema-Unção? Pois casamento é feito Extrema-Unção. Precisou de nôvo, dá de nôvo. Que padre idiota! Mas a desfeita não vai ficar por isso mesmo, não. Vou reunir meus homens. Vou dissolver a procissão à bala.

**GERTRUDES**

*(suspendendo o trabalho)*

Você não vai fazer isso, Fidêncio Lins.

**FIDÊNCIO**

Ora não vou!

**GERTRUDES**

Receber São Miguel é um privilégio. Vamos hospedar um ano a sua imagem. Isso é estar com êle.

**FIDÊNCIO**

São Miguel entra. Pelo sim pelo não, quem é bêsta fechar a sua porta a um santo? O padre também; e o pessoal do andor. Só. O resto, não me pisa aqui.

*(A SETE-RANCHOS)*

Vamos logo empiquetar a estrada, pra assustar aquelas beatas.

*(Retiram-se FIDÊNCIO e SETE-RANCHOS)*

**GERTRUDES**

Leva-se uma vida, aqui, sem ver caras bonitas. No dia que se tem pra ver sorrisos e vestidos novos, acontece isso.

*(Canta, voltando à renda)*

La-ri-la-i-ra-ra-ri... Na minha vida tão triste...

**PEDRO IVO**

Pare com essa cantiga.

**GERTRUDES**

Quando me lembro de meus tempos de môça! Tocava bandolim e inventava, eu mesma, umas modinhas. Um

BR DFANBSB NS.CPR.TFA.PTE. 0384, p. 108

dia, depois de casada, êle quebrou meu bandolim com os pés.

**MARISAURA**

*(descendo)*

Vêm aí dois homens.

**PEDRO IVO**

Que homens?

**MARISAURA**

Talvez sejam mascates.

**PEDRO IVO**

Num domingo? Debaixo dêsse sol!

*(Tocam o sino, fora)*

**RUI**

*(de fora)*

Dá licença?

**PEDRO IVO**

*(abrindo a porta)*

Entrem.

*(Entram ANTÔNIO e RUI. GERTRUDES põe de lado a almofada. ANTÔNIO, bem mais alto que RUI, traz nos ombros uma bolsa de couro. RUI vem com outra bolsa e uma sanfona. Os dois vestem roupa cáqui de tons diferentes, a de RUI mais velha. Alpercatas. Chapéus de massa, o de RUI de abas largas. Nenhum usa gravata. RUI traz um lenço vermelho no bolso superior do paletó)*

**RUI**

Boa tarde. Posso arriar a carga?

*(ANTÔNIO cumprimenta apenas com a cabeça)*

**PEDRO IVO**

Botem seus trens por aí.

**RUI**

*(assovia. Ele e ANTÔNIO se desfazem da carga)*

Nunca vi casa-grande num lugar assim, tão sobranceiro. Parece um promontório. Um Adamastor. Mesmo pra quem vem montado, a subida até aqui é dura.

**PEDRO IVO**

Por isso se chama «Cansa-Cavalo». E' subida pra homem.

**RUI**

Pois eu acho que é subida pra bode.

**GERTRUDES**

Nesses baús, vocês têm coisa que preste?

**RUI**

Tudo de primeira! Rendas, brincos, anéis, véus, trançelins...

*(Ri)*

O Coronel perguntou se a gente não vendia bala. Pra atirar nos santos.

*(Ri outra vez. PEDRO IVO, ante a referência à decisão do pai, vai saindo para o alpendre)*

**ANTÔNIO**

Môço!

*(PEDRO IVO detém-se)*

Posso falar um momento com o senhor?

*(Rapidamente, segreda qualquer coisa a PEDRO IVO)*

**PEDRO IVO**

E' aqui de lado. Pode vir comigo.

**ANTÔNIO**

*(mal olhando para as mulheres e com a voz ligeiramente embargada)*

Com licença.

*(Sai com PEDRO IVO)*

RUI

*(como se se orgulhasse disto)*

Foi verter água!

GERTRUDES

Gosto dêle. Lembra-me alguém... que já repousa em Deus.

RUI

Um homem e tanto. Se chama Antônio Cabral Vilela. E' conhecido, por êsse meio de mundo.

GERTRUDES

E o senhor? Qual é a sua graça?

RUI

Eu? Rui Vilela.

GERTRUDES

O mesmo nome.

RUI

Não somos parentes. Mas me considero como se fôsse irmão aí do meu parceiro.

*(Evocativo e como deslumbrado)*

Desde um certo dia.

GERTRUDES

São sócios?

RUI

Não. Trabalhamos juntos. Mas êle não faz só mascatear. Um tempo, a gente sai pelo mundo, comprando e vendendo coisas; outro, êle fica num lugar, pintando.

GERTRUDES

Ah! Também é caiador.

RUI

Não; pintor. Faz figuras. Pinta igrejas. A Fortaleza, a Luxúria, a Primavera, santos. A Virgem Maria, as posteades celestes. O ano passado, em Nazaré da Mata, fêz no altar-mor da Igreja um Dilúvio Universal que é uma

beleza. Vem gente de longe, pra ver a Arca de Noé, com a bandeira brasileira no mastro. Sabe o que êle fêz, pra desenhar as águas do Dilúvio? Viu o mar!

**GERTRUDES**  
(*indicando MARISAURA*)

Essa menina também.

**RUI**  
(*fazendo-se de ingênuo*)

Que menina?

**GERTRUDES**  
Minha sobrinha.

**RUI**  
Ah!...

**MARISAURA**  
Vi do cais.

**GERTRUDES**  
Marisaura diz que é mesmo que um açude.

**RUI**  
E' feito as estradas. Só que as estradas são desenroladas no mundo, como peças de corda; e o mar é um lençol, um acaba-nunca. Meu amigo é quem diz: já viajou de navio. Viagem curta, entre o Recife e Fernando de Noronha, que é onde fizeram um presídio.

**GERTRUDES**  
Viajou como prêso, ou como sôlto?

**RUI**  
Como sôlto, dona. E aquilo é homem de ser prêso?  
(*ANTÔNIO volta*)

**GERTRUDES**  
Se aproxime, seu Antônio Vilela. Soube que o senhor já viajou por mar!

**ANTÔNIO**  
(*aproximando-se*)

E' verdade.

**GERTRUDES**  
(*admirada*)

Está com os olhos vermelhos. Parece que chorou!

**ANTÔNIO**  
(*evasivo, levando as mãos aos olhos*)

Deve ser êsse sol. Mostre as nossas coisas, Rui. Dona Gertrudes quer ver.

**GERTRUDES**

Sabe meu nome?

**ANTÔNIO**

Todo mundo sabe, nessas redondezas. Seu nome e qualidades. Tinha ouvido dizer que ninguém faz rendas como as da senhora. Agora vejo que é mesmo.

**MARISAURA**  
(*com alguma desconfiança*)

Quem lhe disse isso?

**ANTÔNIO**

Muita gente.

**MARISAURA**  
(*ainda sem acreditar*)

E de mim, que disseram?

**ANTÔNIO**  
(*abre a bôca, contém-se*)

Nada.

**RUI**  
(*mostrando algumas mercadorias*)

Olhem aí. Não paga pra ver. As coisas mais lindas do orbe. Nem em Jerusalém existe disso.

**GERTRUDES**

São coisas bonitas.

**RUI**

Pois é.

**MARISAURA**

O senhor só traz coisas para mulheres muito delicadas.

**RUI**

Êle diz que se gostasse de vender coisas grosseiras, ia botar uma loja de cangalhas.

**ANTÔNIO**

Não precisa responder assim, Rui.

**MARISAURA**

Tudo pra mulher que passa a vida na frente dos espelhos.

**ANTÔNIO**

*(tirando de um baú uma pequena caixa de madeira, que olha, para em seguida guardá-la outra vez)*

São coisas leves.

**GERTRUDES**

O senhor, quando tomou o navio, não viu a guerra?

**ANTÔNIO**

Que guerra, dona?

**GERTRUDES**

Essa que anda por aí. A guerra da Alemanha com a França.

**ANTÔNIO**

A França não está mais na guerra. Foi vencida. Mas tudo isso é do outro lado do mundo.

**GERTRUDES**

Pedro Ivo diz que se o Brasil entrasse na guerra, êle sentava praça, só porque marinheiro e soldado têm quantas mulheres querem.

**ANTÔNIO**

Isso não serve de nada.

**MARISAURA**

Não gosta de mulher?

**RUI**

*(saltando da cadeira)*

E quem está doido, pra não gostar de mulher? Se não fôsem as mulheres, a gente não tinha nem pra quem vender essas coisas...

*(Apontando ANTÔNIO)*

Só que êle é feito os cavaleiros de antes: diz que nasceu pra uma.

**GERTRUDES**

E' casado?

**ANTÔNIO**

Ainda não.

*(Com uma expressão velada)*

E agora é possível que nem case.

**GERTRUDES**

Conheci, em meus tempos de môça, um rapaz que se parecia muito com o senhor. Também não casou nunca. Morreu com trinta anos. Do peito.

**PEDRO IVO**

*(entrando rápido)*

Vocês dois, vêm de Bom-Mirar?

**ANTÔNIO**

Vimos.

**PEDRO IVO**

Viram Heloísa?

**ANTÔNIO**

*(com emoção)*

Vimos.

**RUI**

Ela se casa hoje.

**PEDRO IVO**

Estava alegre ou triste?

**RUI**

Amanheceu doente.

**ANTÔNIO**

Não se levantou, de manhã.

**PEDRO IVO**

Doente de quê?

**RUI**

A doença, pra mim, não passava de conversa.

**ANTÔNIO**

Não cheguei a ver foi o tal noivo. Rui não quis que a gente fôsse lá.

**RUI**

Êle não gosta nem de ver mascates.

**PEDRO IVO**

Nunca ouvi falar nisso.

**GERTRUDES**

E' um homem ruim. Matou a primeira mulher, pra herdar o que ela possuía.

**MARISAURA**

Falatórios.

**GERTRUDES**

Diz que a pobre enlouqueceu de repente e se enforcou. Mas foi êle mesmo, todo mundo sabe.

**MARISAURA**

Todo mundo *diz*. Mas ninguém sabe. Ninguém estava lá.

**GERTRUDES**

Seja como fôr, Drahomiro mudou, depois que Maria Úrsula morreu. Ficou pior. Acho que a finada continha o despotismo dêle. Era boa mulher.

**MARISAURA**

Talvez nem tanto.

**PEDRO IVO**

Por que não era?

BR DFANBSB NS.CPR.TFA.PTE.0384, p. 116

**MARISAURA**

Eu disse *talvez*.

**GERTRUDES**

Mas Heloísa também é criatura mansa. Quem sabe se o desgraçado, agora, não deixa a gente em paz? Tudo é possível.

**ANTÔNIO**

(*surdamente*)

Dona Heloísa é um ente delicado.

**GERTRUDES**

Mulher de doçuras.

**ANTÔNIO**

De muito sumo.

**MARISAURA**

Frágil demais. Drahomiro não casava com ela, se não fôsem as terras. Ele precisa de mulher com nervo e de vontade. O senhor viu o que são as terras do Bom-Mirar?

**ANTÔNIO**

Não entendo de terras. Sei que é bonito, o engenho. Merece o nome.

**PEDRO IVO**

Heloísa não lhe disse nada? Falou em mim?

**ANTÔNIO**

Não.

**PEDRO IVO**

Mas conversaram.

**ANTÔNIO**

Pouco. Dei a ela um presente: um sêlo do Japão e um da China.

**PEDRO IVO**

Isso não é presente.

**ANTÔNIO**

São coisas de tão longe! De tudo o que possuo, era o que eu prezava mais. O do Japão é verde, com um vulcão e uma árvore. O da China é pequeno; representa um dragão. E o sêlo da China, olhando contra a luz, a gente vê assim como duas formas, uma voltada pra baixo, outra pra cima, e as duas se completam. Representam o homem e a mulher, formando um ó. Um todo.

**GERTRUDES**

Isso é bonito. Mas qual é o casal que faz um ó?

**RUI**

A senhora tem razão. A maioria, por muito favor, faz um X.

**ANTÔNIO**

Que expressões são essas?

**PEDRO IVO**

E' isso mesmo o que êles vão fazer, Drahomiro Marinho e Heloísa.

**GERTRUDES**

Devia estar linda, vestida de noiva.

**ANTÔNIO**

Deve ficar.

**PEDRO IVO**

Deve ficar, como? O senhor não veio de lá agora?

**ANTÔNIO**

Vim. Mas só vi o vestido em cima da cama.

**PEDRO IVO**

Ela não se casou sem véu e sem capela.

**ANTÔNIO**

Ainda não casou.

**PEDRO IVO**

Mas o casamento era de manhã.

**ANTÔNIO**

Vai ser de tarde. Disse que ela estava doente.

**PEDRO IVO**  
Então não casaram! Ela não foi ainda para o Ti-  
morante...

**ANTÔNIO**  
Não.

**PEDRO IVO**  
Seja como fôr, é tarde demais.

**ANTÔNIO**  
Tarde pra quê?

**PEDRO IVO**  
Pra roubá-la.

**GERTRUDES**  
Isso, Pedro Ivo, nem em sonhos.

**ANTÔNIO**  
*(começando a maquinar um projeto)*  
Não é assim tão tarde. Meu pai roubou minha mãe,  
na véspera do casamento.

**PEDRO IVO**  
E ela ia se casar com quem?

**ANTÔNIO**  
Com meu pai é que não era.

**PEDRO IVO**  
Ela gostava dêle?

**ANTÔNIO**  
Não podia vê-lo. Alta noite, êle arrombou a porta com  
gazua, e levou minha mãe, como quem rouba dinheiro.  
Trancou-se num quarto com ela e tirou a chave. Dias e  
noites. Dez. Levavam banho, comida, tudo levavam no  
quarto. E meu pai lá dentro, convencendo a criatura. Até  
que ela resolveu.

**PEDRO IVO**  
Isso não deu certo.

**ANTÔNIO**  
Pra mim, deu. Eu nasci!

**PEDRO IVO**

E pra êles! Deu certo pra êles?

**ANTÔNIO**

*(como se evocasse isto pela 1ª vez)*

Nunca vi nenhum dos dois se queixar.

**PEDRO IVO**

*(pensativo)*

Mãe, faça um café pra êsses moços.

*(Sai rápido)*

**GERTRUDES**

*(levantando-se)*

Os senhores tomam forte ou fraco?

**ANTÔNIO**

Não precisa, dona.

**RUI**

Bem que é bom, meu mano.

**ANTÔNIO**

Como a senhora quiser.

**GERTRUDES**

Tenho pra mim que o senhor, sem querer, vai causar coisas ruins.

*(Sai)*

**ANTÔNIO**

*(disfarçando)*

Não sei o que ela quis dizer.

**MARISAURA**

Ela pensa que o senhor joga palavras no ar. Mas eu, não. Não acredito nessa história de seu pai.

**ANTÔNIO**

Como é que não?

**RUI**

E' verdade, dona. Êle já me contou.

**MARISAURA**  
Essa história veio muito a propósito. Digo que o senhor perdeu o seu latim. Pedro Ivo não vai roubar aquela môça.

**ANTÔNIO**  
Não entendo a senhora. Que é que eu tenho com isso?

**MARISAURA**  
E' o que pergunto a mim. O senhor quer que êle vá.

**ANTÔNIO**  
Não.

**MARISAURA**  
Quer, sim. Mas por quê?

**ANTÔNIO**  
A senhora está nadando num fojo.

**MARISAURA**  
Movo-me bem nessas águas.

**ANTÔNIO**  
Onde estão seus pais?

**MARISAURA**  
Mortos e esquecidos. Quisera ser como êles: um nome numa cruz.

**ANTÔNIO**  
A senhora tem posses. Tem o de comer e o de vestir. Não precisa ir feito nós, no meio do mundo, para ter seu pão.

**MARISAURA**  
E o senhor pensa que isso é ruim? Ir pelo mundo?

**ANTÔNIO**  
Pra mim e Rui Vilela é bom. Gostamos das estradas. Mas quantas vêzes, na chuva, a gente queria estar debaixo de um telhado? Temos comido da banda pôdre.

**MARISAURA**  
Esse é o lado que eu como, desde que nasci. Quisera ser homem. E' pra homem, que eu devia ter nascido.

**RUI**

Ninguém nasce errado, dona. A gente é que se erra.

**ANTÔNIO**

Não existe essa história de mulher que veio pra ser homem, nem de homem que veio pra ser anjo. Se a vida que leva desagrada, faça outra.

**MARISAURA**

Não posso.

**ANTÔNIO**

Vida mais torta era a de Rui. E ele não consertou?

**RUI**

Para o resto da vida.

**ANTÔNIO**

Era pistoleiro.

**MARISAURA**

Logo vi que vocês não eram boa coisa.

**RUI**

Não sou mais o que fui.

**FIDÊNCIO**

(*entrando*)

Gertrudes! Ô Gertrudes!

**MARISAURA**

O senhor mandou êsses homens pra cá?

**FIDÊNCIO**

Claro que mandei. O que é que tem?

**MARISAURA**

(*apontando RUI*)

Êsse aí vive de matar gente.

**FIDÊNCIO**

Então me serve!

**RUI**

Hoje sou de paz. Não já disse?

**FIDÊNCIO**

Mas que bobagem! E' por isso que se procura um cabra bom no rifle e não se acha. Tudo desertando. Mêdo da polícia?

**RUI**

Nunca fui homem de mêdo, coronel. Nem de soldado, nem de gente. Larguei a profissão por causa dêsse aí.

**FIDÊNCIO**

Como é que êsse mascate ia fazer você largar a profissão? Êle é milagreiro?

**RUI**

Se é milagreiro, não sei. Sei que me deram um serviço: acabar com a vida dêle.

**FIDÊNCIO**

E quem mandou você fazer êsse serviço?

**RUI**

Nunca eu tinha visto o mandante. E nunca mais tornei a me encontrar com êle. Pagou-me adiantado.

**FIDÊNCIO**

E você não executou a encomenda? Então é desonesto.

**RUI**

E' o quê?

**FIDÊNCIO**

Desonesto. Se recebe a paga de um serviço e não faz, o que é que é?

**RUI**

(*admiradíssimo*)

Mesmo! Nunca havia pensado nisso. Mas não interessa. O que interessa, é que eu saí no rastro dêsse homem e encontrei êle num pouso. Tinha bem vinte cristãos no lugar.

**ANTÔNIO**

Não precisa contar tudo.

**RUI**

Comecei; agora termino. Tinha bem *trinta* cristãos no lugar. Pois de repente êle veio, ficou na minha frente e perguntou se era êle, que eu vinha matar.

**FIDÊNCIO**

E' adivinhão. Sabe de tudo.

**ANTÔNIO**

Não sei mais do que os outros homens. Mas às vêzes qualquer um pode ter dessas clarezas.

**RUI**

Então me levou pra fora e conversou comigo a noite tôda. Quando amanheceu o dia, jurei dali por diante só usar meus ferros para defendê-lo.

**ANTÔNIO**

E por isso tomei o nome dêle.

**RUI**

No meu fraco entender, fomos paridos os dois naquela noite.

**FIDÊNCIO**

Grande besteira! Aposentar-se por causa de uma coisa tão sem importância.

**RUI**

Não estou assim tão aposentado. No primeiro ano, com diferença de meses, vieram mais dois homens, um pra acabar comigo e outro aí com êsse meu amigo. A essas horas, estão tocando rebeca para o canhoto.

**FIDÊNCIO**

E que tempo faz isso?

**RUI**

Vai para uns três anos.

**FIDÊNCIO**

Então seus ferros já estão mais do que enferrujados. Rui do Pajeú, que era o melhor pistoleiro dessas bandas, também fêz essa besteira. Deu baixa da ativa.

**RUI**

*(com secreto orgulho)*

O senhor acha que Pajeú era o melhor?

**FIDÊNCIO**

Todo mundo diz. Até os folhetos de feira falam nisso. Vejam êsses cabras que eu tenho aí no rifle. Não tem um com a fôlha de serviço dêle. Só servem mesmo pra espantar passarinho, padre e procissão. Ah, ah, ah! Gertrudes! Ô Gertrudes!

*(Sai pela esquerda)*

**MARISAURA**

Posso muito bem imaginar por que mandaram matá-lo.

**ANTÔNIO**

Nem eu sei.

**MARISAURA**

Por boa coisa não foi.

**ANTÔNIO**

Que me lembre, não fiz nada de mal.

**MARISAURA**

Gosta de passar por santo.

**ANTÔNIO**

A senhora se parece com um bicho morto de fome, que engolisse a língua. Como é que a gente pode ganhar os ouros da vida, se é o coração que é feito pra isso, e a senhora rói o coração?

**MARISAURA**

O senhor, às vêzes, é tal e qual o Almanaque do Pensamento.

**ANTÔNIO**

*(com ímpeto maior)*

Foi no Almanaque do Pensamento que eu li uma vez: «As estradas da vida estão abertas».

*(Entra GERTRUDES. Traz uma bandeja, com café e beijos. FIDÊNCIO segue-a)*

**FIDÊNCIO**

Pois é. Queiram ou não queiram, a estrada está fechada. Enchi de acólitos, cada um com uma vela calibre 44 na mão. O padre vai ficar mordido dos cachorros.

**GERTRUDES**

*(enquanto serve o café)*

Você não teme castigo.

**FIDÊNCIO**

Que castigo, que nada! Vou dar uma lição àquele padrequinho metido a bêsta. Fazer face a mim!

**GERTRUDES**

Obrigação dêle.

**FIDÊNCIO**

Êsses padres de hoje são cheios de nós pelas costas, Gertrudes. No meu tempo, cansei de ver padre que nem usava batina. Era um fraque, botas de cano alto, lustrando que pareciam um dia, e coragem pra mamar em onça. Tive um tio que era assim. De padre só tinha o chapéu. Fêz filhos em não sei quantas mulheres.

**GERTRUDES**

A essa hora, deve estar penando no inferno.

**FIDÊNCIO**

Vai atrás disso? Essa história de inferno e céu é embromação. Uma coisa eu digo: «Religião é feita política; só serve pra engordar quem está de cima». Veja Agame-non Magalhães. Veja Mussolini. Tudo gordo que faz gôsto.

**GERTRUDES**

Um dia, Fidêncio, Deus lhe roga uma praga. Se é que não já rogou.

**FIDÊNCIO**

Era só o que faltava! Está aí sua religião: Deus rogando praga.

**GERTRUDES**

Você deve tirar aqueles homens da estrada.

**FIDÊNCIO**

Não tiro. Nem que me matem. E como você está falando muito, mudei de opinião: agora não me passa nem São Miguel. Vou reforçar o piquete.

*(Sai)*

**GERTRUDES**

Fidêncio Lins! Os senhores me dêem licença. Vou ver se impeço êste sacrilégio.

*(Segue o espôso)*

**ANTÔNIO**

Você ouviu o que eu ouvi?

**RUI**

Penso que sim. Êle quer enfrentar São Miguel.

**ANTÔNIO**

Que é que você acha?

**RUI**

Acho que enfrentar o padre está certo. Mas São Miguel, não.

**MARISAURA**

*(repreensiva)*

Que é que vocês querem fazer?

**ANTÔNIO**

Dona! A senhora já ouviu falar na Cavalaria Andante?

**MARISAURA**

A propósito de que o senhor vem com essa?

**ANTÔNIO**

Não sou um cavaleiro. Precisava, pra isso, umas cerimônias que não existem mais. Acabou-se a Cavalaria Andante. Mas eu queria ser feito êles. O Cavaleiro Andante defendia os fracos.

**RUI**

Era fiel a sua namorada.

**ANTÔNIO**

A sua noiva. E tinha regalias. Trago sempre comigo um estribo de ouro.

**MARISAURA**

De ouro?!

**ANTÔNIO**

Não é bem de ouro, mas é folheado. Os cavaleiros tinham direito a isto.

**MARISAURA**

*(fazendo menção de sair)*

O senhor usa êsse estribo nos arreios da sua montaria?

**ANTÔNIO**

Não. Mas trago sempre comigo.

**MARISAURA**

Quero ver.

**ANTÔNIO**

*(com recolhimento)*

Não gosto de mostrar. Pertenceu a alguém que eu vi uma só vez na vida e de quem nunca mais tive notícia. Às vezes penso se não foi uma aparição de Oriana, a noiva de Amadis de Gaula.

**MARISAURA**

*(com mordacidade)*

O senhor deu-lhe um sêlo e recebeu um estribo folheado a ouro.

**ANTÔNIO**

Não foi como a senhora está pensando. Um dia, há de voltar a Cavalaria Andante. Quero estar preparado para ser sagrado um cavaleiro. Pra isso, na minha casa, armei na cumieira um cata-vento, coisa que no tempo de antes só os cavaleiros tinham o direito de fazer. E os patronos da Cavalaria são dois: um é São Jorge, outro São Miguel. Não podemos deixar nosso patrono ser hostilizado.

**MARISAURA**

Querem se revoltar, os dois, contra meu tio?

**ANTÔNIO**

De braços cruzados é que não ficamos.

**PEDRO IVO**

(*entrando*)

Quero avisar uma coisa a vocês dois. Se gostam de baderna, fiquem. Mas se não gostam, peguem seus trens e vão-se.

(ANTÔNIO *afasta-se, pois compreende logo a intenção de PEDRO IVO*)

**RUI**

O senhor é contra o santo, ou a favor?

**PEDRO IVO**

Quero saber de santo?!

**MARISAURA**

(*violenta*)

Que é que você vai fazer?

**PEDRO IVO**

Não é da sua conta.

(*Aos homens*)

Vocês vão ou ficam?

**RUI**

Isso, depende.

**PEDRO IVO**

(*a ANTÔNIO*)

O senhor me trouxe sangue novo!

(MARISAURA *sai para o alpendre, rapidamente*)

Vou com os meus homens buscar Heloísa.

**ANTÔNIO**

E depois?

**PEDRO IVO**

Será o que Deus quiser.

(*Sai PEDRO IVO pela esquerda*)

**RUI**

Agora não entendo mais nada!

**ANTÔNIO**

Preciso refletir.

**RUI**

Acho que o negócio é ir embora daqui.

**ANTÔNIO**

E São Miguel?

**RUI**

Quando o velho souber disso, não vai querer mais nada com santo nem com padre. O tal Drahomiro não é homem de engolir desfeita. Vamos embora, mano.

**ANTÔNIO**

Espere.

**RUI**

Não tem o que esperar.

**ANTÔNIO**

Rui Vilela! Acho que você está certo. Não vai ser preciso a gente defender o santo. Mas o jeito é ficar aqui.

**RUI**

Por amor de quem?

**ANTÔNIO**

Joguei uma semente perigosa, Rui. Falei demais. Por que, de vez em quando, desgoverno a língua? Por que soltei meu demônio?

**RUI**

Vamos deixar de perguntas! O negócio agora é pini-car os burros.

**ANTÔNIO**

Preciso pensar.

**RUI**

Deixe pra pensar quando estiver longe.

**ANTÔNIO**

Será que devemos voltar ao Bom-Mirar? Avisar a noiva?

**RUI**

Isso pensamos depois.

*(Apanhando um baú)*

Pega a outra bruaca.

**ANTÔNIO**

Você nem parece homem. Que frouxura é essa?

**RUI**

Minha mãe já dizia: «E' melhor ser frouxo, do que ser cadáver».

**ANTÔNIO**

Você não julgava assim.

**RUI**

Mas agora julgo. Quem espera por tempo ruim é sertanejo. Vamos.

*(Entra MARISAURA)*

**MARISAURA**

Estão de saída?

**ANTÔNIO**

Pois é. Voltamos outra vez, pra tomar o café. Um dia, se precisar de mim, pode escrever. Olhe meu cartão.

*(Entrega-lhe um cartão com um palmo de largura, dobrando a ponta)*

**MARISAURA**

Nunca vi cartão desse tamanho.

**ANTÔNIO**

Queria que êle tivesse um retrato do maior cavaleiro que já houve: enfrentou até os moinhos de vento. Na Holanda.

**RUI**

Olha a hora, meu. Vamos chegar tarde.

**ANTÔNIO**

Adeus.

**MARISAURA**

Adeus.

*(RUI apenas se volta para MARISAURA. Saem os homens. Ela fecha a porta. Entra PEDRO IVO, agora de paletó marrom e gravata amarela)*

Falei com um dos seus homens. Acha mesmo que vai roubar Heloísa? Quem é que você pensa ser?

**PEDRO IVO**

Sou quem sou.

**MARISAURA**

*(aflita)*

Vai mandar seus capangas na frente e matar Drahomiro. Quando êle estiver morto, então você aparece.

**PEDRO IVO**

Sou eu mesmo quem vou. E vou na cabeça da tropa.

**MARISAURA**

Vai mandar matá-lo pelas costas. Pela frente, não é capaz de tirar, de Drahomiro Marinho, nem um vintém furado.

**PEDRO IVO**

Isso é o que você acha.

**MARISAURA**

Isso é o que eu sei. Você tem mêdo de muitas coisas, mas o senhor do Engenho Timorante, para você, é o mesmo que alma do outro mundo.

**PEDRO IVO**

Não acredito em almas do outro mundo.

**MARISAURA**

Pode ser que, de noite, a finada mulher dêle às vezes te apareça.

**PEDRO IVO**

Por que diabo está dizendo isso?

**MARISAURA**

Tenho minhas razões. Sei que você não vai acabar essa empreitada.

**PEDRO IVO**

Vou.

**MARISAURA**

Vai como acabou uma outra.

**PEDRO IVO**

Que outra?

**MARISAURA**

Sabe melhor do que eu.

**PEDRO IVO**

Não sei de nada.

**MARISAURA**  
(*irônica*)

Não...

**PEDRO IVO**

Você agora, fala. Vamos! Chega de meias palavras.

**MARISAURA**

Olhe bem para mim. Uma noite, há três anos atrás, você deitou-se vestido. À uma hora, levantou-se e passou quase até às quatro da manhã, na estrebaria, junto do cavalo, sem coragem de meter-lhe os arreios.

**PEDRO IVO**

Não me lembro disso.

**MARISAURA**

Nessa mesma noite, Maria Úrsula fugiu do Timorante e foi pegada. Dois dias depois, amanheceu com o belo pescoço apertado numa volta que não era de ouro.

**PEDRO IVO**

Invenções.

**MARISAURA**

Nada de invenções. Ela está morta.

**PEDRO IVO**

Foi Drahomiro que fez isso.

**MARISAURA**

Digo que foi ela. Matou-se de desgosto.

**PEDRO IVO**

Isso tudo é coisa imaginada.

**MARISAURA**

Você ia fugir com ela, mas não teve coragem. Maria Úrsula teve — e foi sozinha.

**PEDRO IVO**

Como pode saber que ela fugiu?

**MARISAURA**

Mato tem olhos; paredes têm ouvidos.

**PEDRO IVO**

Se fugiu de verdade, não foi por minha causa. Eu não ia com ela.

**MARISAURA**

Vejo, desde êsse tempo, como você muda, quando se toca no nome de Maria Úrsula. E agora quer levar a termo o que só fez começar. Mas também isso você não vai acabar. Mesmo que mande assassinar Drahomiro.

**PEDRO IVO**

Por que não vou?

**MARISAURA**

Porque não tem força para coisas inteiras. Só para meias coisas.

**PEDRO IVO**

E' o que vamos ver.

**MARISAURA**

*(dirigindo-se para a saída)*

Então ande depressa. Senão vai chegar tarde.

**PEDRO IVO**

Que quer dizer com isso?

**MARISAURA**

Vou no Bom-Mirar.

**PEDRO IVO**

Por que você não confessa de uma vez que tôda essa coisa por Drahomiro é dos dentes pra fora? *E' por mim que você não quer que eu vá.*

**MARISAURA**

Não faltava mais nada!

**PEDRO IVO**

Pode ficar tranqüila. Não vai suceder coisa alguma com seu querido primo.

**MARISAURA**

O que suceda a você não me interessa.

**PEDRO IVO**

Quem foi que veio uma noite, de pés descalços, e se deitou na minha cama?

**MARISAURA**

*(agitada)*

Não sei.

**PEDRO IVO**

Quem foi?

**MARISAURA**

Nunca fiz isso. Você sonhou.

**PEDRO IVO**

Vaca!

*(Rumor de vozes. PEDRO IVO escala rápido a escada)*

**MARISAURA**

*(voz rouca de ódio)*

Pedro Ivo!

(*Ele pára no meio da escada*)

No fim de tudo, se Drahomiro escapar, você vai ficar de calças na mão. Pedindo misericórdia. Porque ele é homem; e você não.

(PEDRO IVO *sobe*)

**FIDÊNCIO**

(*entrando com ANTÔNIO e RUI VILELA, que não trazem mais seus baús. RUI vem com a sanfona*)

Essa é que não. De jeito nenhum.

**MARISAURA**

Por que o senhor deixou sua mulher pra trás?

**FIDÊNCIO**

Ela sabe onde mora. Ou não sabe?

(*MARISAURA vai saindo*)

Olhe aqui. Diga aí fora pra desarrear os animais dêsses moços e soltar no pasto.

(*MARISAURA sai*)

Pronto. Ninguém chega na minha casa, pra ir embora nos mesmos pés. Não admito.

**RUI**

O senhor sabe, coronel. Dia de domingo, a gente gosta de andar.

**FIDÊNCIO**

Pois anda aqui dentro de casa mesmo. E' mais sossegado.

**RUI**

O senhor acha?...

**FIDÊNCIO**

Que é que você quer dizer com «o senhor acha»?

**RUI**

Por que eu acho até muito animado.

**FIDÊNCIO**

Que nada! Este engenho está parecendo é um cemitério. Vamos ver, pistoleiro. Toca aí uma coisinha, pra

animar os defuntos. Você toca mesmo, ou traz isso como enfeite?

**RUI**

Não sou homem de andar com enfeite, coronel.

**FIDÊNCIO**

Pois se toca de verdade, vai-me fazer um serviço. Quando o padre chegar com o andor, você fica ali naquele canto e mete a musiquinha mais safada que souber.

**ANTÔNIO**

Acho que não vai ser preciso, coronel. O que vai acontecer aqui hoje é um pouco diferente do que o senhor está esperando.

*(Com um pouco de receio)*

Mesmo assim... quero dizer ao senhor que... pra outro santo qualquer, Rui Vilela tocava o que quisesse.

*(Já com ímpeto, a coragem assumida)*

Pra São Miguel, não. E' nosso padroeiro. Êle e São Jorge.

**FIDÊNCIO**

Padroeiros! Que negócio é êsse? Vocês são aldeias? São cidades?

**ANTÔNIO**

Posso explicar, coronel. Temos os retratos dêles nas bruacas. Na Cavalaria Andante...

*(Desce PEDRO IVO, atando aos quadris o cinto de balas com o revólver)*

**FIDÊNCIO**

Olhe aqui, Pedro Ivo. Êsses dois sujeitos têm santos padroeiros. Pedi pra tocar quando o andor chegasse...

**PEDRO IVO**

Essa história tôda não me interessa. Pra que êsse aparato? Pelo casamento de um cabra que não vale nada?

**FIDÊNCIO**

Êle é meu homem.

**PEDRO IVO**

Mas nem o senhor tem coragem de dar as costas a êle.  
Um cabra que só mata à traição.

**FIDÊNCIO**

*(sublinhando o eufemismo)*

Êle é prudente.

**PEDRO IVO**

Muito melhor era se deixasse isso de lado e me cedesse uns homens.

*(Tropel)*

**FIDÊNCIO**

Pra quê? E sua tropa também está em pé de guerra?

**GERTRUDES**

*(entrando com MARISAURA)*

Fidêncio! Seu castigo já veio. Pedro Ivo quer ir em busca da morte.

**RUI**

*(com ímpeto)*

Por isso que nós íamos embora. Quer roubar a môça que casa hoje de tarde. Não deixe, Coronel.

**FIDÊNCIO**

Isso é verdade?

**PEDRO IVO**

*(olhando rápido para MARISAURA)*

Há quem ache que não. Mas vou buscar Heloísa e trazê-la, nem que o casamento já esteja dentro da igreja.

**FIDÊNCIO**

*(entusiasmado)*

Pai d'égua! Você agora mostrou ser filho meu. Olhe aqui, Gertrudes. Se duvidava, não duvido mais: êsse aí é meu sangue.

*(Gritos lá fora)*

**PEDRO IVO**

Até já.

**GERTRUDES**

Não leva a minha bênção.

**FIDÊNCIO**

Não precisa. Leva as repetições e o sangue da minha raça.

*(Sai PEDRO IVO, seguido do pai. MARRISAURA está de costas, ao fundo. GERTRUDES senta-se, rígida. Tiros, gritos, tropel que se afasta)*

Olhe aqui, Pedro Ivo, a alma do ataque é a surpresa. Se lembre de Filipe Camarão. De Henrique Dias! De meu tataravô Belchior Bragança. Mas não morra.

**GERTRUDES**

Êste é o dia da sua morte. Mais cedo do que eu pensava.

**RUI**

A senhora desculpe, mas nós vamos embora. Vou buscar nossos burros no pasto.

**ANTÔNIO**

Se quiser, pegue o seu, Rui. Eu não vou.

**RUI**

Por que não vai?

**ANTÔNIO**

Resolvi não ir. Quero ver a noiva ainda uma vez. E depois, se não fôsse eu, isto não acontecia. Não me fica bem fugir.

**RUI**

Isto não é fugir. E' escapar.

**ANTÔNIO**

Não vou. Tenho de enfrentar o mal que liberei.

*(Rumôres da tropa que se distancia festivamente)*

S E G U N D O A T O

(ANTÔNIO *está só. Embora a almofada continue em cena, GERTRUDES não voltará a usá-la. Entra RUI, mal se abre a cortina*)

RUI

Ainda é tempo, meu mano. Vamos embora.

RUI

(*calmo*)

Já disse que não vou.

RUI

Onde está com a cabeça? Não tem nada que fazer aqui.

ANTÔNIO

Eu é que sei.

RUI

Olhe. Nesse negócio de morte, sou doutor. Sinto o cheiro dela.

ANTÔNIO

Que é que tem isso?

RUI

Estou sentindo agora. Hoje, aqui, os cachorros vão beber sangue de gente. Vamos pegar nossas coisas e desaparecer.

ANTÔNIO

(*meio irritado*)

Já disse que não.

**RUI**

Falo como amigo e homem experiente, meu mano Antônio Vilela. Vamos montar nos burrinhos e seguir para o Egito. Ou quer morrer inocente?

**ANTÔNIO**

Nunca lhe vi assim, tão cheio de medo.

**RUI**

*(encolerizando-se)*

Sabe que não sou homem de correr de assombro. Se estou falando, é pra lhe proteger.

**ANTÔNIO**

*(altera a voz)*

Dispensio a proteção, Rui Vilela. Se quer ir, que se dane. Eu fico aqui.

**RUI**

Só pra ver uma môça?! Estou lhe desconhecendo.

**ANTÔNIO**

*(caindo de tom)*

Você não me conhece, Rui. Pensa que sou grande, um santo. Mas sou cheio de falhas e pecados. Um homem.

*(Forte)*

Meta essa verdade na cabeça.

**RUI**

*(desanimado)*

Então não tem nada que lhe faça arredar o pé daqui.

**ANTÔNIO**

Não.

**RUI**

Já ouvi, muitas vezes, falar no destino. Mas nunca eu tinha visto êle de frente. Agora, vejo. E' o destino que está lhe prendendo.

**ANTÔNIO**

Sou eu que quero ficar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, r. L44

**RUI**

E' não. Você não pode ir. Nós dois vamos morrer.

**ANTÔNIO**

Isso é o que há de certo na vida.

**RUI**

Vamos morrer hoje. Veja o que estou lhe dizendo. Amanhã nenhum de nós vai ver a luz do dia.

**ANTÔNIO**

Nunca se sabe, Rui Vilela. Você teve minha vida em suas mãos — e não morri. Como quer decretar a nossa morte?

**RUI**

*(misterioso)*

Podem haver coisas que você não sabe.

**FIDÊNCIO**

*(vindo de fora)*

Ah! Hoje tem. Hoje se quebra a castanha de Draho-miro Marinho.

*(A RUI)*

Você hoje vai voltar à ativa. Queira ou não queira. Vamos ver se é bom mesmo no tiro, ou se tudo é conversa.

**RUI**

*(dando as costas para FIDÊNCIO)*

Não vou pegar em armas.

**FIDÊNCIO**

Mas esperem. Estão pensando que a bala vai chover e vocês dois aqui dentro, feito visita de cerimônia?

**RUI**

Não vamos tomar parte na bernarda.

**FIDÊNCIO**

Essa é muito boa. Onde já se viu disso? Não tem essa conversa de ficar de fora não. Vocês vão é brigar.

**RUI**  
(*firme*)

Já dissemos que não, Coronel.

**FIDÊNCIO**

Então, vocês são covardes.

**RUI**  
(*enfrentando-o*)

Não repita isso.

**ANTÔNIO**

Rui Vilela!

**FIDÊNCIO**

Repito quantas vezes quiser. Vocês dois são mais do que covardes. Não gostam do nome, mas são.

**RUI**

O senhor mesmo falou que não existe, por aqui, homem que nem Rui do Pajeú, Coronel. Pois Rui do Pajeú sou eu.

**FIDÊNCIO**

Não me faça morrer de rir. Se você é Rui do Pajeú, eu sou Virgolino Lampião.

**ANTÔNIO**

êle está dizendo a verdade, Coronel.

**FIDÊNCIO**

Pensam que eu sou bêsta? Que estou caducando?

**GERTRUDES**

(*vindo de dentro*)

Por que essa discussão?

**RUI**

E' aqui seu marido batendo na porta errada. Mas êle está enganado com a côr da chita.

**FIDÊNCIO**

(*à mulher*)

Veja você. Um tocador de sanfona desfrutável, que na certa não tem coragem nem de dormir no escuro,

querendo passar por Rui do Pajeú. Vão ou não vão lutar do meu lado?

**RUI**

Nem do lado de Deus, Coronel.

**ANTÔNIO**

Isso também é exagero.

**RUI**

E não é verdade? De lado nenhum.

**FIDÊNCIO**

Nem por dinheiro?

**RUI**

Nem que o senhor — com licença da palavra — me ofereça as onze mil virgens.

**FIDÊNCIO**

Quer dizer que não se vendem. São orgulhosos, ainda por cima. Pois vou mandar selar seus animais. Podem pegar suas coisas aí fora. Bons ventos os levem.

*(Sai, colérico)*

**GERTRUDES**

*(a ANTÔNIO)*

E' melhor assim. Vá embora, môço. Esse seu amigo, não me faz cuidados. Por pior que êle morra, está pagando.

**RUI**

Muito obrigado. Pimenta no rabo dos outros é pó de arroz.

**ANTÔNIO**

Olhe essas expressões.

**GERTRUDES**

Mas o senhor não merece morte ruim. Adeus.

**ANTÔNIO**

Está bem, dona. Eu vou. Mas vou contrafeito.

**RUI**

E' melhor contrafeito do que morto.

**FIDÊNCIO**

*(abrindo com violência a porta e explodindo de entusiasmo)*

O pessoal vem chegando! E vem com a noiva!

*(Sai correndo. Tropel que se aproxima. Tiros. Gritos. MARISAURA desce a escada, corre para a janela)*

**GERTRUDES**

*(erguendo-se)*

Sei bem quem é a noiva. Meu filho Pedro Ivo vem com a morte nos braços.

*(Começam a bater o sino, alegremente)*

**RUI**

O que é que está esperando? A hora é essa.

**ANTÔNIO**

Um momento!

*(Entra PEDRO IVO com HELOÍSA nos braços. Segue-o FIDÊNCIO)*

**FIDÊNCIO**

Como é que foi, Pedro Ivo? Conte como foi.

*(Enquanto PEDRO IVO põe a noiva no chão e contempla-a, ligeiramente afastado, ouvem-se ainda alguns tiros ao longe e FIDÊNCIO se dirige a GERTRUDES)*

Isso é que é homem, Gertrudes. Você pariu um homem!

*(As pancadas do sino vão cessando. A impaciência do velho é evidente)*

Então? E Drahomiro Marinho?

*(MARISAURA dirige-se para a cômoda, sobre a qual fica o oratório. Abrirá uma gaveta, de onde tirará um fuzil)*

**PEDRO IVO**

Ficou parado junto do padre. Branco feito um papel.

**FIDÊNCIO**

Não reagiu? Está aí em que deu a valentia.

**HELOÍSA**

Êle e meu pai não tardam a chegar.

**PEDRO IVO**

Êle, pelo menos, chega mas não volta.

**RUI**

Quer dizer que êsse tal de Drahomiro continua vivo! Então, estamos fritos.

**PEDRO IVO**

*(ligeiramente assustado, vendo a arma na mão de MARISAURA)*

Pra que isso?

**MARISAURA**

Para o que fôr preciso. Sempre vali tanto quanto qualquer homem.

*(Olhando com desdém para HELOÍSA)*

Não sou feita de sêda...

**PEDRO IVO**

E pra êsses dois homens, não têm armas?

**FIDÊNCIO**

Êsses dois, já mandei embora.

**PEDRO IVO**

Fizeram o quê?

**FIDÊNCIO**

Dizem que não lutam.

**PEDRO IVO**

Mesmo assim, ficam.

**FIDÊNCIO**

Não vão servir de nada.

**PEDRO IVO**

Andam pelo mundo. Quero que contem, pelo resto da vida, o que vão ver.

**RUI**

Contar, se escapar dessa.

**PEDRO IVO**

(forte)

Hão de escapar. Vamos.

(Sai rápido, seguido de FIDÊNCIO)

**FIDÊNCIO**

(seguido-o)

E o roubo, Pedro Ivo? Houve muita bala?

(Fora)

Estamos em guerra, gente! Vamos tomar posição!

(MARISAURA também sai, lançando antes um olhar frio para HELOÍSA)

**GERTRUDES**

Por mim, Pedro Ivo não tinha feito o que fez. Peço desculpa por êle. Se quiser deitar-se, repousar um pouco, ofereço meu quarto e dou-lhe a chave.

(HELOÍSA recusa ligeiramente com a cabeça)

Posso fazer um café.

**HELOÍSA**

Quero água.

**GERTRUDES**

Está bem. Sente-se.

(HELOÍSA senta-se, rígida. Sai GERTRUDES)

**HELOÍSA**

Entraram na igreja como uns possessos, com cavalo e tudo. Derrubaram bancos, castiçais e gente, deram tiros nos santos, me tiraram de lá feito uma ventania.

**ANTÔNIO**

Machucaram a senhora?

**HELOÍSA**

Não.

**ANTÔNIO**

Apesar de tudo, está bem?

**HELOÍSA**

Como Deus é servido.

*(Pausa)*

E o senhor?

**ANTÔNIO**

Parte como Deus manda. E, se não me engano, parte como eu faço.

*(Ouve-se, vez por outra, gritos ao longe, vozes indistintas)*

**HELOÍSA**

Não esperava encontrá-lo nunca mais na vida.

**ANTÔNIO**

Nem eu, dona Heloísa. Assim é o mundo. Quando menos se espera...

*(Com uma certa timidez)*

Mas, se a senhora me deixa confessar, fiquei aqui pra ver... ainda uma vez... sua beleza imortal.

*(RUI se volta)*

**HELOÍSA**

Não entendo o senhor. Pensa na mulher como num passarinho, que morre com a beleza da plumagem. Mas é loucura. Encanto da mulher, nada existe sôbre a terra de menos imortal.

**ANTÔNIO**

Se a gente quer bem, dona, de verdade, a mulher não envelhece.

**HELOÍSA**

Tôdas nós acabamos mastigadas sem pena pelo tempo.

**ANTÔNIO**

*(com energia)*

Não. Se a gente quer bem mesmo... Escute: Se mastigo uma fruta, se transforma em bagaço? Nunca, dona Heloísa. Aquêle sumo passa a fazer parte do meu sangue.

Muitos anos depois, de repente, quero olhar o sol nascendo. Ninguém sabe, mas o sumo daquela fruta está no meu desejo e na fôrça de levantar a cabeça.

**HELOÍSA**  
(*comovida*)

Isso são poesias. Nenhuma verdade.

**ANTÔNIO**

E' assim que eu penso.

(*Entra GERTRUDES, copo numa bandeja*)

**HELOÍSA**  
(*tomando o copo*)

Passei parte da noite olhando os selos que o senhor me deu. Botei, não sei quantas vêzes, o dragão contra a luz do candeeiro. E' bem pensado, aquilo do Ó.

**ANTÔNIO**

Sabia que a senhora ia gostar.

**HELOÍSA**

Também é muito bonito o sêlo do Japão. A montanha branca. Aquela árvore. Queria estar lá.

**ANTÔNIO**

Em tôda parte há maldade. Aquêle monte branco é um vulcão.

**HELOÍSA**

Não digo que quisesse estar em outras terras. Queria estar no sêlo; debaixo daquela árvore.

**ANTÔNIO**

Não queira estar num sêlo, dona Heloísa.

(*Mais concentrado*)

A senhora queria estar num sêlo ontem?

**HELOÍSA**  
(*com vivacidade*)

Não.

(GERTRUDES parece adivinhar que alguma coisa existe entre ANTÔNIO e HELOÍSA)

**ANTÔNIO**

Pois eu, ontem ou hoje, quero estar na vida. Qualquer dia, mesmo sujeito à morte.

(Entram FIDÊNCIO, PEDRO IVO e FANHOSO. Este descalço, sem chapéu, calça azul de mescla, camisa de saco de trigo, sem gola, por fora das calças. Armado)

**FIDÊNCIO**

Ah, ah, ah! Vamos derretê-los na bala. Não vai ter nem graça. Aqui, serramos de cima. E' ou não é, Fanhoso?

**FANHOSO**

E'.

**FIDÊNCIO**

Vai ser mesmo que os pernambucanos, no Monte das Tabocas, com os holandeses. Eram os galegos querendo subir e os pernambucanos passando chumbo nêles. Morria holandês feito passarinho.

**FANHOSO**

E eu, Coronel?

**FIDÊNCIO**

Você continua vivo.

**FANHOSO**

Não! Onde é que eu fico?

**FIDÊNCIO**

Já vou lhe mostrar. Fica de sentinela. Viu uma tropa se aproximando, grita logo de lá. Entendeu?

**FANHOSO**

Entendi.

**FIDÊNCIO**

Não se esqueça. Nós representamos a pátria. Os cabras do Timorante representam os hereges!

**FANHOSO**

Nossa Senhora!

(FIDÊNCIO e FANHOSO sobem a escada)

**FIDÊNCIO**

A caveira de Belchior Bragança Cavalcanti, se ainda existe, hoje vai dar risada.

(A voz de FIDÊNCIO desaparece no alto)

**PEDRO IVO**

Helóisa! Quero saber se você casa comigo.

**HELOÍSA**

Quero ir embora.

**PEDRO IVO**

Não estou girando, pra levá-la de volta.

**HELOÍSA**

Não adianta eu ficar. Não caso com o senhor, nem que me mate.

**PEDRO IVO**

Quer casar com aquele mouro? Vai morrer enforcada, feito a outra.

**HELOÍSA**

Isso é comigo.

**PEDRO IVO**

Pra que foi então que me arrisquei? Que estou me arriscando? Você tem de me aceitar, quer queira, quer não queira.

**HELOÍSA**

Não sou bicho.

**FIDÊNCIO**

(descendo, traz um fuzil)

Pronto. Tudo providenciado. Agora, é esperar os holandeses. Quero ver se ainda tenho pontaria.

**PEDRO IVO**

*(impaciente)*

Não vai adiantar de nada, se ela continuar desse jeito.

**FIDÊNCIO**

Dêsse jeito, como?

**PEDRO IVO**

Não quer compreender que, se me arrisquei a tudo indo buscá-la...

*(Sentir-se-á, em PEDRO IVO, o progredir do seu medo, não apenas através das palavras)*

**HELOÍSA**

O senhor está preocupado demais com êsses riscos.

**PEDRO IVO**

Não acabei de falar.

**FIDÊNCIO**

E uma besteira dessa tem o que falar? Você foi buscá-la de arma em punho. Que é que ela quer mais? Devia estar era agradecida.

**HELOÍSA**

Quero ir para a casa de meu pai.

**FIDÊNCIO**

Não vai embora nada. Daqui a pouco, chega o outro padre com a procissãozinha dêle. Aproveita a embalagem e casa logo vocês.

**GERTRUDES**

Você sabe que ninguém casa assim, Fidêncio. Precisa antes correr os banhos.

**FIDÊNCIO**

Isso é modernismo. Tive um parente que se casou em artigo de morte. Não precisou de banho nem de lava-pés. Não lavou nem as mãos.

**HELOÍSA**

Ninguém está para morrer.

**FIDÊNCIO**  
Não está, mas pode ficar. Quem é que sabe, na hora de uma guerra?

**RUI**

*(sentencioso)*

E' isso mesmo. Aqui está todo mundo com um pé na cova. O senhor está dizendo uma verdade.

**FIDÊNCIO**

Quem foi que disse isso? Aqui não tem ninguém com pé na cova. Você pode entender de matar gente a retalho; mas não por atacado. Na posição que estamos, vai ser uma carnificina. Mesmo que no Monte das Tabocas.

**ANTÔNIO**

*(medindo o terreno, pois tem algo em mente)*

Que é que o senhor sabe dessa batalha?

**FIDÊNCIO**

Não foi quando os brasileiros deram nos holandeses, em mil seiscentos e tanto? Um parente nosso morreu nessa batalha.

**ANTÔNIO**

Sabe quantos homens tinham os holandeses e quantos os brasileiros?

**FIDÊNCIO**

Não sou menino de escola. Nem sei nem quero saber. Sei é que essa batalha foi mais importante que a dos Guararapes. Meu avô sempre dizia isso. Nos Guararapes, os brasileiros já surraram uns apanhados. Enquanto que no Monte das Tabocas, os holandeses não tinham perdido aqui para ninguém. Fazia bem uns quinze anos que mandavam chover em dia de sol quente, neste Pernambuco velho.

**ANTÔNIO**

O Monte das Tabocas fica em Vitória de Santo Antão. E' minha terra natal.

**FIDÊNCIO**

Que é que tem isso?

**ANTÔNIO**

Sei de umas coisas que vocês talvez não saibam.

**PEDRO IVO**

Ninguém quer saber de nada disso agora.

**ANTÔNIO**

O que vou dizer é importante. Interessa a todos. Sabem que os holandeses eram protestantes. Pois bem. Trouxeram com eles, para o Brasil, uma imagem de... Ana Bolena.

**FIDÊNCIO**

E quem é essa?

**ANTÔNIO**

Uma santa. Padroeira dos ingleses.

**FIDÊNCIO**

*(com admiração)*

Dos ingleses?

**ANTÔNIO**

Sim, dos protestantes.

**FIDÊNCIO**

E protestante também tem santos?

**ANTÔNIO**

Naquele tempo, sim. E os holandeses acreditavam que, enquanto Santa Ana Bolena estivesse com eles, tudo iria bem. Mas os brasileiros roubaram aquela imagem e levaram para o Monte das Tabocas. E aquela batalha era pra isso: pra retomar a santa.

**FIDÊNCIO**

Então eram uns desocupados. Brigar por causa disso!

**ANTÔNIO**

Não conseguiram nada. Saíram na carreira, como o senhor sabe. Mas, mesmo que houvessem vencido a batalha, não teriam pôsto a mão na santa. Sabem por quê? Porque não estava lá. Os brasileiros tinham mandado quatro homens pra longe, com ela.

**FIDÊNCIO**

*(contendo a indignação)*

Pedro Ivo... Você compreendeu aonde êsse sujeito quer chegar?

**PEDRO IVO**

Não está pensando em sair daqui com Heloísa?

**ANTÔNIO**

E' isso!

**FIDÊNCIO**

Mas é muito afoito!

**ANTÔNIO**

Não. Nós não vamos lutar e o senhor quer ver as nossas costas. Assim, eu e Rui podíamos dar um auxílio, sem pegar em armas.

**RUI**

Eu? Por que diabo está me metendo nessa história?

**ANTÔNIO**

Se você não quer ir, também não precisa. Acho até melhor. Você fica, ela se veste numa roupa sua e vai comigo.

**RUI**

Você está ficando, mas é doido. Vai terminar sacudindo a pedra em santo.

**FIDÊNCIO**

E qual era a vantagem de você sair daqui com a môça?

*(FIDÊNCIO e PEDRO IVO devem comportar-se, nesta cena, como se, embora recusando a proposta de ANTÔNIO, se sentissem atraídos por ela)*

**ANTÔNIO**

Até uma criança de peito adivinha que êsse Drahomiro vem buscá-la.

**PEDRO IVO**

Vem, mas não leva.

**ANTÔNIO**

Ele não pensa assim. Vai subir essas encostas, feito uma boiada quando desce.

**HELOÍSA**

Eu preferia ir.

**FIDÊNCIO**

Você aqui não tem voz, menina.

**ANTÔNIO**

O senhor me desculpe, Coronel. Mas acho que ela deve ter.

**FIDÊNCIO**

Não estou perguntando o que é que o senhor acha.

**PEDRO IVO**

Quem garante que você não ia levá-la de volta para o Bom-Mirar?

**FIDÊNCIO**

Ou para o Timorante?

**ANTÔNIO**

Podiam mandar mais dois homens comigo. Embora eu preferisse ir só, porque chamava menos atenção.

**RUI**

Se é mesmo pra ir, eu também vou. De longe, mas vou.

**PEDRO IVO**

Não foi pra largá-la, que eu fiz o que fiz.

**ANTÔNIO**

Vocês estão conversando mais do que devem e perdendo um tempo que não têm. Cada vez que dizem uma palavra, Drahomiro Marinho avança um passo.

**VOZ DE FANHOSO**

Vem um homem aí, com um lenço num pau!

**FIDÊNCIO**

Que é que está dizendo êsse danado?

**GERTRUDES**

Que vem gente.

**FIDÊNCIO**

*(correndo para a janela)*

Um emissário! O homem já está descendo do cavalo, e agora que Fanhoso vem falar. Vigia filho da mãe. Estávamos bem arranjados, se fôssem Drahomiro e os homens dêle.

*(Abre a porta)*

**SEVERINO**

*(chapéu na mão. Chinelo grosseiro. Calça azul-marinho, já velha; paletó creme de brim ordinário, as mangas bastante curtas; camisa cinza, de mangas muito compridas, enfiada por dentro da cueca, cujo cós aparece acima do cinto grosso. A cintura das calças chega quase às virilhas. E' homem empertigado e sêco. Desarmado. Traz um lenço na ponta de uma vara)*

Posso entrar?

**FIDÊNCIO**

Quem é você, cabra?

**SEVERINO**

Sou de paz.

**FIDÊNCIO**

Vem a quê?

**SEVERINO**

A mando de meu chefe.

**FIDÊNCIO**

Não sei quem é.

**SEVERINO**

Capitão Drahomiro Marinho.

**FIDÊNCIO**

Capitão? E você é o quê? Alferes?

**SEVERINO**

Sou Severino dos Santos.

**FIDÊNCIO**

Que diabo veio fazer nas minhas terras?

**SEVERINO**

Vim trazer um oferecimento.

**FIDÊNCIO**

*(sentando-se e deixando o recém-vindo em pé)*

Pode falar. Tem ordem.

**SEVERINO**

Tenho um recado pra dona Heloísa. De seu pai e do Capitão Marinho. Mandaram perguntar como está a senhora.

**HELOÍSA**

Estou bem.

**SEVERINO**

Êles querem que a senhora esteja de volta inda hoje. Antes das oito.

**FIDÊNCIO**

Se foi pra isso que veio, acabou a conversa. Ela não vai.

**SEVERINO**

Não vim só pra isso.

**PEDRO IVO**

E pra que foi? Pra que não diz logo?

**SEVERINO**

Meu chefe, o Capitão Marinho, sempre estendeu a mão pra quem está por baixo.

**FIDÊNCIO**

*(levantando-se)*

E quem está por baixo, cabra?

**SEVERINO**

Nunca deu um castigo, sem oferecer uma saída.

**FIDÊNCIO**

Que é que êle está pensando?

**SEVERINO**

Não vim pra dizer o que o Capitão está pensando. Vim pra fazer um negócio.

**PEDRO IVO**

Não temos negócio a fazer.

**SEVERINO**

Vosmecê preza a sua vida, môço. Comprar a vida é negócio vantajoso.

**FIDÊNCIO**

Que quer dizer com isso de comprar a vida? A vida de quem?

**SEVERINO**

O Capitão Marinho está no Timorante, com o pessoal do cartório, sêlo e os livros de assentamentos. Se vosmecê descer com a dona Heloísa e passar em nome dêle a várzea do Cansa-Cavalo, êle promete não matar seu filho. Promete e jura.

**FIDÊNCIO**

Você está vendo, Gertrudes? Hein? Já ouviu? Êle só pensa em terras e dinheiro. Prendeu, uma vez, um inimigo e passou-o nos cobres. Por um conto de réis. A Loja Maçônica comprou o homem a êle. E' um faminto.

**PEDRO IVO**

Quanto tempo nós temos pra pensar nisso?

**FIDÊNCIO**

Pensar em quê? Está querendo dar pra trás?

**PEDRO IVO**

*(insistindo)*

Até que horas?

**SEVERINO**

Até à bôca da noite.

**FIDÊNCIO**

Pra mim, já escureceu. Vá e diga a seu chefe que nem a môça vai, nem eu. E que a terra que êle há de ganhar nessa história não tem muito mais de sete palmos.

**SEVERINO**

Quer dizer que a resposta é essa?

**FIDÊNCIO**

E', sim. E desapareça.

**PEDRO IVO**

Vai mandá-lo de volta?

**FIDÊNCIO**

E por que não?

**PEDRO IVO**

Êle viu tudo aqui.

**FIDÊNCIO**

E' bom que tenha visto mesmo. Assim vai contar que não estamos dormindo.

**PEDRO IVO**

E' o mesmo que abrir as portas! Por que não manda logo eu ir com êle?

**GERTRUDES**

Por mim, Fidêncio Lins, você não despachava o homem com êsse estouvamento. Considerava antes a proposta.

**FIDÊNCIO**

Já considereei. O sujeito que Drahomiro vendeu à Loja Maçônica, por um conto de réis, pra não matar, era prisioneiro dêle. Mas meu filho está aqui.

**GERTRUDES**

Vocês estão com os pés fora da terra. Todos. Drahomiro Marinho não é homem de brinquedo. E se Heloísa recusa Pedro Ivo, pra que a teimosia? Qual é o fim de tudo, se ela não casa com êle?

**FIDÊNCIO**

Nós não vamos passar por baixo dêsse jeito. Levar a noiva de volta e, ainda por cima, desfalcar nossas terras.

**GERTRUDES**

Melhor do que morrer.

**FIDÊNCIO**

Essa parada está perdida pra êle. Se mandou êsse sujeito aqui, com panos mornos, é porque sabe disso.

**GERTRUDES**

Não esteja tão certo. Êle tem mais cabeça do que todos vocês juntos.

**FIDÊNCIO**

Você está com quem, Gertrudes? De que lado?

**GERTRUDES**

Do nosso.

**FIDÊNCIO**

Então não fale mais.

**GERTRUDES**

Tenho de falar. Se nunca me ouviu na sua vida, ouça pelo menos desta vez. Está aceitando a loucura de seu filho e lutando por nada. Caia em si, pelo amor de Deus. Ofereça a mata, em vez da chá. Quem sabe Drahomiro aceita?

**FIDÊNCIO**

E a môça?

**GERTRUDES**

Mande-a de volta.

*(Rumôres fora. Batem forte à porta)*

**FIDÊNCIO**

Que é isso lá? Querem botar abaixo?

**SETE-RANCHOS**

*(abrindo a porta)*

Coronel!

*(Vozes fora)*

**FIDÊNCIO**

Que diabo tem você?

**SETE-RANCHOS**

Carece ir logo...

*(Vendo SEVERINO)*

Coronel Fidêncio!

**FIDÊNCIO**

Que é que você tem? Viu alma do outro mundo?

**SETE-RANCHOS**

E' êsse o homem!

**FIDÊNCIO**

Que homem, senhor?

**SETE-RANCHOS**

O marido. E' por causa dêle que o padre não me casa.

**FIDÊNCIO**

Ah! E' êsse?

**PEDRO IVO**

O senhor não vai perder tempo com essa história. Temos coisas mais sérias pra resolver agora.

**MARISAURA**

*(entrando)*

Está subindo uma fumaça grossa. Parece que é fogo nas canas.

*(GERTRUDES, lenta, vai olhar através da janela)*

**FIDÊNCIO**

Incêndio?

**MARISAURA**

Acho que sim.

**FIDÊNCIO**

E o peste dêsse vigia, será que não vê nada? Fanhoso!

**VOZ DE FANHOSO**

Senhor!

**FIDÊNCIO**

Deixe já êsse pôsto, que você não merece.

**VOZ DE FANHOSO**

Por que, Coronel?

**FIDÊNCIO**

Não me faça pergunta, e desça. Não já disse?

**MARISAURA**

Precisamos dar um jeito de apagar o fogo.

**SETE-RANCHOS**

Era isso que eu vinha dizer, Coronel. Mas quando vi êsse judas...

**FIDÊNCIO**

E' um judas mesmo. Está vendo, Gertrudes? Já ouviu, Pedro Ivo? Aqui com essas conversas de fazer acôrdo, sabendo que na mesma hora estavam pondo fogo em meus canaviais. E vocês dois indo na história.

**SEVERINO**

O Capitão Marinho não ia fazer isso. Não ia tocar fogo nas canas, eu aqui.

**FIDÊNCIO**

Então, fui eu. Fui eu que toquei fogo nos meus bens.

**SEVERINO**

O Capitão Marinho não ia me fazer uma traição dessa.

**FIDÊNCIO**

Seu Capitão Marinho é um cabra ordinário. Sete-Ranchos! Tranque êsse cachorro no quarto de trás. E fique lá, não deixe êle fugir. Êle viu as nossas posições.

**SETE-RANCHOS**

E o fogo?

**FIDÊNCIO**

Deixe comigo.

BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. L63

**SETE-RANCHOS**

(a SEVERINO)

Vamos.

(Saem SEVERINO e SETE-RANCHOS)

**FIDÊNCIO**

Um desclassificado igual àquele Drahomiro Marinho, eu estava pra ver. Manda um sujeito pra conversar e outro pra incendiar.

**PEDRO IVO**

Pode não ter sido gente dêle.

**FANHOSO**

(descendo)

Pronto, Coronel.

**FIDÊNCIO**

Como é que tocam fogo nas canas e você não diz nada? E' cego?

**FANHOSO**

Vosmecê disse que eu avisasse, se visse uma tropa. Não vi tropa nenhuma.

**FIDÊNCIO**

Você merecia um conselho de guerra. E a fumaça?

**FANHOSO**

Eu não vi tropa, não disse nada. Ia lá dizer que vi uma fumacinha?

**FIDÊNCIO**

Mais burro do que você, só mandando fazer. Com homens dessa qualidade, é difícil ganhar uma guerra. Não precisa mais vigiar coisa nenhuma. Vamos ver êsse incêndio. Pegue cachaça e bolacha, chame Belisário, Calixto, Nicolau, João de Francisco, e toca pra lá.

**FANHOSO**

Pra lá, pra onde?

**FIDÊNCIO**

Para o incêndio, quartau. Depressa.

(Sai FANHOSO. A RUI e ANTÔNIO)  
E vocês dois? Vão ficar aqui palitando os dentes?

**RUI**

Vamos, meu irmão?

**ANTÔNIO**

Vamos.

**FIDÊNCIO**

(*saindo*)

Fanhoso, espanta êsse cavalo que está aí na frente.

**PEDRO IVO**

Queria falar com o senhor.

**ANTÔNIO**

Comigo?

**PEDRO IVO**

Sim.

**MARISAURA**

Você não vai?

**PEDRO IVO**

Vou já.

(*MARISAURA olha-o suspeitosamente.  
Saem MARISAURA e RUI*)

**PEDRO IVO**

Não foi êle que mandou chegar fogo nas canas.

(*Sente-se que o medo de PEDRO IVO  
tomou um nôvo impulso. GERTRUDES  
se volta para êle*)

**ANTÔNIO**

Acho que foi.

**PEDRO IVO**

Pra que ia fazer isso, com o homem aqui?

**ANTÔNIO**

Pra isso mesmo: pra parecer que não era.

**PEDRO IVO**

O senhor acha então que essa conversa tôda era tapeação?

**ANTÔNIO**

Acho que sim. Mas o homem veio de boa-fé. Ele não sabia de nada.

**PEDRO IVO**

Então por que tudo isso? Pra que a encenação?

**ANTÔNIO**

Ele vai atacar já; êsse fogo é pra distrair vocês.

**PEDRO IVO**

Acha então que meu pai caiu no laço, levando homens pra lá? E que Drahomiro, de uma hora pra outra, vai estourar por aqui?

**ANTÔNIO**

Tenho certeza.

(GERTRUDES *aproxima-se*)

**PEDRO IVO**

Continua achando que ainda vale a pena... levá-la pra longe?

(HELOÍSA *levanta-se, dá alguns passos. Embora de costas para êles, acompanhava a conversa com interêsse*)

**ANTÔNIO**

Falando com franqueza, já acho um pouco tarde.

**PEDRO IVO**

Não era possível marcar um lugar? O senhor ia com ela, a gente se encontrava lá.

(GERTRUDES *fita-o com desprezo*)

**ANTÔNIO**

Noutro lugar, dona Heloísa tem tempo de pensar. Podia decidir o seu destino. Com calma.

**HELOÍSA**

Que lugar?...

**PEDRO IVO**

No engenho Bombarda.

**ANTÔNIO**

Sei ir.

**PEDRO IVO**

E' gente minha amiga. Drahomiro Marinho, mesmo sabendo que Heloísa está por lá, não vai ter peito nem fôrça de ir buscá-la. O Bombarda é o engenho mais bem armado de Pernambuco.

**ANTÔNIO**

E chegamos assim, sem mais nem menos?

**PEDRO IVO**

O senhor do engenho já sabe de tudo. Quando sai com os meus homens, mandei um portador no Bombarda buscar refôrço, e dizendo pra que era. Já deviam ter chegado aqui.

**ANTÔNIO**

Pois se é mesmo pra ir, já estou com um pé no caminho.

**HELOÍSA**

Aqui, não posso pensar.

**PEDRO IVO**

Então está decidido. Você vai com êle. Encontro com vocês no cruzamento da estrada pra Glória do Goitá. De lá seguimos os três para o Bombarda.

**ANTÔNIO**

Ela não pode ir vestida de noiva. Vai como se fôsse Rui Vilela.

**PEDRO IVO**

Não com a roupa dêle. Mãe, arranje aí uma roupa de homem pra Heloísa.

*(Vai à porta e grita para fora)*

Peguem depressa os burros dos mascates e metam-lhes os arreios. Selem também meu rudado.

*(Fecha a porta)*

**GERTRUDES**

E seu amigo, môço?

**ANTÔNIO**

Êle se arranja.

**PEDRO IVO**

Por que a senhora ainda está aí?

**GERTRUDES**

*(com implacável e contida indignação)*

Você está fugindo, Pedro Ivo.

**PEDRO IVO**

Não se trata disso.

**GERTRUDES**

Está fugindo para lugar seguro e deixando seu pai na fogueira.

**PEDRO IVO**

A senhora está enganada. No Bombarda, falo com Salustiano. Venho com reforços, ataco Drahomiro por trás.

**GERTRUDES**

Vou conseguir umas roupas pra essa môça. Quero ajudá-la no que fôr possível. Mas sei que você está fugindo.

*(Vai para o interior da casa)*

**PEDRO IVO**

Heloísa, quero que saiba: isso não é verdade, o que ela disse. Fico e não arredo o pé daqui, se você prometer me aceitar. Mesmo sabendo que morro.

**HELOÍSA**

Longe daqui é que vou refletir.

**PEDRO IVO**

Pense que casar comigo é seu destino. Foi o destino, Heloísa, que me trouxe aqui êsse mascate. Se não fôsse uma palavra dêle, a esta hora você estava casada e eu sem esperança.

**HELOÍSA**

O senhor acredita no destino.

**PEDRO IVO**

Como não?

*(Corre para lançar um olhar inquieto através da janela)*

**HELOÍSA**

E o senhor, seu Antônio Vilela?

**ANTÔNIO**

Também, dona Heloísa. Mas é certo que, do destino, a gente só tem o barro. Ninguém encontra parede levantada. E' preciso cavar, cozinhar os tijolos, levantar as paredes.

**HELOÍSA**

O senhor, então, não espera que as coisas lhe sucedam?

**ANTÔNIO**

Não. As coisas são ariscas, não caem em nossa mão.

**PEDRO IVO**

E foi isso que eu fiz, Heloísa. Eu fui buscá-la.

**HELOÍSA**

Às vezes, seu Antônio Vilela, o que procuramos não vem nunca.

**ANTÔNIO**

Não faz mal, dona. O importante é fazer por onde.

**GERTRUDES**

*(entrando)*

Pode vir, minha filha. Acho que arranjei roupa que sirva.

**ANTÔNIO**

E' uma pena, a senhora tirar êsse vestido. Tão bonito!

**HELOÍSA**

Para mim, isto não é vestido. E' mortalha.

*(Saem HELOÍSA e GERTRUDES. Alarido. Entram FIDÊNCIO, RUI VILELA,*

FANHOSO, MARISAURA e, atrás de todos, JOÃO-JOÃO. Todos ligeiramente embriagados, menos MARISAURA. Atenção: estão apenas ligeiramente embriagados. JOÃO-JOÃO está armado e é prêto, sendo o único na peça a usar chapéu de couro. Calças pardas, camisa azul-turquesa, de mangas compridas, sem paletó, longo punhal à cinta. Cartucheira atravessada no ombro)

**FIDÊNCIO**

Tocaram fogo nas canas, mas contra o vento. E num partido já quase todo cortado. Serviço de gente sem experiência.

**RUI**

(pegando a sanfona)

Sabem o que mais? Eu até que estou começando a gostar dessa festa.

**PEDRO IVO**

(assustado, vendo JOÃO-JOÃO)

Quem é êsse homem?

**FIDÊNCIO**

Êsse se chama João-João. Foi mandado por Salustiano, com mais seis. Como é que você não disse que mandou portador para o Bombarda? Achou que nós, sòzinhos, não íamos dar conta do recado?

**PEDRO IVO**

Salustiano é meu amigo. Era capaz de ficar aborrecido, se eu não mandasse pedir auxílio a êle.

**FIDÊNCIO**

Devia ter-me avisado.

**MARISAURA**

Onde é mais, Pedro Ivo, que você mandou buscar refôrço?

**PEDRO IVO**

Não vamos discutir. O que interessa é saber se não estamos cercados.

**MARISAURA**

E se estivermos?

**PEDRO IVO**

Estamos?

**JOÃO-JOÃO**

Visto que não, doutor. Nós sete passamos com seu portador, sem atropêlo nenhum.

**ANTÔNIO**

Vieram pela estrada de Glória do Goitá?

**JOÃO-JOÃO**

Por ela mesmo, doutor.

**FIDÊNCIO**

Ele tem de aborrecido é isso: chama todo mundo de doutor. Isso é cabuloso. Mas se é bom na bala, não interessa. Melhor do que êsse tal de Rui Vilela, que até pra apagar fogo é ruim de serviço. Vamos ver, sanfoneiro. Toca aí o Hino Nacional.

**RUI**

Uma vez, num 7 de setembro, comecei o baile com o Hino Nacional. Aí a negrada entrou na sala pra dançar. Quando terminei de tocar, um sujeito chegou perto de mim e disse: «Môço, não toque mais essa polquinha não, que é ruim de dançar que é danada».

**FIDÊNCIO**

(rindo)

Essa é boa! Que ignorante! O Hino Nacional, uma polquinha!

**FANHOSO**

E o que é que é?

**FIDÊNCIO**

Deixa de ser burro, Fanhoso. O Hino Nacional é o Hino Nacional. Fala nas grandezas da pátria!

**FANHOSO**

Ah, sim. Pensei que era valsa.

**FIDÊNCIO**

Nós, os brasileiros, tocamos o Hino Nacional. E eles, os hereges, o que é que vão tocar? Hein? Já sei! O ofício dos defuntos.

*(Risos. Aparece GERTRUDES. Ouve-se um tiro. Silêncio, apreensão geral)*

**PEDRO IVO**

Mamãe... Tinha arma no quarto?

**GERTRUDES**

Não que eu saiba.

**PEDRO IVO**

E que tiro foi êsse?

*(Entra SETE-RANCHOS)*

**SETE-RANCHOS**

Pronto, Coronel Fidêncio! Agora já posso casar.

**FIDÊNCIO**

O que é que você fêz, rapaz?

**SETE-RANCHOS**

O padre não me disse que eu não podia casar porque o marido da mulher estava vivo? Agora, não está mais. Acabou-se o impedimento.

**FIDÊNCIO**

*(rindo)*

Nessa eu não tinha pensado. Quero ver agora a cara daquele padre. Aliás, êsses padres de hoje não valem nada. Cheios de historinhas, sem autonomia!

**PEDRO IVO**

*(apavorado)*

Sete-Ranchos não devia ter morto aquêle homem.

**FIDÊNCIO**

Morreu, está morto. E depois, era um judas. Mas será que êle está mesmo pronto?

**SETE-RANCHOS**

Não adianta ver, êle não está no quarto.

**FIDÊNCIO**

E onde é que está?

**SETE-RANCHOS**

Deixei êle fugir e fiquei na janela, na pontaria. Quando tomou distância, passei fogo. Caiu com as perninhas pra cima, que parecia um cabrito.

**FIDÊNCIO**

*(com afetada solenidade)*

Então, como bons cristãos, vamos encomendar a alma dêle.

*(Voltando ao natural)*

Vê lá, sanfoneiro. Já que você não serve pra outra coisa, fala aí a querença. Toca o chen-en-en. Só é a reza que serve pra aquele defunto acolá.

**RUI**

Quer o chen-en-en?

**FANHOSO**

Sim.

**RUI**

Então, lá vai tempo.

*(Tocando e cantando)*

Chen-en-en, chen-en-en, chen-en-en  
Chen-en-en, chen-en-en, chen-en-en  
Sá Mariquinha,  
quantas filhas você tem?  
Tenho cinco filhas môças  
pra dançar o chen-en-en.

**FIDÊNCIO, FANHOSO E JOÃO-JOÃO**

*(repetem a quadra acima com RUI e começam a dançar)*

**RUI**

Chen-en-en, etc.  
Sá Mariquinha,  
lá do Alto das Peruas,  
traga suas filhas nuas  
pra dançar o chen-en-en.

**RUI E OS OUTROS TRÊS**

*(repetem a quadra, dançando)*

**RUI**

*(enquanto os outros cantam, olha da janela)*

Até a cambada lá fora está começando a dançar. A festinha está ficando é boa.

*(Cantando)*

Chen-en-en, chen-en-en.

*(Espouca a fuzilaria. Uma bala estilhaça o vidro. RUI VILELA gira, ferido. Gritos. Todos tomam posição de combate)*

**FIDÊNCIO**

Tomem posição, minha gente. Os desgraçados atacaram antes da hora.

*(Aparece HELOÍSA, sem véu, mas ainda vestida de noiva)*

**ANTÔNIO**

Cuidado!

*(Corre para RUI VILELA. Aparece GERTRUDES)*

**RUI**

Meu irmão... Eu sabia que a morte ia pegar-me hoje. Mas não era por medo que eu queria ir embora. Era por sua causa.

**ANTÔNIO**

Eu sei.

**RUI**

Nunca fui homem de medos.

**FIDÊNCIO**

Miseráveis! Cegaram a gente com a história do incêndio e avançaram.

**RUI**

Esse tal de Drahomiro vai estourar por aqui. Me enterte depressa, não deixe êle ver minha cara.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 174

**ANTÔNIO**  
Por quê?

**RUI**  
Foi êle que me mandou matá-lo.

**ANTÔNIO**  
Rui Vilela! Meu irmão!  
(RUI morre)

**FIDÊNCIO**  
Vejam como atiram! Não vão matar nossos homens.

**JOÃO-JOÃO**  
Careço de sair, doutor. Vou manobrar os meus.

**FIDÊNCIO**  
Não deixe a porta aberta.  
(Sai JOÃO-JOÃO, agachado, fechando a porta. GERTRUDES, abrindo a gaveta da cômoda, estende uma toalha no rosto de RUI)

Fogo no paiol, minha gente!  
(Diminui o tiroteio)

**VOZ DE FORA**  
A procissão está chegando!  
(ANTÔNIO ergue o rosto)

**FIDÊNCIO**  
O quê! Êsse padre é muito homem. Vir no meio dum fogo dêsse! Mas é compreensível. Êle ainda chega a ser meu parente distante.

**SETE-RANCHOS**  
Coronel! Deixe eu dar um tiro naquele padre da peste.

**FIDÊNCIO**  
Você está doido? Matar padre é o mesmo que matar um gato. Sete anos de atraso.

(Grita para fora)  
Ninguém saia de suas posições! Ôlho vivo!

*(Quase no mesmo tom)*

Fanhoso, vá tocar o sino como na igreja.

*(Sai FANHOSO. O sino começa a tocar: uma pancada, duas; uma pancada, duas, etc.)*

Vou pedir ao padre pra encomendar êsse corpo.

**GERTRUDES**

Talvez êle consiga fazer com que acabe êste horror.

**FIDÊNCIO**

Não espere por essa. Isto é só uma pausa. Depois, a bala canta outra vez. Mas tenho de confessar que êsse padre não é o que eu pensava. Que cabra danado!

*(Abre-se a porta. Entra DRAHOMIRO MARINHO, vestido de padre, à frente do andor, com a custódia erguida diante do rosto. Seguem-no vestido de opa e capuz, trazendo o andor com a bandeira de S. Miguel, ROSÁRIO, êste descalço, JOÃO PINTO e SERRA, homens de DRAHOMIRO. Pousam o andor no chão)*

**DRAHOMIRO**

*(fala sêco, enérgico, e num tom mais ou menos imutável)*

Como lhe tratam, Heloísa?

**HELOÍSA**

Drahomiro!

**FIDÊNCIO**

O quê?

**DRAHOMIRO**

*(baixando a custódia. Os cabras já estão de armas apontadas. Menos ROSÁRIO, que só usa faca)*

Pois é. Todos no mesmo lugar. Estremeceu, morreu.

*(Pondo a custódia numa mesa, benze-se)*

Deus me perdoe. Mas era preciso.

**FIDÊNCIO**

Isto é uma...

**DRAHOMIRO**

Cale-se, velho. Armas no chão. Todos.

*(Obedecem)*

Mande seus homens, lá fora, fazer o mesmo.

**FIDÊNCIO**

A que título?

**DRAHOMIRO**

Diga que é ordem de São Miguel Arcanjo.

*(ANTÔNIO benze-se, fitando o andor.  
ROSÁRIO, com movimentos rápidos e si-  
lentes, apanha as armas)*

**VOZ DE HOMEM, FORA VOZES**

Viva São Miguel!

Viva!

**FIDÊNCIO**

*(da janela, com um gesto de desalento)*

Entreguem as armas. E' uma ordem.

**DRAHOMIRO**

Nossos homens estão aparecendo?

**JOÃO PINTO**

Estão, Capitão.

*(Cessam as batidas do sino)*

**DRAHOMIRO**

Bem. Rosário e Serrinha, passem revista na casa, fechem portas e janelas que encontrarem abertas.

*(A ANTÔNIO e SETE-RANCHOS)*

Vocês dois, fora.

*(ROSÁRIO e SERRINHA obedecem. SE-  
TE-RANCHOS e ANTÔNIO vão saindo)*

Um momento. Por que é que esse homem não tem arma?

**ANTÔNIO**

Sou de boa paz.

**DRAHOMIRO**

E' espírita?

**ANTÔNIO**

Não, senhor.

**DRAHOMIRO**

E' covarde?

**ANTÔNIO**

Também não. E se não fôsse demais, queria pedir um favor.

**DRAHOMIRO**

Qual?

**ANTÔNIO**

Enterrar meu amigo.

**DRAHOMIRO**

Consentido. Querendo, pode abrir mais de uma cova. Agora, gente, vamos ajustar nossas contas.

### TERCEIRO ATO

Neste ato, DRAHOMIRO está vestido à secular e seus capangas sem opa nem capuz. O cadáver de RUI VILELA foi retirado. Estão em cena FIDÊNCIO, GERTRUDES, PEDRO IVO, MARI SAURA, DRAHOMIRO, SERRINHA e ROSÁRIO, os dois primeiros sentados, os demais de pé.

Roupas: DRAHOMIRO de jaquetão prêto, de listas, ombros acolchoados; sapato branco e prêto; brilhantes na gravata prêta e no mínimo da mão esquerda; SERRINHA de botinas de elástico, calças amarelas, de tecido ordinário, camisa preta, por fora das calças; ROSÁRIO descalço, calças brancas, camisa de xadrez, prêsa na cintura, lenço rubro no pescoço, uma fita vermelha amarrada no tornozelo direito.

**JOÃO PINTO**  
(entrando)

Pronto, Capitão.

(Tipo forte. Cartucheiras cruzadas, óculos com um dos vidros esfumado. Quer parecer-se com Lampião, usando roupas que se assemelham às do famoso cangaço, mas é calvo. Por isto só tira o chapéu para falar com o patrão, cobrindo-se logo)

**DRAHOMIRO**

Tudo feito? Armas arrancadas? Todos os vencidos no curral?

**JOÃO PINTO**

Todos.

**DRAHOMIRO**

Quantos homens no rifle, tomando conta dêles?

**JOÃO PINTO**

Seis. Com ordem de atirar pra matar, em quem fugir.

**DRAHOMIRO**

Deram as batidas?

**JOÃO PINTO**

Demos.

**DRAHOMIRO**

Ninguém escondido?

**JOÃO PINTO**

E' difícil.

**DRAHOMIRO**

E Severino dos Santos, ninguém dá notícia dêle?

**JOÃO PINTO**

Quem podia dar, era o cavalo. Mas êsse não tuge nem muge.

**DRAHOMIRO**

*(sentando-se na frente de FIDÊNCIO)*

Onde está meu homem, Coronel?

**FIDÊNCIO**

*(de pernas cruzadas, no tom de quem conversa normalmente e que procura manter nas falas seguintes. Umás duas vêzes, até balança um pouco a perna cruzada)*

Como é que posso saber? Vai ver que fugiu.

**DRAHOMIRO**

O senhor, pra fugir, descia do cavalo?

**FIDÊNCIO**

Nunca fugi, fique o senhor sabendo.

**DRAHOMIRO**

Não foge, mas mente. Heloísa me disse que o senhor prendeu o homem.

**FIDÊNCIO**

Isso foi um impulso. E tive razão. Enquanto êle estava sob meu telhado, o senhor mandou queimar as minhas canas.

**DRAHOMIRO**

*(levanta-se)*

Eu não era idiota, pra fazer isso.

**FIDÊNCIO**

Severino dos Santos também pensava assim.

**DRAHOMIRO**

Pensava?

**FIDÊNCIO**

*(confuso)*

Mandei êle de volta, sôlto, com a resposta devida.

**DRAHOMIRO**

*(senta-se outra vez)*

Qual?

**FIDÊNCIO**

*(refazendo-se. Sempre de pernas cruzadas e parecendo apenas conversar)*

Que não havia acôrdo algum a fazer.

**DRAHOMIRO**

Êle virou alcanfor, com o seu recado.

**FIDÊNCIO**

Não tenho nada com isso. Vai ver que vocês mesmo passaram fogo nêle.

**DRAHOMIRO**

Não somos cegos.

*(Ergue-se)*

Rosário, você que é ligeiro e tem o olho vivo, dá um bordo por aí, atrás de Severino.

*(Sai ROSARIO, esvoaçando)*

Serrinha, chame dona Heloísa.

*(Sai SERRINHA, para o interior da casa)*

Quero que ela ouça a conversa que nós vamos ter e fique sabendo, por testemunho, quanto vocês valem.

**FIDÊNCIO**

Ela há de ver que valemos mais do que você, que não tem raça.

**DRAHOMIRO**

O sujeito que pediu pra enterrar o companheiro está fazendo mesmo duas covas?

**JOÃO PINTO**

Parece, Capitão. Está cavando feito um desenganado.

**GERTRUDES**

Por que o senhor não pega sua noiva e vai embora? Peço perdão por meu filho.

**PEDRO IVO**

Ninguém está querendo isso.

**FIDÊNCIO**

*(descruzando as pernas e abandonando o tom coloquial)*

Cale-se, Gertrudes.

**GERTRUDES**

Peço perdão também por você.

**FIDÊNCIO**

Ainda não morri.

*(Entram HELOÍSA e SERRINHA. HELOÍSA senta-se)*

**DRAHOMIRO**

Bem. O senhor disse que não havia acôrdo. Mas agora a política virou, estou com vocês nas minhas mãos. Qual é a nova resposta?

**FIDÊNCIO**

A mesma.

**DRAHOMIRO**

Não sei donde lhe vem a teimosia. O senhor é gente ou mulo?

**FIDÊNCIO**

Gente para gente e mulo para os mulos.

**DRAHOMIRO**

Fui ofendido e venci a contenda. Tenho todos os direitos, coronel. Os direitos de quem foi prejudicado e os direitos de quem está de cima. Mas nunca, na vida, abusei de podêres: dou sempre uma oportunidade.

**PEDRO IVO**

(*ansioso*)

Mantém a proposta?

**DRAHOMIRO**

E' isso que estou dizendo. Troco você por um pedaço de terra.

**FIDÊNCIO**

(*ergue-se*)

Nunca!

**PEDRO IVO**

Nunca por quê?

(*Sùbitamente, continua avançando seu medo*)

**FIDÊNCIO**

(*abatido*)

Um Cavalcanti Lins não engole essa humilhação.

(*Senta-se pesadamente*)

**DRAHOMIRO**

Está pensando que falo por brincado? Ou prefere mesmo ver o filho morto a perder uns hectares de mas-sapê?

**PEDRO IVO**

O senhor ia fazer uma proposta, meu pai. Por que não faz agora?

(HELOÍSA *ergue-se com vivacidade*)

**HELOÍSA**

Quero voltar para o quarto.

**DRAHOMIRO**

Prefiro que fique.

**HELOÍSA**

(*falando-lhe por sôbre o ombro*)

Diziam que você queria se casar comigo, mas por causa das terras de meu pai. Estou vendo que essa era a verdade.

**DRAHOMIRO**

Preciso de você.

**HELOÍSA**

Se precisasse mesmo, não devia ter deixado me trazerem.

**DRAHOMIRO**

Eu estava sem arma e sem cobertura.

**MARISAURA**

Todo mundo sabe que o senhor se morde, desde muito, pelos cabedais que ela tem.

**DRAHOMIRO**

Isso também faz parte da pessoa. Não se pode querer alguém como a senhora, um pobre diabo que não faz sombra no chão.

(*MARISAURA volta-lhe as costas, num gesto tenso e pouco feminino*)

**HELOÍSA**

Por mim, você pode ficar com tôdas as minhas sombras. Não comigo.

**DRAHOMIRO**

Isso sou eu que decido.

**HELOÍSA**

Eu estava entregue a vontades alheias. Não estou mais.

**MARISAURA**

*(ainda de costas, lentamente)*

Por que não pergunta outra vez, Drahomiro Marinho, pra saber se ela merece fé, por Severino dos Santos?

**HELOÍSA**

*(desesperando-se)*

Já disse o que sabia. Vi que êle foi prêso.

**MARISAURA**

*(ainda lenta, porém voltando-se)*

Por que não lhe pergunta se ela e tôdas as sombras que faz ouviram um tiro?

**FIDÊNCIO**

Que conversa é essa?

**DRAHOMIRO**

Ouviu?

**HELOÍSA**

Ouvi.

**DRAHOMIRO**

E como não falou?

**HELOÍSA**

Ouvi um tiro, depois música, todos cantarem e em seguida outros tiros. Quando cheguei na sala, havia um morto. Não era Severino.

**MARISAURA**

Ela não lhe tinha dito isso. Nem que Severino dos Santos está morto.

*(FIDÊNCIO levanta-se. PEDRO IVO e GERTRUDES voltam-se para ela)*

**ROSÁRIO**

(*entrando*)

Nem sombra do homem.

**DRAHOMIRO**

(*a MARISAURA*)

Onde está?

(*Breve pausa*)

**MARISAURA**

(*olhando de face os parentes*)

Perto do chiqueiro dos porcos. Com uma bala nas costas.

**FIDÊNCIO**

Mentira! Que pretende com isso?

**DRAHOMIRO**

Vamos comigo, Serrinha. Se isto fôr verdade, velho, vocês não vão mesmo fazer acôrdo algum.

(*Sai com SERRINHA. ROSÁRIO, de cócoras no assento de uma cadeira, olha com enternecimento para HELOÍSA. No decorrer das próximas falas, proferidas aliás num ritmo intenso, ergue-se em dado momento e, tirando de dentro da camisa uma flor, oferece-a a HELOÍSA*)

**PEDRO IVO**

E agora?

**FIDÊNCIO**

Essa minha sobrinha não passa duma cachorra.

**MARISAURA**

Eu falei a verdade.

**FIDÊNCIO**

E' pra isso que há seis anos eu lhe dou de comer. Mas que é que se pode esperar da filha dum homem chamado Luiz Pereira e que, quando registrou a criatura no cartório, não lhe pôs nem o nome da mulher? E minha irmã, quando deixou de se casar com gente, pra querer um vendedor de bode chamado Luiz Pereira, também já estava degenerada.

**MARISAURA**

Não fale assim dos mortos.

**GERTRUDES**

Por que você fez isso, Marisaura? Sempre lhe tratei tão bem!

**MARISAURA**

Não sei porque fiz. Mas fazia agora novamente. Trinta, quarenta vezes.

(FIDÊNCIO *esbofeteia-a*)

**GERTRUDES**

Fidêncio!

**MARISAURA**

Pode bater-me o quanto quiser. Mas a verdade está dita, vocês estão perdidos.

**FIDÊNCIO**

Sua vagabunda! Fim de raça.

**MARISAURA**

Todos, vocês são todos fim de raça. Vocês estão morrendo.

**FIDÊNCIO**

Putá!

**JOÃO PINTO**

Não bata mais na môça, Coronel.

**FIDÊNCIO**

Quem é você, pra me dar ordem aqui?

(MARISAURA *precipita-se de bruços, nos primeiros degraus da escada*)

**JOÃO PINTO**

Eu, não sei. Mas êsse aqui é um rifle. Estou falando por êle.

(*Pausa. Movimentos silenciosos, respirações agitadas. E' neste momento que ROSÁRIO oferece a flor, voltando a agachar-se na cadeira. HELOÍSA guarda a flor no seio*)

**DRAHOMIRO**

(*entrando com violência, seguido de SERRINHA. Expectativa*)

Nossas conversas acabaram.

(A PEDRO IVO)

Você, saia. E você, velho, só não lhe mate também, por respeito à velhice. Não por respeito a você. E' à velhice.

**FIDÊNCIO**

(*patético*)

Não mate meu filho.

**DRAHOMIRO**

Acabou-se a conversa!

**FIDÊNCIO**

(*em tom mais baixo*)

Mate-me no lugar dêle.

**DRAHOMIRO**

Não queira me abalar, coronel. Conheço êsses truques. Seu filho vai morrer.

**FIDÊNCIO**

(*acusador*)

E' covardia matar um homem assim, sem armas.

**DRAHOMIRO**

Todos vocês estavam com armas, quando cheguei.

(A JOÃO PINTO e SERRINHA)

Levem êsse cabra.

**FIDÊNCIO**

(*conciliador*)

Esperem! E' a última palavra?

**DRAHOMIRO**

Não tenho tempo a perder com suas manhas!

**FIDÊNCIO**

(*com esforço*)

Se você deixar meu filho vivo, ofereço um têrço do Cansa-Cavalo.

(Enérgico)  
Veja que o homem que morreu era um ninguém, um ca-  
bra de terreiro, sem nome nem valia. *Dou-lhe um têrço do*  
*Engenho.*

**HELOÍSA**  
(do fundo da alma)

Tudo isso, pra mim, cheira a coisas podres!

**DRAHOMIRO**  
(segurando-a)

Dinheiro e terras não cheiram a podridão. O que chei-  
ra a podre é a pobreza.

(Solta-a. Ela parece inerme. Ele fita  
PEDRO IVO)

E o medo.

**FIDÊNCIO**  
(a DRAHOMIRO)

Diga se concorda.

(Breve pausa)

**DRAHOMIRO**

Concordo; mas não com um têrço.

(Fixando o velho)

Metade. Linha reta, pegando a casa-grande. A metade liga-  
da ao Timorante fica pertencendo ao Timorante.

**FIDÊNCIO**  
(indignado)

Não estou demente.

**PEDRO IVO**

Não recuse assim, meu pai.

**DRAHOMIRO**

Metade ou nada.

**FIDÊNCIO**  
(com desânimo)

Nada, então.

**PEDRO IVO**

(cujo medo está chegando ao auge)

O senhor não pode recusar dêsse modo. Não vê que está decidindo a minha morte?

**FIDÊNCIO**

(forte)

Não faço um negócio dêsse.

**GERTRUDES**

(monocórdica)

Vamos chorar o resto da velhice, Fidêncio Lins.

**FIDÊNCIO**

(abatido)

Pode levar meu filho.

**PEDRO IVO**

(desesperado)

E' pena que o senhor, quando morrer, seja um cadáver do tamanho dos outros.

**FIDÊNCIO**

Quando eu morrer, todos vão dizer: «Morreu um homem». Ninguém pode afirmar o mesmo de você.

**PEDRO IVO**

(quase soluçando)

Heloísa...

(HELOÍSA nem sequer o olha. Dir-se-ia ausente. Entra ANTÔNIO VILELA. HELOÍSA logo se recompõe do torpor e fica tensa)

Seu Antônio Vilela!

(DRAHOMIRO se volta)

Devo morrer para alimentar o orgulho de meu pai? Responda!

(ANTÔNIO caminha para o centro da sala)

O senhor precisa responder.

**DRAHOMIRO**

Quem mandou entrar?

**ANTÔNIO**

Enterrei meu amigo.

**DRAHOMIRO**

Então, dane-se.

**PEDRO IVO**

(a ANTÔNIO)

Quem tem nada com isso?

**ANTÔNIO**

(com dificuldade, pois o que tenciona  
fazer é árduo)

Enquanto abria o chão, pensei nos antigos cavaleiros  
andantes e decidi enfrentar a minha sorte. Se tenho de  
morrer, já fiz a cova.

(MARISAURA, ainda sôbre os degraus,  
ergue a cabeça)

**PEDRO IVO**

Que conversa é essa?

**DRAHOMIRO**

Não foi para o senhor que mandei fazer outra. Pode  
ir embora.

**ANTÔNIO**

Sou o homem que o senhor mandou assassinar.

**HELOÍSA**

Por quê?

**DRAHOMIRO**

Ele está variando.

**HELOÍSA**

(com ânimo)

Por que mandou matar êsse homem?

**DRAHOMIRO**

Só pode ser um louco.

(A ANTÔNIO)

Suma-se daqui.

*(Faz um breve gesto a JOÃO PINTO. Antes que este se aproxime, ANTÔNIO o detém com um discreto erguer de mão. Sai. No mesmo instante, ouve-se rumor de campainhas)*

**DRAHOMIRO**

O cabriolé de seu pai está chegando, Heloísa. Querendo, pode encontrá-lo.

**HELOÍSA**

*(não podendo controlar um súbito tremor)*

Queria estar... à sombra daquela árvore.

**DRAHOMIRO**

Peste de árvore é essa? Está ficando louca?

*(ROSÁRIO salta lépido da cadeira)*

**HELOÍSA**

*(mais senhora de si, porém sem olhar DRAHOMIRO)*

Meu pai vai levar-me pra casa, tem de levar-me pra casa. Nunca mais na vida quero ouvir sua fala, nem olhar seu rosto.

**DRAHOMIRO**

*(categórico)*

Você é minha noiva.

**HELOÍSA**

*(ergue-se, encara-o)*

Era! Mas você pensa que todo mundo é bicho, coisa que se vende ou se escorraça.

*(Entra CORIOLANO DE BARROS WANDERLEY. Idoso, claro, bigodes brancos, fala um tanto pausadamente. Todo de branco, inclusive a gravata e o colete. Sapatos castanhos)*

**CORIOLOANO**

Dão licença?

**FIDÊNPIO**

*(brando. Sem estender a mão)*

Pode entrar, Coriolano. Você não se esqueceu que a casa é minha: pede licença pra entrar. Vê-se que é um Wanderley.

**CORIOLOANO**

Obrigado, Fidêncio. Meus respeitos, Gertrudes. Como vai, minha filha?

**HELOÍSA**

Quero que o senhor me leve para casa.

**CORIOLOANO**

Já cuidamos disso.

*(Falando mais ou menos vagamente, isto é, sem dirigir-se com precisão a alguém)*

Em que pé estão as coisas?

**PEDRO IVO**

*(encorajado pela calma do velho)*

Coronel, estão me sacrificando. Até meu pai!

**FIDÊNPIO**

Seja homem! Não é possível fazer êsse negócio. Como podia estar certo de que assinava os papéis e depois iam matá-lo na tocaia?

**PEDRO IVO**

Posso ir embora daqui.

**FIDÊNPIO**

Não adianta. Por um têtço do Engenho, ainda me arriscava. Metade, nunca.

**CORIOLOANO**

Um têtço?... Se Pedro Ivo se comprometer a deixar Pernambuco, para o resto da vida, Drahomiro é capaz de aceitar essa oferta, Fidêncio. Acho que a minha idade e a minha posição dão-me autoridade para falar em nome de meu futuro genro.

(HELOÍSA reage)

E depois, Drahomiro, o pedaço de terra que Fidêncio Cavalcanti lhe oferece não é para se desprezar. Equivale, quase, ao Bom-Mirar inteiro. Pense com frieza.

**DRAHOMIRO**

A afronta que nós todos sofremos pede punição, Coronel.

**CORIOLANO**

Não tem de ser, forçosamente, a morte.

**DRAHOMIRO**

Nunca volto atrás em minhas decisões. O senhor sabe disso. Mas talvez, em consideração ao senhor, eu abra uma exceção.

**FIDÊNCIO**

(ansioso)

Você vai aceitar? Não vai matar meu filho?

**DRAHOMIRO**

(sempre sêco)

Veremos.

**PEDRO IVO**

(com um riso deplorável)

Não vou morrer? Vai fazer o acôrdo?

**FIDÊNCIO**

Não vai servir de muito, para mim, ter um filho longe. Mas sempre é melhor saber que êle está vivo, embora fugido. Mandem buscar o escrivão e os livros.

**DRAHOMIRO**

Ainda não. Quero saber se êle é capaz de me pedir perdão, de joelhos, na frente dos seus homens.

**FIDÊNCIO**

Isso nunca! Nunca!

**PEDRO IVO**

Nunca por quê? Não é o senhor que está com a vida em jôgo.

**FIDÊNCIO**

Você não vai ajoelhar-se diante de macho nenhum.

**PEDRO IVO**

Guarde o seu orgulho para o senhor mesmo. Não quero morrer.

**CORIOLANO**

Por que essa exigência, Drahomiro? Por que de joelhos, diante dos outros?

**DRAHOMIRO**

Só assim posso ficar certo de que êle vai mesmo embora e nunca mais bota os pés aqui.

**FIDÊNCIO**

*(lento e inexorável)*

Se você, Pedro Ivo, vai submeter-se a essa humilhação, é melhor mesmo que eu nunca mais lhe ponha os olhos em cima.

**PEDRO IVO**

*(no mesmo tom)*

Se eu tivesse, como o senhor, poucos anos de vida pela frente, teria o mesmo orgulho.

**FIDÊNCIO**

*(explode)*

Não estou à morte, fique você sabendo. E meu orgulho é tão velho quanto eu. Suma-se. Vá arrastar-se no curral, com a bôca no estrume.

**PEDRO IVO**

*(como quem implora)*

Mãe, a senhora quer que eu morra?

**GERTRUDES**

Ninguém pode arcar com a sua vergonha ou a sua morte, meu filho. Só você mesmo.

**FIDÊNCIO**

Disse muito bem. Até que enfim você concorda comigo.

**GERTRUDES**

*(impassível. Uma frieza cortante)*

Como ia deixar de concordar, Fidêncio? Há sessenta e seis anos que você está certo. Você é infalível. Mas nunca mais me dirija a palavra.

**FIDÊNCIO**

Com quem hei de falar?

*(Entra ANTÔNIO VILELA)*

**DRAHOMIRO**

O senhor outra vez?

**ANTÔNIO**

Meu amigo chamava-se... Rui do Pajeú.

**DRAHOMIRO**

*(atingido)*

Não conheço.

**ANTÔNIO**

Foi por êle que o senhor mandou matar-me.

**DRAHOMIRO**

O diabo que o carregue de uma vez por tôdas.

**ANTÔNIO**

Rui não ia mentir-me na hora de morrer.

**CORIOLANO**

Êle e o amigo dormiram em nossa casa ontem, Drahomiro. Parece um bom homem. Que tem você contra êle?

**ANTÔNIO**

Agora, que estou nas suas mãos, gostava que dissesse. Antes de matar-me.

**DRAHOMIRO**

Deve ter memória e consciência. Se tem, não é preciso que eu fale.

**ANTÔNIO**

Nunca fiz nada que merecesse morrer.

**CORIOLOANO**

Que falta êle cometeu, Drahomiro? Vocês nem sequer se conheciam!

**DRAHOMIRO**

Minhas preocupações aqui são outras.

(A ANTÔNIO)

Suma-se daqui e benza-se.

**ANTÔNIO**

Antes que o senhor mande um seu capanga atrás de mim, quero saber por que crime respondo.

**HELOÍSA**

Que foi que êle fêz?

**CORIOLOANO**

Vamos, que foi?

**DRAHOMIRO**

Fugiu com a mulher dum homem. Agora, que Rui do Pajeú não pode mais protegê-lo, vou acertar sua tampa.

(MARISAURA *ergue-se rápida, atraída pela conversa*)

**ANTÔNIO**

Isso é mentira. Nunca fugi com mulher.

**DRAHOMIRO**

Fugiu com Maria Úrsula.

**PEDRO IVO**

Não pode ter sido.

**MARISAURA**

(*intencional, ainda apoiada no corrimão*)

Por que não, Pedro Ivo?

**HELOÍSA**

(*indignação contida*)

Isso é verdade, seu Antônio Vilela?

**ANTÔNIO**

A primeira vez que ouvi êsse nome foi aqui.

**HELOÍSA**

E se estiver mentindo?

**ANTÔNIO**

Todos os outros podem acreditar, dona Heloísa. Mas a senhora não quero que acredite.

**DRAHOMIRO**

Não admito que fale com ela.

**ANTÔNIO**

Tenho de me defender.

**CORIOLANO**

Que provas você tem, Drahomiro, do crime dêsse rapaz?

**DRAHOMIRO**

Encontrei papéis com o nome dêle, em poder da finada. Os papéis estavam na sela do cavalo. Êsse cabra escondeu-se, quando pressentiu que meus homens e eu íamos chegando.

**ANTÔNIO**

*(cada vez mais seguro)*

Não me chame de cabra.

**DRAHOMIRO**

Chamo do que quiser.

**ANTÔNIO**

Me trate como gente.

**DRAHOMIRO**

João Pinto, dê uma coronhada nos dentes dêsse cabra.

**HELOÍSA**

Não!

**FIDÊNCIO**

Estou por baixo, mas isso aqui ainda é minha casa. Não deixo que batam no homem. Êle é meu hóspede.

**ANTÔNIO**

*(contando a história com dificuldade, dirigindo-se não só a DRAHOMIRO. Recordar isto o aflige)*

Sua mulher ia fugindo. Mas não comigo. Ia fugindo sòzinha. Pra onde, não sei; e por que, não me disse. Eu também ia só no meu cavalo, aproveitando a fresca da manhã. De repente, encontrei um cavalo no caminho, com a perna quebrada.

*(PEDRO IVO tenta ocultar seu atordoamento. MARISAURA revela um interesse feroz e tenso)*

**DRAHOMIRO**

E' tudo mentira.

**ANTÔNIO**

O animal era cardão-pedrês, de preço, com sela de mulher.

**DRAHOMIRO**

Só isso é verdade.

**ANTÔNIO**

Vi que a montaria devia vir de longe e no galope. Apesar de ser de madrugada, êle estava coberto de suor. Me lembro de tudo. Desci do meu cavalo e fui olhá-lo de perto. Foi quando vi a mulher correndo para mim. Não sei por que, pensei que era uma assombração e me benzi.

**DRAHOMIRO**

Não continue. Não quero ouvir essa história.

**ANTÔNIO**

Pediu, pelo amor de Deus, que lhe vendesse meu cavalo. Ofereceu vinte dobrões de prata e um estribo dourado.

*(PEDRO IVO tem um movimento involuntário. MARISAURA olha-o com suspeita)*

**DRAHOMIRO**

Ela não tinha estribo dourado.

**ANTÔNIO**

O senhor deve ter visto, nos arreios do cardão-pedrês, a falta de um estribo. Tirei o meu surrão, botei nas minhas costas e nunca mais na vida vi aquela mulher. Soube que foi enforcada.

**DRAHOMIRO**

*(em voz baixa)*

Enforcou-se, ela mesma.

**CORIOLANO**

Ela disse por que ia fugindo?

**ANTÔNIO**

*(evasivo)*

Não me lembro.

**DRAHOMIRO**

Disse ou não disse?

**ANTÔNIO**

Não.

**DRAHOMIRO**

Fala.

*(Lentamente, MARISAURA aproxima-se)*

**ANTÔNIO**

Não me lembro, já disse.

**DRAHOMIRO**

Desembucha ou não?

**ANTÔNIO**

*(deslocando-se vivamente, detém-se e fala)*

Ia fugir com outro homem.

**DRAHOMIRO**

Que homem era êsse?

**ANTÔNIO**

Não sei.

**DRAHOMIRO**

E onde estava êle?

**ANTÔNIO**

Ele faltou. Mas ela ia embora assim mesmo. Aquê  
estribo tinha sido um presente.

**DRAHOMIRO**

De quem? De quem?

**ANTÔNIO**

Do homem que não foi. Tinha dito a ela que a viagem  
merecia um estribo de ouro.

**DRAHOMIRO**

E que fêz você do estribo?

**ANTÔNIO**

Levo comigo, para tôda parte.

**DRAHOMIRO**

Estribo de mulher.

**ANTÔNIO**

Não trago nos arreios. Trago guardado comigo.

**DRAHOMIRO**

Quero ver.

**ANTÔNIO**

Pra quê?

**MARISAURA**

*(cólera surda. Uma alegria malévola)*

Não é preciso. Posso descrevê-lo.

**PEDRO IVO**

*(quebrando com precipitação o seu si-  
lêncio)*

Tudo isso são coisas do passado. Vamos resolver nossa  
questão.

**DRAHOMIRO**

Quero ver o estribo.

**MARISAURA**

Não precisa. Tem um M gravado.

**ANTÔNIO**

Como é que a senhora sabe?

**MARISAURA**

Êsse estribo era meu, foi dado por meu pai. Pedro Ivo roubou da minha mala.

**PEDRO IVO**

Mentira.

**MARISAURA**

Há muito que eu sei disso.

**FIDÊNCIO**

Cachorra! E' a segunda vez que ela nos morde.

**DRAHOMIRO**

Você tem certeza do que está dizendo?

**MARISAURA**

Mande ver o estribo.

**DRAHOMIRO**

Onde é que está?

**ANTÔNIO**

Está nas minhas bruacas, aí fora.

**DRAHOMIRO**

Rosário, vá buscá-lo.

(Sai ROSÁRIO)

**PEDRO IVO**

Isso não prova nada. Ela mesma pode ter dado o estribo.

**MARISAURA**

Foi você! Foi você!

**FIDÊNCIO**

Você devia ter nascido morta. Por que você não se deitou com ela, Pedro Ivo? Tinha evitado isto.

**DRAHOMIRO**

(a PEDRO IVO)

Quero saber se é verdade. Com você ou com outro, a diferença é pouca.

**PEDRO IVO**

Nunca tive nada com Maria Úrsula.

**MARISAURA**

Não adianta negar.

**PEDRO IVO**

Nunca tive nada.

**DRAHOMIRO**

João Pinto... Serrinha...

*(Os três aproximaram-se de PEDRO IVO. DRAHOMIRO MARINHO insiste com PEDRO IVO)*

Vamos!

**FIDÊNCIO**

*(a MARISAURA)*

Vá arrumar seus panos. Aconteça o que acontecer, você hoje não dorme nesta casa. Vá para o inferno! E você, Pedro Ivo? Está falando a verdade?

*(Sobe MARISAURA)*

**DRAHOMIRO**

Vamos de uma vez! Não quero cometer o mesmo erro de mandar matar o homem errado. Confessa ou não?

**PEDRO IVO**

Não vou confessar o que não fiz.

**FIDÊNCIO**

Está forçando o rapaz!

**DRAHOMIRO**

Não se mêta.

**FIDÊNCIO**

Ele está inocente.

**DRAHOMIRO**

O senhor quer que eu lhe feche a bôca a bala?

(Entra ROSÁRIO, com o estribo. DRAHOMIRO, recebe-o. Grita)

Até quando vai ficar negando?

**PEDRO IVO**

(com expressão vingativa e ao mesmo tempo desesperada)

Quer mesmo saber? Então ouça. Ouça... Eu ia embora com Maria Úrsula.

**FIDÊNCIO**

Meu filho!

**PEDRO IVO**

Estava tudo certo.

(Aproxima-se e afasta-se de DRAHOMIRO MARINHO, como cão que late com medo)

Mas eu não sentia coisa alguma por ela. Queria era tirá-la de você e depois largá-la por aí. Mas depois achei que não valia a pena. Bastava-me saber que aceitou ir comigo. Por que não fala? Fale, continue gritando.

**DRAHOMIRO**

Continue.

**PEDRO IVO**

Disse uma vez que achava melhor se não houvesse noites.

**DRAHOMIRO**

Nunca estavam sós e você ia pouco em minha casa. Não podiam versar sobre tantos assuntos.

**PEDRO IVO**

Havia tempo. E depois, pra que muita conversa? Ela estava querendo um outro homem, um homem de verdade. Tomei sua mulher. Ela se enforcou por minha causa.

**DRAHOMIRO**

Esse consôlo, você não tem. *Fui eu que meti-lhe o pescoço na corda.*

(Movimento de horror de HELOÍSA, que leva a mão à garganta)

**PEDRO IVO**

Isso é você que diz.

**DRAHOMIRO**

Fui eu. E agora chegou a sua vez. Disse que é mais homem do que eu. Pois nem é um homem que vai morrer.

(PEDRO IVO *está arquejante*)

**FIDÊNCIO**

Não faça malvadezas com êle.

**DRAHOMIRO**

João Pinto... Serra... Podem levá-lo.

**FIDÊNCIO**

Peça você também, Gertrudes. Talvez lhe atenda.

**DRAHOMIRO**

Amarrem e joguem êsse porco no chão, com a bôca na terra. Cara pra baixo. Mandem dar-lhe uma surra de cipó-de-boi. Depois eu falo com êle.

(Saem JOÃO PINTO e SERRINHA com PEDRO IVO. *Êste, levado com brutalidade, abre a bôca com ar apalermado; parece querer falar; não emite nenhum som*)

**FIDÊNCIO**

(*querendo segui-lo*)

Meu filho!

**DRAHOMIRO**

O senhor fica.

(A ANTÔNIO VILELA, *lento e cortante, nesta e nas falas subseqüentes*)

E o senhor... pode ir. Leve seu estribo e nunca mais apareça por aqui.

**ANTÔNIO**

(*firme e sereno*)

Posso não entrar no seu engenho. Mas que não apareça por aqui, isso não prometo. Estrada não tem dono.

**DRAHOMIRO**

Eu estou lhe dizendo que não venha.

**HELOÍSA**

*(emocionada, com uma certa doçura)*

Quero que o senhor, um dia, me faça uma visita na casa de meu pai.

**DRAHOMIRO**

Se fôr, vá escondido.

**CORIOLANO**

Por que isso? E' um bom homem. Não teve culpa do que sucedeu.

**DRAHOMIRO**

Pode ir, seu Antônio Vilela. E lembre-se: eu avisei.

**ANTÔNIO**

*(a HELOÍSA)*

Quero deixar êsse estribo com a senhora. Não deu sorte uma vez. Mas da outra, quem sabe?

**DRAHOMIRO**

Já lhe mandei embora.

**ANTÔNIO**

Pode ser que um dia a senhora resolva fazer uma viagem grande e mudar a sua vida. Queria que fôsse com um estribo assim. Os cavaleiros andantes usavam estribos de ouro.

**DRAHOMIRO**

Não receba, Heloísa.

**HELOÍSA**

*(segura de si)*

Por quê?

**DRAHOMIRO**

Porque não quero.

**HELOÍSA**

Não sou mais sua noiva.

**DRAHOMIRO**

Desde quando?

**CORIOLANO**

Você acabou de confessar que assassinou Maria Úrsula.

**DRAHOMIRO**

Ela me traiu.

**CORIOLANO**

Mesmo assim. Não consinto, por nada no mundo, que minha filha se case com você.

**DRAHOMIRO**

O senhor deu sua palavra.

**CORIOLANO**

E fiz mal. Pensei mais em meus próprios interesses que nos interesses dela. Mas agora penso de outro modo.

**DRAHOMIRO**

Então, tudo desfeito?

**CORIOLANO**

Tudo.

**DRAHOMIRO**

Bem.

*(Uma cólera surda)*

Agora é que vocês vão conhecer, vocês e seu orgulho apodrecido, o pêso de Drahomiro Marinho.

**CORIOLANO**

Não esteja tão certo.

**DRAHOMIRO**

*(sua cólera vai crescendo)*

Não vai ser possível ao senhor, nem a êsse velho mentiroso, suportarem viver na minha vizinhança.

*(A ANTÔNIO)*

E o senhor, pensando melhor, bem que merece um castigo.

**HELOÍSA**

(*interpondo-se entre DRAHOMIRO MARINHO e ANTÔNIO*)

Ele vai embora.

**DRAHOMIRO**

Não conhecia a mulher. Mas sabia ser casada e mesmo assim deu-lhe ajuda pra fugir.

**ANTÔNIO**

Não sou juiz do mundo.

**HELOÍSA**

(*desafiadora, mas com nobreza de tom*)

Deixe o homem em paz.

**CORIOLANO**

Não peça. Quanto mais você pede, mais ele se enraivece.

**HELOÍSA**

Tenho de pedir. Não vou ouvir calada essa ameaça.

(*Vem, de fora, um alarido breve e surdo: teve início o castigo de PEDRO IVO. Rictus de dor de GERTRUDES. FIDÊNCIO toma-lhe a mão, em silêncio, com uma espécie de medo infantil*)

**ANTÔNIO**

(*sobre o alarido*)

O senhor reduziu a uma coisa triste o filho dêsse velho. Quero dizer-lhe uma coisa: não vai conseguir fazer o mesmo comigo.

**DRAHOMIRO**

Todo mundo sabe falar grosso, enquanto não enxerga a morte pela frente.

**GERTRUDES**

Não pedi por meu filho, que está lá fora morrendo. Mas peço por esse estranho.

(*Entram JOÃO PINTO e SERRINHA*)

**JOÃO PINTO**

Pronto, Capitão. O homem está recebendo o ensino.

**DRAHOMIRO**

Agora levem êsse alcoviteiro. Pra não ajudar mulher de homem a fugir. Onde apanha um, apanham dois.

**GERTRUDES**

Deixe êsse homem seguir o seu destino.

**HELOÍSA**

*(abraçando-se a ANTÔNIO)*

Êle não sai daqui.

**DRAHOMIRO**

Quem não sai?

**ANTÔNIO**

*(desprendendo-se brandamente de HELOÍSA)*

O que lhe sustenta em pé é a sua prepotência. Tirando isto, não lhe fica mais nada. Mas o senhor, pra mim, está vazio. Sua prepotência não pode comigo.

**DRAHOMIRO**

Um homem que levou um pisa não é homem.

**ANTÔNIO**

Continuo homem e com brio, ainda que o senhor me arranque o lombo. Só deixo de ser homem, quando digo sim à humilhação. Mas ninguém arranca meu nome de homem. Sòmente eu podia fazer isso. Mas nunca fiz, nem faço.

*(DRAHOMIRO ouve-o sem fitá-lo, seguro de si)*

**CORIOLANO**

Seu Antônio Vilela, o senhor está errando. Não se exaspera um adversário mais forte.

**DRAHOMIRO**

*(sem violência)*

Você tem razão. Seu nome de homem não posso arrancar. Mas talvez possa arrancar fora sua língua. Está muito afiada, pra ser de quem é.

**HELOÍSA**

Meu pai, use o seu poder. Não deixe o môço no desvalimento.

**CORIOLANO**

*(contendo com um gesto autoritário JOÃO PINTO e SERRA, que estão impacientes por levar ANTÔNIO para fora)*

Vou falar a linguagem que você entende, Drahomiro. Sei que é implacável. Mas algumas coisas podem lhe abrandar o coração, que deve ficar do lado direito. E' sabido que você nunca perdoa ofensas. Mas também corre mundo a história do inimigo que você tinha prendido e vendeu. Quanto quer pelo homem?

**ANTÔNIO**

O senhor não pode me comprar. Não sou bicho.

**HELOÍSA**

Pelo amor de Deus, deixa meu pai falar pelo senhor.

**ANTÔNIO**

Não.

**CORIOLANO**

Estou querendo ajudá-lo.

**ANTÔNIO**

Pra mim, o que vale é viver como homem. Um homem não se vende.

**DRAHOMIRO**

Então não se queixe. Foi o senhor quem escolheu. João Pinto e Serra! Cumpram minhas ordens.

**HELOÍSA**

*(sem humildade)*

Não faça isso. Peço por tudo.

**DRAHOMIRO**

Já dei a sentença.

**HELOÍSA**

Então me mande com êle.

**DRAHOMIRO**

Por que isso? Que quer dizer isso?!

**ANTÔNIO**

Dona Heloísa!

**HELOÍSA**

Ontem, depois da ceia, êle conversou comigo e com o meu pai. Pela primeira vez na minha vida, conheci o que se chama doçura.

**ANTÔNIO**

Não fale mais.

**HELOÍSA**

Diga a êles, seu Antônio Vilela, que ontem mesmo eu queria ir embora com o senhor.

**DRAHOMIRO**

Você queria ir embora...

**CORIOLANO**

Em que é que você está pensando? Eu estou vivo.

**DRAHOMIRO**

Mas não pode comigo. Ninguém pode comigo.

*(Grito de PEDRO IVO. Repete-se o breve e surdo alarido)*

**FIDÊNCIO**

Meu filho...

*(GERTRUDES benze-se)*

**CORIOLANO**

*(sacando de um revólver)*

Sou velho, Drahomiro. Mas você não vai tocar em minha filha.

**DRAHOMIRO**

Agarrem êsse velho.

(JOÃO PINTO *subjuga* CORIOLANO e *tira-lhe a arma*. ROSÁRIO, *solerte, movimenta-se*)

**CORIOLANO**

Heloísa! Grite pelos meus homens!

(SERRINHA *mantém* HELOÍSA e ANTÔNIO VILELA *sob pontaria*)

**DRAHOMIRO**

Tranque êsse decrepito num quarto.

(JOÃO PINTO *vai saindo com* CORIOLANO. DRAHOMIRO *esbofeteia* HELOÍSA)

Cadela!

(ANTÔNIO *abraça-a*)

**SERRINHA**

(*vendo* ROSÁRIO *de faca em punho, com o salto feito para atacar* DRAHOMIRO)

Cuidado, Capitão! João Pinto! Larga essa faca, Rosário. Larga essa faca!

(ROSÁRIO *salta e crava a faca em* DRAHOMIRO. JOÃO PINTO *chega correndo e vai atirar em* ROSÁRIO. CORIOLANO *atrapalha o tiro*. DRAHOMIRO, *caído, puxa o revólver e acerta nos peitos de* ROSÁRIO *que, por assim dizer, vôa com a violência do tiro e vai cair quase no regaço de* GERTRUDES. *Esta começa a balançar de leve o tronco, mais ou menos no ritmo da canção inicial*)

**CORIOLANO**

A contenda acabou.

(A SERRINHA e JOÃO PINTO)

Vocês, agora, não têm mais patrão. Não há mais por que lutar. Podem ir, chamem os outros homens, soltem os pre-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 212

sos. Se Pedro Ivo ainda não morreu, suspendam o castigo. Já houve mortes demais.

(GERTRUDES, abrindo a camisa de ROSÁRIO, tira de seu peito algumas flores quase murchas. SERRINHA e JOÃO PINTO vão saindo. FIDÊNCIO, abatido, faz um gesto e antecede-os)

**HELOÍSA**

E eu, meu pai?

**CORIOLANO**

O que disse e pensou não tem importância. Vamos para casa.

**HELOÍSA**

Se seu Antônio Vilela por acaso quisesse me levar, eu ia agora.

**CORIOLANO**

Tenho outros projetos. Você mesma esquecerá, em breve, essas idéias.

**HELOÍSA**

Não vou esquecer. Ontem, de noite, fui no quarto dele, peguei pela mão e saí.

**CORIOLANO**

(*calmamente. Mas está colérico*)

Depois falamos disso...

**HELOÍSA**

Quero dizer a verdade, por cima dessa tristeza e dessas mortes: me deitei com êle. Na casa de bagaço. Tirei a camisa e me ofereci. Não sabia bem por que fazia — mas fiz. Êle beijou meu corpo e chorou com a cara nestes peitos que a terra há de comer.

**ANTÔNIO**

Isso ficava em nossas lembranças. Não devia ter falado.

**HELOÍSA**

Por que não? Prouvera a Deus ir embora dêste mundo, fazer aquela viagem.

**CORIOIANO**

Não precisa ir agora.

**HELOÍSA**

Sei muito bem que será agora ou nunca. E se eu não fôr, seu Antônio Vilela, quero que saiba: tive orgulho em me deitar com o senhor e nunca hei de esquecê-lo. Eu amei o senhor.

**ANTÔNIO**

Por que fala assim, no tempo passado?

**CORIOIANO**

Não precisa falar mais. Vamos os três no meu cabriolé. Conversamos no caminho... Se quiser mesmo ir embora, muda de roupa em casa, pega suas coisas. Depois, vai.

**ANTÔNIO**

Agradeço muito o que o senhor tentou fazer por mim. Mas, se é pra ir com dona Heloísa, preferia sair direto daqui; e sem outra companhia.

**CORIOIANO**

O senhor é vivo. Sabe dosar cautela e afoiteza.

**HELOÍSA**

Então podemos ir?

**CORIOIANO**

*(com secreta amargura)*

Tem seu destino nas mãos. Faça o que quiser.

**ANTÔNIO**

Eu podia ir num burro, com os meus baús; a senhora no outro. Se fôr com êsse vestido, vão dizer daqui a muitos anos que passou um homem pela estrada com duas cargas nas alimárias: a noite prêsa e a alva da manhã.

**HELOÍSA**

*(após breve reflexão)*

Quero ser êsse dia amanhecendo. Vou como estou, meu pai.

**CORIOLO**

(sem olhá-la)

Dou-lhe minha bênção. Seja feliz, se puder.

(HELOÍSA devolve a flor a ROSÁRIO.

ANTÔNIO deposita sobre êle o estribo.

Ambos erguem-se. Entra FIDÊNCIO)

**ANTÔNIO**

Então, Coronel?

**FIDÊNCIO**

Morto. Mas não fui até onde êle está. Não tive coragem.

**ANTÔNIO**

Acho que espalhei muitos males. Talvez por minha culpa.

**FIDÊNCIO**

Isso é de quem está vivo. Semeia acontecimentos. E' humano. A gente fala, deixa de fazer um aceno, e as coisas acontecem. Vá com Deus.

**GERTRUDES**

Vá com Deus, Heloísa. Mesmo que você morresse do que fêz, tinha valido a pena. Eu vou morrer de velha e nunca soube o que foi um instante de beleza.

(Saem HELOÍSA e ANTÔNIO, ainda presos de certa hesitação. CORIOLO faz um gesto de abençoar; logo sua mão se fecha com violência. Deixa cair o braço. Entra SETE-RANCHOS)

**CORIOLO**

Pois é, Fidêncio. Tôda a nossa raça está no fim. O poder, o nome, a prata nos estribos, nas fivelas do freio e no rabicho da sela, as grandes terras e até o nosso orgulho. Tudo está no fim.

**FIDÊNCIO**

E' isso mesmo, Coriolano. E' isso mesmo. São as voltas do mundo. Adeus.

(CORIOLO retira-se)

SETE-RANCHOS

Não pudemos fazer nada por seu Pedro Ivo, Coronel. Mas êle rendeu a alma a Jesus Cristo amaldiçoando êsse aí. E agora, quais são as suas ordens?

FIDÊNCIO

Vamos continuar... Vá novamente falar com o padre. Diga a êle que venha; buscar as coisas sagradas e benzer meu filho. Diga também que você já pode casar com quem quera. Que não existe mais impedimento, o marido morreu. Morreu em combate. Vá depressa, antes que fique de noite.

*(Sai SETE-RANCHOS. Ouvem-se as campainhas do cabriolé de CORIOLANO que se afasta)*

Vou buscar o nosso filho, Gertrudes. Você ouviu o que dizem: morreu feito um homem. Lógico. Não é qualquer João-ninguém que pode ser um Cavalcanti Lins. Corria em suas veias um sangue muito bom. De tradição.

*(GERTRUDES começa a solfejar em surdina a sua canção. Sai FIDÊNCIO. Desce MARISAURA, mala na mão. Ajoelha-se junto a DRAHOMIRO e olha-o fixamente)*

(A critério do diretor, ao reabrir-se o  
pano, aparecem os intérpretes, menos  
ANTÔNIO VILELA, HELOÍSA e RUI  
VILELA. Em meio aos aplausos, surgi-  
rá então RUI VILELA, todo de branco,  
que assim se dirige ao público)

**RUI VILELA**  
(com ênfase)

Eis-me aqui. Desencarnado,  
posso falar mais formoso,  
metrificado e rimado,  
num estilo generoso.

•  
A história dou por finda,  
Mas terminou a história?  
Ou agora é que começa  
a verdadeira, a de glória?

•  
Pois meu amigo aí vai  
Com Heloísa a seu lado,  
despertando a voz dos galos  
antes que o sol seja nado.

•  
Ide, também, todos vós,  
não mais pobres do que antes,  
porém mais ricos, levando  
de nossa alma de errantes,

•  
esta sêde, nossa fome,  
algum ouro, alguma lama,  
alguma fonte, algum pão,  
nossa fôrça, nossa flama.

(Surgem, de mãos dadas, HELOÍSA e  
ANTÔNIO VILELA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 217

COLEÇÃO DIÁLOGO DA RIBALTA

- 1) *Barco sem Pescador*, de Alejandro Casona (Tradução de Pedro Bloch)
- 2) *Os Inimigos não mandam Flôres,*  
*As Mãos de Eurídice,*  
*O Sorriso de Pedra,*  
*Esta noite choveu Prata!*, de Pedro Bloch
- 3) *Universitário Morre às 8*, de Gabriel Cacho (Tradução de Wilson Zimmermann)
- 4) *Um Homem de Deus*, de Gabriel Marcel (Tradução de Eduardo de Castro)
- 5) *Sereia Adormecida*, de Alejandro Casona (Tradução de Lyrio Neotti)
- 6) *A Bela Dorotéia*, de Miguel Mihura (Tradução de Félix Feger)
- 7) *A Dama da Madrugada*, de Alejandro Casona (Tradução de Valdemar de Oliveira)
- 8) *Os Verdes Campos do Éden*, de Antônio Gala (Tradução de Manuel Bandeira)
- 9) *Dias sem Fim*, de Eugene O'Neill (Tradução de Guilherme de Almeida)
- 10) *Antígone*, de Sófocles (Tradução de Guilherme de Almeida)
- 11) *A História de Tobias e Sara*, de Paul Claudel (Tradução de Willy Levin e Brutus Pedreira)
- 12) *Os Pais Abstratos*, de Pedro Bloch
- 13) *História de uma Escada*, de A. Buero Vallejo (Tradução de Guilherme de Almeida)
- 14) *Edith Stein na Câmara de Gás*, de Gabriel Cacho (Tradução de Manuel Bandeira)
- 15) *A Donzela Joana*, de Hermilo Borba Filho
- 16) *O Milagre de Ana Sullivan*, de William Gibson (Tradução de R. Magalhães Júnior)
- 17) *O Poder e a Glória*, adaptação da novela de Graham Greene, por Denis Cannan e Pierre Bost (Tradução de Helena Pessoa)
- 18) *A Muralha*, de Calvo Sotelo (Tradução de Neylor Tonin)
- 19) *Fogo Sem Chama*, de Jean Jacques Bernard (Tradução de Almir Ribeiro Guimarães)
- 20) *Está lá Fora um Inspetor*, de Priestley (Trad. de Daniel Rocha)
- 21) *O Pai Humilhado*, de Paul Claudel (Tradução de H. D. B.)
- 22) *A Máquina Infernal*, de Jean Cocteau (Tradução de Manuel Bandeira)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 218

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

## P A R E C E R

## I) Documentação

- a) Título em Português: GUERRA DO GANSA CAVALO
- b) Título original: \_\_\_\_\_
- c) Autor: OSMAN LINS
- d) Tradutor: \_\_\_\_\_
- e) Diretor: \_\_\_\_\_
- f) Produtor: \_\_\_\_\_
- g) Companhia: GRUPO TEATRO DA CIDADE-SOCIEDADE CIVIL E CULTUAL-Sto. André-S.P.
- h) Classificação da Censura: 18 ANOS

## II) Análise

- a) Gênero: Drama
- b) Argumento: O rapto da noiva de poderoso senhor de engenho no mesmo dia do casamento, originou uma verdadeira guerra no agreste sertão nordestino. Vários caracteres são mostrados no desenrolar do drama, ora covardes, prepotentes e também altruístas. O desfecho é surpreendente e, conforme a "lei da terra" a justiça é cumprida.
- c) 1 - Mensagem: O conceito de honra varia muito dependendo das circunstâncias impostas.
- 2 - Impressão final: Boa. Mostra o apogeu do "coronelismo" em determinada época e região.
- d) Diálogos: Violentos e regionais
- e) Cênas: Condicionadas ao ensaio geral.

f) Personagens: Característicos

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

g) Valor educativo: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

III) Conclusão Peça com enredo vigoroso baseado num regionalismo violento, próprio para público adulto. Sugiro a impropriedade para menores de 18 ANOS.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Brasília, 13 de Março de 19 71

Técnico de Censura - Cart. nº 020

*Myrtes Nabuco de Oliveira Pontes*

Myrtes Nabuco de Oliveira Pontes

Sr.º Chefe da Seção de Censura,

Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com o parecer do Técnico de Censura MYRTE NABUCO, que a examinou.

Título: A GUERRA DO CANSA CAVALO

Autor : Osman Lins

Restr.: 18 (DEZOITO) ANOS

Obs: Peça liberada anteriormente c/a mesma classificação.

Em 15 de março de 1971

*De Carvalho*  
ANTÔNIO DE PADUA CARVALHO ALVES

T.C.T.C.

*De acordo. Libere-se.*

*Em 15/3/71*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 3557/71

PEÇA GUERRA DO CANSÁ-CAVALO

ORIGINAL DE OSMAN LINS

APROVADO PELO S. C. D. P.  
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 15 de MARÇO de 19 76

Brasília, 15 de MARÇO de 19 71

**PROIBIDO  
PARA MENORES DE  
18 ANOS**

Chefe do S. C. D. P.

*Wilson de Queiroz Garcia*  
**WILSON DE QUEIROZ GARCIA**  
-substituto-

M. J. - D. P. F.  
**CERTIFICADO DO S. C. D. P. "**

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 12, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " GUERRA DO CANSÁ-CAVALO "

Original de OSMAN LINS

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de GRUPO TEATRO DA CIDADE -R. Tabaiardes, 36 SANTO ANDRÁ /SP.

Tendo sido censurada em 13 de MARÇO de 19 71 e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS

**- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -**

**O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO  
SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.**

Brasília, 15 de MARÇO de 19 71

*Paulo Leite de Lacerda*  
**PAULO LEITE DE LACERDA**  
**- chefe da seção de censura**

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX  
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

BR OFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384.p. 222

121/71

19-3-71

Chefe do SCDP

Sr. Chefe da TCDP-DR/S PAULO

Providências (solicita).

Senhor Chefe,

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SCDP esteja de acordo com o observado no ensaio geral, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça - A GUERRA DO CANSA CAVALO

Autor- Osman Lins

Inte.- Grupo Teatro da Cidade, rua  
Tabaiarde, 36 - São. André.

Atenciosamente,

*Lemos*  
GEOVA LEMOS CAVALCANTE  
Chefe do SCDP.



P. 724

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

REG- 694  
L. 01. F. 22  
Clausula -

TITULO: A GUERRA DO CANSIA  
CAVALO  
AUTOR: OSMAN LINS.

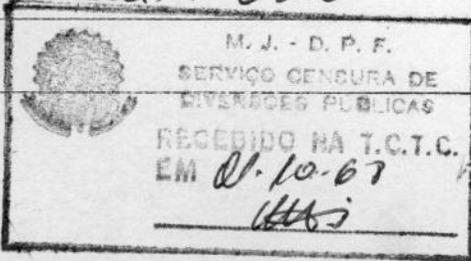
Restrições:

Carimbo do S. C.

Autuação

Anexos: 7 orig. p/5.

Seq. P. 620



Distribuição

Reconhecida como de Utilidade Pública  
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto  
— de 1920. —



Sociedades de Autores e Compositores,  
— de Paris. —

# SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917  
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.  
End. Teleg.: SBAT - RIO  
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 225

## Direitos de Representação

## Autorização Nº 173644

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: Guerra do Lousa Paulo

Original de Osman Inu

Música de \_\_\_\_\_

Tradução de \_\_\_\_\_

No Teatro Du Versos

Cidade Itacaré e outras

Empresa Teatro Du Versos Quirino Pela Cia.

nos dias para Censura da peça

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de \_\_\_\_\_% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr\$ \_\_\_\_\_ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Paulo, 27 de Setembro de 1958

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)  
Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 226

## Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

### Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

### Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

### Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

### Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

### Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

### Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

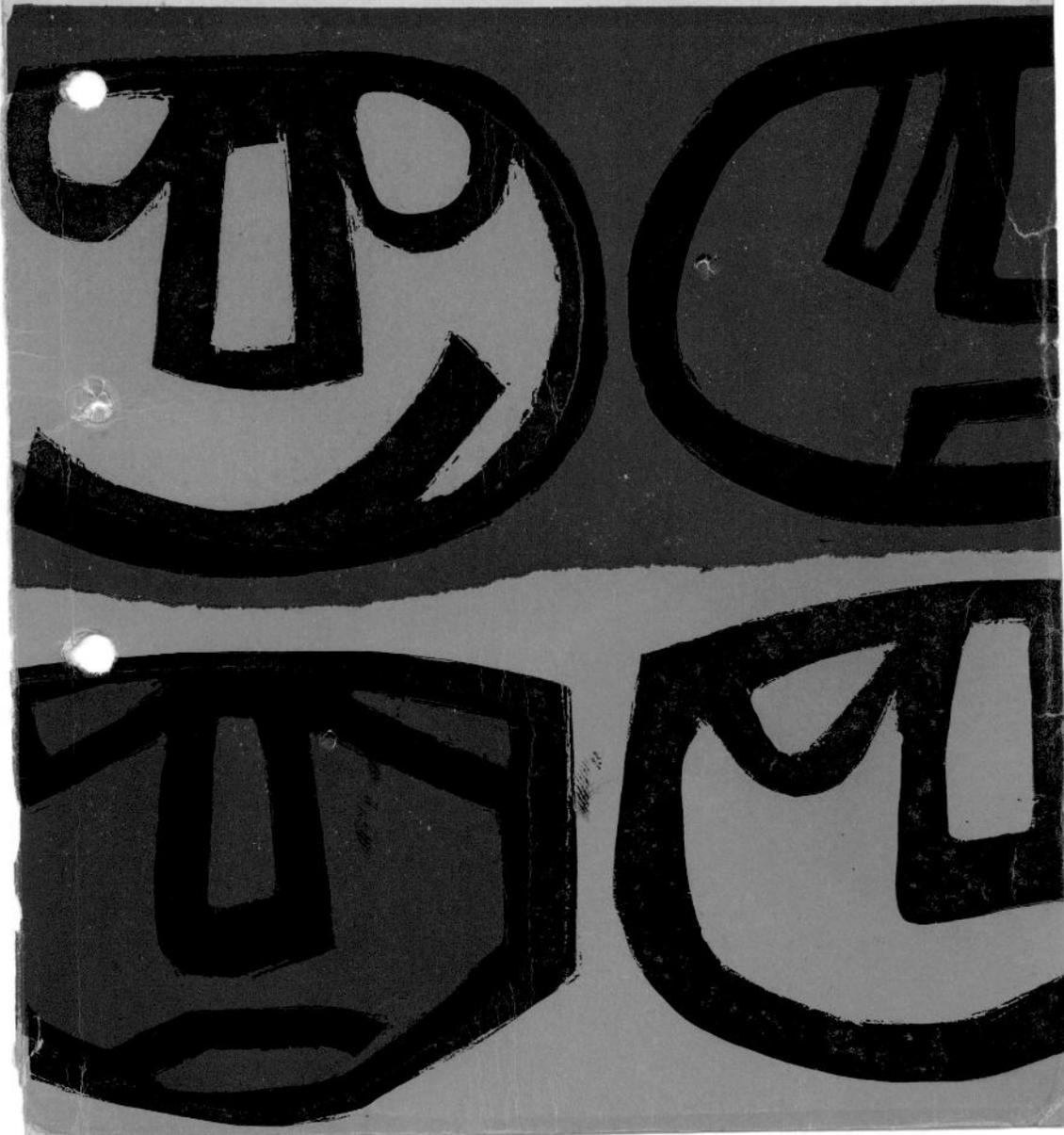
### Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 227

Coleção de Textos  
de Teatro

# Concurso Anchieta



Biblioteca do Sulg  
livro nº 4

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 228

*A Comissão Estadual de Teatro tem a satisfação de entregar ao público brasileiro o primeiro volume da coleção denominada "Prêmio Anchieta", coleção esta intimamente ligada à láurea do mesmo nome instituída pela CET para incentivar o aparecimento de uma dramaturgia brasileira.*

*Osman Lins foi o vencedor desse concurso em 1964. Falar de Osman Lins é sempre uma tarefa difícil; personalidade marcante, impregna em suas obras o espírito revoltado da gente do Norte, transmitindo com fidelidade e autenticidade a problemática do seu povo em cores vibrantes nunca concedendo no painel que elabora a forma fácil ou gratuita de dizer o seu pensamento.*

*Militante do romance, do conto, do teatro e da imprensa, já teve oportunidade de ver algumas de suas peças encenadas por grupos do teatro brasileiro, assim como já foi diversas vezes laureado quer pela União Brasileira dos Escritores, quer pelo jornal "O Estado de S. Paulo", culminando agora por receber a láurea instituída pela Comissão Estadual de Teatro.*

*Desta forma a CET acredita estar iniciando esta sua coleção de maneira auspiciosa cumprindo com o seu "desiderato" de promover o autor nacional editando-o e colocando-o ao alcance daqueles que desejam realmente encenar os nossos problemas, levando ao público visão honesta da realidade brasileira.*

NAGIB ELCHMER  
Presidente da Comissão Estadual de Teatro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384<sub>1p.</sub> 230

**Coleção de textos  
de teatro**

OSMAN LINS

**GUERRA  
DO  
"CANSA CAVALO"**

"SURDOS, CEGOS INSTANDO, O MONSTRO INFAUSTO  
AH! NO AUGUSTO RECINTO O COLOCAMOS."

Virgílio, Eneida, Livro II.

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA  
COMISSÃO ESTADUAL DE TEATRO  
SÃO PAULO

## TRAJETÓRIA DO AUTOR

Nome: Osman Lins

Nascimento: 5-7-1924, em Vitória de Santo Antão (PE)

1941 — Transfere-se para o Recife. Trabalhos esparsos na imprensa.

1946 — Conclui o curso de Finanças, na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Recife.

1955 — Estréia com *O VISITANTE*, romance, Livraria José Olympio Editora.

Prêmios obtidos pelo livro:

“Prêmio Fábio Prado”,

“Prêmio Especial da Academia Pernambucana de Letras” e

“Prêmio Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras.”

1957 — Ainda a Livraria José Olympio publica seu segundo livro, *OS GESTOS*, contos.

Esta obra é também distinguida com os seguintes prêmios:

“Prêmio Monteiro Lobato”, em São Paulo,

“Prêmio Vânia Souto Carvalho”, em Pernambuco, e

“Prêmio da Prefeitura de São Paulo”, juntamente com o livro de Ricardo Ramos, *Terno de Reis*.

1960 — Conclui o Curso de Dramaturgia, na Escola de Belas Artes, da Universidade do Recife.

1961 — Estréia no teatro, com *LISBELA E O PRISIONEIRO*, encenada no Rio de Janeiro, com grande êxito, pela Cia. Tônia-Celi-Autran, no Mesbla.

Viagem para a Europa, como bolsista da *Alliance Française*.

Visita os grandes tesouros artísticos do continente, entrevista modernos escritores franceses. Envia, para o Brasil, artigos sobre seu contato com o teatro europeu.

Seu segundo romance, *O FIEL E A PEDRA*, é publicado pela Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

O escritor transfere-se para São Paulo.

1962 — *O FIEL E A PEDRA* obtém, em Recife, o Prêmio Mário Sete, instituído pela União Brasileira de Escritores (Secção de Pernambuco).

— *LISBELA E O PRISIONEIRO* é escolhida para ser representada no Teatro Municipal de São Paulo, em récita extraordinária, por ocasião da entrega dos SACIS relativos a 1961.

1963 — No Teatro Bela Vista, é encenada sua peça A IDADE DOS HOMENS.

Pela Civilização Brasileira, vem a público MARINHEIRO DE PRIMEIRA VIAGEM, relato de sua experiência européia, com o qual, segundo a crítica, revoluciona o gênero, apresentando-o sob novas perspectivas.

A Portugália Editôra, de Lisboa, lança a edição ultramarina de O FIEL E A PEDRA.

1964 — Publicação de LISBELA E O PRISIONEIRO, no Rio, pela Editôra Letras e Artes.

Vários contos seus são escolhidos para compor antologias do gênero.

1965 — Conclui novo livro de contos, ainda inédito, NOVE, NOVENA. Sua peça Guerra do "Cansa Cavalo" obtém o Prêmio José de Anchieta.

Em vias de publicação, pela Universidade do Recife, A MARGEM DO RIO, crítica literária.

Com a peça infantil, CAPA-VERDE E O NATAL, obtém o Prêmio Narizinho, da CET.

Prepara um ensaio sobre a condição do escritor.

O autor colabora regularmente, na imprensa, com trabalhos de ficção e crítica.

1960 — Conclui o Curso de Dramaturgia, na Escola de Belas Artes, da Universidade do Recife.

1961 — Estreia no teatro com LISBELA E O PRISIONEIRO, encenada no Rio de Janeiro, com grande êxito, pela Cia. Tônia-Celi-Aurora, no Mérida.

Viajam para a Europa, como bolsista da Aliança Francesa. Visita as grandes tesouros artísticas do continente europeu, visitando os escritores franceses. Envia para o Brasil artigos sobre seu contato com o teatro europeu.

Seu segundo romance, O FIEL E A PEDRA, é publicado pela Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

O escritor translete-se para São Paulo.

1962 — O FIEL E A PEDRA obtém, em Recife, o Prêmio Mário Seta, instituído pela União Brasileira de Escritores (Seção de Pernambuco).

LISBELA E O PRISIONEIRO é escolhida para ser representada no Teatro Municipal de São Paulo em recita extraordinária por ocasião da entrega dos SACIS relativos a 1961.

## A CRÍTICA BRASILEIRA E OSMAN LINS

"... não se trata de um mero experimentador, mas de quem está compenetrado da gravidade do que pretende comunicar e exprimir."

**Antônio Houaiss**

"... uma arte sóbria, substancial e ecoante de ressonância duradouras."

**Oscar Mendes**

"Estilo que nasce de cerrado esforço e longa paciência, em momento algum a linha do pensamento falha, cede à circunstância, amolece ou afrouxa."

**Massaud Moisés**

"Páginas antológicas, no melhor sentido."

**Valdemar Cavalcanti**

"A peça do jovem escritor Osman Lins (Lisbela e o Prisioneiro) é excelente: uma obra-prima de nossa dramaturgia."

**Zora Seljan**

"Acho que O Fiel e a Pedra é um dos grandes romances brasileiros de todos os tempos."

**Enio Silveira,**

editor brasileiro do romance, em carta ao autor.

"... um estilo sóbrio, maleável, muito pessoal, onde devemos destacar um tom delicadamente poético, e uma linguagem pura e transparente."

**Renard Pérez**

"... em alguns dos seus contos revela-se com uma força, um brio, uma audácia, que o põem bem alto, num bem alto plano entre os ficcionistas de conto da velha e nova geração do Brasil."

**Olívio Montenegro**

"... quem mesmo pode dizer sobre ele é o tempo, e nada melhor para um artista tão nobilitado em seu pensamento e sensibilidade, e em sua forma de dizer."

**Virgínius da Gama e Melo**

"... livro que, sendo de viagem ao Velho Mundo, é, também, o registro de viagem através a vida — a viagem em que todos estamos empenhados."

**Rolmes Barbosa**

"Assim é que se completam neste trabalho (O Fiel e a Pedra), e mutuamente se fecundam, os dois princípios estéticos, a dimensão exterior e a interior, a paisagem e o homem, a sociologia e a psicologia, o pitoresco do regionalismo e a densidade do introspectivismo, a força telúrica do romance nordestino e a significação espiritual das anteriores produções do autor."

**José Carlos Barbosa Moreira**

"Estilo que nasce do encontro estético e lógico, psicológico, em momento algum a influência pensante da obra é circunstancial, anódina ou aferrada."

"Técnicas estilísticas de melhor sentido."

"A peça do teatro escrito por Osmani Lins (Luzes e o Prisioneiro) é excelente: uma obra-prima de boa dramaturgia."

"Acho que O Fiel e a Pedra é um dos grandes romances brasileiros de todos os tempos."

"Este é o melhor editor brasileiro de romances, em carta ao autor."

"... um estilo sóbrio, maisável, muito pessoal, onde destaca um tom delicadamente poético, e uma linguagem pura e transparente."

"... em alguns dos seus contos, revela-se com uma força, um peso, uma cadência, que o põem bem alto num plano entre as histórias de conto de volta e nova geração do Brasil."

"... livro mesmo pode dizer sobre ele e o tempo: e nada melhor para um artista tão nobilitado em seu pensamento e sensibilidade, e em sua forma de dizer."

"Técnicas de O Fiel e a Pedra"

PERSONAGENS:

GERTRUDES DE ALBUQUERQUE LINS	— Mãe de Pedro Ivo
PEDRO IVO DE ALBUQUERQUE LINS	— Filho do senhor do Engenho "Cansa-Cavalo"
MARISAURA PEREIRA	— Prima de Pedro Ivo, órfã
FIDENCIO CAVALCANTI LINS	— Senhor do "Cansa-Cavalo"
SETE-RANCHOS	— "Cabra" de Fidêncio Lins
ANTONIO CABRAL VILELA	— Mascate
RUI VILELA	— Seu ajudante
FANHOSO	— "Cabra" do Engenho "Cansa-Cavalo"
SEVERINO DOS SANTOS	— Emissário de Drahomiro Marinho
JOÃO-JOÃO	— Chefe do grupo enviado pelo Engenho "Bombarda"
DRAHOMIRO MARINHO	— Senhor do Engenho "Timorante"
ROSARIO	— Jovem capanga seu. Tipo de cigano
JOAO PINTO	— Outro capanga de Drahomiro Marinho
SERRINHA	— Idem
CORIOLOANO DE BARROS WANDERLEY	— Pai de Heloisa. Senhor do Engenho "Bom-Mirar"
HELOISA	— Noiva de Drahomiro e filha de Coriolano

## PRIMEIRO ATO

### Cenário:

Casa-grande de engenho, no Nordeste. Sala de visitas. Móveis de vinhático ou jacarandá. Cômoda, com um oratório. Algumas porcelanas.

Passagem para o interior da casa, à esquerda e escada levando ao primeiro andar. No fundo, duas janelas e uma porta abrindo para o alpendre; à direita, outra para fora. Talvez uma janela. Além das janelas do fundo, quando abertas, vê-se o azul do céu, pois a casa fica numa elevação; ver-se-á talvez parte do alpendre. Céu claro: é setembro, às duas da tarde mais ou menos. São indicadas, no texto, as entradas e saídas relativas ao interior da casa e à escada. As demais entradas e saídas — se pela porta do fundo, se pela porta da direita — ficam a cargo do encenador.

---

Ao iniciar-se a peça, num domingo, em 29-9-1940, dia de São Miguel, Gertrudes, de negro, está fazendo renda e cantando. Ouve-se o bater dos bilros. Marisaura, de sapato baixo, grosseiro, num vestido claro, simples e não muito feminino, olha concentradamente através da janela.

Nas falas iniciais, e até à chegada de Fidêncio, a ação, como que à procura de um caminho, não se define. O encenador não deve disfarçar, por quaisquer meios, essa indecisão, e sim acentuá-la, através dos três personagens envolvidos na primeira cena, à margem da corrente que ainda não os alcançou e que em breve os envolverá, precipitando-se no desespero ou na morte.

O autor ficaria grato se a Direção desta peça, não dispondo de elementos nordestinos para interpretá-la, afastasse qualquer preocupação de imitar a pronúncia do Nordeste. Pois não se trata, aqui, de retratar um mundo, e sim de recriá-lo.

---

GERTRUDES (Canta)

Tive uma filha e três filhos  
na minha vida tão triste.  
Dos quatro morreram três,  
chorar é o bem que me assiste.  
A menina nasceu morta,  
ai, chorei mais do que pude.  
Um filho morreu pequeno,  
afogado no açude.  
Outro morreu na tocaia.  
Não tenho quem me confortê,  
pois o filho que me resta  
vive andando atrás da morte.

PEDRO IVO

(Entrando. Calças de linho claro, camisa de seda  
palha, sem gravata, os punhos abotoados. Relógio  
de algibeira. Sapatos comuns, sola de borracha. Dá  
uma impressão de violência; porém, não de firmeza.)  
(Com ar de censura.) Cantando isso outra vez?

GERTRUDES

Pois é. Quem canta, seus males espanta.

PEDRO IVO

Acho que a senhora faz sempre o contrário: chama.  
E pra cima de mim.

GERTRUDES

(Impassível. Tem sempre uma expressão de cansaço.  
Mágoa concentrada, estagnada, podre.) Você vai  
morrer cedo, Pedro Ivo. De tanto andar atrás de  
quem não deve.

PEDRO IVO

Tenho quase trinta. Já não é tão cedo. (Olha o  
relógio.)

MARISAURA

Que calor! (Aproxima-se de Pedro Ivo, olha-o firme,  
fala destacando as sílabas.) Não era num dia assim,  
que eu queria casar.

**PEDRO IVO**

(Como se não percebesse a sua intenção.) Você não vai casar, Marisaura. Nem tempo de sol, nem tempo de chuva.

**MARISAURA**

Não são somente as Heloíças que casam. As Marisauras também, mesmo sem cabedal. (Ela e Pedro Ivo trocam um rápido olhar de desafio.)

**GERTRUDES**

(Indiferente aos propósitos ocultos no diálogo anterior.) Quando eu e Fidêncio nos casamos, chovia! Passei a noite quase toda sôzinha, ouvindo a chuva.

**PEDRO IVO**

(Grosseiro, por cima do ombro) Nem tôdas as noites foram iguais a essa...

**GERTRUDES**

(Lenta.) Nenhuma foi igual àquela.

**MARISAURA**

(Olhando para fora.) Capaz de a procissão não vir até aqui. Com tôdas essas ladeiras pra subir!

**GERTRUDES**

Lá pra as cinco ou cinco e meia, êles chegam. Já vieram uma vez, há treze anos. Você verá. Isso aqui vai ficar cheio de môças e rapazes. Principalmente de môças, cada qual mais bonita do que a outra. Podia olhar, Pedro Ivo, ver se tem alguma que sirva pra você. Já é tempo de escolher espôsa. Acabar com essa história de andar cercando mulheres perigosas, arriscado a levar um tiro nas costelas.

**MARISAURA**

Êle não se arrisca tanto quanto a senhora pensa. Sabe dar para trás nas horas certas.

**PEDRO IVO**

Por que diz isso? (Gertrudes pára o trabalho.)

**MARISAURA**

(Evasiva) Que calor!

PEDRO IVO

(Aproximando-se.) Estou perguntando por que você diz isso.

MARISAURA

(Cortante) Porque sei. (Pedro Ivo afasta-se.) (Breve pausa.)

GERTRUDES

(Recomeça o trabalho.) Acho que a bandeira de São Miguel nunca foi tão mal recebida como vai ser hoje. Nem foguetes, nem comes e bebes. Em 27, foi bem diferente. Fidêncio, depois de velho, está dando pra sovina.

PEDRO IVO

A senhora não acha que chegam as despesas que ele vai ter para o ano, como juiz da festa? Não podemos mais andar gastando dinheiro com bobagem.

GERTRUDES

E êsses homens no rifle, que não fazem nada?

PEDRO IVO

Como é que não fazem? Se não fôssem eles, Drahomiro Marinho tinha comido bem metade do engenho. (Gertrudes pára o trabalho, ao nome de Drahomiro.) Com os nossos homens no rifle, não tem mês que não avance um pouco nos babados! Imagine sem armas. (Gertrudes retoma os bilros.)

MARISAURA

(A Pedro Ivo, com uma espécie de secreto prazer.) Ouvi dizer que no Engenho dêle há uns quartos grandes, de telhado alto. É verdade, primo?

PEDRO IVO

Não sei. Nunca entrei nos quartos do Timorante, no tempo em que ia lá.

MARISAURA

(Sempre com malévola intenção.) Pensei que conhecia a casa tôda...

PEDRO IVO

Você tem sempre alguma coisa de atravessado pra dizer, quando fala no Timorante.

MARISAURA

Você ia tanto lá, antes que... a mulher de Drahomiro Marinho aparecesse morta!

PEDRO IVO

Não ia tanto. Drahomiro e eu nunca nos demos muito bem.

GERTRUDES

(Detendo-se outra vez) Drahomiro Marinho veio do nada. O pai dêle, dizem que roubava cavalos.

MARISAURA

Mas vai passar as unhas em tôda terra boa que houver na redondeza. Não há rifles que impeçam. Êle vai engolir, um a um, todos os engenhos de famílias velhas.

PEDRO IVO

Parece que tem prazer nisso. É o sangue do seu pai, aquêle vagabundo, que se revolta em você.

GERTRUDES

Não insulte os mortos, Pedro Ivo.

PEDRO IVO

E não era vagabundo mesmo? (Gertrudes recomeça o trabalho.) Um sujeito que passou a vida tôda vendendo bois — e até bodes — para o matadouro! Isso é negócio de homem? Ainda se comprasse e vendesse boiadas! Mas não. Na semana que vendia três bois, achava que havia ganho o mês.

MARISAURA

Era homem de bem.

PEDRO IVO

Depois de morto, todo mundo é santo.

GERTRUDES

Não tinha nome. Era um Pereira qualquer. Mas não se pode dizer que fôsse mau.

MARISAURA

A senhora quer dizer o quê, com isso de "não tinha nome?" Nome não vale nada.

GERTRUDES

Vale, Marisaura. Veja-se você. Se seu pai houvesse pôsto o Lins no seu nome, como Fidêncio queria, a coisa era outra. Você não vivia comendo o nosso pão e revoltada, em casa, contra a gente. Feito uma inimiga.

MARISAURA

Vocês estão vendo, e fingem não ver, se essa história de nome vale alguma coisa. Drahomiro Marinho está aí. Tem nome? Tem cabeça e coragem. E ambição. Com isso, está comendo a terra de vocês. E a estas horas pode dizer que é dono também do Bom-Mirar. Casou com Heloísa, ela deixou de ser Barros Wanderley, agora é Heloísa Marinho. Perdeu o nome antigo; e Drahomiro ganhou o Bom-Mirar.

GERTRUDES

Porque Pedro Ivo não escutou meus conselhos. Se tivesse ouvido, as famílias Cavalcanti Lins e Barros Wanderley estavam unidas. O velho Wanderley não ia deixar de dar a filha a um nome como o dele, pra dar a um Marinho, que olha pra trás e não vê princípios. Mas agora é tarde. Como diz o ditado: Inês é morta.

PEDRO IVO

E se eu selasse meu cavalo, descesse para o Engenho Timorante, roubasse a noiva?

GERTRUDES

Começa alimentando essas idéias e um dia faz coisa parecida. É aí que você morre.

PEDRO IVO

Capaz de ainda estar vestida de noiva. Botava na garupa, saía por aí.

MARISAURA

Você não fazia isso, nem rodeado de ferro.

PEDRO IVO

E por que não?

MARISAURA

Porque não tem coragem.

PEDRO IVO

Como é que não tenho?

MARISAURA

Pra Drahomiro Marinho, nunca teve.

PEDRO IVO

Drahomiro não me faz sobrosso.

MARISAURA

Faz. Não é a mim que você diz o contrário. (Sobe a escada, ouve-se o bater de uma porta.)

PEDRO IVO

Meu pai é que tem razão. Ela devia viver fora daqui de casa, feito um morador qualquer.

GERTRUDES

Em parte, compreendo a situação da pobre. É duro não ter pai, nem mãe, nem bens, e viver às expensas de parente. E ainda mais de parente como você e Fidêncio.

FIDÊNCIO

(De baixa estatura. Grande mobilidade. Roupa clara. Chapéu branco, sempre na cabeça. Entra, vindo de fora. Gertrudes não levanta a cabeça.) Como é? Sete-Ranchos não chegou ainda?

PEDRO IVO

Não.

FIDÊNCIO

Já era tempo. Só quero ver o que aquele padre vai dizer. Qual é a história que vai contar.

GERTRUDES

Vai dizer o que é, não vai contar história. A mulher é casada, não pode mais casar.

FIDÊNCIO

Por que não? Não vive mais com o marido, vive é com Sete-Ranchos. Que é que tem, casar de novo com êle? Oficializar a coisa. Não gosto de homem amigado aqui no meu engenho.

PEDRO IVO

Isso é mania.

**FIDÊNCIO**

Mania ou mané-mania, não quero. Acabou-se.

**PEDRO IVO**

Tanta coisa em que pensar e o senhor ocupando-se do casamento dum cara que não vale nada. E que tanto faz estar casado como não!

**FIDÊNCIO**

É isso mesmo. Às vêzes, a gente cuida mais dum calo do que duma urticária. É humano.

**PEDRO IVO**

Por que não teve êsse empenho todo, quando lhe pedi para falar com o velho Wanderley sôbre Heloísa?

**FIDÊNCIO**

Não adianta insistir. Wanderley tinha dado a mão da filha a Drahomiro, isso pra êle é mesmo que pedra e cal. Aliás, pra mim, também; os Cavalcanti Lins são homens de palavra.

**PEDRO IVO**

O senhor tinha cinqüenta motivos, pra convencê-lo a desfazer o trato. Dizia que Heloísa não queria mais o casamento, e pronto.

**FIDÊNCIO**

E por que você não pensou nisso antes? Por que diabo só se interessou pela môça depois que ela noivou?

**GERTRUDES**

Você sabe por que, Fidêncio Lins. Mulher sentadinha num canto, fácil, oferecida, nunca serviu pra êle. Só se interessa por mulheres guardadas por leões. Isso vai custar-lhe a vida.

**PEDRO IVO**

Cale essa bôca de praga!

**FIDÊNCIO**

Sempre quis que você casasse com Heloísa. Era uma grande aliança. O nosso "Cansa-Cavalo" e o "Bom-Mirar" unidos. Drahomiro ia ter que recuar. Eu e o velho Coriolano de Barros Wanderley somos da antiga cepa. Nos compreendemos.

PEDRO IVO

Compreendem-se... Se isso fôsse verdade, não era Drahomiro quem estava casado com a mulher e a terra.

FIDÊNCIO

Em parte, você tem razão. Coriolano traiu a nossa origem. Aliás, nossa origem é mais velha que a dele. No tempo dos holandeses, minha família já possuía terras. Meu tataravô Belchior Bragança Cavalcanti morreu de trabuco na mão, no Monte das Tabocas, defendendo seus canaviais contra a invasão dos gringos. Estão aí os livros, que não me deixam mentir. Por isso, mesmo sem eu pedir a mão de Heloísa pra você, Coriolano devia ter-lhe oferecido a filha. Tudo, menos entregá-la àquele maçom. E o pior é que ouvi dizer que o desgraçado do Drahomiro impôs condições: só casava com Heloísa se o velho se aliasse a êle contra mim. Se já avançava nas minhas terras feito as águas de uma enchente, agora vai ser um dilúvio. Ah! Ah! Ah!

GERTRUDES

Você ainda leva na graça. A enchente subindo, e você na risada.

FIDÊNCIO

E que é que vou fazer? Vou chorar? Deixem as águas rolarem. O dilúvio, que foi o dilúvio, acabou! Quanto mais Drahomiro Marinho.

GERTRUDES

Quando êle acabar, nem você nem eu estaremos mais aqui.

FIDÊNCIO

Isso é... Mas a verdade, Gertrudes, é que não posso mesmo fazer nada. Estou envelhecendo, já não sou o mesmo que era antes. E meu filho...

PEDRO IVO

(Irado.) Que é que tem seu filho?

FIDÊNCIO

Nem parece meu. Pois é. Nem parece neto do velho Jerônimo, que uma vez tocou fogo num arruado, só

porque negaram asilo a um cabra da confiança dêle. Você é um mulherengo. Isso aumenta a população, mas não traz progresso, rapaz. Meu pai, não. Aparecia a mulher, êle papava — que ruim é o cachorro que não pega o osso. Mas nunca saiu correndo atrás de saias.

**GERTRUDES**

E você, Fidêncio?

**FIDÊNCIO**

Eu, também.

**GERTRUDES**

É.

**FIDÊNCIO**

Por que você diz "é"?

**GERTRUDES**

Porque é... Na noite do nosso casamento, me deixou sôzinha, dizendo que eu era um gêlo, e foi meter-se na cama suja das negras. Fiquei chorando, nos meus lençóis de linho.

**PEDRO IVO**

Pare com isso! A senhora é uma velha.

**GERTRUDES**

Mágoas não envelhecem. As minhas vão tôdas para a cova comigo: novas como no dia em que nasceram.

**PEDRO IVO**

(Da janela.) (Com ironia.) Está chegando seu constituinte.

**FIDÊNCIO**

Será que vem bêbado? (Vai abrir a porta.)

**PEDRO IVO**

Não parece.

**FIDÊNCIO**

(Abrindo a porta.) Então? Como é que foi?

**SETE-RANCHOS**

(Roupa de brim escuro, alpercatas, camisa também escura, sem colarinho, abotoada até ao pescoço. Na mão um chapéu negro, barato, de abas estreitas.) (Aos outros.) Tarde.

FIDÊNCIO

Então?

SETE-RANCHOS

Disse que não.

FIDÊNCIO

Como?. Você deu a êle minha carta?

SETE-RANCHOS

Dei a carta e ainda conversei.

FIDÊNCIO

Você explicou que era do "Cansa-Cavalo"? Homem do Coronel Fidêncio Cavalcanti Lins? Que é pra cá que êle, o padre, vem trazer hoje a bandeira do santo?

SETE-RANCHOS

Disse tudo. Êle parecia que tinha barro dentro dos ouvidos. Tive vontade de passar-lhe a faca.

FIDÊNCIO

Era bem feito. Que cabra bêsta! Deixar de casar uma mulher com um homem, só porque a mulher já é casada! Antigamente não havia disso. Quer casar de nôvo? Casa. Que é que tem uma coisa com a outra?

GERTRUDES

Casamento é sacramento.

FIDÊNCIO

Extrema-unção também é sacramento. E se eu estiver pra morrer, e receber extrema-unção, e escapar, e depois ficar pra morrer de nôvo, não recebo outra vez extrema-unção? Pois casamento é feito extrema-unção. Precisou de nôvo, dá de nôvo. Que padre idiota! Mas a desfeita não vai ficar por isso mesmo, não. Vou reunir meus homens. Vou dissolver a procissão à bala.

GERTRUDES

(Suspendendo o trabalho.) Você não vai fazer isso, Fidêncio Lins.

FIDÊNCIO

Ora não vou!

**GERTRUDES**

Receber São Miguel é um privilégio. Vamos hospedar um ano a sua imagem. Isso é estar com êle.

**FIDÊNCIO**

São Miguel entra. Pelo sim pelo não, quem é bêsta fechar a sua porta a um santo? O padre também; e o pessoal do andor. Só. O resto, não me pisa aqui. (A Sete-Ranchos.) Vamos logo empiqueitar a estrada, pra assustar aquelas papa-hóstias. (Retiram-se Fidêncio e Sete-Ranchos.)

**GERTRUDES**

Leva-se uma vida, aqui, sem ver caras bonitas. No dia que se tem pra ver sorrisos e vestidos novos, acontece isso. (Canta, voltando à renda.) La-ri-la-i-ra-ra-ri... Na minha vida tão triste...

**PEDRO IVO**

Pare com essa cantiga.

**GERTRUDES**

Quando me lembro de meus tempos de môça! Tocava bandolim e inventava, eu mesma, umas modinhas. Um dia, depois de casada, êle quebrou meu bandolim com os pés.

**MARISAURA**

(Descendo) Vêm aí dois homens.

**PEDRO IVO**

Que homens?

**MARISAURA**

Talvez sejam mascates.

**PEDRO IVO**

Num domingo? Debaixo dêsse sol! (Tocam o sino, fora.)

**R U I**

(De fora.) Dá licença?

**PEDRO IVO**

(Abrindo a porta.) Entrem. (Entram Antônio e Rui. Gertrudes põe de lado a almofada. Antônio, bem mais alto que Rui, traz nos ombros uma bolsa de couro. Rui vem com outra bolsa e uma sanfona. Os dois ves-

tem roupa cáqui de tons diferentes, a de Rui mais velha. Alpercatas. Chapéus de massa, o de Rui de abas largas. Nenhum usa gravata. Rui traz um lenço vermelho no bolso superior do paletó.)

R U I

Boa tarde. Posso arriar a carga? (Antônio cumprimenta apenas com a cabeça.)

PEDRO IVO

Botem seus trens por aí.

R U I

(Assovia.) (Êle e Antônio se desfazem da carga.) Nunca vi casa-grande num lugar assim, tão sobranceiro. Parece um promontório. Um Adamastor. Mesmo pra quem vem montado, a subida até aqui é dura.

PEDRO IVO

Por isso se chama "Cansa-Cavalo". É subida pra homem.

R U I

Pois eu acho que é subida pra bode.

GERTRUDES

Nesses baús, vocês têm coisa que preste?

R U I

Tudo de primeira! Rendas, brincos, anéis, véus, trançelins... (Ri.) O Coronel perguntou se a gente não vendia bala. Pra atirar nos santos. (Ri outra vez. Pedro Ivo, ante a referência à decisão do pai, vai saindo para o alpendre.)

ANTÔNIO

Môço! (Pedro Ivo detém-se.) Posso falar um momento com o senhor? (Rapidamente, segreda qualquer coisa a Pedro Ivo.)

PEDRO IVO

É aqui de lado. Pode vir comigo.

ANTÔNIO

(Mal olhando para as mulheres e com a voz ligeiramente embargada.) Com licença. (Sai com Pedro Ivo.)

R U I

(Como se se orgulhasse disto.) Foi verter água!

GERTRUDES

Gosto dêle.

R U I

Um homem e tanto. Se chama Antônio Cabral Vilela. É conhecido, por êsse meio de mundo.

GERTRUDES

E o senhor? Qual é a sua graça?

R U I

Eu? Rui Vilela.

GERTRUDES

O mesmo nome.

R U I

Não somos parentes. Mas me considero como se fôsse irmão aí do meu parceiro. (Evocativo e como deslumbrado.) Desde um certo dia.

GERTRUDES

São sócios?

R U I

Não. Trabalhamos juntos. Mas êle não faz só mascatear. Um tempo, a gente sai pelo mundo, comprando e vendendo coisas; outro, êle fica num lugar, pintando.

GERTRUDES

Ah! Também é caiador.

R U I

Não; pintor. Faz figuras. Pinta igrejas. A Fortaleza, a Luxúria, a Primavera, santos. A Virgem Maria, as potestades celestes. O ano passado, em Nazaré da Mata, fêz no altar-mor da Igreja um Dilúvio Universal que é uma beleza. Vem gente de longe, pra ver a Arca de Noé, com a bandeira brasileira no mastro. Sabe o que êle fêz, pra desenhar as águas do Dilúvio? Viu o mar!

GERTRUDES

(Indicando Marisaura.) Essa menina também.

R U I

(Fazendo-se de ingênuo.) Que menina?

GERTRUDES

Minha sobrinha.

R U I

Ah!...

MARISAURA

Vi do cais.

GERTRUDES

Marisaura diz que é mesmo que um açude.

R U I

É feito as estradas. Só que as estradas são desenroladas no mundo, como peças de corda; e o mar é um lençol, um acaba-nunca. Meu amigo é quem diz: já viajou de navio. Viagem curta, entre o Recife e Fernando de Noronha, que é onde fizeram um presídio.

GERTRUDES

Viajou como prêso, ou como sôlto?

R U I

Como sôlto, dona. E aquilo é homem de ser prêso? (Antônio volta.)

GERTRUDES

Se aproxime, seu Antônio Vilela. Soube que o senhor já viajou por mar!

ANTÔNIO

(Aproximando-se.) É verdade.

GERTRUDES

(Admirada) Está com os olhos vermelhos. Parece que chorou!

ANTÔNIO

(Evasivo, levando as mãos aos olhos.) Deve ser êsse sol. Mostre as nossas coisas, Rui. Dona Gertrudes quer ver.

GERTRUDES

Sabe meu nome?

ANTÔNIO

Todo mundo sabe, nessas redondezas. Seu nome e qualidades. Tinha ouvido dizer que ninguém faz rendas como as da senhora. Agora vejo que é mesmo.

MARISAURA

(Com alguma desconfiança.) Quem lhe disse isso?

ANTÔNIO

Muita gente.

MARISAURA

(Ainda sem acreditar.) E de mim, que disseram?

ANTÔNIO

(Abre a bôca, contém-se.) Nada.

RUI

(Mostrando algumas mercadorias.) Olhem aí. Não paga pra ver. As coisas mais lindas do orbe. Nem em Jerusalém existe disso.

GERTRUDES

São coisas bonitas.

RUI

Pois é.

MARISAURA

O senhor só traz coisas para mulheres muito delicadas.

RUI

Êle diz que se gostasse de vender coisas grosseiras, ia botar uma loja de cangalhas.

ANTÔNIO

Não precisa responder assim, Rui.

MARISAURA

Tudo pra mulher que passa a vida na frente dos espelhos.

ANTÔNIO

(Tirando de um baú uma pequena caixa de madeira, que olha, para em seguida guardá-la outra vez.) São coisas leves.

GERTRUDES

O senhor, quando tomou o navio, não viu a guerra?

ANTÔNIO

Que guerra, dona?

GERTRUDES

Essa que anda por aí. A guerra da Alemanha com a França.

ANTÔNIO

A França não está mais na guerra. Foi vencida. Mas tudo isso é do outro lado do mundo.

GERTRUDES

Pedro Ivo diz que se o Brasil entrasse na guerra, êle sentava praça, só porque marinheiro e soldado têm quantas mulheres querem.

ANTÔNIO

Isso não serve de nada.

MARISAURA

Não gosta de mulher?

RUI

(Saltando da cadeira.) E quem está doido, pra não gostar de mulher? Se não fôsem as mulheres, a gente não tinha nem pra quem vender essas coisas... (Apontando Antônio.) Só que êle é feito os cavaleiros de antes: diz que nasceu pra uma.

GERTRUDES

Ê casado?

ANTÔNIO

Ainda não. (Com uma expressão velada.) E agora é possível que nem case.

PEDRO IVO

(Entretanto rápido.) Vocês dois, vêm de Bom-Mirar?

ANTÔNIO

Vimos.

PEDRO IVO

Viram Heloísa?

ANTÔNIO

(Com emoção.) Vimos.

RUI

Ela se casa hoje.

MARISAURA

Nós sabemos.

PEDRO IVO

Estava alegre ou triste?

RUI

Amanheceu doente.

ANTÔNIO

Não se levantou, de manhã.

PEDRO IVO

Doente de quê?

RUI

Deus me perdôe. Mas pra mim, a doença não passava de conversa.

ANTÔNIO

Não cheguei a ver foi o tal noivo. Não fomos no Timorante, Rui não quis que a gente fôsse lá.

RUI

Êle não gosta nem de ver mascates.

PEDRO IVO

Nunca ouvi falar nisso.

GERTRUDES

Mas o senhor fêz bem não ir no engenho dêle. É um homem ruim. Matou a primeira mulher, pra herdar o que ela possuía.

MARISAURA

Falatórios.

GERTRUDES

Diz que a pobre enlouqueceu de repente e se enforcou. Mas foi êle mesmo, todo mundo sabe.

MARISAURA

Todo mundo diz. Mas ninguém sabe. Ninguém estava lá.

GERTRUDES

Seja como fôr, Drahomiro mudou, depois que Maria Úrsula morreu. Ficou pior. Acho que a finada continha o despotismo dêle. Era boa mulher.

MARISAURA

Talvez nem tanto.

PEDRO IVO

Por que não era?

MARISAURA

Eu disse talvez.

GERTRUDES

Mas Heloísa também é criatura mansa. Quem sabe se o desgraçado, agora, não deixa a gente em paz? Tudo é possível.

ANTÔNIO

(Surdamente) Dona Heloísa é um ente delicado.

GERTRUDES

Mulher de doçuras.

ANTÔNIO

De muito sumo.

MARISAURA

Frágil demais. Drahomiro não casava com ela, se não fôssem as terras. Ele precisa de mulher com nervo e de vontade. O senhor viu o que são as terras do Bom-Mirar?

ANTÔNIO

Não entendo de terras. Sei que é bonito, o engenho. Merece o nome.

PEDRO IVO

Heloísa não lhe disse nada? Falou em mim?

ANTÔNIO

Não.

PEDRO IVO

Mas conversaram.

ANTÔNIO

Muito pouco. Dei a ela um presente: um sêlo do Japão e um da China.

PEDRO IVO

Isso não é presente.

ANTÔNIO

São coisas de tão longe! De tudo o que possuo, era o que eu prezava mais. O do Japão é verde, com um vulcão e uma árvore. O da China é pequeno; representa um dragão. E o sêlo da China, olhando contra a luz, a gente vê assim como duas formas, uma voltada pra baixo, outra pra cima, e as duas se completam. Representam o homem e a mulher, formando um Ó. Um todo.

GERTRUDES

Isso é bonito. Mas qual é o casal que faz um Ó?

R U I

A senhora tem razão. A maioria, por muito favor, faz um X. Bunda com bunda.

ANTÔNIO  
Que expressões são essas?

PEDRO IVO  
É isso mesmo o que eles vão fazer, Drahomiro Marinho e Heloísa.

GERTRUDES  
Devia estar linda, vestida de noiva.

ANTÔNIO  
Deve ficar.

PEDRO IVO  
Deve ficar, como? O senhor não veio de lá agora?

ANTÔNIO  
Vim. Mas só vi o vestido em cima da cama.

PEDRO IVO  
Ela não se casou sem véu e sem capela.

ANTÔNIO  
Ainda não casou.

PEDRO IVO  
Mas o casamento era de manhã.

ANTÔNIO  
Vai ser de tarde. Disse que ela estava doente.

PEDRO IVO  
Então não casaram! Ela não foi ainda para o Timorante...

ANTÔNIO  
Não.

PEDRO IVO  
Seja como fôr, é tarde demais.

ANTÔNIO  
Tarde pra quê?

PEDRO IVO  
Pra roubá-la.

GERTRUDES

Isso, Pedro Ivo, nem em sonhos.

ANTÔNIO

(Começando a maquinar um projeto.) Não é assim tão tarde. Meu pai roubou minha mãe, na véspera do casamento.

PEDRO IVO

E ela ia se casar com quem?

ANTÔNIO

Com o meu pai é que não era.

PEDRO IVO

Ela gostava dele?

ANTÔNIO

Não podia vê-lo. Alta noite, êle arrombou a porta com gazua, e levou minha mãe, como quem rouba dinheiro. Trancou-se num quarto com ela e tirou a chave. Dias e noites. Dez. Levavam banho, comida, tudo levavam no quarto. E meu pai lá dentro, convencendo a criatura. Até que ela resolveu.

PEDRO IVO

Isso não deu certo.

ANTÔNIO

Pra mim, deu. Eu nasci!

PEDRO IVO

E pra êles! Deu certo pra êles?

ANTÔNIO

(Como se evocasse isto pela 1.<sup>a</sup> vez.) Nunca vi nenhum dos dois se queixar.

PEDRO IVO

(Pensativo.) Mãe, faça um café pra êsses moços. (Sai rápido.)

GERTRUDES

(Levantando-se.) Os senhores tomam forte ou fraco?

ANTÔNIO

Não precisa, dona.

R U I

Bem que é bom, meu mano.

ANTÔNIO

Como a senhora quiser.

GERTRUDES

Tenho pra mim que o senhor, sem querer, vai causar coisas ruins. (Sai.)

ANTÔNIO

(Disfarçando.) Não sei o que ela quis dizer.

MARISAURA

Ela pensa que o senhor joga palavras no ar. Mas eu, não. Não acredito nessa história de seu pai.

ANTÔNIO

Como é que não?

RUI

É verdade, dona. Ele já me contou.

MARISAURA

Essa história veio muito a propósito. Digo que o senhor perdeu o seu latim. Pedro Ivo não vai roubar aquela môça.

ANTÔNIO

Não entendo a senhora. Que é que eu tenho com isso?

MARISAURA

É o que pergunto a mim. O senhor quer que êle vá.

ANTÔNIO

Não.

MARISAURA

Quer, sim. Mas por quê?

ANTÔNIO

A senhora está nadando em ódio. Desconfiança e ódio.

MARISAURA

Nado bem nessas águas.

ANTÔNIO

Onde estão seus pais?

MARISAURA

Mortos e esquecidos. Quisera ser como êles: um nome numa cruz.

ANTÔNIO

A senhora tem posses. Tem o de comer e o de vestir. Não precisa ir feito nós, no meio do mundo, para ter seu pão.

MARISAURA

E o senhor pensa que isso é ruim? Ir pelo mundo?

ANTÔNIO

Pra mim e Rui Vilela é bom. Gostamos das estradas. Mas quantas vêzes, na chuva, a gente queria estar debaixo de um telhado? Temos comido da banda pôdre.

MARISAURA

Êsse é o lado que eu como, desde que nasci. Quisera ser homem. É pra homem, que eu devia ter nascido.

RUI

Ninguém nasce errado, dona. Onde já se viu disso? A gente é que se erra.

ANTÔNIO

Não existe essa história de mulher que veio pra ser homem, nem de homem que veio pra ser anjo. Se a vida que leva, desagrada, faça outra. Foi o que fez Rui Vilela.

RUI

Pois é.

MARISAURA

Não posso fazer outra vida.

ANTÔNIO

Vida mais torta era a de Rui. E êle não consertou?

RUI

Consertei, dona. Para o resto da vida. Sabe o que é que eu era?

ANTÔNIO

Pistoleiro!

MARISAURA

Logo vi que vocês não eram boa coisa.

RUI

Não sou mais o que fui.

FIDÊNCIO

(Entrando) Gertrudes! Ó Gertrudes!

MARISAURA

O senhor mandou êsses homens pra cá?

FIDÊNCIO

Claro que mandei. O que é que tem?

MARISAURA

(Apontando Rui) Êsse aí vive de matar gente.

FIDÊNCIO

Então me serve!

RUI

Hoje sou de paz. Não já disse?

FIDÊNCIO

Mas que bobagem! É por isso que se procura um cabra bom no rifle e não se acha. Tudo desertando. Medo da polícia?

RUI

Nunca fui homem de mêdo, coronel. Nem de soldado, nem de gente. Larguei a profissão por causa dêsse aí.

FIDÊNCIO

Como é que êsse mascate ia fazer você largar a profissão? Êle é milagreiro?

RUI

Se é milagreiro, não sei. Sei que me deram um serviço: acabar com a vida dêle.

FIDÊNCIO

E quem mandou você fazer êsse serviço?

RUI

Nunca eu tinha visto o mandante. E nunca mais tornei a me encontrar com êle. Pagou-me adiantado.

FIDÊNCIO

E você não executou a encomenda? Então é desonesto.

RUI

É o quê?

FIDÊNCIO

Desonesto. Se recebe a paga de um serviço e não faz, o que é que é?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 260

R U I

(Admiradíssimo.) Mesmo! Nunca havia pensado nisso. Mas não interessa. O que interessa, é que eu saí no rastro desse homem e encontrei êle num pouso. Tinha bem vinte cristãos no lugar.

ANTÔNIO

Não precisa contar tudo.

R U I

Comecei; agora termino. Tinha bem trinta cristãos no lugar. Pois de repente êle veio, ficou na minha frente e perguntou se era êle, que eu vinha matar.

FIDENCIO

É adivinhão. Sabe de tudo.

ANTÔNIO

Não sei mais do que os outros homens. Mas às vêzes qualquer um pode ter dessas clarezas.

R U I

Então me levou pra fora e conversou comigo a noite tôda. Quando amanheceu o dia, jurei dali por diante só usar meus ferros para defendê-lo.

~~ANTÔNIO~~

E por isso tomei o nome dêle.

R U I

No meu fraco entender, fomos paridos os dois naquela noite.

FIDENCIO

Grande besteira! Aposentar-se por causa de uma coisa tão sem importância.

R U I

Não estou assim tão aposentado. No 1.º ano, com diferença de meses, vieram mais 2 homens, um pra acabar comigo e outro aí com êsse meu amigo. A essas horas, estão tocando rabeça para o canhoto.

FIDENCIO

E que tempo faz isso?

R U I

Vai para uns três anos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 260

FIDENCIO

Então seus ferros já estão mais do que enferrujados. Rui do Pajeú, que era o melhor pistoleiro dessas bandas, também fez essa besteira. Deu baixa da ativa.

RUI

(Com secreto orgulho) O senhor acha que Pajeú era o melhor?

FIDENCIO

Todo mundo diz. Até os folhetos de feira falam nisso. Vejam êsses cabras que eu tenho aí no rifle. Não tem um com a fôlha de serviço dêle. Só servem mesmo pra espantar passarinho, padre e papa-hóstia. Ah, ah, ah! Gertrudes! Ô Gertrudes! (Sai pela esquerda.)

MARISAURA

Posso muito bem imaginar por que mandaram matá-lo.

ANTÔNIO

Nem eu sei.

MARISAURA

Por boa coisa não foi.

ANTÔNIO

Que me lembre, não fiz nada de mal.

MARISAURA

Juro que foi coisa de mulher.

ANTÔNIO

Não boli com nenhuma.

MARISAURA

Gosta de passar por santo.

RUI

Que mulher peçonhenta!

ANTÔNIO

A senhora se parece com um bicho morto de fome, que engolisse a língua. Como é que a gente pode ganhar os ouros da vida, se é o coração que é feito pra isso, e a senhora rói o coração?

MARISAURA

O senhor, às vezes, é tal e qual o Almanaque do Pensamento.

ANTÔNIO

(Com ímpeto maior.) Foi no Almanaque do Pensamento que eu li uma vez: "As estradas da vida estão abertas."

(Entra Gertrudes. Traz uma bandeja, com café e beijos. Fidêncio segue-a.)

FIDÊNCIO

Pois é. Queiram ou não queiram, a estrada está fechada. Enchi de acólitos, cada um com uma vela calibre 44 na mão. O padre vai ficar mordido dos cachorros.

GERTRUDES

(Enquanto serve o café.) Você não teme castigo.

FIDÊNCIO

Que castigo, que nada! Vou dar uma lição àquele padrequinho metido a bêsta. Fazer face a mim!

GERTRUDES

Obrigação dêle.

FIDÊNCIO

Êsses padres de hoje são cheios de nós pelas costas, Gertrudes. No meu tempo, cansei de ver padre que nem usava batina. Era um fraque, botas de cano alto, lustrando que pareciam um dia, e coragem pra mamar em onça. Tive um tio que era assim. De padre só tinha o chapéu. Fêz filhos em não sei quantas mulheres.

GERTRUDES

A essa hora, deve estar penando no inferno.

FIDÊNCIO

Vai atrás disso? Essa história de inferno e céu é embromação. Uma coisa eu digo: "Religião é feito política; só serve pra engordar quem está de cima." Veja Agamenon Magalhães. Veja Mussolini. Tudo gordo que faz gôsto.

GERTRUDES

Um dia, Fidêncio, Deus lhe roga uma praga. Se é que não já rogou.

**FIDÊNCIO**

Era só o que faltava! Está aí sua religião: Deus rogando praga.

**GERTRUDES**

Você deve tirar aquêles homens da estrada.

**FIDÊNCIO**

Não tiro. Nem que me matem. É como você está falando muito, mudei de opinião: agora não me passa nem São Miguel. Vou reforçar o piquete. (Saí.)

**GERTRUDES**

Fidêncio Lins! Os senhores me dêem licença. Vou ver se impeço êste sacrilégio. (Segue o espôso.)

**ANTÔNIO**

Você ouviu o que eu ouvi?

**RUI**

Penso que sim. Êle quer enfrentar São Miguel.

**ANTÔNIO**

Que é que você acha?

**RUI**

Acho que enfrentar o padre, está certo. Mas São Miguel, não.

**MARISAURA**

(Repreensiva) Que é que vocês querem fazer?

**ANTÔNIO**

Dona! A senhora já ouviu falar na Cavalaria Andante?

**MARISAURA**

A propósito de que o senhor vem com essa?

**ANTÔNIO**

Não sou um cavaleiro. Precisava, pra isso, umas cerimônias que não existem mais. Acabou-se a Cavalaria Andante. Mas eu queria ser uma espécie de homem feito êles. O Cavaleiro Andante defendia os fracos.

**RUI**

Era fiel à sua namorada.

**ANTÔNIO**

À sua noiva. E tinha regalias. Trago sempre comigo um estribo de ouro.

MARISAURA

De ouro?!

ANTÔNIO

Não é bem de ouro, mas é folheado. O cavaleiro andante tinha direito a isto.

RUI

Coisa fina.

MARISAURA

(Fazendo menção de sair.) O senhor usa isso nos arreios da sua montaria?

ANTÔNIO

Não. Mas trago sempre comigo.

MARISAURA

Quero ver.

ANTÔNIO

Não gosto de mostrar.

MARISAURA

Foi roubado?

RUI

Isso é ofensa.

ANTÔNIO

(Com recolhimento.) Pertenceu a alguém que eu vi uma só vez na vida e de quem nunca mais tive notícia.

MARISAURA

Mulher.

ANTÔNIO

Sim. As vezes penso se não foi uma aparição de Oriana, a noiva de Amadis de Gaula.

MARISAURA

(Com mordacidade.) O senhor deu-lhe um sêlo e recebeu um estribo folheado a ouro.

ANTÔNIO

Não foi como a senhora está pensando. Um dia, há de voltar a Cavalaria Andante. Quero estar preparado para ser sagrado um cavaleiro. Pra isso, na minha casa, armei na cumieira um cata-vento, coisa que no

tempo de antes só os cavaleiros tinham o direito de fazer. E os patronos da Cavalaria são dois: um é São Jorge, outro São Miguel. Não podemos deixar nosso patrono ser hostilizado.

MARISAURA

Querem se revoltar, os dois, contra meu tio?

ANTÔNIO

De braços cruzados, é que não ficamos.

PEDRO IVO

(Entrando) Quero avisar uma coisa a vocês dois. Se gostam de baderna, fiquem. Mas se não gostam, peguem seus trens e vão-se. Isto hoje aqui vai pegar fogo. (Antônio afasta-se, pois compreende logo a intenção de Pedro Ivo.)

R U I

O senhor é contra o santo, ou a favor?

PEDRO IVO

Quero saber de santo?!

MARISAURA

(Violenta) Que é que você vai fazer?

PEDRO IVO

Não é da sua conta. (Aos homens) Vocês vão ou ficam?

R U I

Isso, depende.

PEDRO IVO

(A Antônio) O senhor me trouxe sangue nôvo! (Marisaura sai para o alpendre, rapidamente.) Vou com os meus homens buscar Heloísa.

ANTÔNIO

E depois?

PEDRO IVO

Será o que Deus quiser. (Sai Pedro Ivo pela esquerda.)

R U I

Agora não entendo mais nada!

ANTÔNIO

Preciso refletir.

- R U I  
Acho que o negócio é ir embora daqui.
- ANTÔNIO  
E São Miguel?
- R U I  
Quando o velho souber disso, não vai querer mais nada com santo nem com padre. O tal Drahomiro não é homem de engolir desfeita. Vamos embora, mano.
- ANTÔNIO  
Espere.
- R U I  
Não tem o que esperar.
- ANTÔNIO  
Rui Vilela! Acho que você está certo. Não vai ser preciso a gente defender o santo. Mas acho que o jeito é ficar aqui.
- R U I  
Por amor de quem?
- ANTÔNIO  
Joguei uma semente perigosa, Rui. Falei demais. Por que, de vez em quando, desgoverno a língua? Por que soltei meu demônio?
- R U I  
Vamos deixar de perguntas! O negócio agora é pini-car os burros. Vamos embora depressa.
- ANTÔNIO  
Preciso pensar.
- R U I  
Deixe pra pensar quando estiver longe.
- ANTÔNIO  
Será que devemos voltar ao Bom-Mirar? Avisar a noiva?
- R U I  
Issó pensamos depois. (Apanhando um baú.) Pega a outra bruaca.
- ANTÔNIO  
Você nem parece homem. Que frouxura é essa?

R U I

Minha mãe já dizia: "é melhor ser frouxo, do que ser cadáver."

ANTÔNIO

Você não julgava assim.

R U I

Mas agora, julgo. Quem espera por tempo ruim, é sertanejo. Vamos. (Entra Marisaura.)

MARISAURA

Estão de saída?

ANTÔNIO

Pois é. Voltamos outra vez, pra tomar o café. Um dia, se precisar de mim, pode escrever. Olhe aqui meu cartão. (Entrega-lhe um cartão com um palmo de largura, dobrando a ponta.)

MARISAURA

Nunca vi cartão desse tamanho.

ANTÔNIO

Queria que ele tivesse um retrato do maior cavaleiro que já houve: enfrentou até os moinhos de vento. Na Holanda.

R U I

Olha a hora, meu. Vamos chegar tarde.

ANTÔNIO

Adeus.

MARISAURA

Adeus. (Rui apenas se volta para Marisaura. Saem os homens. Ela fecha a porta. Entra Pedro Ivo, agora de paletó marrom e gravata amarela.) Falei com um dos seus homens. Acha mesmo que vai roubar Heloísa? Quem é que você pensa ser?

PEDRO IVO

Sou quem sou.

MARISAURA

(Aflita.) Vai mandar seus capangas na frente e matar Drahomiro. Quando ele estiver morto, então você aparece.

PEDRO IVO

Sou eu mesmo quem vou. E vou na cabeça da tropa.

MARISAURA

Vai mandar matá-lo pelas costas. Pela frente, não é capaz de tirar, de Drahomiro Marinho, nem um vin-tém furado.

PEDRO IVO

Isso é o que você acha.

MARISAURA

Isso é o que eu sei. Você tem medo de muitas coisas, mas o senhor do Engenho Timorante, pra você, é o mesmo que alma do outro mundo.

PEDRO IVO

Não acredito em almas do outro mundo.

MARISAURA

Pode ser que, de noite, a finada mulher dêle às vezes te apareça.

PEDRO IVO

Por que diabo está dizendo isso?

MARISAURA

Tenho minhas razões. Sei que você não vai acabar essa empreitada.

PEDRO IVO

Vou.

MARISAURA

Vai como acabou uma outra.

PEDRO IVO

Que outra?

MARISAURA

Sabe melhor do que eu.

PEDRO IVO

Não sei de nada.

MARISAURA

(Irônica) Não...

PEDRO IVO

Você agora, fala. Vamos! Chega de meias palavras.

MARISAURA

Olhe bem para mim. Uma noite, há três anos atrás, você deitou-se vestido. A uma hora, levantou-se e passou quase até às quatro da manhã, na estrebaria, junto do cavalo, sem coragem de meter-lhe os arreios.

PEDRO IVO

Não me lembro disso.

MARISAURA

Nessa mesma noite, Maria Úrsula fugiu do Timorante e foi pegada. Dois dias depois, amanheceu com o belo pescoço apertado numa volta que não era de ouro.

PEDRO IVO

Invenções.

MARISAURA

Nada de invenções. Ela está morta.

PEDRO IVO

Foi Drahomiro que fez isso.

MARISAURA

Digo que foi ela. Matou-se de desgosto.

PEDRO IVO

Isso tudo é coisa imaginada.

MARISAURA

Você ia fugir com ela, mas não teve coragem. Maria Úrsula teve — e foi sòzinha.

PEDRO IVO

Como pode saber que ela fugiu?

MARISAURA

Mato tem olhos; paredes têm ouvidos.

PEDRO IVO

Se fugiu de verdade, não foi por minha causa. Eu não ia com ela.

MARISAURA

Vejo, desde êsse tempo, como você muda, quando se toca no nome de Maria Úrsula. E agora quer levar a têrmo o que só fez começar. Mas também isso você não vai acabar. Mesmo que mande assassinar Drahomiro.

PEDRO IVO

Por que não vou?

MARISAURA

Porque não tem força para coisas inteiras. Só para meias coisas.

PEDRO IVO

É o que vamos ver.

MARISAURA

(Dirigindo-se para a saída.) Então ande depressa. Senão vai chegar tarde.

PEDRO IVO

Que quer dizer com isso?

MARISAURA

Vou no Bom-Mirar.

PEDRO IVO

Por que você não confessa de uma vez que toda essa coisa por Drahomiro é dos dentes pra fora? É por mim que você não quer que eu vá.

MARISAURA

Não faltava mais nada!

PEDRO IVO

Pode ficar tranqüila. Não vai suceder coisa alguma com seu querido primo.

MARISAURA

O que suceda a você não me interessa.

PEDRO IVO

Quem foi que veio uma noite, de pés descalços, e se deitou na minha cama?

MARISAURA

(Agitada) Não sei.

PEDRO IVO

(Forte) Quem foi?

MARISAURA

Nunca fiz isso.

PEDRO IVO

Fingi que estava dormindo, prendendo o riso, até que você foi embora.

MARISAURA

Você sonhou.

PEDRO IVO

Vaca! (Rumor de vozes. Pedro Ivo escala rápido a escada.)

MARISAURA

(Voz rouca de ódio.) Pedro Ivo! (Êle pára no meio da escada.) No fim de tudo, se Drahomiro escapar, você vai ficar de calças na mão. Pedindo misericórdia. Porque êle é homem; e você, não.

PEDRO IVO

O que lhe dói é que eu seja capaz de me arriscar e morrer por Heloísa. (Sobe.)

FIDÊNCIO

(Entrando com Antônio e Rui Vilela, que não trazem mais seus baús. Rui vem com a sanfona.) Essa é que não. De jeito nenhum.

MARISAURA

Por que o senhor deixou sua mulher pra trás?

FIDÊNCIO

Ela sabe onde mora. Ou não sabe? (Marisaura vai saindo.) Olhe aqui. Diga aí fora pra desarrear os animais dêsses moços e soltar no pasto. (Marisaura sai.) Pronto. Ninguém chega na minha casa, pra ir embora nos mesmos pés. Não admito.

RUI

O senhor sabe, coronel. Dia de domingo, a gente gosta de andar.

FIDÊNCIO

Pois anda aqui dentro de casa mesmo. É mais sossegado.

RUI

O senhor acha?...

FIDÊNCIO

Que é que você quer dizer com "o senhor acha"?

RUI

Porque eu acho até muito animado.

**FIDÊNCIO**

Que nada! Êste engenho está parecendo é um cemitério. Vamos ver, pistoleiro. Toca aí uma coisinha, pra animar os defuntos. Você toca mesmo, ou traz isso como enfeite?

**RUI**

Não sou homem de andar com enfeite, coronel.

**FIDÊNCIO**

Pois se toca de verdade, vai-me fazer um serviço. Quando o padre chegar com o andor, você fica ali naquele canto e mete a musiquinha mais safada que souber.

**ANTÔNIO**

Acho que não vai ser preciso, coronel. O que vai acontecer aqui hoje, é um pouco diferente do que o senhor está esperando. (Com um pouco de receio.) Mesmo assim... quero dizer ao senhor que... pra outro santo qualquer, Rui Vilela tocava o que quisesse. (Já com ímpeto, a coragem assumida.) Pra São Miguel, não. É nosso padroeiro. Ele e São Jorge.

**FIDÊNCIO**

Padroeiros! Que negócio é êsse? Vocês são aldeias? São cidades?

**ANTÔNIO**

Posso explicar, coronel. Temos os retratos dêles nas bruacas. Na Cavalaria Andante... (Desce Pedro Ivo, atando aos quadris o cinto de balas com o revólver.)

**FIDÊNCIO**

Olhe aqui, Pedro Ivo. Êsses dois sujeitos têm santos padroeiros. Pedi pra tocar quando o andor chegasse...

**PEDRO IVO**

Essa história tôda não me interessa. Pra que êsse aparato? Pelo casamento de um cabra que não vale nada?

**FIDÊNCIO**

Êle é meu homem.

**PEDRO IVO**

Mas nem o senhor tem coragem de dar as costas a êle. Um cabra que só mata à traição.

FIDÊNCIO

(Sublinhando o eufemismo.) Ele é prudente.

PEDRO IVO

Muito melhor era se deixasse isso de lado e me cedesse uns homens. (Tropel.)

FIDÊNCIO

Pra quê? E sua tropa também está em pé de guerra?

GERTRUDES

(Entrando com Marisaura.) Fidêncio! Seu castigo já veio. Pedro Ivo quer ir em busca da morte.

R U I

(Com ímpeto.) Por isso que nós íamos embora. Quer roubar a môça que casa hoje de tarde. Não deixe, Coronel.

FIDÊNCIO

Isso é verdade?

PEDRO IVO

(Olhando rápido para Marisaura.) Há quem ache que não. Mas vou buscar Heloísa e trazê-la, nem que o casamento já esteja dentro da igreja.

FIDÊNCIO

(Entusiasmado.) Pai d'égua! Você agora mostrou ser filho meu. Olhe aqui, Gertrudes. Se duvidava, não duvido mais: êsse aí é meu sangue. (Gritos lá fora.)

PEDRO IVO

Até já.

GERTRUDES

Não leva a minha bênção.

FIDÊNCIO

Não precisa. Leva as repetições e o sangue da minha raça. (Sai Pedro Ivo, seguido do pai. Marisaura está de costas, ao fundo. Gertrudes senta-se, rígida. Tiros, gritos, tropel que se afasta.) Olhe aqui, Pedro Ivo, a alma do ataque é a surprêsa. Se lembre de Felipe Camarão. De Henrique Dias! De meu tataravô, Belchior Bragança. Mas não morra.

GERTRUDES

Este é o dia da sua morte. Mais cedo do que eu pensava.

RUI

A senhora desculpe, mas nós vamos embora. Vou buscar nossos burros no pasto.

ANTÔNIO

Se quiser, pegue o seu, Rui. Eu não vou.

RUI

Por que não vai?

ANTÔNIO

Resolvi não ir. Quero ver a noiva ainda uma vez. E depois, se não fôsse eu, isto não acontecia. Não me fica bem fugir.

RUI

Isto não é fugir. É escapar.

ANTÔNIO

Não vou. Tenho de enfrentar o mal que liberei. (Rumores da tropa que se distancia festivamente.)

SEGUNDO ATO

(Antônio está só. Embora a almofada continue em cena, Gertrudes não voltará a usá-la. Entra Rui, mal se abre a cortina.)

RUI

Ainda é tempo, meu mano. Vamos embora.

ANTÔNIO

(Calmo.) Já disse que não vou.

RUI

Onde é que está com a cabeça? Não tem nada que fazer aqui.

ANTÔNIO

Eu é que sei.

RUI

Olhe. Você sabe que nesse negócio de morte, sou doutor. Sinto o cheiro dela.

ANTÔNIO

Que é que tem isso?

RUI

Estou sentindo agora. Hoje, aqui, os cachorros vão beber sangue de gente. Vamos pegar nossas coisas e desaparecer.

ANTÔNIO

(Meio irritado.) Já disse que não.

RUI

Falo como amigo e homem experiente, meu mano Antônio Vilela. Vamos montar nos burrinhos e seguir para o Egito. Ou quer morrer inocente?

ANTÔNIO

Nunca lhe vi assim, tão cheio de medo.

RUI

(Encolerizando-se.) Sabe que não sou homem de correr de assombro. Se estou falando, é pra lhe proteger.

ANTÔNIO

(Altera a voz.) Dispensou a proteção, Rui Vilela. Se quer ir, que se dane. Eu fico aqui.

RUI

Só pra ver uma môça?! Estou lhe desconhecendo.

ANTÔNIO

(Caíndo de tom.) Você não me conhece, Rui. Pensa que sou grande, um santo. Mas sou cheio de falhas e pecados. Um homem. (Forte.) Meta essa verdade na cabeça.

RUI

(Desanimado.) Então não tem nada que lhe faça arredar o pé daqui.

ANTÔNIO

Não.

RUI

Já ouvi, muitas vezes, falar no destino. Mas nunca eu tinha visto êle de frente. Agora, vejo. É o destino que está lhe prendendo.

ANTÔNIO

Sou eu que quero ficar.

RUI

É não. Você não pode ir. Nós dois vamos morrer.

ANTÔNIO

Isso é o que há de certo na vida.

RUI

Vamos morrer hoje. Veja o que estou lhe dizendo. Amanhã nenhum de nós vai ver a luz do dia.

ANTÔNIO

Nunca se sabe, Rui Vilela. Você teve minha vida em suas mãos — e não morri. Como quer decretar a nossa morte?

RUI

(Misterioso.) Podem haver coisas que você não sabe.

FIDÊNCIO

(Vindo de fora.) Ah! Hoje tem. Hoje se quebra a castanha de Drahomiro Marinho. (A Rui.) Você hoje vai voltar à ativa. Queira ou não queira. Vamos ver se é bom mesmo no tiro, ou se tudo é conversa.

R U I

(Dando as costas para Fidêncio.) Não vou pegar em armas.

FIDÊNCIO

Mas esperem. Estão pensando que a bala vai chover e vocês dois aqui dentro, feito visita de cerimônia?

R U I

Não vamos tomar parte na bernarda.

FIDÊNCIO

Essa é muito boa. Onde já se viu disso? Não tem essa conversa de ficar de fora não. Vocês vão é brigar.

R U I

(Firme.) Já dissemos que não, Coronel.

FIDÊNCIO

Então, vocês são covardes.

R U I

(Enfrentando-o.) Não repita isso.

ANTÔNIO

Rui Vilela!

FIDÊNCIO

Repito quantas vezes quiser. Vocês dois são mais do que covardes. Não gostam do nome, mas são.

R U I

O senhor mesmo falou que não existe, por aqui, homem que nem Rui do Pajeú, Coronel. Pois Rui do Pajeú sou eu.

FIDÊNCIO

Não me faça morrer de rir. Se você é Rui do Pajeú, eu sou Virgolino Lampião.

ANTÔNIO

Êle está dizendo a verdade, Coronel.

FIDÊNCIO

Pensam que eu sou bêsta? Que estou caducando?

GERTRUDES

(Vindo de dentro.) Por que essa discussão?

R U I

É aqui seu marido batendo na porta errada. Mas ele está enganado com a côr da chita.

FIDÊNCIO

(À mulher.) Veja você. Um tocador de sanfona desfrutável, que na certa não tem coragem nem de dormir no escuro, querendo passar por Rui do Pajeú. Vão ou não vão lutar do meu lado?

R U I

Nem do lado de Deus, Coronel.

ANTÔNIO

Isso também é exagero.

R U I

E não é verdade? De lado nenhum.

FIDÊNCIO

Nem por dinheiro?

R U I

Nem que o senhor — com licença da palavra — me ofereça as onze mil virgens.

FIDÊNCIO

Quer dizer que não se vendem. São orgulhosos, ainda por cima. Pois vou mandar selar seus animais. Podem pegar suas coisas aí fora. Bons ventos os levem. (Sai, colérico.)

GERTRUDES

(A Antônio.) É melhor assim. Vá embora, môço. Esse seu amigo, não me faz cuidados. Por pior que ele morra, está pagando.

R U I

Muito obrigado. Pimenta no rabo dos outros, é pó de arroz.

ANTÔNIO

Olhe essas expressões.

GERTRUDES

Mas o senhor não merece morte ruim. Adeus.

ANTÔNIO

Está bem, dona. Eu vou. Mas vou contrafeito.

R U I

É melhor contrafeito do que morto.

FIDÊNCIO

(Abrindo com violência a porta e explodindo de entusiasmo.) O pessoal vem chegando! E vem com a noiva! (Sai correndo. Tropel que se aproxima. Tiros. Gritos. Marisaura desce a escada, corre para a janela.)

GERTRUDES

(Erguendo-se.) Sei bem quem é a noiva. Meu filho Pedro Ivo vem com a morte nos braços. (Começam a bater o sino, alegremente.)

R U I

O que é que está esperando? A hora é essa.

ANTÔNIO

Um momento! (Entra Pedro Ivo com Heloísa nos braços. Segue-o Fidêncio.)

FIDÊNCIO

Como é que foi, Pedro Ivo? Conte como foi. (Enquanto Pedro Ivo põe a noiva no chão e contempla-a, ligeiramente afastado, ouvem-se ainda alguns tiros ao longe e Fidêncio se dirige a Gertrudes.) Isso é que é homem Gertrudes. Você pariu um homem! (As pancadas do sino vão cessando. A impaciência do velho é evidente.) Então? E Drahomiro Marinho? (Marisaura dirige-se para a cômoda, sôbre a qual fica o oratório. Abrirá uma gaveta, de onde tirará um fuzil.)

PEDRO IVO

Ficou parado junto do padre. Branco feito um papel.

FIDÊNCIO

Não reagiu? Está aí em que deu a valentia.

HELOÍSA

Ele e meu pai não tardam a chegar.

PEDRO IVO

Ele, pelo menos, chega mas não volta.

R U I

Quer dizer que êsse tal de Drahomiro continua vivo! Então, estamos fritos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 280

PEDRO IVO

(Ligeiramente assustado, vendo a arma na mão de Marisaura.) Pra que isso?

MARISAURA

Para o que fôr preciso. Sempre vali tanto quanto qualquer homem. (Olhando com desdém para Heloísa.) Não sou feita de sêda...

PEDRO IVO

E pra êsses dois homens, não tem armas?

FIDÊNCIO

Êsses dois, já mandei embora.

PEDRO IVO

Fizeram o quê?

FIDÊNCIO

Dizem que não lutam.

PEDRO IVO

Mesmo assim, ficam.

FIDÊNCIO

Não vão servir de nada.

PEDRO IVO

Andam pelo mundo. Quero que contem, pelo resto da vida, o que vão ver.

R U I

Contar, se escapar dessa.

PEDRO IVO

(Forte.) Hão de escapar. Vamos. (Sai rápido, seguido de Fidêncio.)

FIDÊNCIO

(Seguindo-o.) E o roubo, Pedro Ivo? Houve muita bala? (Fora.) Estamos em guerra, gente! Vamos tomar posição! (Marisaura também sai, lançando antes um olhar frio para Heloísa.)

GERTRUDES

Por mim, Pedro Ivo não tinha feito o que fêz. Peço desculpa por êle. Se quiser deitar-se, repousar um pouco, ofereço meu quarto e dou-lhe a chave. (Heloísa recusa ligeiramente com a cabeça.) Posso fazer um café.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 280

HELOÍSA

Quero água.

GERTRUDES

Está bem. Sente-se. (Heloísa senta-se, rígida. Sai Gertrudes.)

HELOÍSA

Entraram na igreja como uns possessos, com cavalo e tudo. Derrubaram bancos, castiçais e gente, deram tiros nos santos, me tiraram de lá feito uma ventania.

ANTÔNIO

Machucaram a senhora?

HELOÍSA

Não.

ANTÔNIO

Apesar de tudo, está bem?

HELOÍSA

Como Deus é servido. (Pausa.) E o senhor?

ANTÔNIO

Parte como Deus manda. E, se não me engano, parte como eu faço. (Ouvem-se, vez por outra, gritos ao longe, vozes indistintas.)

HELOÍSA

Não esperava encontrá-lo nunca mais na vida.

ANTÔNIO

Nem eu, dona Heloísa. Assim é o mundo. Quando menos se espera... (Com uma certa timidez.) Mas, se a senhora me deixa confessar, fiquei aqui pra ver... ainda uma vez... sua beleza imortal. (Rui se volta.)

HELOÍSA

Não entendo o senhor. Pensa na mulher como num passarinho, que morre com a beleza da plumagem. Tôda mulher deseja ser querida assim. Mas é loucura. Encanto da mulher, nada existe sôbre a terra de menos imortal.

ANTÔNIO

Se a gente quer bem, dona, de verdade, a mulher não envelhece.

HELOÍSA

Tôdas nós acabamos mastigadas sem pena pelo tempo.

ANTÔNIO

(Com energia.) Não. Se a gente quer bem mesmo... Escute: Se mastigo uma fruta, se transforma em bagaço? Nunca, dona Heloísa. Aquêlê sumo passa a fazer parte do meu sangue. Muitos anos depois, de repente, quero olhar o sol nascendo. Ninguém sabe, mas o sumo daquela fruta está no meu desejo e na fôrça de levantar a cabeça.

HELOÍSA

(Comovida.) Isso são poesias. Nenhuma verdade.

ANTÔNIO

É assim que eu penso. (Entra Gertrudes, copo numa bandeja.)

HELOÍSA

(Tomando o copo.) Passei parte da noite olhando os selos que o senhor me deu. Botei, não sei quantas vêzes, o dragão contra a luz do candeeiro. É bem pensado, aquilo do Ó.

ANTÔNIO

Sabia que a senhora ia gostar.

HELOÍSA

Também é muito bonito, o sêlo do Japão. A montanha branca. Aquela árvore. Queria estar lá.

ANTÔNIO

Em tôda parte há maldade. Aquêlê monte branco é um vulcão.

HELOÍSA

Não digo que quisesse estar em outras terras. Queria estar no sêlo; debaixo daquela árvore.

ANTÔNIO

Não queira estar num sêlo, dona Heloísa. (Mais concentrado.) A senhora queria estar num sêlo ontem?

HELOÍSA

(Com vivacidade.) Não. (Gertrudes parece adivinhar que alguma coisa existe entre Antônio e Heloísa.)

ANTÓNIO

Pois eu, ontem ou hoje, quero estar na vida. Qualquer dia, mesmo sujeito à morte. (Entram Fidêncio, Pedro Ivo e Fanhoso.) (Êste descalço, sem chapéu, calça azul de mescla, camisa de saco de trigo, sem gola, por fora das calças. Armado.)

FIDÊNCIO

Ah, ah, ah! Vamos derretê-los na bala. Não vai ter nem graça. Aqui, serramos de cima. É ou não é, Fanhoso?

FANHOSO

É.

FIDÊNCIO

Vai ser mesmo que os pernambucanos, no Monte das Tabocas, com os holandeses. Eram os galegos querendo subir e os pernambucanos passando chumbo nêles. Morria holandês feito passarinho.

FANHOSO

E eu, Coronel?

FIDÊNCIO

Você continua vivo.

FANHOSO

Não! Onde é que eu fico?

FIDÊNCIO

Já vou lhe mostrar. Fica de sentinela. Viu uma tropa se aproximando, grita logo de lá. Entendeu?

FANHOSO

Entendi.

FIDÊNCIO

Não se esqueça. Nós representamos a pátria. Os cabras do Timorante, representam os herejes!

FANHOSO

Nossa Senhora! (Fidêncio e Fanhoso sobem a escada.)

FIDÊNCIO

A caveira de Belchior Bragança Cavalcanti, se ainda existe, hoje vai dar risada. (A voz de Fidêncio desaparece no alto.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384 p. 284

PEDRO IVO

Heloísa! Quero saber se você casa comigo.

HELOÍSA

Quero ir embora.

PEDRO IVO

Não estou girando, pra levá-la de volta.

HELOÍSA

Não adianta eu ficar. Não caso com o senhor, nem que me mate.

PEDRO IVO

Quer casar com aquele mouro? Vai morrer enforcada, feito a outra.

HELOÍSA

Isso é comigo.

PEDRO IVO

Pra que foi então que me arrisquei? Que estou me arriscando? Você tem de me aceitar, quer queira, quer não queira.

HELOÍSA

Não sou bicho.

FIDÊNCIO

(Descendo, traz um fuzil.) Pronto. Tudo providenciado. Agora, é esperar os holandeses. Quero ver se ainda tenho pontaria.

PEDRO IVO

(Impaciente.) Não vai adiantar de nada, se ela continuar dêsse jeito.

FIDÊNCIO

Dêsse jeito, como?

PEDRO IVO

Não quer compreender que, se me arrisquei a tudo indo buscá-la... (Sentir-se-á, em Pedro Ivo, o progredir do seu medo, não apenas através das palavras.)

HELOÍSA

O senhor está preocupado demais com êsses riscos.

PEDRO IVO

Não acabei de falar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384 p. 284

FIDÊNCIO

E uma besteira dessa tem o que falar? Você foi buscá-la de arma em punho. Que é que ela quer mais? Devia estar era agradecida.

HELOISA

Quero ir para a casa de meu pai.

FIDÊNCIO

Não vai embora nada. Daqui a pouco, chega o outro padre com a procissãozinha dêle. Aproveita a embalagem e casa logo vocês.

GERTRUDES

Você sabe que ninguém casa assim, Fidêncio. Precisa antes correr os banhos.

FIDÊNCIO

Isso é modernismo. Tive um parente que se casou em artigo de morte. Não precisou de banho nem de lava-pés.

HELOISA

Ninguém está para morrer.

FIDÊNCIO

Não está, mas pode ficar. Quem é que sabe, na hora de uma guerra?

R U I

(Sentencioso.) É isso mesmo. Aqui está todo mundo com um pé na cova. O senhor está dizendo uma verdade.

FIDÊNCIO

Quem foi que disse isso? Aqui não tem ninguém com pé em cova. Você pode entender de matar gente a retalho; mas não por atacado. Na posição que estamos, vai ser uma carnificina. Mesmo que no Monte das Tabocas.

ANTÔNIO

(Medindo o terreno, pois tem algo em mente.) Que é que o senhor sabe dessa batalha?

FIDÊNCIO

Não foi quando os brasileiros deram nos holandeses, em mil seiscentos e tanto? Um parente nosso morreu nessa batalha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 286

ANTÔNIO

Sabe quantos homens tinham os holandeses e quantos os brasileiros?

FIDÊNCIO

Não sou menino de escola. Nem sei nem quero saber. Sei é que essa batalha foi mais importante que a dos Guararapes. Meu avô sempre dizia isso. Nos Guararapes, os brasileiros já surraram uns apanhados. Enquanto que no Monte das Tabocas, os holandeses não tinham perdido aqui para ninguém. Fazia bem uns quinze anos que mandavam chover em dia de sol quente, neste Pernambuco velho.

ANTÔNIO

O Monte das Tabocas fica em Vitória de Santo Antão. É minha terra natal.

FIDÊNCIO

Que é que tem isso?

ANTÔNIO

Sei de umas coisas que vocês talvez não saibam.

PEDRO IVO

Ninguém quer saber de nada disso agora.

ANTÔNIO

O que vou dizer é importante. Interessa a todos. Sabem que os holandeses eram protestantes. Pois bem. Trouxeram com eles, para o Brasil, uma imagem de... Ana Bolena.

FIDÊNCIO

E quem é essa?

ANTÔNIO

Uma santa. Padroeira dos ingleses.

FIDÊNCIO

(Com admiração.) Dos ingleses?

ANTÔNIO

Sim, dos protestantes.

FIDÊNCIO

E protestante também tem santos?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 286

ANTÔNIO

Naquele tempo, sim. E os holandeses acreditavam que, enquanto Santa Ana Bolena estivesse com eles, tudo iria bem. Mas os brasileiros roubaram aquela imagem e levaram para o Monte das Tabocas. E aquela batalha era pra isso: pra retomar a santa.

FIDÊNCIO

Então eram uns desocupados. Brigar por causa disso!

ANTÔNIO

Não conseguiram nada. Saíram na carreira, como o senhor sabe. Mas, mesmo que houvessem vencido a batalha, não teriam pôsto a mão na santa. Sabem por quê? Porque não estava lá. Os brasileiros tinham mandado quatro homens pra longe, com ela.

FIDÊNCIO

(Contendo a indignação.) Pedro Ivo... Você compreendeu aonde êsse sujeito quer chegar?

PEDRO IVO

Não está pensando em sair daqui com Heloísa?

ANTÔNIO

É isso!

FIDÊNCIO

Mas é muito afoito!

ANTÔNIO

Não. Nós não vamos lutar e o senhor quer ver as nossas costas. Assim, eu e Rui podíamos dar um auxílio, sem pegar em armas.

R U I

Eu? Por que diabo está se metendo nessa história?

ANTÔNIO

Se você não quer ir, também não precisa. Acho até melhor. Você fica, ela se veste numa roupa sua e vai comigo.

R U I

Você está ficando, mas é doido. Vai terminar sacudindo pedra em santo.

FIDÊNCIO

E qual era a vantagem de você sair daqui com a môça?  
(Fidêncio e Pedro Ivo devem comportar-se, nesta  
cena, como se, embora recusando a proposta de Antô-  
nio, se sentissem atraídos por ela.)

ANTÔNIO

Até uma criança de peito adivinha que êsse Drahomiro  
vem buscá-la.

PEDRO IVO

Vem, mas não leva.

ANTÔNIO

Êle não pensa assim. Vai subir essas encostas, feito  
uma boiada quando desce.

HELOISA

Eu preferia ir.

FIDÊNCIO

Você aqui não tem voz, menina.

ANTÔNIO

O senhor me desculpe, Coronel. Mas acho que ela  
deve ter.

FIDÊNCIO

Não estou perguntando o que é que o senhor acha.

PEDRO IVO

Quem garante que você não ia levá-la de volta para  
o Bom-Mirar?

FIDÊNCIO

Ou para o Timorante?

ANTÔNIO

Podiam mandar mais dois homens comigo. Embora  
eu preferisse ir só, porque chamava menos atenção.

R U I

Se é mesmo pra ir, eu também vou. De longe, mas  
vou. Desgraça pouca é bobagem.

PEDRO IVO

Não foi pra largá-la, que eu fiz o que fiz.

ANTÔNIO

Vocês estão conversando mais do que devem e perdendo um tempo que não têm. Cada vez que dizem uma palavra, Drahomiro Marinho avança um passo.

VOZ DE FANHOSO

Vem um homem aí, com um lenço num pau!

FIDÊNCIO

Que é que está dizendo êsse danado?

GERTRUDES

Que vem gente.

FIDÊNCIO

(Correndo para a janela.) Um emissário! O homem já está descendo do cavalo, e agora que Fanhoso vem falar. Vigia filho da mãe. Estávamos bem arranjados, se fôssem Drahomiro e os homens dêle. (Abre a porta.)

SEVERINO

(Chapéu na mão. Chinelos grosseiros. Calça azul marinho, já velha; paletó creme de brim ordinário, as mangas bastante curtas; camisa cinza, de mangas muito compridas, enfiada por dentro da cuéca, cujo cós aparece acima do cinto grosso. A cintura das calças chega quase às virilhas. É homem empertigado e seco. Desarmado. Traz um lenço na ponta de uma vara.) Posso entrar?

FIDÊNCIO

Quem é você, cabra?

SEVERINO

Sou de paz.

FIDÊNCIO

Vem a quê?

SEVERINO

A mando de meu chefe.

FIDÊNCIO

Não sei quem é.

SEVERINO

Capitão Drahomiro Marinho.

FIDÊNCIO

Capitão? E você é o quê? Ordenança?

SEVERINO

Sou Severino dos Santos.

FIDÊNCIO

Que diabo veio fazer nas minhas terras?

SEVERINO

Vim trazer um oferecimento.

FIDÊNCIO

(Sentando-se e deixando o recém-vindo em pé.) Pode falar. Tem ordem.

SEVERINO

Tenho um recado pra dona Heloísa. De seu pai e do Capitão Marinho. Mandaram perguntar como está a senhora.

HELOÍSA

Estou bem.

SEVERINO

Êles querem que a senhora esteja de volta inda hoje. Antes das oito.

FIDÊNCIO

Se foi pra isso que veio, acabou a conversa. Ela não vai.

SEVERINO

Não vim só pra isso.

PEDRO IVO

E pra que foi? Pra que não diz logo?

SEVERINO

Meu chefe, o Capitão Marinho, sempre estendeu a mão pra quem está por baixo.

FIDÊNCIO

(Levantando-se.) E quem está por baixo, cabra?

SEVERINO

Nunca deu um castigo, sem oferecer uma saída.

FIDÊNCIO

Que é que êle está pensando?

SEVERINO

Não vim pra dizer o que o Capitão está pensando. Vim pra fazer um negócio.

**PEDRO IVO**

Não temos negócio a fazer.

**SEVERINO**

Vosmecê preza a sua vida, môço. Comprar a vida é negócio vantajoso.

**FIDÊNCIO**

Que quer dizer com isso de comprar a vida? A vida de quem?

**SEVERINO**

O Capitão Marinho está no Timorante, com o pessoal do cartório, sêlo e os livros de assentamentos. Se vosmecê descer com a dona Heloísa e passar em nome dêle a várzea do Cansa-Cavalo, êle promete não matar seu filho. Promete e jura.

**FIDÊNCIO**

Você está vendo, Gertrudes? Hein? Já ouviu? Êle só pensa em terras. É um faminto.

**PEDRO IVO**

Quanto tempo nós temos, pra pensar nisso?

**FIDÊNCIO**

Pensar em quê? Está querendo dar pra trás?

**PEDRO IVO**

(Insistindo.) Até que horas?

**SEVERINO**

Até à bôca da noite.

**FIDÊNCIO**

Pra mim, já escureceu. Vá e diga a seu chefe, que nem a môça vai, nem eu. E que a terra que êle há de ganhar nessa história, não tem muito mais de sete palmos.

**SEVERINO**

Quer dizer que a resposta é essa.

**FIDÊNCIO**

É, sim. E desapareça.

**PEDRO IVO**

Vai mandá-lo de volta?

FIDÊNCIO

E por que não?

PEDRO IVO

Êle viu tudo aqui.

FIDÊNCIO

É bom que tenha visto mesmo. Assim vai contar que não estamos dormindo.

PEDRO IVO

É o mesmo que abrir as portas! Por que não manda logo eu ir com êle?

GERTRUDES

Por mim, Fidêncio Lins, você não despachava o homem com êsse estouvamento. Considerava antes a proposta.

FIDÊNCIO

Já considereí.

GERTRUDES

Vocês estão com os pés fora da terra. Todos. Drahomiro Marinho não é homem de brinquedo. E se He-loísa recusa Pedro Ivo, pra que a teimosia? Qual é o fim de tudo, se ela não casa com êle?

FIDÊNCIO

Nós não vamos passar por baixo dêsse jeito. Levar a noiva de volta e, ainda por cima, desfalcicar nossas terras.

GERTRUDES

Melhor do que morrer.

FIDÊNCIO

Essa parada está perdida pra êle. Se mandou êsse sujeito aqui, com panos mornos, é porque sabe disso.

GERTRUDES

Não esteja tão certo. Êle tem mais cabeça do que todos vocês juntos.

FIDÊNCIO

Você está com quem, Gertrudes? De que lado?

GERTRUDES

Do nosso.

**FIDÊNCIO**

Então não fale mais.

**GERTRUDES**

Tenho de falar. Se nunca me ouviu na sua vida, ouça pelo menos desta vez. Está aceitando a loucura de seu filho e lutando por nada. Caia em si, pelo amor de Deus. Ofereça a mata, em vez da chá. Quem sabe Drahomiro aceita?

**FIDÊNCIO**

E a môça?

**GERTRUDES**

Mande-a de volta. (Rumores, fora. Batem forte à porta.)

**FIDÊNCIO**

Que é isso lá? Querem botar abaixo?

**SETE-RANCHOS**

(Abrindo a porta.) Coronel! (Vozes fora.)

**FIDÊNCIO**

Que diabo tem você?

**SETE-RANCHOS**

Carece ir logo... (Vendo Severino.) Coronel Fidêncio!

**FIDÊNCIO**

Que é que você tem? Viu alma do outro mundo?

**SETE-RANCHOS**

É êsse o homem!

**FIDÊNCIO**

Que homem, senhor?

**SETE-RANCHOS**

O marido. É por causa dêle que o padre não me casa.

**FIDÊNCIO**

Ah! É êsse?

**PEDRO IVO**

O senhor não vai perder tempo com essa história. Temos coisas mais sérias pra resolver agora.

**MARISAURA**

(Entrando) Está subindo uma fumaça grossa. Parece que é fogo nas canas. (Gertrudes, lenta, vai olhar através da janela.)

FIDÊNCIO

Incêndio?

MARISAURA

Acho que sim.

FIDÊNCIO

E o peste dêsse vigia, será que não vê nada? Fanhoso!

VOZ DE FANHOSO

Senhor!

FIDÊNCIO

Deixe já êsse pôsto, que você não merece.

VOZ DE FANHOSO

Por que, Coronel?

FIDÊNCIO

Não me faça pergunta, e desça. Não já disse?

MARISAURA

Precisamos dar um jeito de apagar o fogo.

SETE-RANCHOS

Era isso que eu vinha dizer, Coronel. Mas quando vi êsse judas...

FIDÊNCIO

É um judas mesmo. Está vendo, Gertrudes? Já ouviu, Pedro Ivo? Aqui com essas conversas de fazer acôrdo, sabendo que na mesma hora estavam pondo fogo em meus canaviais. E vocês dois indo na história.

SEVERINO

O Capitão Marinho não ia fazer isso. Não ia tocar fogo nas canas, eu aqui.

FIDÊNCIO

Então, fui eu. Fui eu que toquei fogo nos meus bens.

SEVERINO

O Capitão Marinho não ia me fazer uma traição dessa.

FIDÊNCIO

Seu Capitão Marinho é um cabra ordinário. Sete-Ranchos! Tranque êsse cachorro no quarto de trás. E fique lá, não deixe êle fugir. Êle viu as nossas posições.

SETE-RANCHOS

E o fogo?

FIDÊNCIO

Deixe comigo.

SETE-RANCHOS

(A Severino) Vamos. (Saem Severino e Sete-Ranchos.)

FIDÊNCIO

Um desclassificado igual àquele Drahomiro Marinho, eu estava pra ver. Manda um sujeito pra conversar e outro pra incendiar.

PEDRO IVO

Pode não ter sido gente dêle.

FANHOSO

(Descendo.) Pronto, Coronel.

FIDÊNCIO

Como é que tocam fogo nas canas e você não diz nada? É fogo?

FANHOSO

Vosmecê disse que eu avisasse, se visse uma tropa. Não vi tropa nenhuma.

FIDÊNCIO

Você merecia um conselho de guerra. E a fumaça?

FANHOSO

Eu não vi tropa, não disse nada. Ia lá dizer que vi uma fumacinha?

FIDÊNCIO

Mais burro do que você, só mandando fazer. Com homens dessa qualidade, é difícil ganhar uma guerra. Não precisa mais vigiar coisa nenhuma. Vamos ver êsse incêndio. Pegue cachaça e bolacha, chame Belisário, Calixto, Nicolau, João de Francisco, e toca pra lá.

FANHOSO

Pra lá, pra onde?

FIDENCIO

Para o incêndio, quartau. Depressa. (Sai Fanhoso. A Rui e Antônio.) E vocês dois? Vão ficar aqui palitando os dentes?

R U I

Vamos, meu irmão?

ANTÔNIO

Vamos.

FIDENCIO

(Saindo) Fanhoso, espanta êsse cavalo que está aí na frente.

PEDRO IVO

Queria falar com o senhor.

ANTÔNIO

Comigo?

PEDRO IVO

Sim.

MARISAURA

Você não vai?

PEDRO IVO

Vou já. (Marisaura olha-o suspeitosamente. Saem Marisaura e Rui.)

PEDRO IVO

Não foi êle que mandou chegar fogo nas canas. (Sente-se que o medo de Pedro Ivo tomou um nôvo impulso. Gertrudes se volta para êle.)

ANTÔNIO

Acho que foi.

PEDRO IVO

Pra que ia fazer isso, com o homem aqui?

ANTÔNIO

Pra isso mesmo: pra parecer que não era.

PEDRO IVO

O senhor acha então que essa conversa tôda era ta-peação?

ANTÔNIO

Acho que sim. Mas o homem veio de boa-fé. Ele não sabia de nada.

PEDRO IVO

Então por que tudo isso? Pra que a encenação?

ANTÔNIO

Ele vai atacar já; êsse fogo é pra distrair vocês.

PEDRO IVO

Acha então que meu pai caiu no laço, levando homens pra lá. E que Drahomiro, de uma hora pra outra, vai estourar por aqui.

ANTÔNIO

Tenho certeza. (Gertrudes aproxima-se.)

PEDRO IVO

Continua achando que ainda vale a pena... levá-la pra longe? (Heloísa levanta-se, dá alguns passos. Embora de costas para êles, acompanhava a conversa com interêsse.)

ANTÔNIO

Falando com franqueza, já acho um pouco tarde.

PEDRO IVO

Não era possível marcar um lugar? O senhor ia com ela, a gente se encontrava lá. (Gertrudes fita-o com desprezo.)

ANTÔNIO

Noutro lugar, dona Heloísa tem tempo de pensar. Podia decidir o seu destino. Com calma.

HELOÍSA

Que lugar? ...

PEDRO IVO

No engenho Bombarda.

ANTÔNIO

Sei ir.

PEDRO IVO

É gente minha amiga. Drahomiro Marinho, mesmo sabendo que Heloísa está por lá, não vai ter peito nem força de ir buscá-la. O Bombarda é o engenho mais bem armado de Pernambuco.

ANTÔNIO

E chegamos assim, sem mais nem menos?

PEDRO IVO

O senhor do engenho já sabe de tudo. Quando sai com os meus homens, mandei um portador no Bombarda, buscar refôrço, e dizendo pra que era. Já deviam ter chegado aqui.

ANTÔNIO

Pois se é mesmo pra ir, já estou com um pé no caminho.

HELOÍSA

Aqui, não posso pensar.

PEDRO IVO

Então está decidido. Você vai com êle. Encontro com vocês no cruzamento da estrada pra Glória do Goitá. De lá seguimos os três para o Bombarda.

ANTÔNIO

Ela não pode ir vestida de noiva. Vai como se fôsse Rui Vilela.

PEDRO IVO

Não com a roupa dêle. Mãe, arranje aí uma roupa de homem pra Heloísa. (Vai à porta e grita para fora.) Peguem depressa os burros dos mascates e metam-lhes os arreios. Selem também meu rudado. (Fecha a porta.)

GERTRUDES

E seu amigo, môço?

ANTÔNIO

Êle se arranja.

PEDRO IVO

Por que a senhora ainda está aí?

GERTRUDES

(Com implacável e contida indignação.) Você está fugindo, Pedro Ivo.

PEDRO IVO

Não se trata disso.

GERTRUDES

Está fugindo para lugar seguro e deixando seu pai na fogueira.

PEDRO IVO

A senhora está enganada. No Bombarda, falo com Salustiano. Venho com reforços, ataco Drahomiros por trás.

GERTRUDES

Vou conseguir umas roupas pra essa môça. Quero ajudá-la no que fôr possível. Mas sei que você está fugindo. (Vai para o interior da casa.)

PEDRO IVO

Heloísa, quero que saiba: isso não é verdade, o que ela disse. Fico e não arredo o pé daqui, se você promettesse me aceitar. Mesmo sabendo que morro.

HELOÍSA

Não posso prometer assim. Longe daqui é que vou refletir. Com calma.

PEDRO IVO

Pense que casar comigo é seu destino. Foi o destino, Heloísa, que me trouxe aqui êsse mascate. Se não fôsse uma palavra dêle, a esta hora você estava casada e eu sem esperança.

HELOÍSA

O senhor acredita no destino.

PEDRO IVO

Como não? (Corre para lançar um olhar inquieto através da janela.)

HELOÍSA

E o senhor, seu Antônio Vilela?

ANTÔNIO

Também, dona Heloísa. Mas é certo que, do destino, a gente só tem o barro. Ninguém encontra parede levantada.

PEDRO IVO

É isso!

ANTÔNIO

A gente precisa fazer os tijolos, levantar as paredes.

HELOÍSA

O senhor, então, não acha que, o que tem de ser, será?  
Não espera que as coisas lhe sucedem?

ANTÔNIO

Não. Sei que as coisas da vida são sôltas. Feito passarinhos voando. Quem quer um passarinho na gaiola, quem quer ouvir seu canto todo dia, tem de prendê-lo, seja como fôr. As coisas são ariscas, não caem em nossa mão.

PEDRO IVO

E foi isso que eu fiz, Heloísa. Eu fui buscá-la.

HELOÍSA

Às vêzes, seu Antônio Vilela, o passarinho que devia cair na sua rêde, morre antes.

ANTÔNIO

E pode ser também que, um dia, a gente ponha a rêde — e morra. E o passarinho caia nas mãos de outro dono. Não faz mal, dona Heloísa. O importante é fazer por onde.

GERTRUDES

(Entrando.) Pode vir, minha filha. Acho que arran-  
jei roupa que sirva.

ANTÔNIO

É uma pena, a senhora tirar êsse vestido. Tão bonito!

HELOÍSA

Pra mim, isto não é vestido. É mortalha. (Saem He-  
loísa e Gertrudes. Alarido. Entram Fidêncio, Rui  
Vilela, Fanhoso, Marisaura e, atrás de todos, João-  
-João. Todos ligeiramente embriagados, menos Ma-  
risaura. (Atenção: estão apenas **ligeiramente** embria-  
gados.) (João-João está armado e é prêto, sendo o  
único na peça a usar chapéu de couro. Calças pardas,  
camisa azul turqueza, de mangas compridas, sem pa-  
letó, longo punhal à cinta. Cartucheira atravessada  
no ombro.)

FIDÊNCIO

Tocaram fogo nas canas, mas contra o vento. E num  
partido já quase todo cortado. Serviço de gente sem  
experiência.

R U I

(Pegando a sanfona.) Sabem o que mais? Eu até que estou começando a gostar dessa festa.

PEDRO IVO

(Assustado, vendo João-João.) Quem é êsse homem?

FIDÊNCIO

Êsse se chama João-João. Foi mandado por Salustiano, com mais seis. Como é que você não disse que mandou portador para o Bombarda? Achou que nós, sôzinhos, não iam dar conta do recado?

PEDRO IVO

Salustiano é meu amigo. Era capaz de ficar aborrecido, se eu não mandasse pedir auxílio a êle.

FIDÊNCIO

Devia ter-me avisado.

MARISAURA

Onde é mais, Pedro Ivo, que você mandou buscar refôrço?

PEDRO IVO

Não vamos discutir. O que interessa é saber se não estamos cercados.

MARISAURA

E se estivermos?

PEDRO IVO

Estamos?

JOÃO-JOÃO

Visto que não, doutor. Nós sete passamos com seu portador, sem atropêlo nenhum.

ANTÔNIO

Vieram pela estrada de Glória do Goitá?

JOÃO-JOÃO

Por ela mesmo, doutor.

FIDÊNCIO

Êle tem de aborrecido é isso: chama todo mundo de doutor. Isso é cabuloso. Mas se é bom na bala, não interessa. Melhor do que êsse tal de Rui Vilela, que até pra apagar fogo, é ruim de serviço. Vamos ver, sanfoneiro. Toca aí o Hino Nacional.

R U I

Uma vez, num 7 de setembro, comecei o baile com o Hino Nacional. Aí a negrada entrou na sala pra dançar. Quando terminei de tocar, um sujeito chegou perto de mim e disse: "Môço, não toque mais essa polquinha não, que é ruim de dançar que é danada."

FIDÊNCIO

(Rindo). Essa é boa! O Hino Nacional, uma polquinha!

FANHOSO

E o que é que é? É valsa?

FIDÊNCIO

Deixa de ser burro, Fanhoso. O Hino Nacional é o Hino Nacional. Fala nas grandezas da pátria!

FANHOSO

Ah, sim.

FIDÊNCIO

Nós, os brasileiros, tocamos o Hino Nacional. E eles, os herejes, o que é que vão tocar? Hein? Ja sei! O ofício dos defuntos. (Risos. Aparece Gertrudes. Ouve-se um tiro. Silêncio, apreensão geral.)

PEDRO IVO

Mamãe... Tinha arma no quarto?

GERTRUDES

Não que eu saiba.

PEDRO IVO

E que tiro foi êsse? (Entra Sete-Ranchos.)

SETE-RANCHOS

Pronto, Coronel Fidêncio! Agora já posso casar.

FIDÊNCIO

O que é que você fez, rapaz?

SETE-RANCHOS

O padre não me disse que eu não podia casar porque o marido da mulher estava vivo? Agora, não está mais. Acabou-se o impedimento.

FIDÊNCIO

(Rindo.) Nessa eu não tinha pensado. Quero ver agora a cara daquele padre. Aliás, êsses padres de hoje não valem nada. Cheios de historinhas, sem autonomia!

PEDRO IVO

(Apavorado.) Sete-Ranchos não devia ter morto aquêlê homem.

FIDÊNCIO

Morreu, está morto. E depois, era um judas. Mas será que êle está mesmo pronto?

SETE-RANCHOS

Não adianta ver, êle não está no quarto.

FIDÊNCIO

E onde é que está?

SETE-RANCHOS

Deixei êle fugir e fiquei na janela, na pontaria. Quando tomou distância, passei fogo. Caiu com as pernihas pra cima, que parecia um cabrito.

FIDÊNCIO

(Com afetada solenidade.) Então, como bons cristãos, vamos encomendar a alma dêle. (Voltando ao natural.) Vê lá, sanfoneiro. Já que você não serve pra outra coisa, fala aí a querrença. Toca o chen-en-en. Só é a reza que serve praquêlê defunto acolá.

R U I

Quer o chen-en-en?

FANHOSO

Sim.

R U I

Então, lá vai tempo. (Tocando e cantando.)  
Chen-en-en, chen-en-en, chen-en-en  
Chen-en-en, chen-en-en, chen-en-en  
Sá Mariquinha,  
quantas filhas você tem?  
Tenho cinco filhas môças  
pra dançar o chen-en-en.

FIDENCIO, FANHOSO E JOAO-JOAO

(Repetem a quadra acima com Rui e começam a dançar.)

R U I

Chen-en-en etc.

Sá Mariquinha,

lá do Alto das Peruas,

traga suas filhas nuas

pra dançar o chen-en-en.

RUI E OS OUTROS TRÊS

(Repetem a quadra, dançando.)

R U I

(Enquanto os outros cantam, olha da janela.) Até a cambada lá fora está começando a dançar. A festinha está ficando é boa. (Cantando.) Chen-en-en, chen-en-en. (Espouca a fuzilaria. Uma bala estilhaça o vidro. Rui Vilela gira, ferido. Gritos. Todos tomam posição de combate.)

FIDENCIO

Tomem posição, minha gente. Os desgraçados atacaram antes da hora. (Aparece Heloisa, sem véu, mas ainda vestida de noiva.)

ANTONIO

Cuidado! (Corre para Rui Vilela. Aparece Gertrudes.)

R U I

Meu irmão... Eu sabia que a morte ia pegar-me hoje. Mas não era por medo que eu queria ir embora. Era por sua causa.

ANTONIO

Eu sei.

R U I

Nunca fui homem de medos.

FIDENCIO

Miseráveis! Cegaram a gente com a história do incêndio e avançaram.

R U I

Êsse tal de Drahomiro vai estourar por aqui. Me enterre depressa, não deixe êle ver minha cara.

ANTÔNIO

Por quê?

RUI

Foi êle que me mandou matá-lo.

ANTÔNIO

Rui Vilela! Meu irmão! (Rui morre.)

FIDÊNCIO

Vejam como atiram! Não vão matar nossos homens.

JOÃO-JOÃO

Careço de sair, doutor. Vou manobrar os meus.

FIDÊNCIO

Não deixe a porta aberta. (Sai João-João, agachado, fechando a porta. Gertrudes, abrindo a gaveta da cômoda, estende uma toalha no rosto de Rui.) Fogo no paiol, minha gente! (Diminui o tiroteio.)

VOZ DE FORA

A procissão está chegando! (Antônio ergue o rosto.)

FIDÊNCIO

O quê! Êsse padre é muito homem. Vir no meio dum fogo dêsse! Mas é compreensível. Êle ainda chega a ser meu parente distante.

SETE-RANCHOS

Coronel! Deixe eu dar um tiro naquele padre da peste.

FIDÊNCIO

Você está doido? Matar padre é o mesmo que matar um gato. Sete anos de atraso. (Grita para fora.) Ninguém saia de suas posições! Ôlho vivo! (Quase no mesmo tom.) Fanhoso, vá tocar o sino como na igreja. (Sai Fanhoso. O sino começa a tocar: uma pancada, duas; uma pancada, duas etc.) Vou pedir ao padre pra encomendar êsse corpo.

GERTRUDES

Talves êle consiga fazer com que acabe êste horror.

FIDÊNCIO

Não espere por essa. Isto é só uma pausa. Depois, a bala canta outra vez. Mas tenho de confessar que êsse padre não é o que eu pensava. Que cabra dana-

do! (Abre-se a porta. Entra Drahomiro Marinho, vestido de padre, à frente ao andor, com a custódia erguida diante do rosto. Seguem-no vestido de opa e capuz, trazendo o andor com a bandeira de S. Miguel, Rosário, êste descalço, João Pito e Serra, homens de Drahomiro. Pousam o andor no chão.)

**DRAHOMIRO**

(Fala sêco, enérgico, e num tom mais ou menos imutável.) Como lhe tratam, Heloísa?

**HELOÍSA**

Drahomiro!

**FIDÊNCIO**

O quê?

**DRAHOMIRO**

(Baixando a custódia. Os cabras já estão de armas apontadas. Menos Rosário, que só usa faca.) Pois é. Todos no mesmo lugar. Estremeceu, morreu. (Pondo a custódia numa mesa, benze-se.) Deus me perdôe. Mas era preciso.

**FIDÊNCIO**

Isto é uma...

**DRAHOMIRO**

Cale-se, velho. Armas no chão. Todos.. (Obedeçam.) Mande seus homens, lá fora, fazer o mesmo.

**FIDÊNCIO**

A que título?

**DRAHOMIRO**

Diga que é ordem de São Miguel Arcanjo. (Antônio benze-se, fitando o andor. Rosário, com movimentos rápidos e silentes, apanha as armas.)

**VOZ DE HOMEM, FORA VOZES**

Viva São Miguel!

Viva!

**FIDÊNCIO**

(Da janela, com um gesto de desalento.) Entreguem as armas. É uma ordem.

DRAHOMIRO

Nossos homens estão aparecendo?

JOÃO PINTO

Estão, Capitão. (Cessam as batidas do sino.)

DRAHOMIRO

Bem. Rosário e Serrinha, passem revista na casa, fechem portas e janelas que encontrarem abertas. (A Antônio e Sete-Ranchos.) Vocês dois, fora. (Rosário e Serrinha obedecem. Sete-Ranchos e Antônio vão saindo.) Um momento. Por que é que esse homem não tem arma?

ANTÔNIO

Sou de boa paz.

DRAHOMIRO

É espírita?

ANTÔNIO

Não, senhor.

DRAHOMIRO

É covarde.

ANTÔNIO

Também não. E se não fôsse demais, queria pedir um favor.

DRAHOMIRO

Qual?

ANTÔNIO

Enterrar meu amigo.

DRAHOMIRO

Consentido. Querendo, pode abrir mais de uma cova. Agora, gente, vamos ajustar nossas contas.

TERCEIRO ATO

(Neste ato, Drahomiro está vestido à secular e seus capangas sem opa nem capuz. O cadáver de Rui Vilela foi retirado. Estão em cena Fidêncio, Gertrudes, Pedro Ivo, Marisaura, Drahomiro, Serrinha e Rosário, os dois primeiros sentados, os demais de pé.

Roupas: Drahomiro de jaquetão preto, de listas, ombros acolchoados; sapato branco e preto; brilhantes na gravata preta e no mínimo da mão esquerda; Serrinha de botinas de elástico, calças amarelas, de tecido ordinário, camisa preta, por fora das calças; Rosário descalço, calças brancas, camisa de xadrez, preta na cintura, lenço rubro no pescoço, uma fita vermelha amarrada no tornozelo direito.)

JOAO PINTO

(Entrando.) Pronto, Capitão. (Tipo forte. Cartucheiros cruzadas, óculos com um dos vidros esfumado. Quer parecer-se com Lampião, usando roupas que se assemelham às do famoso cangaceiro, mas é calvo. Por isto só tira o chapéu para falar com o patrão, cobrindo-se logo.)

DRAHOMIRO

Tudo feito? Armas arrancadas? Todos os vencidos no curral?

JOAO PINTO

Todos.

DRAHOMIRO

Quantos homens no rifle, tomando conta deles?

JOAO PINTO

Seis. Com ordem de atirar pra matar, em quem fugir.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 308

DRAHOMIRO

Deram as batidas?

JOAO PINTO

Demos.

DRAHOMIRO

Ninguém escondido?

JOAO PINTO

É difícil.

DRAHOMIRO

E Severino dos Santos, ninguém dá notícia dêle?

JOAO PINTO

Quem podia dar, era o cavalo. Mas êsse não tuge nem muge.

DRAHOMIRO

(Sentando-se na frente de Fidêncio.) Onde está meu homem, Coronel?

FIDÊNCIO

(De pernas cruzadas, no tom de quem conversa normalmente e que procura manter nas falas seguintes. Um as duas vèzes, até balança um pouco a perna cruzada.) Como é que posso saber? Vai ver que fugiu.

DRAHOMIRO

O senhor, pra fugir, descia do cavalo?

FIDÊNCIO

Nunca fugi, fique o senhor sabendo.

DRAHOMIRO

Não foge, mas mente. Heloísa me disse que o senhor prendeu o homem.

FIDÊNCIO

Isso foi um impulso. E tive razão. Enquanto êle estava sob meu telhado, o senhor mandou queimar as minhas canas.

DRAHOMIRO

(Levanta-se.) Eu não era idiota, pra fazer isso.

FIDÊNCIO

Severino dos Santos também pensava assim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 309

**DRAHOMIRO**

**Pensava?**

**FIDÊNCIO**

(Confuso.) Mandei êle de volta, sôlto, com a resposta devida.

**DRAHOMIRO**

(Senta-se outra vez.) Qual?

**FIDÊNCIO**

(Refazendo-se. Sempre de pernas cruzadas e parecendo apenas conversar.) Que não havia acôrdo algum a fazer.

**DRAHOMIRO**

Êle virou alcanfor, com o seu recado.

**FIDÊNCIO**

Não tenho nada com isso. Vai ver que vocês mesmo passaram fogo nêle.

**DRAHOMIRO**

Não somos cegos. (Ergue-se.) Rosário, você que é ligeiro e tem o ôlho vivo, dá um bordo por aí, atrás de Severino. (Sai Rosário, esvoaçando.) Serrinha, chame dona Heloísa. (Sai Serrinha, para o interior da casa.) Quero que ela ouça a conversa que nós vamos ter e fique sabendo, por testemunho, quanto vocês valem.

**FIDÊNCIO**

Ela há de ver que valemos mais do que você, que não tem raça.

**DRAHOMIRO**

O sujeito que pediu pra enterrar o companheiro está fazendo mesmo duas covas?

**JOÃO PINTO**

Parece, Capitão. Está cavando feito um desenganado.

**GERTRUDES**

Por que o senhor não pega sua noivã e vai embora? Peço perdão por meu filho.

**PEDRO IVO**

Ninguém está querendo isso.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 310

FIDÊNCIO

(Descruzando as pernas e abandonando o tom coloquial.) Cale-se Gertrudes.

GERTRUDES

Peço perdão também por você.

FIDÊNCIO

Ainda não morri. (Entram Heloísa e Serrinha. Heloísa senta-se.)

DRAHOMIRO

Bem. O senhor disse que não havia acôrdo. Mas agora a política virou, estou com vocês nas minhas mãos. Qual é a nova resposta?

FIDÊNCIO

A mesma.

DRAHOMIRO

Não sei donde lhe vem a teimosia. O senhor é gente ou mulo?

FIDÊNCIO

Gente para gente e mulo para os mulos.

DRAHOMIRO

Fui ofendido e venci a contenda. Tenho todos os direitos, coronel. Os direitos de quem foi prejudicado e os direitos de quem está de cima. Mas nunca, na vida, abusei de podêres: dou sempre uma oportunidade.

PEDRO IVO

(Ansioso.) Mantém a proposta?

DRAHOMIRO

É isso que estou dizendo. Troco você por um pedaço de terra.

FIDÊNCIO

(Ergue-se.) Nunca!

PEDRO IVO

Nunca por quê? (Súbitamente, continua avançando seu medo.)

FIDÊNCIO

(Abatido.) Um Cavalcanti Lins não engole essa humilhação. (Senta-se pesadamente.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 311

DRAHOMIRO

Está pensando que falo por brincado? Ou prefere mesmo ver o filho morto a perder uns hectares de massapê?

PEDRO IVO

O senhor ia fazer uma proposta, meu pai. Por que não faz agora? (Heloísa ergue-se com vivacidade.)

HELOÍSA

Quero voltar para o quarto.

DRAHOMIRO

Prefiro que fique.

HELOÍSA

(Falando-lhe por sôbre o ombro.) Diziam que você queria se casar comigo, mas por causa das terras de meu pai. Estou vendo que essa era a verdade.

DRAHOMIRO

Preciso de você.

HELOÍSA

Se precisasse mesmo, não devia ter deixado me trazerem.

DRAHOMIRO

Estava sem arma e sem cobertura.

HELOÍSA

(Encarando-o.) Mesmo assim.

DRAHOMIRO

Agi com prudência e agora estou aqui. Não adiantava ter-me atracado com você e morrido ali mesmo.

HELOÍSA

(Afastando-se.) Sei de gente que talvez houvesse feito isto.

DRAHOMIRO

Quem?

MARISAURA

Todo mundo sabe que o senhor se morde, desde muito, pelos cabedais que ela tem.

**DRAHOMIRO**

Isso também faz parte da pessoa. Não se pode querer alguém como a senhora, um pobre diabo que não faz sombra no chão. (Marisaura volta-lhe as costas, num gesto tenso e pouco feminino.)

**HELOISA**

Por mim, você pode ficar com tôdas as minhas sombras. Não comigo.

**DRAHOMIRO**

Isso sou eu que decido.

**HELOISA**

Eu estava entregue a vontades alheias. Não estou mais.

**MARISAURA**

(Ainda de costas, lentamente.) Por que não pergunta outra vez, Drahomiro Marinho, pra saber se ela merece fé, por Severino dos Santos?

**HELOISA**

(Desesperando-se.) Já disse o que sabia. Vi que êle foi prêso.

**MARISAURA**

(Ainda lenta, porém voltando-se.) Por que não lhe pergunta se ela e tôdas as sombras que faz ouviram um tiro?

**FIDÊNCIO**

Que conversa é essa?

**DRAHOMIRO**

Ouviu?

**HELOISA**

Ouvi.

**DRAHOMIRO**

E como não falou?

**HELOISA**

Ouvi um tiro, depois música, todos cantarem e em seguida outros tiros. Quando cheguei na sala, havia um morto. Não era Severino.

MARISAURA

Ela não lhe tinha dito isso. Nem que Severino dos Santos está morto. (Fidêncio levanta-se. Pedro Ivo e Gertrudes voltam-se para ela.)

ROSÁRIO

(Entrando.) Nem sombra do homem.

DRAHOMIRO

(À Marisaura.) Onde está? (Breve pausa.)

MARISAURA

(Olhando de face os parentes.) Perto do chiqueiro dos porcos. Com uma bala nas costas.

FIDÊNCIO

Mentira! Que pretende com isso?

DRAHOMIRO

Vamos comigo, Serrinha. Se isto fôr verdade, velho, vocês não vão mesmo fazer acôrdo algum. (Sai com Serrinha. Rosário, de cócoras no assento de uma cadeira, olha com enternecimento para Heloísa. No decorrer das próximas falas, proferidas aliás num ritmo intenso, ergue-se em dado momento e, tirando de dentro da camisa uma flor, oferece-a a Heloísa.)

PEDRO IVO

E agora?

FIDÊNCIO

Essa minha sobrinha não passa duma cachorra.

MARISAURA

Eu falei a verdade.

FIDÊNCIO

É pra isso que há seis anos eu lhe dou de comer. Mas que é que se pode esperar da filha dum homem chamado Luiz Pereira e que quando registrou a criatura no cartório, não lhe pôs nenhum nome de mulher? E minha irmã, quando deixou de se casar com gente, pra querer um vendedor de bode chamado Luiz Pereira, também já estava degenerada.

MARISAURA

Não fale assim dos mortos.

GERTRUDES

Por que você fez isso, Marisaura? Sempre lhe tratei tão bem!

MARISAURA

Não sei porque fiz. Mas fazia agora novamente. Trinta, quarenta vêzes. (Fidêncio esbofeteia-a.)

GERTRUDES

Fidêncio!

MARISAURA

Pode bater-me o quanto quiser. Mas a verdade está dita, vocês estão perdidos.

FIDÊNCIO

Sua vagabunda! Fim de raça.

MARISAURA

Todos, vocês são todos fim de raça. Vocês estão morrendo.

FIDÊNCIO

Putá!

JOÃO PINTO

Não bata mais na môça, Coronel.

FIDÊNCIO

Quem é você, pra me dar ordem aqui? (Marisaura precipita-se de bruços, nos primeiros degraus da escada.)

JOÃO PINTO

Eu, não sei. Mas êsse aqui é um rifle. Estou falando por êle. (Pausa. Movimentos silenciosos, respirações agitadas. É neste momento que Rosário oferece a flor, voltando a agachar-se na cadeira. Heloísa guarda a flor no seio.)

DRAHOMIRO

(Entrando com violência, seguido de Serrinha. Expectativa.) Nossas conversas acabaram. (A Pedro Ivo.) Você, saia. E você, velho, só não lhe mato também, por respeito à velhice. Não por respeito a você. É à velhice.

FIDÊNCIO

(Patético.) Não mate meu filho.

**DRAHOMIRO**

Acabou-se a conversa!

**FIDÊNCIO**

(Em tom mais baixo.) Mate-me no lugar dêle.

**DRAHOMIRO**

Não queira me abalar, coronel. Conheço êsses truques. Seu filho vai morrer.

**FIDÊNCIO**

(Acusador.) É covardia matar um homem assim, sem armas.

**DRAHOMIRO**

Todos vocês estavam com armas, quando cheguei. (A João Pinto e Serrinha.) Levem êsse cabra.

**FIDÊNCIO**

(Conciliador.) Esperem! É a última palavra?

**DRAHOMIRO**

Não tenho tempo a perder com suas manhas!

**FIDÊNCIO**

(Com esforço.) Se você deixar meu filho vivo, ofereço um têrço do Cansa-Cavalo. (Enérgico.) Veja que o homem que morreu era um ninguém, um cabra de terreiro, sem nome nem valia. **Dou-lhe um têrço do Engenho.**

**HELOISA**

(Falando para si mesma e não podendo controlar um súbito tremor.) Queria estar debaixo da árvore, preciso ficar sob a árvore, à sombra daquela árvore. (Do fundo da alma.) Tudo isso, pra mim, cheira a coisas podres!

**DRAHOMIRO**

(Segurando-a.) Dinheiro e terras não cheiram a podridão. O que cheira a podre é o medo e a miséria. (Solta-a. Ela parece inerte.)

**FIDÊNCIO**

(A Drahomiro.) Diga se concorda. (Breve pausa.)

**DRAHOMIRO**

Concordo; mas não com um têrço. (Fixando o velho.)

Metade. Linha reta, pegando a casa-grande. A metade ligada ao Timorante, fica pertencendo ao Timorante.

FIDÊNCIO

(Indignado.) Não estou demente.

PEDRO IVO

Não recuse assim, meu pai.

DRAHOMIRO

Metade ou nada.

FIDÊNCIO

(Com desânimo.) Nada, então.

PEDRO IVO

(Cujo medo está chegando ao auge.) O senhor não pode recusar dêsse modo. Não vê que está decidindo a minha morte?

FIDÊNCIO

(Forte.) Não faço um negócio dêsse.

GERTRUDES

(Monocórdica.) Vamos chorar o resto da velhice, Fidêncio Lins.

FIDÊNCIO

(Abatido.) Pode levar meu filho.

PEDRO IVO

(Desesperado.) É pena que o senhor, quando morrer, seja um cadáver do tamanho dos outros.

FIDÊNCIO

Quando eu morrer, todos vão dizer: "Morreu um homem." Ninguém pode afirmar o mesmo de você.

PEDRO IVO

(Quase soluçando.) Heloísa... (Heloísa nem sequer o olha. Dir-se-ia ausente.)

DRAHOMIRO

Levem êsse sujeito daqui! Rápido. Atem de pés e mãos, aguardem as minhas ordens. (Serrinha e João Pinto arrastam Pedro Ivo.)

FIDÊNCIO

Não podia ser de outro modo, Gertrudes.

GERTRUDES

(Impassível.) Eu sei, Fidêncio. Há sessenta e seis anos que você está certo. Você é infalível.

FIDÊNCIO

Era demais. Como podia estar certo de que assinava os papéis e depois esse homem matava meu filho na tocaia?

GERTRUDES

(Sempre com aparência impassível. Uma espécie de frieza cortante.) Você tem razão, Fidêncio. Mas nunca mais me dirija a palavra.

FIDÊNCIO

Com quem hei-de falar? (Rumor de campainhas.)

DRAHOMIRO

O cabriolé de seu pai está chegando, Heloísa. Ponha o véu e vamos.

HELOÍSA

(Sempre ausente.) Quero deitar-me... à sombra daquela árvore.

DRAHOMIRO

Peste de árvore é essa? Está ficando louca? (Rosário salta lépido, da cadeira.)

HELOÍSA

(Mais senhora de si, porém sem olhar Drahomiro.) Meu pai vai me levar pra casa, tem de levar-me pra casa. Nunca mais na vida quero ouvir sua fala, nem olhar seu rosto. Você pensa que todo mundo é bicho, coisas que se vendem.

DRAHOMIRO

(Categórico.) Você é minha noiva.

HELOÍSA

(Ergue-se, encara-o.) Era! (Entra Coriolano de Barros Wanderley. Idoso, claro, bigodes brancos, faia um tanto pausadamente. Todo de branco, inclusive a gravata e o colete. Sapatos castanhos.)

CORIOLANO

Dão licença?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384 p. 318

FIDENCIO

(Brando. Sem estender a mão.) Pode entrar, Coriolano. Você não se esqueceu que a casa é minha: pede licença pra entrar. Vê-se que é um Wanderley.

CORIOLOANO

Obrigado, Fidêncio. Meus respeitos, Gertrudes. Como vai, minha filha?

HELOISA

(No mesmo tom ausente de antes.) Quero que o senhor me leve pra casa.

CORIOLOANO

Já cuidamos disso. Deixe-me falar primeiro de Pedro Ivo. Fêz o que não devia, mas mesmo assim me causa compaixão. Quero pedir por êle, Drahomiro Marinho.

DRAHOMIRO

A afronta que êle fêz a nós todos, não pode ficar sem castigo, Coronel.

CORIOLOANO

Não tem de ser, forçosamente, a morte. Se você aceitar o têrço que Fidêncio Cavalcanti lhe oferece e perdoar o rapaz, êle se compromete a deixar, para o resto da vida, o Estado de Pernambuco. Foi o que me disse agora. Pediu pra falar com você. Acho que a minha idade e a minha posição dão-me autoridade pra isto. E depois, Drahomiro, o pedaço de terra que Fidêncio Cavalcanti lhe oferece, não é para se desprezar. Equivale, quase, ao Bom-Mirar inteiro. Pense com frieza.

DRAHOMIRO

Nunca volto atrás em minhas decisões, Coronel. O senhor sabe disso. Mas talvez, em consideração ao senhor, eu abra uma exceção. Rosário, diga a João Pinto e Serrinha que tragam aquêle cachorro. (Sai Rosário.)

FIDENCIO

(Ansioso.) Você vai aceitar? Não vai matar meu filho?

DRAHOMIRO

(Sempre sêco.) Veremos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384 p. 319

FIDÊNCIO

Não vai servir de muito para mim, Coriolano, ter um filho longe. Estou velho, precisava dêle para confiar as minhas terras. Mas enfim, sempre é melhor saber que êle está vivo, embora fugido. (Entram Serrinha e João Pinto, precedidos de Rosário, trazendo Pedro Ivo com as mãos amarradas.)

PEDRO IVO

(Com um riso deplorável.) Não vou morrer? É verdade que não vou morrer? Que vamos entrar num acôrdo? (Cerca-o um silêncio constrangedor.) Então?...

DRAHOMIRO

Quero saber se você é capaz de me pedir perdão, de joelhos, na frente dos seus homens.

FIDÊNCIO

(Atravessando-se.) Isso nunca! Nunca!

PEDRO IVO

Nunca por quê? Não é o senhor que está com a vida em jôgo.

FIDÊNCIO

Você não vai se ajoelhar diante de macho nenhum.

PEDRO IVO

Guarde o seu orgulho para o senhor mesmo. Não quero morrer.

CORIOLANO

Por que essa exigência, Drahomiro? Por que de joelhos, diante dos outros?

DRAHOMIRO

Só assim posso ficar certo de que êle vai mesmo embora e nunca mais bota os pés aqui.

FIDÊNCIO

(Lento e inexorável.) Se você, Pedro Ivo, vai submeter-se a essa humilhação, é melhor mesmo que eu nunca mais lhe ponha os olhos em cima.

PEDRO IVO

(No mesmo tom.) Se eu tivesse, como o senhor, poucos anos de vida pela frente, teria o mesmo orgulho.

FIDENCIO

(Explode.) Não estou à morte, fique você sabendo. E meu orgulho é tão velho quanto eu. Suma-se! Vá arrastar-se no curral, com a bôca no estrume.

PEDRO IVO

(Como quem implora.) Mãe, a senhora quer que eu morra?

GERTRUDES

Ninguém pode arcar com a sua vergonha ou a sua morte, meu filho. Só você mesmo. (Entra Antônio Vilela. Heloísa logo se recompõe do torpor e fica tensa.)

PEDRO IVO

Seu Antônio Vilela! Devo morrer pra alimentar o orgulho de meu pai? Responda! (Antônio caminha para o centro da sala.) O senhor precisa responder.

ANTONIO

(Com dificuldade, pois o que tenciona fazer é árduo.) Meu amigo está morto e enterrado.

PEDRO IVO

Quem tem nada com isso?

ANTONIO

Enquanto abria o chão, pensei nos antigos cavaleiros andantes e decidi enfrentar a minha sorte. Se tenho de morrer, já fiz a cova. (Marisaura, ainda sôbre os degraus, ergue a cabeça.)

PEDRO IVO

Que conversa é essa?

DRAHOMIRO

Não foi pra você, que mandei fazer outra.

ANTONIO

Acho que sim. Meu amigo era Rui do Pajeú.

DRAHOMIRO

(Atingido.) Não conheço.

ANTONIO

Eu sou o homem que o senhor mandou assassinar por êle.

HELOÍSA

Por quê?

DRAHOMIRO

Ele está variando.

ANTÔNIO

Rui mesmo me contou, na hora de morrer.

HELOÍSA

(Com ânimo.) Por que mandou matar êsse homem?

ANTÔNIO

Isso eu nunca soube. Agora, que estou nas suas mãos, gostava que dissesse. Antes de matar-me.

DRAHOMIRO

Não vou matá-lo. Nem sei quem é o senhor.

ANTÔNIO

(Mais seguro.) Deixe de conversas. Rui não ia mentir.

CORIOLANO

Ele e o amigo dormiram em nossa casa ontem, Drahomiro. É um bom homem. Que tem você contra êle?

DRAHOMIRO

Se êle tem memória e consciência, não é preciso que eu diga.

ANTÔNIO

Nunca fiz nada que merecesse morrer.

CORIOLANO

Que falta êle cometeu, Drahomiro? Vocês nem sequer se conheciam!

DRAHOMIRO

Não quero saber disso. Minhas preocupações hoje são outras. (A Antônio.) Suma-se daqui.

ANTÔNIO

Antes que o senhor mande um seu capanga atrás de mim, quero saber por que crime respondo.

HELOÍSA

Que foi que êle fez?

CORIOLANO

Vamos, que foi?

DRAHOMIRO

Fugiu com a mulher dum homem. Agora, que Rui do Pajeú não pode mais protegê-lo, vou acertar sua tampa. (Marisaura ergue-se rápida, atraída pela conversa.)

ANTÔNIO

Isso é mentira. Nunca fugi com mulher.

DRAHOMIRO

Fugiu com Maria Úrsula.

PEDRO IVO

Não pode ter sido.

MARISAURA

(Intencional, ainda apoiada no corrimão.) Por que não, Pedro Ivo?

HELOÍSA

(Indignação contida.) Isso é verdade, seu Antônio Vilela?

ANTÔNIO

A primeira vez que ouvi êsse nome, foi aqui.

HELOÍSA

E se estiver mentindo?

ANTÔNIO

Todos os outros podem acreditar, dona Heloísa. Mas a senhora não quero que acredite.

DRAHOMIRO

Não admito que fale com ela.

ANTÔNIO

Tenho de me defender.

CORIOLANO

Que provas você tem, Drahomiro, do crime dêsse rapaz?

DRAHOMIRO

Encontrei papéis com o nome dêle, em poder da fina-

da. Os papéis estavam na sela do cavalo. Esse cabra escondeu-se, quando pressentiu que meus homens e eu íamos chegando.

ANTÔNIO

(Cada vez mais seguro.) Não me chame de cabra.

DRAHOMIRO

Chamo do que quiser.

ANTÔNIO

Me trate como gente.

DRAHOMIRO

João Pinto, dê uma coronhada nos dentes desse cabra.

HELOÍSA

Não!

FIDÊNCIO

Estou por baixo, mas isso aqui ainda é minha casa. Não deixo que batam no homem. Ele é meu hóspede.

ANTÔNIO

(Contando a história com dificuldade. Recordar isto o aflige.) Sua mulher ia fugindo. Mas não comigo. Ia fugindo sozinha. Pra onde, não sei; e por que, não me disse. Eu também ia só no meu cavalo, aproveitando a fresca da manhã. De repente, encontrei um cavalo no caminho, com a perna quebrada. (Pedro Ivo tenta ocultar seu atordoamento. Marisaura revela um interesse feroz e tenso.)

DRAHOMIRO

É tudo mentira.

ANTÔNIO

O animal era cartão-pedrês, de preço, com sela de mulher.

DRAHOMIRO

Só isso é verdade.

ANTÔNIO

Vi que a montaria devia vir de longe e no galope. Apesar de ser de madrugada, ele estava coberto de suor. Me lembro de tudo. Desci do meu cavalo e fui

olhá-lo de perto. Foi quando vi a mulher correndo para mim. Não sei porque, pensei que era uma assombração e me benzi.

**DRAHOMIRO**

Não continue. Não quero ouvir essa história.

**ANTÔNIO**

Pediu, pelo amor de Deus, que lhe vendesse meu cavalo. Ofereceu vinte dobrões de prata e um estribo dourado. (Pedro Ivo tem um movimento involuntário. Marisaura olha-o com suspeita.)

**DRAHOMIRO**

Ela não tinha estribo dourado.

**ANTÔNIO**

O senhor deve ter visto, nos arreios do cardão-pedrês, a falta desse estribo. Tirei o meu surrão, botei nas minhas costas e nunca mais na vida vi aquela mulher. Soube que foi enforcada.

**DRAHOMIRO**

(Em voz baixa.) Enforcou-se, ela mesma.

**CORIOLANO**

Ela disse por que ia fugindo?

**ANTÔNIO**

(Evasivo.) Não me lembro.

**DRAHOMIRO**

Disse ou não disse?

**ANTÔNIO**

Não tenho o direito.

**DRAHOMIRO**

Fala. (Lentamente, Marisaura aproxima-se.)

**ANTÔNIO**

Isso não devo contar. É um segredo.

**DRAHOMIRO**

Desembucha ou não?

**ANTÔNIO**

(Deslocando-se vivamente, detém-se e fala.) Ia fugir com outro homem.

**DRAHOMIRO**

Que homem era êsse?

**ANTÔNIO**

Não sei.

**DRAHOMIRO**

E onde estava êle?

**ANTÔNIO**

Êle faltou. Mas ela ia embora assim mesmo. Aquêlo estribo tinha sido um presente.

**DRAHOMIRO**

De quem? De quem?

**ANTÔNIO**

Do homem que não foi. Tinha dito a ela que a viagem merecia um estribo de ouro.

**DRAHOMIRO**

E que fêz você do estribo?

**ANTÔNIO**

Levo comigo, para tôda parte.

**DRAHOMIRO**

Estribo de mulher.

**ANTÔNIO**

Não trago nos arreios. Trago guardado comigo.

**DRAHOMIRO**

Quero ver.

**ANTÔNIO**

Pra quê?

**MARISAURA**

(Cólera surda. Uma alegria malévola.) Não é preciso. Posso descrevê-lo.

**PEDRO IVO**

(Quebrando com precipitação o seu silêncio.) Tudo isso são coisas do passado. Vamos resolver nossa questão.

**DRAHOMIRO**

Quero ver o estribo.

MARISAURA

Não precisa. Tem um M gravado.

ANTÔNIO

Como é que a senhora sabe?

MARISAURA

Esse estribo era meu, foi dado por meu pai. Pedro Ivo roubou da minha mala.

PEDRO IVO

Mentira.

MARISAURA

Há muito que eu sei disso.

FIDÊNCIO

Cachorra! É a segunda vez que ela nos morde.

DRAHOMIRO

Você tem certeza do que está dizendo?

MARISAURA

Mande ver o estribo.

DRAHOMIRO

Onde é que está?

ANTÔNIO

Está nas minhas bruacas, aí fora.

DRAHOMIRO

Rosário, vá buscá-lo. (Sai Rosário.)

PEDRO IVO

Isso não prova nada. Ela mesma pode ter dado o estribo.

MARISAURA

Foi você! Foi você!

FIDÊNCIO

Você devia ter nascido morta. Porque você não se deitou com ela, Pedro Ivo? Tinha evitado isto.

DRAHOMIRO

(A Pedro Ivo.) Quero saber se é verdade. Com você ou com outro, a diferença é pouca.

PEDRO IVO

Nunca tive nada com Maria Úrsula.

**MARISAURA**

Não adianta negar.

**PEDRO IVO**

Nunca tive nada.

**DRAHOMIRO**

João Pinto... Serrinha... (Os 3 aproximaram-se de Pedro Ivo. Drahomiro Marinho insiste com Pedro Ivo.) Vamos!

**FIDÊNCIO**

(A Marisaura.) Vá arrumar seus panos. Aconteça o que acontecer, você hoje não dorme nesta casa. Vá para o inferno! E você, Pedro Ivo? Está falando a verdade? (Sobe Marisaura.)

**DRAHOMIRO**

Vamos de uma vez! Não quero cometer o mesmo erro de mandar matar o homem errado. Confessa ou não?

**PEDRO IVO**

Não vou confessar o que não fiz.

**FIDÊNCIO**

Está forçando o rapaz!

**DRAHOMIRO**

Não se meta.

**FIDÊNCIO**

Ele está inocente.

**DRAHOMIRO**

O senhor quer que eu lhe feche a boca a bala? (Entra Rosário, com o estribo. Drahomiro, recebe-o. Grita.) Até quando vai ficar negando?

**PEDRO IVO**

(Com expressão vingativa e, ao mesmo tempo desesperada.) Quer mesmo saber? Então ouça. Ouça... Eu ia embora com Maria Úrsula.

**FIDÊNCIO**

Meu filho!

**PEDRO IVO**

Estava tudo certo. (Aproxima-se e afasta-se de Drahomiro Marinho, como cão que late com medo.) Mas

eu não sentia coisa alguma por ela. Não sentia nada, nada, nada. Aquelas mãos suadas, aquêles braços frios. Queria tirá-la de você e depois largá-la por aí. Era isto. Mas depois achei que não valia a pena. Bastava eu saber que ela lhe detestava. Que aceitou ir comigo. Bastava isto. Por que não fala? Fale, continue gritando.

**DRAHOMIRO**

Continue.

**PEDRO IVO**

Disse uma vez que achava melhor se não houvesse noites. E que você não era muito homem.

**DRAHOMIRO**

Não podiam falar sôbre tantos assuntos. Nunca estavam sós e você ia pouco em minha casa.

**PEDRO IVO**

Havia tempo. Enquanto você ia dar uma ordem ou abrir uma janela. E depois, pra que muita conversa? Ela estava querendo um outro homem, um homem de verdade, e êsse fui eu. Tomei sua mulher e não quis, dei-lhe com os pés. Ela se enforcou por minha causa.

**DRAHOMIRO**

Êsse consôlo, você não tem. Fui eu que meti-lhe o pescoço na corda. (Movimento de horror de Heloísa, que leva a mão à garganta.)

**PEDRO IVO**

Isso é você que diz.

**DRAHOMIRO**

Fui eu. E agora chegou a sua vez. Disse que é mais homem do que eu. Pois vai morrer menos homem do que qualquer outro. Nem é um homem que vai morrer. É uma banda. Um bagaço de homem. (Pedro Ivo está arquejante.)

**FIDENCIO**

Não faça malvadezas com êle.

**DRAHOMIRO**

João Pinto... Serra... Podem levá-lo.

FIDENCIO

Peça você também, Gertrudes. Talvez lhe atenda.

DRAHOMIRO

Amarrem êsse porco e joguem êle não chão, com a boca na terra. Cara pra baixo, no pó. E três ou quatro homens, de rifles em cima dêle. Depois, voltem. Já dou as minhas ordens. (Saem João Pinto e Serrinha com Pedro Ivo. Êste, levado com brutalidade, abre a boca com ar apalermado; parece querer falar; não emite nenhum som.)

FIDENCIO

(Querendo segui-lo.) Meu filho!

DRAHOMIRO

O senhor fica. (A Antônio Vilela, lento e cortante, nesta e nas falas subseqüentes.) E o senhor... pode ir. Leve seu estribo e nunca mais apareça por aqui.

ANTÔNIO

(Firme e sereno.) Posso não entrar no seu engenho. Mas que não apareça por aqui, isso não prometo. Estrada não tem dono.

DRAHOMIRO

Eu estou lhe dizendo que não venha.

HELOÍSA

(Emocionada, com uma certa doçura.) Quero que o senhor, um dia, me faça uma visita na casa de meu pai.

DRAHOMIRO

Se fôr, vá escondido.

CORIOLANO

Por que isso? É um bom homem. Não teve culpa do que sucedeu.

DRAHOMIRO

Pode ir, seu Antônio Vilela. E lembre-se: eu avisei.

ANTÔNIO

(A Heloísa.) Quero deixar êsse estribo com a senhora. Não deu sorte uma vez. Mas da outra, quem sabe?

HELOÍSA

(Com esperança.) Que outra vez é essa?

DRAHOMIRO

Já lhe mandei embora.

ANTÔNIO

Pode ser que um dia a senhora resolva fazer uma viagem grande e mudar a sua vida. Queria que fôsse com um estribo assim. Os cavaleiros andantes usavam estribos de ouro.

DRAHOMIRO

Não receba, Heloísa.

HELOÍSA

(Segura de si.) Por quê?

DRAHOMIRO

Porque não quero.

HELOÍSA

Não sou mais sua noiva.

DRAHOMIRO

Desde quando?

CORIOLANO

Você acabou de confessar que assassinou Maria Úrsula.

DRAHOMIRO

Ela me traiu.

CORIOLANO

Mesmo assim. Não consinto, por nada no mundo, que minha filha se case com você.

DRAHOMIRO

O senhor deu sua palavra.

CORIOLANO

E fiz mal. Pensei mais em meus próprios interesses que nos interesses dela. Mas agora, penso de outro modo.

DRAHOMIRO

Então, tudo desfeito?

CORIOLANO

Tudo.

**DRAHOMIRO**

Bem! (Uma cólera surda.) Agora é que vocês vão conhecer, vocês e seu orgulho apodrecido, o péso de Drahomiro Marinho.

**CORIOLANO**

Não esteja tão certo.

**DRAHOMIRO**

(Sua cólera vai crescendo.) Não vai ser possível ao senhor, nem a êsse velho mentiroso, suportarem viver na minha vizinhança. (A Antônio.) E o senhor, pensando melhor, bem que merece um castigo.

**HELOISA**

(Interpondo-se entre Drahomiro Marinho e Antônio.) Ele vai embora.

**DRAHOMIRO**

Não conhecia a mulher. Mas sabia ser casada e mesmo assim deu-lhe ajuda pra fugir.

**ANTÔNIO**

Não sou juiz do mundo.

**HELOISA**

(Desafiadora, mas com nobreza de tom.) Deixe o homem em paz.

**CORIOLANO**

Não peça. Quanto mais você pede, mais êle se enraivece.

**HELOISA**

Tenho de pedir. Não vou ouvir calada essa ameaça.

**ANTÔNIO**

O senhor reduziu a uma coisa triste o filho dêsse velho. Quero dizer-lhe uma coisa: não vai conseguir fazer o mesmo comigo.

**DRAHOMIRO**

Todo mundo sabe falar grosso, enquanto não enxerga a morte pela frente.

**GERTRUDES**

Não pedi por meu filho. Mas peço por êsse estranho: deixe êle ir embora. (Entram João Pinto e Serrinha.)

JOÃO PINTO

Pronto, Capitão. O homem está amarrado e jogado no chão.

DRAHOMIRO

Quantos no rifle?

SERRINHA

Quatro.

DRAHOMIRO

Bem. Agora, arranjem um chicote. Vamos dar uma pisa nesse cabra. Pra nunca mais ajudar mulher de homem a fugir.

CORIOLANO

Não faça isso.

GERTRUDES

Também peço por êle.

HELOÍSA

(Abraçando-se a Antônio.) Êle não vai.

DRAHOMIRO

Como não?

ANTÔNIO

(Desprendendo-se brandamente de Heloísa.) O que lhe sustenta em pé é a sua prepotência. Tirando isto, não lhe fica mais nada. Mas o senhor, pra mim, está vazio. Sua prepotência não pode comigo.

DRAHOMIRO

Um homem que levou uma pisa não é homem.

ANTÔNIO

Continuo homem e com brio, ainda que o senhor me arranque o lombo. Só deixo de ser homem, quando digo sim à humilhação. O senhor pode me arrancar a mão ou os olhos. Mas ninguém arranca meu nome de homem. Sòmente eu podia fazer isso. Mas nunca fiz, nem faço.

CORIOLANO

Seu Antônio Vilela, o senhor está errando. Nunca se exaspera um adversário.

**DRAHOMIRO**  
Espere. Pra você, tenho coisa melhor do que uma surra.

**HELOÍSA**  
Meu pai, use o seu poder. Não deixe o môço no desvalimento.

**DRAHOMIRO**  
Quem de vocês quer comprar êsse mascate? É meu prêmio. Dou por cem mil réis.

**ANTÔNIO**  
O senhor não pode me vender. Não sou bicho.

**DRAHOMIRO**  
Mas é minha posse.

**ANTÔNIO**  
Precisava meu consentimento.

**CORIOLANO**  
Deixe-me falar com o Capitão, seu Antônio Vilela.

**ANTÔNIO**  
Não.

**HELOÍSA**  
Pelo amor de Deus, deixe meu pai falar pelo senhor.

**DRAHOMIRO**  
Quem compra?

**ANTÔNIO**  
Nem eu mesmo.

**DRAHOMIRO**  
Não tem saída, mascate. Se não lhe compram, morre no chicote. Lhe ofereço a vida.

**ANTÔNIO**  
Pra mim, o que vale, é viver como homem. Um homem não se vende.

**DRAHOMIRO**  
Não vou lhe dar mais uma vez a escolha. Esta é a última.

**ANTÔNIO**  
Tanto faz. Minha resposta é não.

**DRAHOMIRO**

Então não se queixe. Foi você que escolheu. João Pinto e Serra! Matem êsse cabra no pau!

**HELOÍSA**

(Sem humildade.) Não faça isso. Peço por tudo.

**DRAHOMIRO**

Já dei a sentença.

**HELOÍSA**

Então, me mande com êle.

**CORIOLOANO**

Minha filha!

**DRAHOMIRO**

Por que isso? Que quer dizer isso?!

**HELOÍSA**

(Lentamente.) Essa noite eu me deitei com êle.

**ANTÔNIO**

Dona Heloísa!

**HELOISA**

Na casa de bagaço. Ontem, depois da ceia, êle conversou comigo e com o meu pai. Pela primeira vez na minha vida, conheci o que se chama doçura. De noite, fui no quarto dêle, peguei pela mão e saí.

**ANTÔNIO**

Não fale mais.

**DRAHOMIRO**

E vocês...

**HELOISA**

Êle me respeitou. Respeitou porque quis. Mas eu tirei a camisa e me ofereci. Êle beijou meu corpo e chorou com o rosto nos meus peitos. Diga a êles, seu Antônio Vilela, que eu também chorei, e que naquela hora mesmo eu queria ir embora com o senhor.

**ANTÔNIO**

Não devia ter falado. Eu estava perdido, mas a senhora possuía a sua vida. E agora, os dois estamos sem futuro.

**HELOÍSA**

Não me importa. Eu tive orgulho de me deitar com o senhor e nunca hei-de esquecê-lo, seu Antônio Vilela. Eu amei o senhor.

**DRAHOMIRO**

Você deitou-se nua...

**CORIOLOANO**

Em que é que você está pensando? Eu estou vivo.

**DRAHOMIRO**

Mas não pode comigo. Ninguém pode comigo. Eu faço um gesto e minha ordem se cumpre. Veja! (Abre violentamente a janela e faz um gesto sêco para fora. Grito de Pedro Ivo e uma descarga de muitos tiros.)

**CORIOLOANO**

Você é um louco.

**FIDENCIO**

Meu filho... (Gertrudes benze-se.)

**DRAHOMIRO**

Vou amarrar os dois nus. E chicoteá-los no meio do curral, para quem quiser ver, até morrerem.

**CORIOLOANO**

(Sacando de um revólver.) Sou velho, Drahomiro mas ninguém vai fazer isso.

**DRAHOMIRO**

Agarrem êsse velho. (João Pinto subjuga Coriolano e tira-lhe a arma. Rosário, solerte, movimenta-se.)

**CORIOLOANO**

Miserável! Miserável! (Serrinha mantém Heloísa e Antônio Vilela sob pontaria.)

**DRAHOMIRO**

Tranque êsse decrépito num quarto. (João Pinto vai saindo com Coriolano. Drahomiro esbofeteia Heloísa.) Cadela! (Antônio abraça-a.)

**SERRINHA**

(Vendo Rosário de faca em punho.) Cuidado, Capitão! João Pinto! Larga essa faca, Rosário. Larga

essa faca! (Rosário salta e crava a faca em Drahomiro Marinho. João Pinto chega correndo e vai atirar em Rosário. Coriolano atrapalha o tiro. Drahomiro, caído, puxa o revólver e acerta nos peitos de Rosário que, por assim dizer, vôa com a violência do tiro e vai cair quase no regaço de Gertrudes. Esta começa a balançar de leve o tronco, mais ou menos no ritmo da canção inicial.)

**CORIOLANO**

A contenda acabou. (A Serrinha e João Pinto.) Vocês, agora, não têm mais patrão. Não há mais por que lutar. Podem ir, chamem os outros homens, soltem os presos. Já houve mortes demais. (Gertrudes, abrindo a camisa de Rosário, tira de seu peito algumas flôres quase murchas.)

**HELOISA**

E eu, meu pai?

**CORIOLANO**

(Com secreta amargura.) Você tem seu destino nas mãos. Faça o que quiser de sua vida. Dou-lhe minha bênção.

**HELOISA**

Se seu Antônio Vilela por acaso quisesse me levar, eu ia agora.

**CORIOLANO**

Se êle quiser, vamos os três no meu cabriolé. Você muda de roupa pega suas coisas. Depois, vai.

**ANTÔNIO**

Se é pra ir, preferia que a senhora fôsse como está. Eu ia num burro, com os meus baús; a senhora no outro, vestida de noiva. Com o tempo, iam dizer que eu passei por aí com duas cargas nos burros: a noite prêsa e o dia que começa. Não quer ser êsse dia amanhecendo?

**HELOISA**

(Após breve reflexão.) Vou como estou, meu pai.

**CORIOLANO**

(Sem olhá-la.) Seja feliz. (Heloísa devolve a flor a Rosário. Antônio deposita sôbre êle o estribo.)

**ANTÔNIO**

Acho que espalhei muitos males. Talvez por minha culpa.

**FIDÊNCIO**

Isso é de quem está vivo. Semeia acontecimentos. É humano. A gente fala, deixa de fazer um aceno, e as coisas acontecem. Vão com Deus.

**GERTRUDES**

Vá com Deus, Heloísa. Mesmo que você morresse do que fez, tinha valido a pena. Eu vou morrer de velha e nunca soube o que foi um instante de doçura. (Saem Heloísa e Antônio, Coriolano faz um gesto de abençoar. Entra Sete-Ranchos.)

**CORIOLANO**

Pois é, Fidêncio. Tôda a nossa raça está no fim. O poder, o nome, a prata nos estribos, nas fivelas do freio e no rabicho da sela, as grandas terras e até o nosso orgulho. Tudo está no fim.

**FIDÊNCIO**

É isso mesmo, Coriolano. É isso mesmo. São as voltas do mundo. Adeus. (Coriolano retira-se.) E meu filho?

**SETE-RANCHOS**

Nem parece um homem, coronel. Encheram o pobre de bala.

**FIDÊNCIO**

Vamos continuar... Vá novamente falar com o padre. Diga a êle que venha; buscar as coisas sagradas. E que você já pode casar com quem queria. Que não existe mais impedimento, o marido morreu em combate. Vá depressa, antes que fique de noite. (Sai Sete-Ranchos. Ouvem-se as campainhas do cabriolé de Coriolano que se afasta.) Vou ver o nosso filho, Gertrudes. (Gertrudes começa a solfejar em surdina a sua canção. Sai Fidêncio. Desce Marisaura, mala na mão. Ajoelha-se junto a Drahomiro e olha-o fixamente.)

(Concluída a peça, surge, a critério do Diretor, Rui Vilela, todo de branco, que assim se dirige ao público:

**RUI VILELA (Com ênfase)**

Eis-me aqui. Desencarnado,  
posso falar mais formoso,  
metrificado e rimado,  
num estilo generoso.

★

A história dou por finda.  
Mas terminou a história?  
Ou agora é que começa  
a verdadeira, a de glória?

★

Pois meu amigo aí vai  
Com Heloísa a seu lado,  
despertando a voz dos galos  
antes que o sol seja nado.

★

Ide, também, todos vós,  
não mais pobres do que antes,  
porém mais ricos, levando  
de nossa alma de errantes,

★

esta sêde, nossa fome,  
algum ouro, alguma lama,  
alguma fonte, algum pão,  
nossa força, nossa flama.

★

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 340

GOVÉRNO ADHEMAR DE BARROS

*Terminou-se a impressão dêste livro aos 30 dias do mês de março de 1966, na Imprensa Oficial do Estado, para o Conselho Estadual de Cultura, sendo Secretário do Govérno e Presidente do C.E.C. o Senhor Deputado Juvenal Rodrigues de Moraes. Em sua escolha e execução sai o volume sob a responsabilidade da Comissão Estadual de Teatro, constitutída pelos senhores: Nagib Elchmer, Presidente; Benjamim Catan, Vice-Presidente; e os Mem-bros: Dna. Maria José de Carvalho, Tatiána Belinck Gouveia; Senhores: Manoel Proença Filho, Evaristo Ribeiro, João Rios, Sandro Poloni, Horácio de Andrade e Pedro Antônio de Oliveira Ribeiro Neto.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 34L

1



SERVIÇOS DE ARTES GRÁFICAS  
IMPrensa OFICIAL DO ESTADO  
SÃO PAULO — BRASIL  
1966



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

LAUDO CENSÓRIO

Título: A GUERRA DO CANSÁ-CAVALO.

Nome do Autor: OSMAN LINS

Nome do Tradutor: - - -

Gênero: PEÇA TEATRAL EM TRÊS ATOS.

Entrecho: MUITO BOA ESTA PEÇA DE OSMAN LINS, RETRATANDO COM ABSOLUTA PROPRIEDADE OS DRAMAS DOS SENHORES DE TERRA NO NORDESTE, SUA AMBIÇÃO E GANÂNCIA CADA VEZ MAIOR EM APOSSAR-SE DE TERRAS DE OUTROS PROPRIETÁRIOS E, SOBRETUDO, SUA INTRANSIGENTE DISPOSIÇÃO DE LAVAR COM SANGUE OS CASOS DE HONRA, PRINCIPALMENTE AQUELES QUE ENVOLVAM PROBLEMAS AMOROSOS E PASSIONAIS. A PEÇA MOSTRA A LUTA EM QUE SE EMPENHAM OS PROPRIETÁRIOS DOS ENGENHOS CANSÁ CAVALO E TIMORANTE, EM PERNAMBUCO, POR CAUSA DE UMA MULHER - HELOISA - , ROUBADA PELO FILHO DO PRIMEIRO PROPRIETÁRIO QUANDO CASAVA COM O PODEROSO SENHOR DA SEGUNDA PROPRIEDADE.

Apreciação moral PEÇA PARA ADULTOS. É, ENTRETANTO, UMA PEÇA LIMPA, COM APENAS UM PALAVRÃO, OQUE, NO TEATRO ATUAL, É ATÉ LOUVÁVEL.

Observações: \_\_\_\_\_

Classificação final: DEZOITO - 18 - ANOS.

Brasília-DF, em 25 de OUTUBRO de 1968.

Wilson de Queiroz Garcia  
Censor Federal - matrícula n.  
WILSON DE QUEIROZ GARCIA.

Sr. Chefe da Seção de Censura

Encaminho anexo a peça abaixo indicada, com o voto do Censor WILSON QUEIROZ, que a examinou.

TITULO: A GUERRA DO CANSÁ CAVALO

AUTOR:- Osman Lins

RESTRIÇÃO SUGERIDA: 18 (dezoito) anos

Em, 25 de outubro de 1968

JOSE SAMPAIO BRAGA

TCTC- SCDP/DF

*De acordo.*

*Expedir os certificados  
dos de acordo com  
voto do censor,  
após aprovação do  
pauze pelo Senhor  
Chefe do SCDP.*

*Em 29/10/68*

*Sampaio*

*Em 31/10/68  
de acordo  
Sampaio*



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 344

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

# CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 694/68

PEÇA - / : : : A GUERRA DO GANSA CAVALO : : : / -

ORIGINAL DE OSMAN LINS

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 01 de NOVEMBRO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO  
Brasília, 01 de NOVEMBRO de 19 68

**IMPRÓPRIO  
ATE-18 ANOS**

*Aloysio Muhlethaler de Souza*  
\_\_\_\_\_  
Chefe do S. C. D. P. **ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA**

M. J. - D. P. F.  
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 folha nº 22, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - A GUERRA DO CANSO CAVALO -

Original de OSMAN LINS

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de ~~XXX~~ TEATRO UNIVERSITÁRIO "LUIZ DE QUEIROZ "

Tendo sido censurada em 25 de OUTUBRO de 19 68 e recebeu a seguinte classificação IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS.

**OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.**

Brasília, 01 de NOVEMBRO de 19 68

*Jose Sampaio Braga*  
**JOSE SAMPAIO BRAGA -**

Chefe da Turma de Censores  
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, P. 345

CENTRO ACADÊMICO "LUIZ DE QUEIROZ"



dos Acadêmicos de Agronomia  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reconhecido de Utilidade Pública por Leis  
Estadual n. 6635 de 4-1-1962 e Municipal  
n. 488 de 18-8-1964

RUA VOLUNTÁRIOS DE PIRACICABA, 429  
TELEFONES, 4070 E 5070 - C. POSTAL, 76

**PIRACICABA**

Est. de São Paulo - Brasil

Piracicaba, 20 de setembro de 1968.

Ilmo. Sr. Diretor de  
Serviço de Censura e Diversões Públicas  
Departamento Federal de Polícia  
Brasília - DF

O Teatro Universitário "Luiz de Queiroz" - /  
- TULQ, sediada na cidade de Piracicaba, estado de São Paulo, jun-  
tando a este todos os documentos exigidos, vem solicitar de V. S. /  
a liberação da peça A GUERRA DO "CANSA-CAVALO", de autoria de Osman  
Lins, a ser encenada pelo grupo TULQ no interior do Estado de São /  
Paulo, no período de outubro a novembro deste ano.

Sem mais, o TULQ aproveita a ocasião para envi-  
ar-lhe os seus votos de alta estima e consideração.

Saudações Universitárias.

*Wagner Bacconi*

(Wagner Bacconi - Dir. Rel. Públicas)

*Abel de Lima Filho*  
22/9/68

(Abel de Lima Filho - Dir. Secretário)

HERMENEGILDO PINTO GUIMARAES

ZT. TABELÃO DE NOTAS - AV. IPIRANGA, 1838 - FONE: 36-5744

— SÃO PAULO

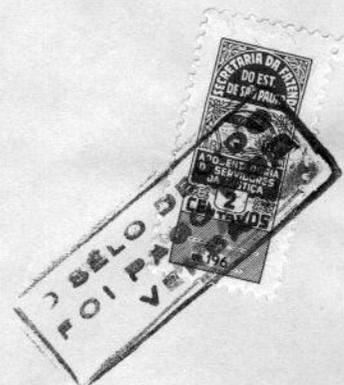
Reconheço a Fima *Wagner Bacconi e*

*Abel de Lima Filho*

São Paulo, 27 de setembro de 1968

Em Test. O

*Raul Ortega Gonzalez*  
Raul Ortega Gonzalez  
Escrivente Autorizado



Grupo Teatro da Cidade

Santo André, 7 de maio de 1.971.

Ilmo. Sr. Chefe do  
SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS  
BRÁSILIA

Prezado Senhor:

O GRUPO TEATRO DA CIDADE, sediado à Rua Tabai-  
ares, 36, Santo André, tendo recebido o Certificado de Censura  
nº 3557/71 com a Classificação proibido para menores de 18 -  
anos, vem a presença de V.Sa. expor o seguinte:

A escolha da peça "GUERRA DO CANSÁ-CAVALO", do  
autor brasileiro Osman Lins, foi feita após numerosas discus-  
sões, que se prolongaram por vezes durante horas e nas quais -  
também tomaram parte pessoas ligadas à alta administração do -  
Município. Isto porque o espetáculo se destinava a inaugurar o  
Teatro Municipal da cidade e teria o decidido patrocínio da -  
Prefeitura local, empenhada igualmente em nosso desenvolvimento  
cultural.

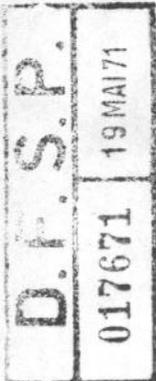
A decisão, portanto, partiu, em comum acôrdo, -  
de pessoas ligadas aos meios artísticos e também aos meios ofi-  
ciais, tôdas conscientes do seu papel e com uma profunda viven-  
cia do nível do público ao qual se dirigia.

Ora, Santo André, como se sabe, é uma cidade -  
altamente industrializada, com uma população estudantil que -  
ultrapassa a centena de milhar (105.000). E tínhamos em mente,  
ao optarmos afinal pela peça de Osman Lins, alcançar grande par-  
te dessa população, cujas provisões de natureza artística, li-  
mitam-se, em geral, ao cinema - nem sempre de boa qualidade -  
e aos programas televisionados, quase nunca de bom nível.

Estávamos certos, outrossim, que o texto seria  
liberado para tôdas as idades, pelo menos para os maiores de  
14 anos, por motivos que - com base no conhecimento que temos  
da nossa juventude estudiosa - havíamos longamente pesado e ana-  
lizado.

Tomamos, por isto, data venia, a liberdade de -  
vir, muito respeitosa, expor, com a máxima brevidade possí-  
vel, os fatores em que nos baseamos para chegar àquela conclu-  
são.

Dois aspectos, na peça "Guerra do Cansa-Cavalo",  
nos faziam e fazem acreditá-la extremamente adequada à nossa -  
juventude: por um lado, a história em si mesma, com as suas -  
implicações psicológicas e sociológicas; por outro, o seu nível  
literário.

CONTINUA =

*Em face do parecer do Conselho de Censura que amitiu o ensaio geral, onde fizemos o ensaio geral em 26.06.71*

Na história, quais os valores que triunfam? A coragem (moral e física) e o amor. Além disso, esses homens, apesar de incultos, são imbuídos, embora de um modo confuso e imperfeito, de amor à pátria. Antônio Cabral Vilela, o protagonista, quando pinta em certa igreja um painel sobre o Dilúvio Universal, não resiste à tentação de colocar, sobre a arca, uma Bandeira Brasileira. Como um sinal de que o Brasil, para ele, não é uma entidade apenas histórica, mas um mito, uma realidade intemporal, algo que abrange tudo. Por outro lado, o Coronel Fidêncio Lins, empolgado pelos acontecimentos que desabam sobre ele e sua família, tem sempre em mente a vitória dos Pernambucanos sobre os baianos, durante a invasão Holandesa. Na sua relativa inconsequência, fala de tudo isto com imprecisão, mas antepassados seus tomaram parte na luta contra o invasor e Fidêncio Lins orgulha-se disto. Pode-se duvidar da eficácia dessas sugestões para os jovens? Mas não é só isso. A encenação, em Santo André, cidade altamente industrializada, segundo vimos, e situada em São Paulo, da "Guerra do Cansa-Cavalo", peça na qual tomamos contato com certos característicos do homem nordestino e de certos problemas de natureza sociológica, concorre, de maneira clara, para um fim que não se pode negligenciar: o da unidade do país. Nosso público juvenil, tem, através do teatro, através dos acontecimentos e dos personagens que surgem diante de si, uma visão dos seus irmãos do Norte. Da natureza das suas lutas. De característicos de suas personalidades. É como se, do outro lado do país, essas pessoas - algumas atormentadas, outras inseguras - nos estendessem as mãos. Temos acesso, através da peça, à casa-grande de um engenho de açúcar do Nordeste, nos idos de 40, com as ambições e violências que hoje, felizmente, cedem lugar ao trabalho pacífico e ordenado. É sobre essas ambições e violências, como que representando um ideal de paz, surge e realiza-se o amor de Antônio Vilela e da jovem Heloísa. Esse amor - não civilizado, não um amor cidadão -, enraíza-se em territórios profundos e elementares. É um amor com algo de primitivo, e, ao mesmo tempo, acentuadamente poético. Antônio Vilela e Heloísa amam-se por sobre a ambição, por sobre a destruição, por sobre a violência, com profundidade e pureza. E se Heloísa chega a confessar, num assomo de franqueza e de honestidade, que Antônio Vilela, na noite anterior, chorou com o rosto "sobre estes peitos", logo acrescenta: "que a terra há de comer". A evocação da morte, vinda através dessa última frase, faz com que a expressão anterior, que poderia, a ouvidos sensíveis, parecer impudica, adquira, com o acréscimo da expressão seguinte, uma gravidade sombria que lhe tira qualquer sabor de licenciosidade. E na luta que se desenrola, são Heloísa e Antônio os que realmente vencem. Isto é: - vencem, incólumes, e seguem no rumo de sua vida, os que trazem em si a poesia e o amor.

Numa hora em que vemos, repudiada por uma grande parte da juventude do mundo, o amor e a poesia, que lição melhor poderia ser-lhe dada? Mas ainda há algo a assinalar. Na peça, Drahomiro Marinho, que representa a ambição sem limites e a maldade sem peias, é vencido. Isto não constitui, propriamente, uma lição. Mas não queremos deixar de assinalar que o crime não é recompensado, o que poderia ser tomado como um fator negativo para os jovens. Portanto, sem havermos, é claro, enumerado todos, cremos haver salientado alguns dos aspectos que fazem dessa peça um texto especialmente indicado para os nossos jovens. Ao menos, tantos são os aspectos positivos que apresenta, que, mesmo se houvesse nos personagens ou na história algum ponto duvidoso, perderia a importância, perante o grande número de elementos positivos.

Permitimo-nos, agora, duas palavras sobre o nível literário da peça. Osman Lins, seu autor, não é um estreado e sua folha de serviços é apreciável. Autor de dois romances, dois livros de contos, dois de ensaios, um de viagem e ainda de peças de teatro, é um de nossos autores mais premiados: obtém além de outros, o Prêmio Fábio Prado, o Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras, o Monteiro Lobato, o Prêmio Especial da Academia Pernambucana de Letras, o Prêmio Mário Sette da UBE., e mesmo esta peça, a Guerra do Cansa-Cavalo, foi laureada com o Prêmio Anchieta da Comissão Estadual de Teatro de São Paulo. Além disso, colabora na imprensa, alguns dos seus livros já estão também editados em Portugal e sua obra Nove, Novena será publicada dentro de um mês, em tradução francesa, por uma grande editora daquele país. Sobre o seu estilo, escreve o professor Massaud Moisés, da USP: "Estilo que nasce de cerrado esforço e longa paciência, em momento algum a linha do pensamento falha, cede à circunstância, amolece ou enfraquece. Todas as minúcias da história são ditas com as palavras exatas, nem mais nem menos." E sobre uma de suas obras, escreve, por outro lado, o grande escritor Adonias Filho, da Academia Brasileira de Letras: "Técnicamente, narrando a história de uma mulher em plena crise de consciência, o romance é impecável. As cenas se costumam com perfeição. A linguagem é fascinante. Extraordinário o poder de observação." Grifamos a expressão sobre a linguagem, porque este, por sinal, é um dos grandes méritos do autor e um dos aspectos mais importantes do texto que estamos encenando.

Sabe-se que a nossa língua vem sendo extremamente mal cuidada, principalmente no teatro. Temos tido traduções e textos originais que, buscando uma popularidade ou originalidade fácil, apenas deterioram a nossa língua. Ora, a "Guerra do Cansa-Cavalo", conquanto apresentando personagens do povo, e aproveitando de maneira clara os ritmos e inflexões da linguagem falada, mantém um rigoroso controle da linguagem, que se situa num difícil ponto de equilíbrio: no ponto exato entre o linguajar do povo e a perfeição literária. Sendo um autor cujo estilo, segundo assinalam algumas das nossas maiores autoridades no assunto, caracteriza-se pela perfeição e pela precisão, é claro que nenhuma das suas expressões será gratuita. Tratando-se, ainda, de um autor cujas produções salientam-se pela elevação espiritual de que são repassadas, seria errôneo supor que qualquer expressão, na peça, pudesse ser considerada inferior. Mesmo as expressões mais violentas, inserem-se de tal modo no texto, com tanta necessidade, que mal são percebidas. A impressão geral é a de um texto bastante elevado, com um cuidadoso tratamento da linguagem. Esse cuidado envolve o que, para o caso presente, não nos parece de somenos importância a correção gramatical. Parece-nos, a nós, da maior pertinência, que um texto tão rigorosamente trabalhado, seja visto e ouvido pelo maior número possível de estudantes. Não apenas pelo texto em si. Mas também porque o contato com o espetáculo pode levar, e levará, estamos certos, professores e alunos a aproximarem-se, se já não conhecem, dos livros do autor, todos escritos com aquele esforço e fascínio a que se reportam os críticos - Massaud Moisés e Adonias Filho, opinião aliás corroborada pela crítica brasileira em geral.

Por tudo isto, cremos que o reexame da matéria, limitando a censura da peça à idade de 14 anos, ou, no máximo, a 16 anos, reexame atento, mais ainda, aos aspectos morais, patrióticos, psicológicos, sociológicos e literários do texto, seria de grande oportunidade. Possibilitaria, a um grande número de estudantes (normalmente desviados, segundo já mencionamos acima, para o cinema de segunda ordem e para a TV comercial),

continuaçãofôlha 4 =

um contato com determinados aspectos do homem e da terra brasileiros, e com uma obra de arte da maior seriedade, conscientemente realizada por um dos nossos melhores escritores e posta em cena, sob a direção de Celso Nunes (premiado como o melhor diretor de 1970), por um grupo idealista, sério e atento às suas responsabilidades perante a comunidade. Desta seriedade, por sinal, nenhuma prova seria mais cabal que o fato de termos sido escolhidos pela Prefeitura de Santo André para inaugurar, com o nosso espetáculo, o seu Teatro Municipal.

Caso estejamos em equívoco, pois somos humanos, pediríamos que nos fosse dada uma orientação no sentido de que, eliminadas as causas que determinaram o limite de 18 anos, fosse este reduzido, como mencionamos, para 16 ou 14. Contudo que essa orientação não venha a implicar numa mutilação essencial do texto, pelo qual - como artistas e como brasileiros - temos o máximo respeito.

Acrescentamos, a título de informação, que na montagem da peça, para a qual não poupamos esforços, dando o melhor de nossas energias, foi aplicada a soma de Cr\$ 51.230,00 e que o espetáculo, de ótimo nível artístico, vem obtendo, em suas apresentações, aplauso unânime do público.

Certos de que saberá compreender os motivos da nossa argumentação e de que dará, dentro do possível, a melhor acolhida às nossas palavras, movidas pelo nosso amor à arte teatral, à comunidade, e também pela certeza de que o nosso empreendimento tem todas as condições para produzir bons frutos no seio da nossa juventude, que conhecemos bastante bem, de cujo aplauso necessitamos e à qual, de coração, sinceramente nos dirigimos, apresentamos, na espera de seu deferimento, as nossas mais cordiais e respeitadas

SAUDAÇÕES

*Antonio Aracilio Petrin*  
P/GRUPO TEATRO DA CIDADE  
ANTONIO ARACILIO PETRIN -PRESIDENTE

P.S. - Anexamos, para melhor ilustrar, um programa da inauguração.



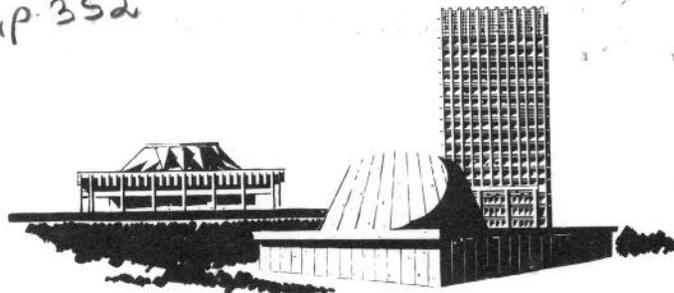
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 351



teatro  
municipal  
de  
santo andré

inauguração  
13-4-71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 352



**DR. NEWTON DA COSTA BRANDÃO**  
Prefeito Municipal

**DR. ANTONIO PEZZOLO**  
Vice-Prefeito Municipal

**PROF. JOSÉ LAZZARINI JÚNIOR**  
Secretário da Educação e Cultura

**SR. AFFONSO MARIA ZANEI**  
Presidente da Câmara de Vereadores

#### **PROGRAMAÇÃO**

Dia 13 de abril

**Guerra do "Cansa Cavallo" - Grupo Teatro da Cidade**

Dia 24 de abril

**Orquestra Sinfônica de São Paulo**

Dia 9 de maio

**Corpo de Baile do Teatro Municipal de São Paulo**

Dia 16 de maio

**Coral Paulistano**

Dia 30 de maio

**Orquestra Jovem de São Paulo**

BR DFANBSR NS CPR.TEA.PTE. 0384, p 353

a  
palavra  
do  
prefeito

Longos e cheios de expectativa foram estes dois anos para o povo de Santo André que, ansioso, aguardou o dia de hoje para ver o seu Teatro Municipal inaugurado. E, na data em que o fazemos, cumpre-nos insistir no desejo de prestigiar e desenvolver, em nossa Cidade, todos os setores culturais, embora saibamos que, para o povo, o teatro é, ainda, entre nós, a atividade artística de menor projeção.

Assim, pois, preocupa-nos sensibilizar a opinião pública para conseguirmos a sua compreensão e o seu apóio, indispensáveis, ambos, para levarmos avante tão árdua tarefa.

Desde a mais alta antiguidade, o Teatro sempre foi o meio de acesso mais fácil de que se valeram os povos para a conquista de maior cultura e, com esta, acelerar o seu desenvolvimento sócio-econômico.

A cidade, no viver de todos os momentos quotidianos, já se constitui em cenário de drama social, cuja representação artística - vale dizer o próprio teatro - é a sublimação interpretativa das ações mais significativas e dos anseios mais caros da cultura humana.

Identificados com o passado e reconhecendo, no presente, a necessidade de incentivo à Cultura, colocamos, entre as prioridades de nossa Administração, as atividades culturais em acelerado ritmo e em função do ardente desejo de transformar Santo André na cidade que sonhamos para as novas gerações.

Concluída e entregue a estrutura física deste Teatro, tarefa mais árdua se inicia: dotar este prédio de um espírito que traduza as crenças e os ideais deste povo ordeiro e trabalhador de Santo André.

Brandat

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 354

# santo andré

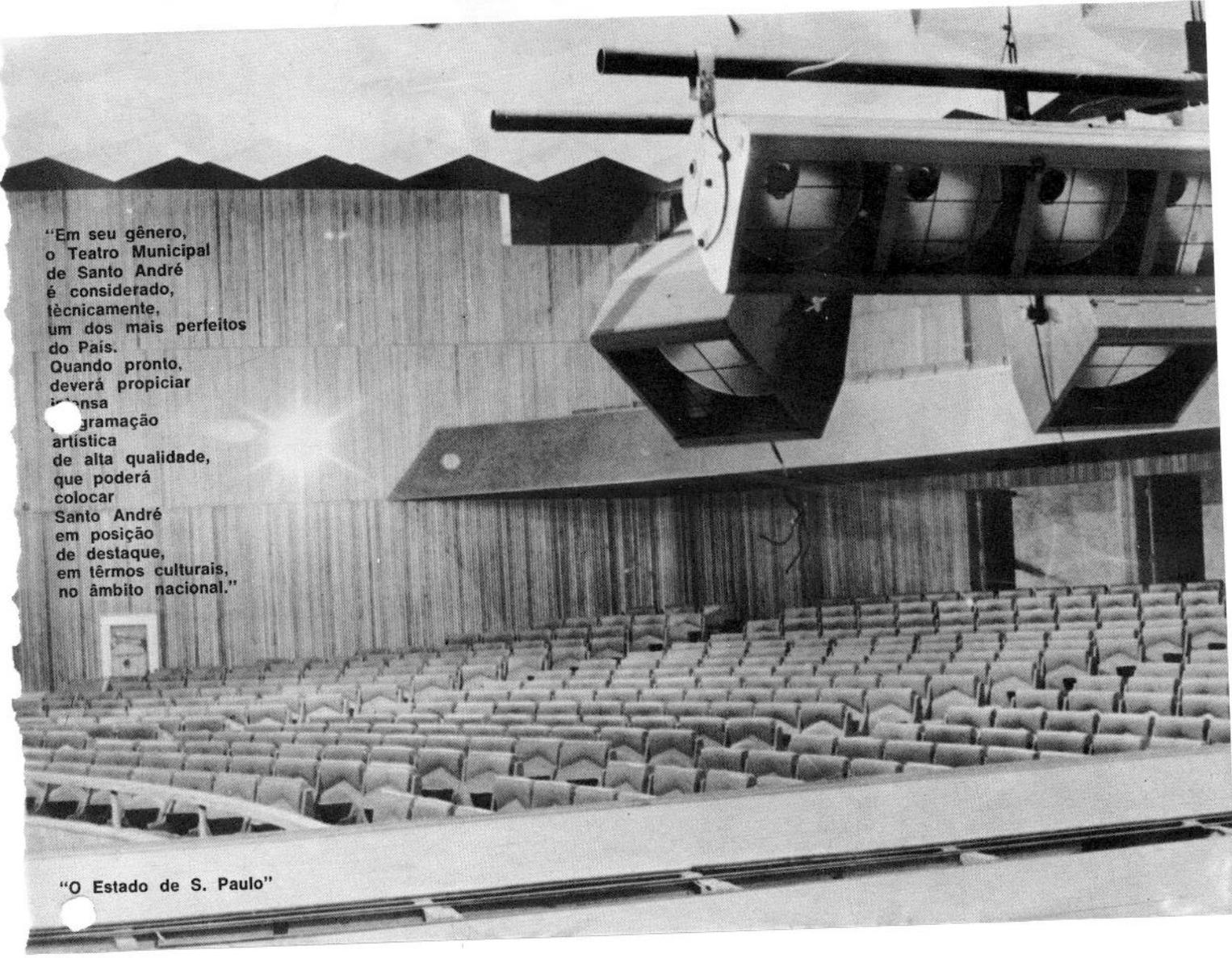
Apresenta-se com a maior concentração populacional e industrial do Estado de São Paulo, logo após a Capital, com seus 417.773 habitantes e 96.057 prédios, totalizando 6.767.512,30 ms<sup>2</sup> de área construída.

Sua produção industrial atingiu, em 1970, a cifra de Cr\$ 1.600.280.840,82.



BR DFANBSB NS.CPR TFA.PTE. 0 384, p. 355

# O seu teatro



"Em seu gênero,  
o Teatro Municipal  
de Santo André  
é considerado,  
técnicamente,  
um dos mais perfeitos  
do País.  
Quando pronto,  
deverá propiciar  
uma  
programação  
artística  
de alta qualidade,  
que poderá  
colocar  
Santo André  
em posição  
de destaque,  
em termos culturais,  
no âmbito nacional."

"O Estado de S. Paulo"

# o grupo



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 357

O Grupo Teatro da Cidade nasceu do encontro de uma turma de atores do ABC, formados pela Escola de Arte Dramática, para a encenação de "Jorge Dandin" de Molière, em 1968. O primeiro elenco formado no interior de São Paulo. Apresentou-se em Santo André e São Paulo, recebendo os prêmios "Revelação de Direção" da Associação Paulista de Críticos Teatrais, e "Governador do Estado" (Melhor Figurino). Em 1969, encenou "O Noviço" de Martins Pena, sob direção de Antônio Petrin. Três montagens em 1970: "Cidade Assassinada" de Antônio Callado, dirigido por Antônio Petrin, "O Barbeiro de Sevilha" de Beaumarchais, dirigido por Dyonisio Amadi, e "Pop garota legal", peça infantil de Ronaldo Ciambrone, dirigida pelo autor. A Associação Paulista de Críticos Teatrais concedeu a "O Barbeiro de Sevilha" os prêmios "Revelação de Direção" e "Figurinos", além de Menção Especial ao Grupo pelo trabalho de descentralização teatral.



# o autor

Osman Lins, 47 anos. Nascido em Vitória de Santo Antão, PE. Romances: "O Visitante" e "O Fiel e a Pedra". Contos: "Os Gestos" e "Nove Nove-na". Ensaios: "Marinheiro de primeira viagem" e "Guerra sem Testemunha". Teatro: "Lisbela e o prisioneiro", "A Idade dos Homens", "Capa Verde e o Natal" (infantil) e Guerra do "Cansa Cavallo" - Prêmio Anchieta da Comissão Estadual de Teatro em 1964.

Há exatamente cinco anos, publicou-se um manifesto, assinado por vários autores brasileiros, protestando contra a ausência constante de peças nacionais em nossos palcos. O manifesto obteve repercussão imediata. Em consequência, pessoas ligadas ao teatro e visadas pelo manifesto, contra-atacaram, usando um método dos mais eficientes: encampar o movimento.

Para tanto, organizaram às pressas certo Seminário de Dramaturgia, procurando dar a idéia de que estavam tão interessadas quanto nós no indispensável diálogo entre os escritores e o público para o qual escrevemos. A primeira peça que então escolheram para leitura e debate no Seminário, foi justamente a **Guerra do "Cansa-Cavallo"**.

O Seminário, três ou quatro semanas depois, extinguiu-se. O movimento, contudo, parece ter dado seus frutos. Não foi pequeno o número de textos brasileiros levados à cena nestes últimos anos e onde a nossa realidade é enfrentada.

Mas nada disto estaria sendo evocado aqui, se eu não houvesse escrito, concluindo a carta a que me referi, estas palavras: "confesso, também, perante todos, que confio no destino de meu texto e em que, algum dia, ele terá sua oportunidade, em mãos que o honrem e dêle se aproximem com a gravidade, o júbilo, a lucidez e o ardor com que o compus."

Ora, essa gravidade, esse júbilo, essa lucidez e esse ardor são o que encontro hoje nos componentes do Grupo Teatro da Cidade. E tudo que eu posso dizer a essa turma que agora encena a **Guerra do "Cansa-Cavallo"**, é que valeu a pena esperar. Difícilmente, confesso, encontraria um grupo ao qual, de coração mais leve, eu confiasse meu texto.

Só uma palavra mais, destinada principalmente ao público estudantil. Embora ambientada no Nordeste, na zona canavieira, e situada, por um processo de distanciamento, em setembro de 1940, a **Guerra** não deve ser vista como a representação pura e simples de um mundo remoto, com o qual nada temos em comum. Os ambientes e certa maneira de ser dos personagens talvez pareçam estranhos. Contudo, os motivos que atravessam a peça - o perigoso embate entre a inteligência e a brutalidade, o amor ameaçado, a ilusória ascensão em uma estrutura que agoniza, a fatal inclinação da força rumo à violência, a árdua luta de alguns (os melhores) no sentido de escapar ao desmoronamento e assim resguardar os valores em que crêem - não estão apenas no Engenho "Cansa-Cavallo". Assumindo aspectos diversos, fazem parte do mundo em que vivemos.

Osman Lins

# o diretor

Celso Nunes, 29 anos. Nascido em São Paulo. Formado pela Escola de Arte Dramática. Vários cursos de especialização na Europa. Direção: "O Albergue" (Casarão), "Um dois três de Oliveira quatro" (Areninha), "As Bacantes" (Escola de Arte Dramática), "A Longa Noite de Cristal" e "O Interrogatório" (Studio São Pedro). Escolhido pela Associação Paulista de Críticos Teatrais como o Melhor Diretor de 1970.

Com a montagem da Guerra do "Cansa-Cavalo" de Osman Lins, marcamos todos um tento a favor do teatro: o autor lança um texto inédito e premiado, o Grupo Teatro da Cidade se firma definitivamente como o pioneiro na descentralização do teatro profissional, e o público ganha uma das mais bem equipadas salas de espetáculos do país. Por isso tudo, era muito difícil não aceitar o convite que o GTC me fez em fevereiro último para dirigir a peça.

Todo nosso trabalho foi orientado no sentido de dar ao público um espetáculo simples, mas que abordasse aspectos importantes da sociedade brasileira. Analisamos o texto junto com o autor; não partimos nunca de conclusões individuais, mas sempre de discussões coletivas, com todo o elenco. Uma ou outra atitude de personagem que não fosse suficientemente compreendida pelo ator, era debatida por todos até chegar-se à forma cênica mais satisfatória. Esse tipo de trabalho contribuiu para que cada ator se sentisse meio dono do espetáculo e não apenas um indivíduo em cena, a andar de um lado para outro, dizendo um texto e sem entender exatamente o porquê de estar fazendo aquilo.

A direção dos atores não foi um "bicho-de-sete-cabeças". Os personagens da peça apresentam uma gama de sentimentos e de maneira de agir muito próximas de nós mesmos. Trocando em miúdos, quero dizer que acredito que, no meio do público, não haja ninguém que não tivesse, um dia ou outro, deparado com pessoas muito parecidas com um Fidêncio Lins, com um Pedro Ivo, com um Drahomiro Marinho, com uma Heloísa de Barros Wanderley. Por isso, desde as primeiras leituras, sentia-se que os atores "manjavam" aqueles personagens, e que estavam prontos para levá-los a cena.

A cenografia e os figurinos do inspirado Luiz Parreiras procuraram interpretar, o mais possível, aquele mundo que o Osman Lins nos desvendava no texto; um mundo de fantasia e realidade, claro e ambíguo ao mesmo tempo, mantendo-se o tempo todo um respeito quase documental pela época em que transcorre a ação da peça, ou seja, 1940. E o espetáculo aí está. Cada noite, sob a luz dos refletores, esses personagens revivem em cena, como se voltassem no tempo para defender seus bens, seu nome, sua tradição. Gostaríamos que, junto com cada espectador, cada representação fosse como que uma pedra sepulcral que colocássemos sobre essa mentalidade que nega a igualdade do homem perante o próprio homem, que nega o respeito entre as pessoas, fazendo com que uns sejam "vendedores" e outros "vendidos"; que nega o direito de todos aos bens da terra, gerando a violência, a ignorância e a desumanização de uma região e de um povo.

Celso Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TFA.PTE. 0384,p.360

# GUERRA I

GERTRUDES DE ALBUQUERQUE LINS  
PEDRO IVO DE ALBUQUERQUE LINS  
MARISAURA PEREIRA  
FIDÊNCIO CAVALCANTI LINS  
SETE-RANCHOS  
ANTÔNIO CABRAL VILELA  
RUI VILELA  
FANHOSO  
SEVERINO DOS SANTOS  
JOÃO JOÃO  
DRAHOMIRO MARINHO  
ROSÁRIO  
JOÃO PINTO  
SERRINHA  
CORIOLANO DE BARROS WANDERLE  
HELOISA

DIREÇÃO  
ASSISTENTE DE DIREÇÃO  
CENOGRAFIA E FIGURINOS  
MÚSICA  
ARRANJOS  
SONOPLASTIA  
ILUMINAÇÃO  
CONTRA-REGRA  
CONTATOS E DIVULGAÇÃO

FOTOGRAFIAS



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 362

GRUPO TEATRO DA CIDADE  
APRESENTA

# DO "CANSA CAVALO"

DE OSMAN LINS

Sônia Guedes  
Antônio Petrim  
Luzia Carmela  
Claudio Correia e Castro  
Henrique Lisboa  
Luiz Parreiras  
Manuel Andrade  
Paco Sanches  
João Batista Acaiabe  
Augusto Maciel  
Osley Delamo  
Ally Alvarez  
Geraldo Rosa  
Roberto Portella  
Antônio Chiarelli  
Sylvia Borges

Celso Nunes  
Gabriela Rabello  
Luiz Parreiras  
Geraldo Rosa  
Moacir del Picchia  
Osley Delamo  
João Dulcini  
Luiz Dulcini  
J. A. Pereira da Silva  
Bia Parreiras  
Paco Sanches  
Bia Parreiras

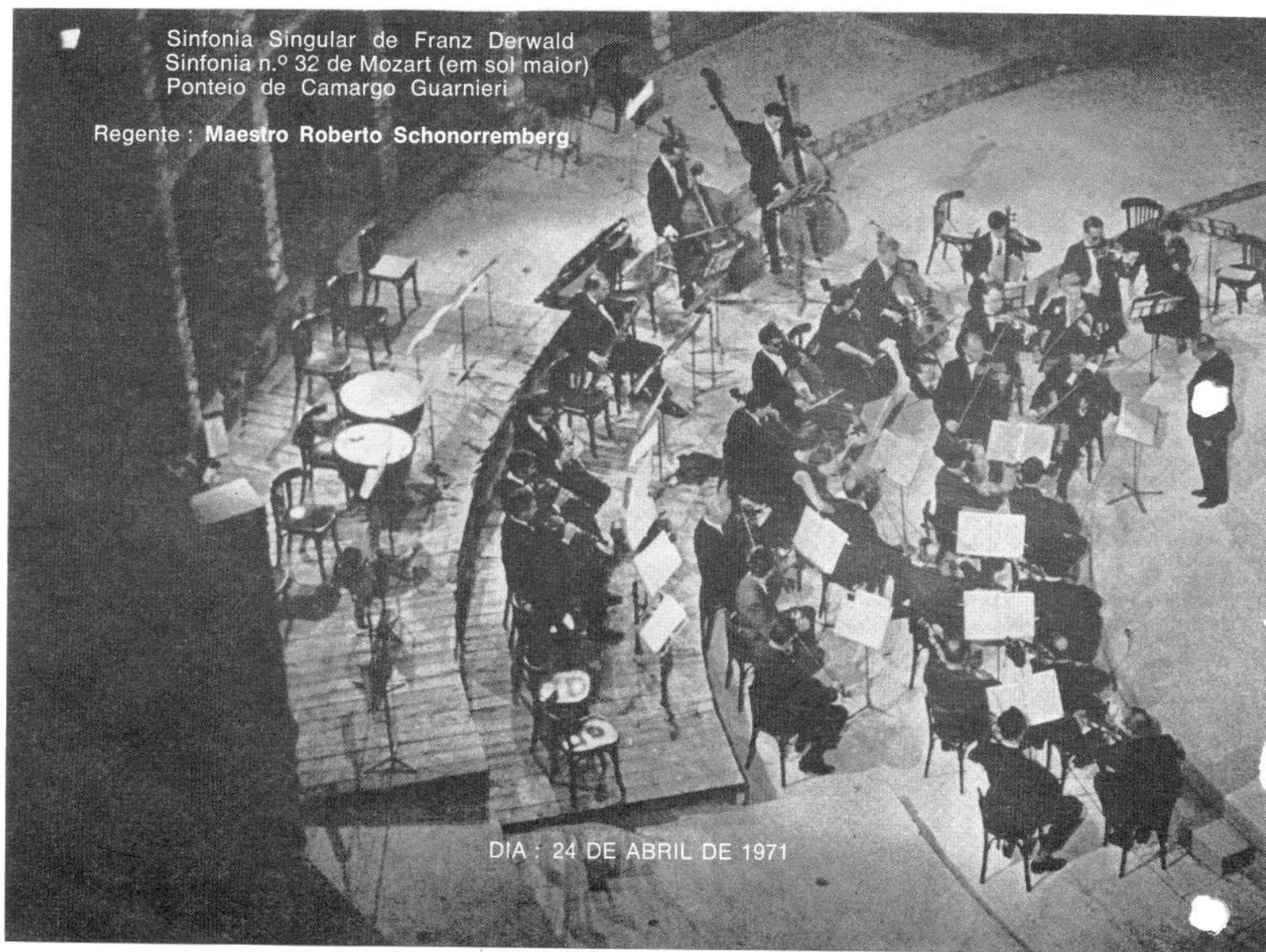


BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 362

# orquestra sinfônica de são paulo

Sinfonia Singular de Franz Derwald  
Sinfonia n.º 32 de Mozart (em sol maior)  
Ponteio de Camargo Guarnieri

Regente : **Maestro Roberto Schonorremberg**



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 363

# corpo de baile do teatro municipal de são paulo

**Les Sifides**

- Música de Frederico Chopin  
Coreografia de Michel Fokine

**Serenata**

- Música de W. A. Mozart  
Coreografia de Johnny Franklin

**Glória e Alegria de  
uma Raça (Maracatu)**

Coreografia de Johnny Franklin  
Ritmos dirigidos por Rafael Tobias  
de Aguiar

Direção Artística :  
Assistente de Direção :

**Johnny Franklin**  
**Lia Marques**



DIA : 9 DE MAIO DE 1971

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0 384,1p. 364

# coral paulistano

Concêrto sob a regência do

**Maestro Colacioppo**



DIA : 16 DE MAIO DE 1971

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 365

# orquestra jovem de são paulo

## 1.ª Parte

**Beethoven**  
**Haydn**

- ABERTURA EGMOND  
- SINFONIA N.º 93 EM RÉ MAIOR  
ADAGIO - ALLEGRO ASSAI  
LARGO CONTABILE  
MENUETTO  
FINALE

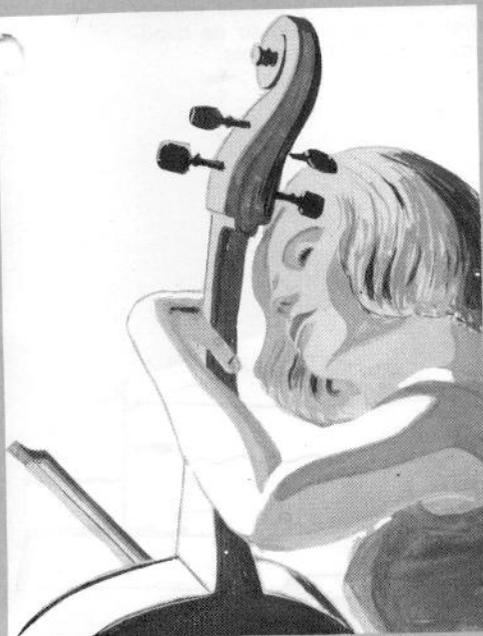
## 2.ª Parte

**Ernest Mahle**

- SINFONIA (1957)  
MAGESTOSO  
ANDANTINO  
RONDÓ

**Berlioz**

MARCHA HUNGARA  
Regente : **Maestro Samuel Moraes Kerr**



DIA : 30 DE MAIO DE 1971

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 366

# centro cívico

O Centro Cívico é um conjunto de edifícios, praças e jardins. Foi concebido para ser o centro de convergência da população da cidade. Sua forma arquitetônica constitui elemento de surpresa que desperta viva curiosidade. Atrai o visitante e propicia, ao morador, o contacto humano, a troca de idéias e as manifestações da vida em sociedade. É o coração da Cidade.

Formam o Centro Cultural: Conjunto de Bibliotecas (de consulta, circulante, de estudantes e Braille), salão de exposições, auditório e Teatro. Considerando-se que mais da metade de nossa população é constituída por menores de 21 anos, o Centro Cultural está destinado a ser o próprio domínio da juventude.

## teatro municipal

### Projetos:

Arquitetônico: Rino Levy Arquitetos Associados

Paisagismo e tríptico do saguão:  
Roberto Burle Marx

Equipamento técnico: Aldo Calvo

### O Prédio:

Forma: tronco-cônica

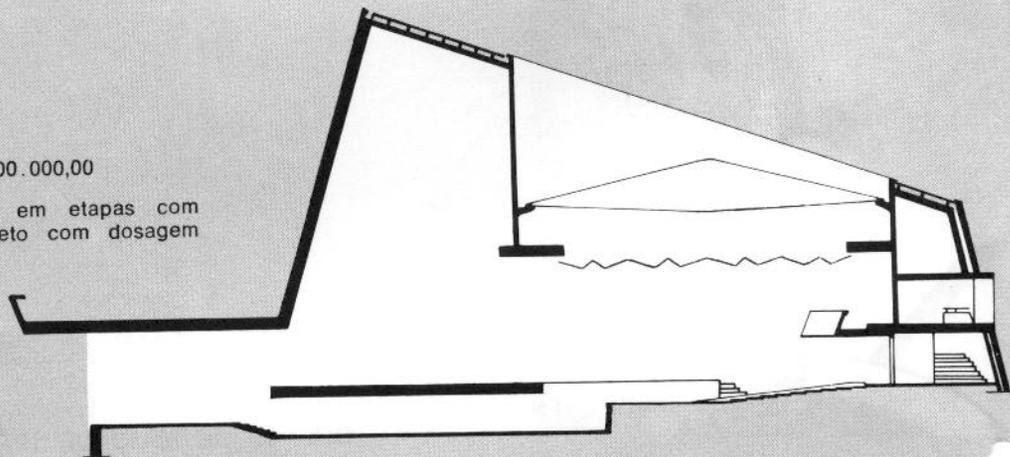
Área: 1.583,00 m<sup>2</sup>

Preço da construção: Cr\$ 1.100.000,00

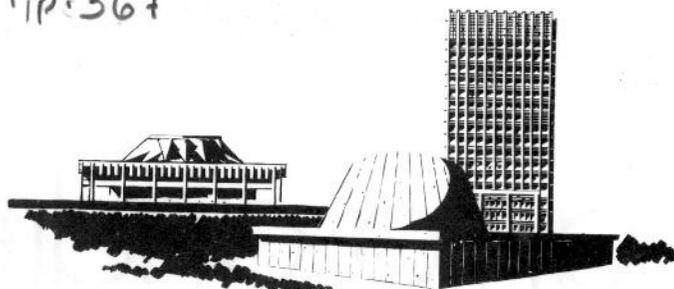
A concretagem foi executada em etapas com cimbramento metálico e concreto com dosagem especial.

### Dependências:

Saguão de serviço. Carpintaria. Salão de contra-regra. Sala de ar-condicionado. Porão de depósito. Sala de guarda-roupas. 9 Camarins.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384/p.367



**Palcos :**

Possui 3 palcos que funcionam simultaneamente, quando necessário. A abertura da boca de cena do palco central é regulável.

Palco central : 200 ms<sup>2</sup>

Abertura : 12 ms

Profundidade : 12 ms

Altura : 6 ms

Altura com urdimentos : 17 ms

Palcos laterais : 162 ms<sup>2</sup> (cada um)

Abertura : 11 ms

Profundidade : 10 ms

Altura : 6 ms

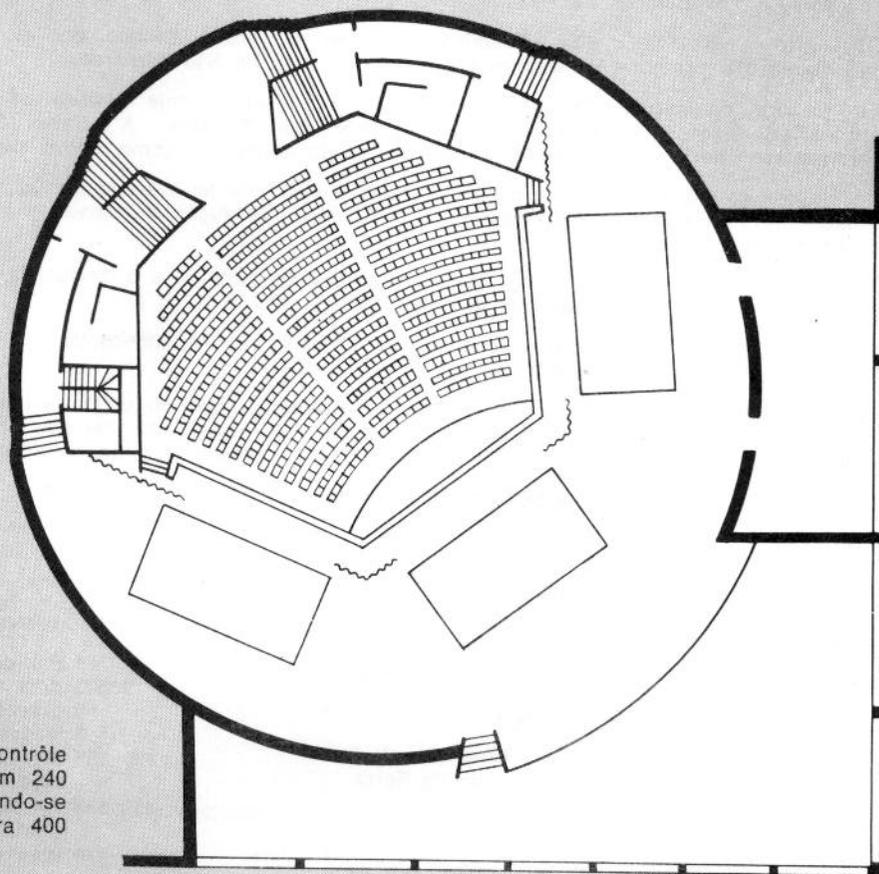
Altura com urdimentos : 14,5 ms

Todo o piso dos 3 palcos é removível.

Fôssô de orquestra com capacidade para 45 músicos.

**Platéia :**

Auditório tem forma hexagonal e capacidade para 497 pessoas.



**Equipamento :**

A cabina é dotada de mesa eletrônica de controle que comanda o sistema de iluminação, com 240 circuitos (80 para cada palco), completando-se com um quadro de conexões cruzadas para 400 circuitos.

# santo andré sua história e forma

Em um ponto da área que hoje constitui o complexo industrial do ABC, João Ramalho fundou Santo André da Borda do Campo que, a 8 de abril de 1553, recebeu as prerrogativas de Vila, por ordem do Governador Geral Mem de Sá.

Em 1560, a vila foi transferida - e com ela, seus habitantes - para o local onde os jesuitas haviam construído seu colégio, nos Campos de Piratininga.

Oficialmente, em 1812, o sítio ramalhino reaparece no cenário político, por ato do Marquês de Alegrete, com sua elevação à categoria de freguesia e a denominação de São Bernardo.

Em meados do século XIX, a velha São Paulo Railway - hoje Estrada de Ferro Santos-Jundiaí - despertou do seu longo sono a região desbravada por João Ramalho. A parada denominada Estação de São Bernardo desenvolveu-se como centro da região, sendo conhecida como Bairro da Estação.

No crepúsculo imperial, a 12 de março de 1889, a freguesia foi elevada a município. Em sua área de 840 Km<sup>2</sup> viviam 10.124 pessoas. Dedicavam-se à agricultura, produção de carvão a lenha, olarias, pequenas oficinas de consertos de carros e carroças.

A construção do complexo Billings foi outro fator importante para o aparecimento de novas condições de vida para Santo André, agora baseadas na indústria.

Em 1938, o Município retomou a denominação de Santo André, atendendo sua origem histórica. A Comarca foi criada em 1953 e o Bispado em 1954.

Sua base econômica caracteriza-se pela alta predominância das indústrias de transformação, que absorvem cerca de 50% de toda a mão de obra ativa do Município. A atração do mercado industrial fez, de Santo André, o ponto de encontro de gente de todo o Estado de São Paulo, de outras regiões do País e de outras Nações.

De cada 100 habitantes do Estado de São Paulo, 2,4% vivem em Santo André.

População - 417.773 habitantes

Área - 182 Km<sup>2</sup>

Limites - Norte: São Caetano do Sul e São Paulo

Sul: Cubatão e Santos

Leste: Mauá, Ribeirão Pires, Mogi das Cruzes e Rio Grande da Serra

Oeste: São Bernardo do Campo

Altitudes: 743 ms em média

## Estrutura Urbana:

Prédios existentes: 96.057

210 Bairros e Vilas

2.000 ruas e avenidas oficializadas

60 praças e logradouros

6 viadutos

680.398 ml de rede de água, com 50.182 prédios ligados

459.582 ml de rede de esgoto, com 50.161 prédios ligados

270 Kms de ruas pavimentadas

cao



**Educação** - cerca de 100.000 estudantes.

Primário - 60.007 escolares

53 grupos escolares  
49 classes municipais  
22 escolas particulares  
26 núcleos do SESI

Ensino Médio - 33.676 alunos

34 ginásios estaduais  
10 ginásios particulares  
11 colégios técnicos particulares  
8 colégios estaduais  
5 escolas normais

Ensino Superior - 5.105 alunos

Faculdade de Medicina ABC  
Faculdade Municipal de Ciências Econômicas  
Faculdade de Administração de Empresas  
Faculdade de Educação  
Faculdade de Educação Física

Biblioteca Municipal :

140.597 frequências em 1970

Merenda Escolar :

6.106.825 merendas distribuídas em 1970

**Saúde :**

9 hospitais  
2 clínicas de repouso  
182 quartos  
89 enfermarias  
716 leitos

**Hospital Municipal :**

121 leitos  
52 médicos  
3.702 pessoas internadas

Fundação Assistência à Infância de Santo André :

14 postos  
171.737 consultas  
40 leitos

**Comunicações :**

Imprensa e Rádio :

5 jornais  
6 revistas  
2 rádio-emissoras  
10 sucursais de jornais

Cia. Telefônica da Borda do Campo

17.064 telefones e ramais

Estrada de Ferro Santos-Jundiaí

6 agências no Município  
Número de bilhetes vendidos : 11.127.840  
Arrecadação : Cr\$ 2.910.755,41

Correios e Telégrafos

Correspondência expedida : 3.256.086  
Correspondência recebida : 5.582.273

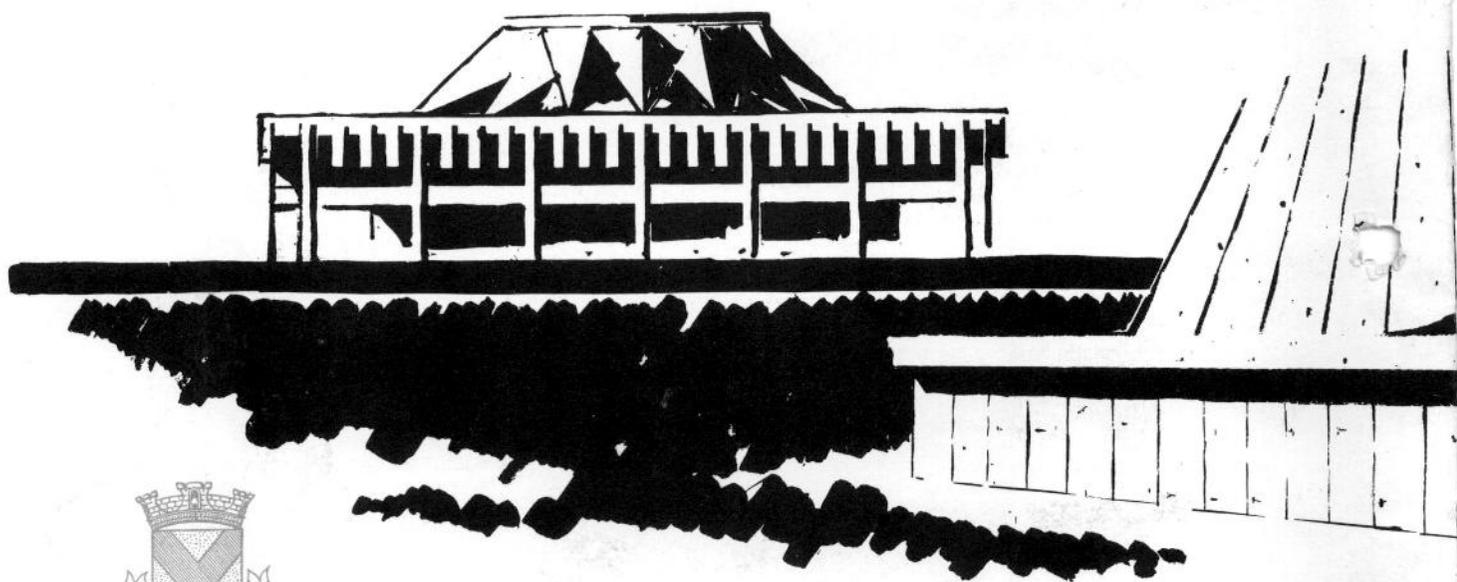
Transportes

Coletivos : 11 empresas de ônibus, com  
285 carros, transportaram 37.163.792  
passageiros.

Veículos licenciados em 1970 : 46.000

Rádios-Amadores : 44

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0384, p. 370



EDITADO PELA  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ  
Lay-out e arte final: PEDRO FONT SAVALL • Fotos: BIA PARREIRAS • Fotolito, Composição e Impressão: BANDEIRANTE S. A.

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

PRÉAMBULO

Espécie: OFICIAL ...

Número.....

Data:.....

Origem.....

Palavras.....

Hora:.....

ENDEREÇO

DR/SP

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS:

OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 213/SCDP de 20 \_ 05 \_ 71 \_ UUU

OBJETIVO INSTRUIR PEDIDO REVISÃO CENSURA PEÇA  
TEATRAL ASPAS A GUERRA DO CANSÁ CAVALO ASPAS VG FEITO POR GRUPO  
TEATRO DA CIDADE VG SANTO ANDRÉ VG SOLICITO PROVIDÊNCIAS JUNTO  
TCOP ESSA DR VG SENTIDO SEJA ENVIADO URGENTEMENTE ESTE SCDP RELA-  
TORIO CENSOR RESPONSÁVEL ENSAIO GERAL AQUELE ESPETÁCULO PT DUAS  
VIAS CERTIFICADO NUMERO 3557/72 ET SCRIPTS FORAM ENVIADOS ESSA  
DR ATRAVÉS MEMORANDO NUMERO 121/72 VG DE 19 MARÇO CORRENTE ANO  
PT SDS CH SCDP.

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DA SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS

19 ABR 10 3 3 1971 13510

RECEBIDO POR: *[Handwritten Signature]*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DELEGACIA REGIONAL DE SÃO PAULO

TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Em, 15 de abril de 1971.

OF. nº 215/71 - TCDP/DR/SP

Do: Delegado Regional do D. P. F. em São Paulo  
Ao: Exm<sup>o</sup>. Sr. Gen<sup>l</sup>.- Diretor Geral do Departamento de Pol. Federal  
Assunto: Relatórios de ensaio geral de peças teatrais ( Remete)

Senhor Diretor Geral:

Com o presente, encaminho a Vossa -  
Excia., relatórios de ensaio geral, para a devida apreciação e pos-  
terior envio ao Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas,  
das seguintes peças teatrais, feitos por técnicos de censura lota-  
dos na Turma de Censura de Diversões Públicas, desta Delegacia Re-  
gional: "O MUNDO COLORIDO DE JUCA DÓ-RÉ-MI" de Pasqual Lourenço Tu-  
dech, e "GUERRA DO CANSA CAVALO" autoria de Osaman Lins.

Na oportunidade renovo os meus pro-  
testos de leal estima e distinta consideração.

*[Handwritten Signature]*

GEN. R/1 - DENIZART SOARES DE OLIVEIRA  
Delegado Regional.

*[Handwritten Signature]*

Ao Arquivo,  
para juntar  
aos processos. P.O.  
*[Handwritten Signature]*  
20.04.71

DSO/bjal.

Sr. Chefe da T.C.D.P.

Atendendo ao respeitável despacho de V.S., no Protocolado nº 7350/71, desta T.C., procedemos à censura do ensaio geral da peça "GUERRA DO "CANSAS CAVALO"", levado a efeito às 21 horas do dia 13 de Abril de 1971, no Teatro Municipal da cidade de Santo André, neste Estado, e do qual apresentamos o seguinte

RELATÓRIO:

TÊXTO: de Osman Lins, obedecido integralmente.

MARCAÇÃO: normal.

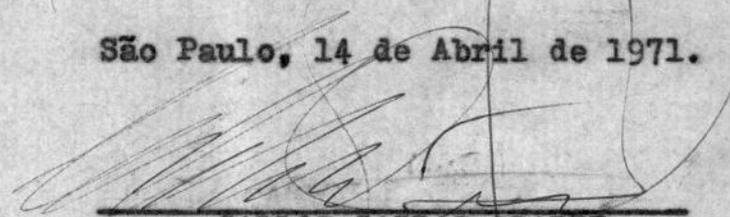
CENÁRIO: Sala de visitas conjugada com sala de jantar e terraço externo, com móveis estilo colonial e galeria em plano elevado, tudo de excelente montagem.

GUARDA-ROUPA: comum, adequado ao uso rural.

ILUMINAÇÃO E SOM: perfeitos.

CONCLUSÃO: Bem fixada a faixa etária para MAIORES DE 18(DEZOITO) ANOS, em função do texto, nada havendo a observar com relação à encenação.

São Paulo, 14 de Abril de 1971.

  
CARLOS CALDAS GRAIEB

-Téc.Censura 331-

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

RADIOGRAMA RECEBIDO

RECEBI NO DIA \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_  
AS \_\_\_\_ HRS.

Assinatura Legível



CONTRÔLE

9736

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES  
RADIOGRAMA RECEBIDODepartamento de Polícia Federal  
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES  
CONTRÔLE

Recebido Nº 591 às 18hs  
Encaminhado a P.F.S.  
Em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ às \_\_\_\_  
Rubrica:

INDICAÇÕES DE SERVIÇO PREÂMBULO: SPAULO 1000 40 25 16,20

RECEPÇÃO: C-553 RR/GZ 261623

ENDEREÇO

UU  
DPF BSB

CARIMBO DA ESTAÇÃO

TEXTO E ASSINATURA

5)/TODP/250571 PT RERA 113/SCDP/300571 INFO RELATORIO ENSAIO  
GERAL PEÇA "GUERRA CANSA CAVALO" VG GRUPO TEATRO CIDADE SANTO  
ANDREH VG FOI ENVIADO SCDP ATRAVES OF Nº 215/71 DE 150471 PT

DR/8

Ao S.C.D.P.  
Em- 26-05-1971Bel. Firmiano Pacheco de Arruda  
Resp. p/P.F.S.

Ao Arquivo,  
passa juntas e  
devolver.

*[Handwritten signature]*  
25.05.71